

ORGANIZADORA E COAUTORA:

Simoni Urnau Bonfiglio

GESTALT-TERAPIA E SUAS INTERFACES

o ser em sua essência e existência

AUTORES:

Bianca Busching · Gabrieli Von Gilsa · Jéssica Eccher Rabelo
Lis Adriane Dalbosco · Matheus Vieira Trindade · Manoela Oliveira Rodrigues
Maria Clara Pereira de Brito · Yara Luine Alves

ORGANIZADORA E COAUTORA:

Simoni Urnau Bonfiglio

GESTALT-TERAPIA E SUAS INTERFACES

o ser em sua essência e existência

AUTORES:

Bianca Busching · Gabrieli Von Gilsa · Jéssica Eccher Rabelo
Lis Adriane Dalbosco · Matheus Vieira Trindade · Manoela Oliveira Rodrigues
Maria Clara Pereira de Brito · Yara Luine Alves

I São Paulo I 2025 I



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G393

Gestalt-terapia e suas interfaces: o ser em sua essência e existência / Organização Simoni Urnau Bonfiglio. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-399-8

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-399-8

1. Psicologia Fenomenológica Existencial. 2. Gestalt. 3. Gestalt- terapia. 4. Existencialismo. 5. Gestalt terapeuta. I. Bonfiglio, Simoni Urnau (Org.). II. Título.

CDD 150

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicologia

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	kjpargeter, merkelolala - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Agenda, Magno Serif
Revisão	Francineide Fátima Davies dos Santos Mariane Apala Vicentini Rosana Paza
Organizadora	Simoni Urnau Bonfiglio

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Prefácio..... 10

CAPÍTULO 1

Bianca Busching
Simoni Urnau Bonfiglio

Quando a morte bate à porta:
uma análise gestáltica da autobiografia
de Gisele Bündchen.....14

CAPÍTULO 2

Gabrieli Von Gilsa
Simoni Urnau Bonfiglio

**O ajustamento criativo pela ótica
da Gestalt-Terapia no filme
A Vida é Bela (1997)**.....53

CAPÍTULO 3

Jéssica Eccher Rabelo
Simoni Urnau Bonfiglio

Um corpo violado:
a trajetória existencial no processo de ressignificação
à luz da Gestalt-terapia no filme *A Cor Púrpura*.....85

CAPÍTULO 4

Lis Adriane Dalbosco
Simoni Urnau Bonfiglio

Da primitividade à contemporaneidade:
a interação humano e animal de estimação
sob a perspectiva da Gestalt..... 125

CAPÍTULO 5

Matheus Vieira Trindade

Simoni Urnau Bonfiglio

**Análise fenomenológica de Simba
em “O Rei Leão”, processo de *awareness*
e Gestalt-terapia 164**

CAPÍTULO 6

Manoela Oliveira Rodrigues

Simoni Urnau Bonfiglio

**Abusos romantizados:
uma análise gestáltica da trilogia de filmes *Cinquenta Tons* 201**

CAPÍTULO 7

Maria Clara Pereira de Brito

Simoni Urnau Bonfiglio

**Entre estrelas e encontros:
a paradoxal jornada do *self* em “O Pequeno Príncipe”
no tecer da Gestalt-terapia 240**

CAPÍTULO 8

Yara Luine Alves

Simoni Urnau Bonfiglio

**O processo de individuação
de uma existência musical:
Beethoven à luz da Gestalt-terapia 274**

Sobre a organizadora e coautora 312

Sobre os autores e as autoras 313

Índice remissivo 314

PREFÁCIO

A Gestalt traz em seu bojo influências que ultrapassam o simples pensamento de seu autor principal, e por este motivo, as diferentes interfaces se apresentam de forma dialética, isto é, quando nos referimos ao SER dependemos de um olhar muito maior que de seu funcionamento psíquico, demanda que busquemos compreender seu entorno, sua vivência e experiência vivida até aqui. Por ser deste modo, abre-se um vasto campo de olhares e percepções e estes são aportados pela Psicologia da Gestalt, Humanismo, Existencialismo e Zen-Budismo.

Levando tais influências em conta, se torna possível vislumbrar tais interfaces que se diferem a cada instante, por se tratar de uma visão única de cada Ser na qual se alicerça seu vivido experiencial. Da Psicologia da Gestalt temos as Formas pelas quais o sujeito lida com suas experiências e repertórios adquiridos de suas vivências. Todavia do Humanismo, trazemos um olhar no qual o sujeito é um Ser repleto de potencialidades e possibilidades infinitas, que demandam ser desenvolvidas e ou reconhecidas. No que se refere ao Existencialismo, trilhamos o caminho do Responsabilizar-se por suas Escolhas e compreender que não nos cabe a terceirização das consequências destas escolhas, mas o assumir que temos um repertório interno disponível para alcançarmos o que desejamos, e para isso, basta mover-se para este caminho. E finalmente, do Zen Budismo, nossa capacidade de Transcender às dificuldades e demandas, e com muito trabalho, alcançar a plenitude do Ser, que não se resume a ter respostas e um estado de conforto a todo momento, mas na capacidade de buscar soluções viáveis no Aqui e Agora para dar conta de estar em homeostase.

Levando tais pensamentos em conta, no primeiro capítulo intitulado: Quando a morte bate à porta: uma análise Gestáltica da autobiografia de Gisele Bündchen, as autoras vão ao encontro de compreender de que modo o contato com a morte pôde impulsioná-la na busca de sua própria essência-existência procurando explorar como se deu o seu processo de morrência e de vivência que marcaram sua autenticidade promovendo uma vida com mais genuinidade.

No capítulo seguinte, a busca centra-se em explorar de que forma os ajustamentos criativos de um pai, que em busca de salvar ao filho e sua sobrevivência em ambiente hostil, encontra na fantasia um lugar saudável para a sobrevivência psíquica de ambos. Este capítulo intitulado: O ajustamento criativo pela ótica da Gestalt Terapia no filme A Vida é Bela (1997) retrata tal mecanismo, e como a criatividade e imaginação podem se configurar como ajustamentos disfuncionais.

Todavia no capítulo três com o título: Um corpo violado: a trajetória existencial no processo de ressignificação à luz da Gestalt-terapia no filme A Cor Púrpura, vamos tratar da violência e abuso infantil que afetam o desenvolvimento emocional e relacional das vítimas que resultam em consequências que se prolongam até a vida adulta, demandando olhar o processamento da ressignificação da violência, afim de propositar a reconexão com a essência do sujeito, assim como da importância de uma rede de apoio que pode ser advinda do processo de psicoterapia.

A saber, no capítulo posterior: Da primitividade à contemporaneidade: a interação humano e animal de estimação sob a perspectiva da Gestalt, nosso olhar se volta a interatividade deste convívio, isto é, do primitivo ao contemporâneo, analisando os papéis de apoio desempenhados, os quais se mostram cruciais para a vida humana. Neste propósito, entende-se o indivíduo em seu contexto social, comunitário, ecológico e político reconhecendo assim, seu pertencimento no mundo e na sua existência, além das interconexões entre estes.

A seguir tratamos do conceito de *awareness* na Gestalt-terapia com o título: Análise fenomenológica de Simba em “O rei leão”, processo de *awareness* em Gestalt-terapia, no qual busca-se validar o recurso artístico como uma ferramenta para enriquecer a teoria e a prática da abordagem, analisando a jornada existencial do personagem e as conexões que se estabelecem para a compreensão do Ser em processo psicoterápico, assim como as interações estabelecidas com o social, que podem ser propositoras ou obstaculizadoras deste processo.

Nessa dimensão, o capítulo seis investiga, em uma trilogia cinematográfica, padrões neuróticos na perspectiva da Gestalt-terapia, buscando explorar e compreender tais comportamentos que apresentam-se romantizados e afetuosos, ao público que tem acesso. O mesmo intitula-se: Abusos romantizados: uma análise gestáltica da trilogia de filmes Cinquenta Tons. Tal estudo, busca destacar a representação de tais narrativas que podem impactar na aceitação de relações abusivas e a normalização destas.

Neste propósito, ao estado da arte, no capítulo subsequente: Entre estrelas e encontros: a paradoxal jornada do *self* e em “O pequeno Príncipe” no tecer da Gestalt-terapia, a teoria paradoxal da mudança encontra-se largamente analisada, levando em conta a linda trajetória de encontros e desencontros do personagem, explorando os momentos de integração do *self*, como ponto essencial para o processo de mudança, convidando-o a viver cada momento em busca da integração deste *self*, de modo a reconhecer quem somos e que o Todo do Ser se refere a vivência da experiência, pensamentos e sentimentos.

Não obstante, para encerrar temos no último capítulo, a análise do processo de individuação de uma trajetória musical com o título: O processo de individuação de uma existência musical: Beethoven à luz da Gestalt-terapia. Neste, exploram-se os conceitos gestálticos que se entrelaçam em uma existência centrando a atenção em

fragmentos de uma experiência vivida que mostra-se rica de elementos que propositam tal estudo, isto é, de que modo a individuação se processa e a importância desta para um existir real e marcante.

Em todo percurso e interface desta obra reconhecemos o Todo das autoras, afinal a escolha dos temas para o estudo de encerramento de graduação dizem respeito à essência e existência de cada um(a), em que a jornada finaliza, mas não se encerra, afinal, a Vida é regada de processos e encontros.

A isso, faço um convite para a leitura dos capítulos que foram organizados em ordem alfabética, pela relevância e aprofundamento teórico x prático que os mesmos apresentam, levando em conta que estes mostram-se ricos quanto as infinitas possibilidades de se fazer Gestalt, na busca da compreensão de tal teoria, assim como, do modo pelo qual a mesma mostra-se abundante em seus olhares e percepções, onde as conexões não se fecham e ao mesmo tempo se inter cruzam nas infinitas possibilidades do SER em Si.

Boa Leitura!!

Dra. Simoni Urnau Bonfiglio



1

*Bianca Busching
Simoni Urnau Bonfiglio*

QUANDO A MORTE BATE À PORTA:

**UMA ANÁLISE GESTÁLTICA
DA AUTOBIOGRAFIA
DE GISELE BÜNDCHEN**

RESUMO:

O objetivo deste artigo consiste em analisar a autobiografia de Gisele Bündchen, a fim de compreender de que modo o contato com a morte pôde impulsioná-la na busca de sua própria essência-existência, pautando-se nos conceitos da Gestalt-terapia. Desse modo, procurou-se explorar como se deu o seu processo de morrência, bem como as vivências que marcaram sua autenticidade. Para tanto, trata-se de um estudo fenomenológico qualitativo, de natureza básica, com objetivo exploratório, sendo um estudo de caso e uma análise documental. Ademais, a pesquisa é sistemática: para definir os critérios de inclusão dos trechos da narrativa a serem analisados, foram criadas três categorias a priori: existência, contato com a própria morte e essência-existência; as classes a posteriori foram: para existência: ser-em-si, ser-para-si, ser-para-outro e estágios da existência (estético, ético, religioso e "salto na fé"); para contato com a própria morte: ser-para-morte e angústia; e para essência-existência: poder-ser próprio e autenticidade. Conforme exposto, importantes conceitos do existencialismo norteiam essa investigação, dialogando com conteúdos da Gestalt-terapia, tais como: contato, *Self*, *awareness*, figura-fundo, autorregulação orgânica, ajustamento criativo, agressividade, presença e totalidade. Os resultados do presente estudo possibilitaram compreender o quanto os três aspectos do Ser, formulados por Sartre, influenciam na dinâmica da essência-existência do sujeito. Além disso, foi possível entender o processo de morrência vivido por Gisele e identificar sua busca por uma vida autêntica como mecanismo de autorregulação, promovendo-lhe uma vida com mais significado. Para esclarecimento, o estudo adota títulos alternativos para representar os tópicos estruturais da produção.

Palavras-chave: Morte; Essência-Existência; Gestalt-terapia; Existencialismo; Gisele Bündchen.

ABSTRACT:

The aim of this article is to analyze Gisele Bündchen's autobiography to understand how contact with her death was able to propel her in search of her own essence-existence, based on Gestalt therapy concepts. In this way, we sought to explore what her dying process was like, as well as the experiences that marked her authenticity. To this end, this is a qualitative phenomenological study of a basic nature, with exploratory methodological objectives, involving a case study and documentary analysis. In addition, the research is systematic: for the inclusion criteria of the narrative excerpts to be analyzed, three a priori categories were created: existence, contact with death, and essence-existence, while the a posteriori classes were: for existence: being-in-itself, being-for-itself, being-for-others, and stages of existence (aesthetic, ethical, religious and "leap of faith"); for contact with one's own death: being-for-death and anguish; and for essence-existence: being able to be oneself and authenticity. As explained above, significant concepts from existentialism guide this research, engaging with Gestalt therapy content, such as contact, Self, awareness, figure-ground, organismic self-regulation, creative adjustment, aggressiveness, presence, and totality. The results of this research made it possible to understand how the three aspects of Being, formulated by Sartre, influence the dynamics of the subject's essence-existence. It was also possible to gain an understanding of the dying process experienced by Gisele and to identify her search for an authentic life as a self-regulation mechanism, leading to a more meaningful life. For clarity, the study uses alternative titles to represent the structural topics of the production.

Keywords: Death; Essence-existence; Gestalt Therapy; Existentialism; Gisele Bündchen.

TOC-TOC! TEM UM CHAMADO CONSTANTE NA PORTA

O contato com a própria morte é uma experiência marcante na existência de quem vivencia tal situação, seja ela um processo de morrência, uma vivência abrupta de quase-morte ou a iminência de uma finitude muito próxima. A esse respeito, o filósofo existencialista alemão Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo* (2012), aponta que o homem é um ser que está disponível para a morte, sendo essa uma condição primordial para existir e, portanto, essa circunstância faz emergir em nós a necessidade de realmente viver.

O processo de morrência se apresenta como um definir existencial, que ocorre a partir de atitudes de autodestruição. Trata-se da perda das próprias forças que, sorrateiramente, afasta o sujeito de si mesmo e o invade com crenças de que a morte é a única solução para seus problemas, o que não é uma regra, mas sim o ápice desse decurso (Fukumitsu, 2023). Contudo, esse processo de dor e autodestruição não consciente pode atingir tamanha intensidade que, de algum modo, faz um pedido urgente pela vida, e, então, outro fenômeno pode ocorrer: a busca pela própria essência-existência.

Diante disso, o que seria a nossa essência-existência? Ribeiro (2016, p. 114) explica que é "aquilo que é e não pode não ser", ou seja, o que temos de mais genuíno em nossa forma de ser influenciada pela subjetividade singular que vamos construindo em nossas experiências e que, por mais que se tente, não é possível negar a nós mesmos.

A presente pesquisa busca, nos relatos descritos na autobiografia de Gisele Bündchen, intitulada *Aprendizados: uma caminhada para uma vida com mais significado* (2022), analisar os trechos em que a autora explicita grandes desafios existenciais, especialmente um processo de morrência, além de uma grande transformação que

culmina na busca de uma vida com mais sentido. Frente a isso, a questão central desta investigação é compreender de que modo o contato com a própria morte pode lançar o sujeito em busca de sua forma mais autêntica de ser, apoiando-se essencialmente na ótica da Gestalt-terapia (GT) e utilizando as narrativas registradas para realizar um estudo de caso.

Para tanto, os objetivos específicos deste trabalho são: explorar o modo pelo qual a modelo vivenciou seu processo de morte e experienciou sua essência-existência; investigar a relação entre o contato com a própria morte e a busca pela essência-existência; e relacionar os conceitos gestálticos que permeiam a existência de Gisele Bündchen.

No que se refere ao contato com a própria morte poder ser, paradoxalmente, um meio de busca da própria essência-existência, atualmente há uma escassez de estudos que abordem esse tema por meio de um estudo de caso. Sendo assim, esta pesquisa mostra-se relevante ao unir teoria e prática, ao analisar a subjetividade e o comportamento humano, oferecendo, assim, maior compreensão aos profissionais da área de Psicologia que se deparam com situações similares em sua prática clínica. Para tanto, o presente estudo caracteriza-se como qualitativo, de natureza básica e fenomenológica, no qual os objetivos são pautados no método exploratório, utilizando um estudo de caso e delineando, portanto, uma análise documental.

Esta pesquisa sistemática foi estruturada em três grandes categorias temáticas a priori para análise e discussão do conteúdo, sendo elas: existencialismo, contato com a própria morte e essência-existência. A partir desses conceitos primordiais, foram elaboradas categorias a posteriori mais relevantes dentro do contexto, criando, dessa forma, um protocolo-guia com critérios de inclusão que apontam os recortes da obra que explicitam cada conceito relacionado, para, então, discutir o tema na seção de análise dos resultados.

Para fins de esclarecimento, as seções deste estudo estão dispostas da seguinte forma: para introdução, é intitulada “Toc-toc! Tem um chamado constante na porta!”; a fundamentação teórica recebe o título “A porta na Gestalt-terapia”; em seguida os procedimentos metodológicos são apresentados na seção “O modo para compreender o que está do lado de fora (ou seria de dentro?!)”; a análise dos resultados está situada na seção “A porta se abriu! E agora?”; e, por último, as considerações finais estão dispostas em “Pode entrar! Vamos arrumar a casa!”.

A PORTA NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

Desenvolvida por Fritz Perls, com contribuições de sua então esposa Laura Perls, a Psicologia da Gestalt surgiu na década de 1940, a partir de divergências com a psicanálise, utilizando o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia como fundamentos filosóficos. A essas bases acrescentou-se a forte influência do pensamento oriental, especialmente do zen-budismo e do taoísmo.

O humanismo enfatiza a autonomia do espírito humano, colocando o sujeito como o centro de todas as coisas e valorizando seus potenciais. Somente o homem existe, pois todas as outras coisas simplesmente são; e é desta maneira que inevitavelmente ele se torna o centro do Universo, o qual, portanto, é um lugar pensado a partir do homem (Heidegger, 1967 *apud* Ribeiro, 2021). Desse modo, a psicologia humanista busca a compreensão do sentido das limitações do indivíduo e, sobretudo, procura lidar diretamente com o que o sujeito tem de positivo, buscando fazer com que o mesmo tome posse de si mesmo e do mundo (Ribeiro, 2021).

Entrelaçado ao humanismo, o existencialismo propõe que o indivíduo é responsável pelas próprias possibilidades, sem uma natureza determinante de causa e efeito. Sendo assim, o sujeito se faz em sua existência, e sua essência se constrói a partir de suas escolhas, isto é, a existência precede a essência, pois o homem primeiro existe para, então, encontrar a si próprio e se definir. Ele “nada mais é do que aquilo que faz de Si Mesmo: é esse o princípio do existencialismo” (Sartre, 1987, p. 6 *apud* Rodrigues, 2011, p. 88).

A Gestalt-terapia (GT) busca, na fenomenologia, chegar a um Eu e a um objeto puros em sua essência, tal como são, livres de interpretações. Para tanto, propõe-se o uso da redução fenomenológica, um método de questionamento que coloca entre parênteses a realidade do senso comum, buscando ampliar as possibilidades ainda não percebidas (Rehfeld *In*: Frazão; Fukumitsu, 2013). Ademais, a fenomenologia aponta que a unidade entre o pensar e o pensado transcende a separação entre mente e realidade, observador e observado, onde a realidade percebida é uma função determinada pela consciência que a apreende. Logo, é possível afirmar que há diferentes formas de perceber a realidade (Rodrigues, 2011).

A influência oriental do zen-budismo para a GT se refere principalmente ao foco em estar presente no momento (o aqui-agora), cujo intuito consiste em acalmar o pensamento e deixar fluir o ritmo da experiência presente, sem expectativas, pois o que acontece simplesmente acontece. É na presentificação que o sujeito de fato existe e pode atingir a iluminação, e por essa razão é importante que o indivíduo esteja integralmente presente nesse momento (Miranda, 2003). Com a prática da meditação, é possível reconhecer as próprias limitações ou imposições ao observar atentamente as memórias do passado e as expectativas do futuro que emergem no agora. Por meio de novidade no contato e de ajustamento criativo, esse experimento pode romper padrões de ação automatizados (Pereira, 2021).

Nesse contexto, por meio dessas influências filosóficas, o processo psicoterapêutico que utiliza a abordagem da Gestalt é denominado Gestalt-terapia (GT). A seguir, serão abordados os principais conceitos estruturantes da GT, como a Teoria de Campo, contato, *awareness*, figura-fundo, autorregulação organísmica e *Self*, com o objetivo de contextualizar e esclarecer ao leitor a perspectiva da análise realizada neste estudo.

A GT foi diretamente influenciada pela Teoria de Campo de Kurt Lewin, o que significa conceber a psicoterapia como um campo de forças no qual a relação terapêutica, vivida como campo, é orientada para a realidade de todas as coisas existentes. Nesse contexto, são acionados processos psicológicos que permitem que a psicoterapia se mantenha como um espaço-tempo constante de força e energia de mudança. Tudo ocorre em um dado campo e momento, sendo relevante compreender como esses fatores se organizam e se conservam, ao mesmo tempo em que se transformam. Para que essa força atue, o contato é um fator primordial, e a consciência emocional acrescenta uma contribuição que garante o processo de mudança (Ribeiro, 2016).

Podemos definir a GT como a terapia do contato e do encontro, apresentando naturalmente uma postura relacional ao compreender que o ser humano é um ser-no-mundo e para-o-mundo, o que aponta necessariamente para a existência de contato (Ribeiro, 2016). Assim, o contato norteia a compreensão do estado de fluidez ou bloqueio em que o sujeito se encontra, revelando seu modo de agir no mundo, assim como as origens de seus sintomas. Esta é a forma como a vida acontece e se expressa. Segundo Ming-Wau *et al.* (2021), a Psicologia da Gestalt compreende o organismo como um todo; sendo assim, o Ser, agindo em totalidade com o ambiente, extrai do externo os recursos necessários para sua autorregulação. É nessa relação entre indivíduo e meio que se constitui a fronteira de contato, na qual todo ato de toque consiste em uma resposta total (motora e emocional). Yountef (1998) aponta que a função da

fronteira de contato é promover a conexão entre o organismo e o mundo ou o outro, destacando a diferenciação entre o *Self* e o outro.

Estar em contato consigo mesmo ou com o outro envolve diferentes níveis, como sentir, pensar, agir e falar, enquanto a intensidade e a duração desse contato refletem o sentido que o sujeito atribui à realidade externa. O organismo só pode estar inteiramente em contato quando tem consciência de sua intencionalidade em um dado campo e momento, isto é, no aqui-agora e, para isso, é necessário estar consciente (Ribeiro, 2016).

De acordo com Perls, Goodman e Hefferline (1998), o ciclo do contato divide-se em quatro etapas: a fase inicial de pré-contato, relacionada às sensações, que envolve sentir e buscar novos sinais; em seguida, ocorre a fase de contato, quando a atenção se volta para tudo o que está acontecendo consigo mesmo, integrando todas as partes em um único ato de percepção interna; depois, o contato pleno, em que há um encontro do organismo com o meio, por meio da emoção, sensação e ação; e, finalmente, a fase de retração ou pós-contato, em que o indivíduo distingue o que é seu do que é do outro, respeitando seus limites e desejos, encerrando a gestalt.

O sujeito que evita aquilo que lhe causa desconforto busca sua equilíbrio; entretanto, ao realizar esse movimento excessivamente, pode estagnar-se em bloqueios de contato e obstruir a fluidez desse sistema. Entre os mecanismos de bloqueio de contato estão a fixação, dessensibilização, deflexão, introjeção, projeção, proflexão, retroflexão, egotismo e confluência. Por outro lado, nas polaridades opostas, e, portanto, saudáveis, encontram-se a fluidez, sensação, consciência, mobilização, ação, interação, contato final e retirada, cada uma alinhada com seu bloqueio correspondente (Ming-Wau *et al.*, 2021).

Quando a qualidade do contato é suficientemente saudável, pode ocorrer a *awareness*, definida por Joyce e Sills (2016) como um conjunto de sensações de autopercepção que permite ao indivíduo

identificar seus sentimentos, pensamentos e comportamentos, abrangendo também seus relacionamentos e provocando uma influência mútua (autopercepção e relacionamentos). "Entende-se por *awareness* total o processo de manter-se em contato atento com os eventos mais relevantes do campo constituído pela relação da pessoa com seu ambiente" (Santos *et al.*, 2020, p. 371). Assim, *awareness* equivale a dar-se conta ou estar presente, uma tomada de consciência global no momento presente (Yountef, 1993, 1993/1998 *apud* Santos *et al.*, 2020).

Quanto ao conceito de figura-fundo, ele consiste em duas partes interligadas: a figura, que emerge conforme a necessidade mais urgente do sujeito no momento, e o fundo, que abarca os demais elementos do campo. Quando alguma necessidade não é satisfeita, a busca por autorregulação faz com que o sujeito sinta a urgência de resolver uma situação que permanece em aberto (Rodrigues, 2011). No entanto, como nossas necessidades são impulsionadas por nossas motivações, temos a capacidade de transformar desejos em necessidades, o querer em poder, colocando em destaque (em figura) tanto nossas necessidades quanto nossos desejos (Ribeiro, 2016).

Nesse sentido, o sujeito organiza suas figuras em busca de ajuste por meio da autorregulação orgânica, descrita por Lima *In: Frazão e Fukumitsu* (2014) como uma tendência inerente ao organismo de atualizar-se e organizar-se de forma a satisfazer suas necessidades. Trata-se de um processo contínuo de busca pela resolução de uma situação em desequilíbrio ou inacabada. É por meio da autorregulação que organizamos nossa percepção diante da necessidade predominante, que se transforma em figura, iniciando um novo ciclo de experiência. Assim, a figura emerge do fundo na busca por satisfação de uma necessidade, configurando essa formação de *gestalten* como um fenômeno biológico primário (Lima *In: D'Acri; Lima; Orgler*, 2012).

Diante dessa perspectiva, compreende-se a necessidade tanto no aspecto fisiológico (por exemplo, respirar, comer e urinar) quanto no psicológico (como segurança, amor e pertencimento) e também no que se refere ao desenvolvimento do organismo (autenticidade, justiça, autorrealização, transcendência, entre outros). Para a GT, a autorregulação transmite a confiança fundamental para “nos dirigirmos à realização da melhor expressão de nós mesmos. É uma forma de reconhecermos o que somos e confiar que, soltando o controle, chegaremos a ser quem somos, em relação” (Lima *In*: D´Acri; Lima; Orgler, 2012, p. 27).

Nessa busca natural e constante por equilíbrio, encontra-se também o *Self* que, na perspectiva da GT, é compreendido como um processo perceptivo, visto de forma global, no qual o sujeito se experiencia a fim de organizar suas ações dentro do seu campo. Diferentemente de outras abordagens teóricas que o entendem como uma representação de Si ou o centro da personalidade, para a Gestalt-terapia, o *Self* é um sistema complexo que possibilita o contato e gerencia os estímulos para adaptação ao meio. Em termos muito sucintos, “é o ‘Eu’, o Si Mesmo vivido e percebido pelo sujeito quando está em contato com o outro ou consigo próprio” (Santos *et al.*, 2020, p. 372).

Ribeiro (2016) complementa que o *Self* facilita que a pessoa perceba a si mesma, mostrando-lhe como sentir para saber quem é e como é. A sensação de certeza de quem somos nada mais é do que o próprio *Self* sendo experienciado. O referido autor destaca ainda que, além de ser um processo, o *Self* é também um atributo da personalidade, que sustenta a construção do ser a partir de três estruturas de função: id, ego e personalidade.

O id refere-se ao que é o *Self*, representando as partes mais primitivas, como as emoções básicas e o sistema sensorio-motor. O ego corresponde ao modo como o *Self* se apresenta, ou seja, a maneira pela qual a pessoa se expressa. Por fim, a função da personalidade

é o propósito do *Self*, isto é, a parte cognitiva que questiona a própria essência (*ibidem*).

O ser humano é concebido como livre ao surgir no mundo sem uma definição prévia. Assim, ele não é como uma semente que carrega características imutáveis, impossibilitado de ser algo diferente do que estaria determinado em seu Ser. Ao contrário, o homem é livre para fazer escolhas e, assim, vai definindo a si mesmo e tornando-se responsável por sua existência (Cardoso *In*: Frazão e Fukumitsu, 2013).

Inerente à condição humana, o Ser encontra-se em um mundo de possibilidades e escolhas constantes, que refletem aquilo que desejamos nos tornar. Dessa forma, é apenas por meio do existir que é possível ser, o que implica movimento constante. No entanto, a liberdade também é acompanhada por limitações físicas, sociais, espaciais e temporais, aspectos que podem delimitar as opções do indivíduo, mas que não o definem por completo. Somos, assim, o resultado da forma com que escolhemos lidar com esse contexto. "Isso pode ser ilustrado pela seguinte máxima sartreana: 'O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que fazemos do que os outros fizeram de nós'" (Cardoso *In*: Frazão e Fukumitsu, 2013, p. 31).

A referida autora complementa que, uma vez que o homem é livre, ele naturalmente sentirá angústia, pois está imerso em infinitas possibilidades, sem garantias de realização ou segurança. Sob essa perspectiva, o sujeito é então um Ser para a morte, a partir do reconhecimento dessa condição.

É no contexto da existência, lugar das escolhas, que ocorre a essência-existência. Quando denominamos um objeto, apreendendo-o naquele momento e atribuindo-lhe significado, captamos intuitiva e mentalmente sua totalidade e essência. Ou seja, ao captar a essência de algo, percebemos sua especificidade, mas ainda de forma básica e universal. Por exemplo, um homem caracteriza-se

por ser do gênero animal, racional e ambiental. No entanto, ele é muito mais do que isso, e é em função da existência aqui e agora, percebida em sua completude, que se pode atingir a essência como um todo. Por meio de uma redução transcendental, envolvendo elementos existenciais, esse homem torna-se único no universo. “Assim, essência e existência estão acopladas aqui e agora, diante de um dado percebido, uma não podendo ser pensada sem a outra” (Ribeiro, 2016, p. 114).

Dessa forma, essência e existência são aspectos de uma única conjuntura percebida, que chegam por inteiro à consciência, constituindo uma realidade de relação intrínseca entre um conteúdo e outro que, juntos, criam a percepção da totalidade. A vivência da própria essência refere-se à experiência interna dessa relação essência-existência, em que o sujeito percebe a Si Mesmo e se expressa como resultado dessa conexão geradora de sentidos, que nos permite alcançar as “coisas mesmas” (*ibidem*).

Nesse sentido, cabe ressaltar que:

Não estamos falando de essência como um universal abstrato, mas daquilo que constitui nossa individualidade singular. Assim, atitudes e comportamentos que procedem de nossa existência afetam, ao mesmo tempo, nossa essência, como no movimento do pêndulo, em que nosso centro recebe sua energia tanto na ida quanto na volta (*ibidem*, p. 116).

Quanto ao contato com a própria morte, inúmeros fatores podem levar o sujeito a sucumbir existencialmente. Suas forças se esvaem, dando lugar ao sofrimento que passa a tomar conta de todo o seu Ser. Em cada vivência, há uma história a ser contada; em cada subjetividade, uma forma de lidar com um “monstro” ora menor, ora maior, no qual toda a energia necessária para o enfrentamento pode se esgotar. Assim, o indivíduo se encontra diante de processos autodestrutivos complexos e, na impossibilidade de lidar com fatores externos, direciona sua agressividade para si mesmo,

numa tentativa ilusória de controle. Diante desse quadro, o conceito de morrência é aplicado a esse mecanismo de definhamento existencial, no qual o sujeito busca sua própria anulação como forma de sobrevivência, frequentemente atingindo o ápice ao desejar a própria morte (Fukumitsu, 2023).

A autora destaca que o sujeito tenta eliminar o que o incomoda. No entanto, pela falta de habilidade para lidar com o externo, o indivíduo recorre à sabedoria organísmica, que auxilia o organismo a equilibrar-se da melhor forma possível naquele momento, promovendo uma autodestruição como estratégia ilusória de controle. Sem capacidade de enfrentar algo externo, o sujeito machuca a si mesmo, pois, dessa forma, ao menos consegue “enfrentar” a situação de algum modo. Além disso, essa é também uma forma não consciente de expressar um pedido de socorro.

Em situações de sofrimento intenso, o organismo comumente evita o contato que ocorre no campo e se esquia de novas estruturas. Entretanto, se essa reestruturação não consegue se escoar, ela reaparecerá na forma de ansiedade, dores físicas, angústia, doenças e outras manifestações. Adiar ou fugir desse tipo de contato pode manter uma gestalt aberta, sendo essa uma possível forma de reunir forças para enfrentar a situação desafiadora. No entanto, a disfunção surge quando o fechamento da figura se prolonga indefinidamente e não se realiza (Martins e Lima, 2014).

Por outro lado, em um contato saudável, o sujeito lida de forma equilibrada com o meio:

Para que o indivíduo satisfaça suas necessidades, feche a gestalt, passe para outro assunto, deve ser capaz de manipular a si próprio e a seu meio, pois mesmo as necessidades puramente fisiológicas só podem ser satisfeitas mediante a interação do organismo com o meio” (Perls, 1988, p. 24 *apud* Martins; Lima, 2014, p. 26).

Assim, o autor supracitado ressalta a importância de manter o contato com o meio para compreender e atender às próprias necessidades. No entanto, um sujeito em processo de morte perde justamente essa habilidade de lidar com questões externas, deixando de interagir com o campo e buscando uma compensação interna através da autodestruição. Para Ribeiro (2016), quando a experiência interna da existência se torna sofrida e perde o propósito, é necessário retornar aos elementos existenciais que influenciam e orientam nossa essência mais profunda. Para isso, é essencial tornar-se consciente do “estar aqui” para, então, retomar a própria existência e se direcionar novamente à essência.

O MODO PARA COMPREENDER O QUE ESTÁ DO LADO DE FORA (OU SERIA DE DENTRO?!)

Esta pesquisa é um estudo qualitativo de natureza básica, realizado a partir da autobiografia intitulada *Aprendizados: minha caminhada para uma vida com mais significado*, da modelo brasileira Gisele Bündchen (2022). De acordo com Goldenberg (1997), uma pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento na compreensão de um aspecto específico, com foco no entendimento significativo dos fenômenos descritos na obra.

Segundo Gil (1999), uma pesquisa de natureza básica se caracteriza por contribuir para o estudo de questões teóricas fundamentais e busca ampliar o entendimento dos processos psicológicos básicos. Dessa forma, esse tipo de estudo fomenta uma base teórica que apoia o desenvolvimento de intervenções eficazes.

Além disso, o presente estudo é fenomenológico, uma vez que seu objetivo é a descrição do fenômeno, buscando o significado da experiência em si (Moreira, 2004). Em relação aos objetivos, o método adotado é exploratório, pois aborda um conteúdo com poucas pesquisas anteriores e, por isso, pode fornecer maior familiaridade com o tema (Gil, 2007).

Para alcançar esses objetivos, esta investigação é orientada por um estudo de caso, definido por Guerra (2023) como um método de exploração científica que examina um fenômeno real e suas variáveis. A autobiografia analisada inclui depoimentos autênticos de momentos marcantes da vida de Gisele Bündchen, bem como suas percepções e aprendizados diante dessas experiências.

Quanto aos procedimentos técnicos, Gil (1999) explica que a pesquisa documental envolve a análise de diferentes documentos para obter informações relevantes, contribuindo significativamente para a compreensão dos fenômenos com base em evidências documentais. Algumas etapas incluem a seleção de documentos pertinentes, a análise crítica, a interpretação dos dados coletados e a apresentação dos resultados de forma clara e objetiva.

Nesse sentido, este estudo é delineado a partir de uma análise de conteúdo documental dos relatos da autora, com o objetivo de compreender de que forma o contato com a própria morte a conduziu em direção à sua essência-existência, baseando-se nos conceitos da abordagem da Gestalt-terapia.

Diante disso, para realizar uma análise sistemática, foram estabelecidos critérios de inclusão para os recortes narrativos a serem analisados. Elaborou-se um protocolo-guia com três categorias a priori: existência, contato com a própria morte e essência-existência. A partir dessas categorias principais, foram desenvolvidas subcategorias a posteriori, de acordo com os objetivos da pesquisa. As classes a posteriori definidas em cada categoria são as seguintes: para existência: o ser-em-si, o ser-para-si, o ser-para-outro e os estágios

da existência (estético, ético, religioso e “salto na fé”); para contato com a própria morte: ser-para-morte e angústia; e para essência-existência: poder-ser próprio e autenticidade.

Para fundamentar esses conceitos, foram utilizadas referências selecionadas de livros e artigos, escolhidos conforme a análise de índices (para livros) e resumos (para artigos). As bases de dados consultadas foram a SciELO, na qual foram selecionados cinco artigos de um total de trinta e dois encontrados, e o Google Acadêmico, que, dos trezentos e oitenta e nove artigos apresentados, não trouxe resultados coerentes com o propósito da pesquisa. A plataforma PePSIC, que estava temporariamente indisponível durante o período de busca, ainda assim contribuiu com um artigo, recuperado por meio de um drive compartilhado entre acadêmicos de Gestalt-terapia da Unifebe, criado em 2020. Esse conjunto de fontes constituiu a base teórica para os critérios de inclusão dos trechos da obra a serem analisados.

A PORTA SE ABRIU: E AGORA?

Aprendizados: uma caminhada para uma vida com mais significado é uma autobiografia escrita pela modelo Gisele Bündchen, na qual ela compartilha suas experiências de vida e os aprendizados pessoais adquiridos ao longo de sua trajetória. A autora reflete sobre sua jornada, desde a infância no Brasil, passando pelo auge de sua carreira como uma das modelos mais renomadas do mundo, até seu papel como mãe, ativista ambiental e espiritualista. No livro, Gisele relata os desafios enfrentados em sua vida profissional e pessoal, abordando temas como crises de ansiedade, pressão da fama e sua busca por equilíbrio. Ela revela como práticas como a meditação, o ioga e a conexão com a natureza a ajudaram a lidar com essas situações e a encontrar um propósito mais profundo em sua vida.

Diante da narrativa, o foco desta pesquisa limita-se à análise dos trechos relacionados ao fenômeno do contato com a própria morte e ao movimento de Gisele em busca de sua essência-existência como uma resposta poderosa à sua angústia diante da iminência da finitude. Para tanto, conforme a metodologia estabelecida, o quadro a seguir apresenta os trechos da obra selecionados para análise.

Quadro 1 – Protocolo-guia com recortes da autobiografia

Categoria à priori: Existência		
Categorias à posteriori	Referências (autor/ano)	Trechos da obra
O ser-em-si O ser-para-si O ser-para-outro	Bueno; Santos; Basseto (2018). Sartre (2011). Vieira Junior; Ardans-Bonifacio; Roso (2016).	p. 164, parágrafos 3 e 4; p. 14, parágrafo 3; p. 13, parágrafo 3; p. 61, parágrafo 1; p. 142, parágrafo 1; p. 146, parágrafo 2; p. 154, parágrafo 2.
Estágios da existência: 1-Estético 2-Ético 3-Religioso; Salto na fé	Cerqueira (2018).	p. 153, parágrafo 2; p. 63, parágrafo 1; p. 69, parágrafo 3; p. 210, parágrafo 3; p. 72, parágrafos 1 e 2.
Categoria à priori: Contato com a própria morte		
Categorias à posteriori	Referências (autor/ano)	Trechos da obra
Ser-para-morte	Heidegger (2012).	p. 77, parágrafo 2; p. 81, parágrafo 3; p. 82, parágrafo 1.
Angústia	Feijoo; Protasio; Veríssimo (2015). Frazão e Fukumitsu (2017). Kierkegaard (2017). Roehe e Dutra (2014).	p. 65, parágrafo 3; p. 66, parágrafo 1; p. 67, parágrafos 1 e 2.
Categoria à priori: Essência-existência		
Categorias à posteriori	Referências (autor/ano)	Trechos da obra
Poder ser próprio; autenticidade	Ribeiro (2016).	p. 68, parágrafos 3 e 4; p. 69, parágrafo 1; p. 81, parágrafo 1.

Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com Fukumitsu (2023), a morrência corresponde a um mecanismo de definhamento existencial, em que o sujeito busca a própria anulação como estratégia de sobrevivência. Nesse processo, o indivíduo tenta eliminar seus incômodos, mas, devido à dificuldade em lidar com fatores externos, recorre à autodestruição como uma estratégia ilusória de sensação de controle. Assim, ao não se sentir apto a enfrentar determinadas circunstâncias, acaba machucando a si mesmo como forma de recuperar algum domínio sobre a situação, ainda que por meio de um movimento disfuncional em busca de equilíbrio. No caso de Gisele, seu processo de morrência teve início durante a adolescência, ao ingressar na carreira de modelo, quando diversos fatores começaram a lhe causar desconforto.

Nesse período, ocorreram diversas experiências permeadas pelas expectativas alheias, como a mesma descreve:

Éramos cabides. Lembro que, aos 15 anos, consegui um trabalho como modelo de provas, no qual tinha que experimentar os looks em potencial para um desfile. Ficava lá em pé quase nua, só de calcinha, me cobrindo do melhor jeito que podia com os braços cruzados sobre os seios enquanto alguém ia buscar as roupas. Às vezes demoravam um tempão, me deixando lá tremendo. Ninguém pensava em me trazer um roupão, nem que eu pudesse estar me sentindo constrangida, vulnerável, ou com frio (Bündchen, 2022, p. 142).

Esse relato elucidava como Gisele se sentia vista pelo mercado *fashion*, indicando que sua beleza era considerada primordial, enquanto seus sentimentos eram desvalorizados. Corroborando esse entendimento, a autora declarou: "Por anos fui rotulada como 'O Corpo', e a indústria da moda tinha expectativas elevadas quanto à minha aparência" (Bündchen, 2022, p. 154).

Sartre (2011) explica que a construção do sujeito é constituída em três aspectos: o ser-em-si, o ser-para-si e o ser-para-outro, dimensões que caracterizam o modo de ser do indivíduo no mundo.

O ser-em-si refere-se àquilo que simplesmente é, sem intencionalidade; o ser-para-si é a condição de estar consciente e, por meio disso, buscar a própria completude; e o ser-para-outra diz respeito ao modo como nos constituímos a partir do olhar do outro. Ou seja, inevitavelmente vivemos em relação com o outro, o que molda a forma como pensamos, sentimos e agimos em relação a nós mesmos e ao mundo. Para Vieira Junior, Ardans-Bonifácio e Roso (2016), é nessa dimensão que experienciamos a nós mesmos como um objeto percebido pelo outro, o que é similar a perder a transcendência, pois nos limita à esfera externa (e não a uma verdade interna).

A partir da visão Sartreana sobre esses aspectos do Ser, compreende-se que Gisele passou muitos anos exacerbando sua dimensão de ser-para-outra, afastando-se, assim, de Si Mesma e limitando-se a uma condição estagnada, sem possibilidade de transcendência, o que claramente a levou ao adoecimento.

Para essas considerações, a modelo afirma:

Invariavelmente, ficava doente perto do fim, mas, por não querer desapontar ninguém, seguia em frente, a ponto de certa vez quase desmaiar no meio da passarela, e de outra vez ficar tão doente que tive de pegar o avião de volta para casa alguns dias antes do fim da temporada (Bündchen, 2022, p. 61).

Vale ressaltar que o ser-para-outra não é indicador de adoecimento, mas uma parte constitutiva de nós mesmos. No caso de Gisele, o que contribuiu para sua morte não foi a vivência dessa dimensão, mas a falta de equilíbrio entre os aspectos do ser-em-si, ser-para-si e ser-para-outra, sendo que este último prevaleceu, abafando sua essência-existência. Para ela, naquele momento, o externo tornou-se mais importante que Si Mesma, como a própria autora afirma: "Eu tinha feito alguma coisa por mim mesma, mas, basicamente, para tentar agradar aos outros" (Bündchen, 2022, p. 155).

De acordo com Ribeiro (2016), essência-existência refere-se a aspectos de uma única conjuntura percebida, a partir de uma relação intrínseca entre o sujeito e o conteúdo, que, juntos, criam a percepção de totalidade ao alcançar a consciência por completo. Em outras palavras, a vivência da própria essência refere-se à experiência interna de perceber essa relação essência-existência, identificando-se consigo mesma e expressando-se como resultado dessa conexão geradora de sentido. Gisele, no entanto, foi deixando essa relação interna de lado, relacionando-se em excesso com as expectativas alheias, o que se tornou um obstáculo para o contato com sua essência-existência.

Na perspectiva do existencialismo, Kierkegaard (2017) enfatiza que o indivíduo pensa, se angustia, se alegra ou se desespera, estando diante das contingências e se relacionando com o mundo, consigo mesmo e com Deus. A partir dessa visão, o filósofo formulou três estágios existenciais: estético, ético e religioso. Esses são modos possíveis para que a existência individual aconteça de maneira singular, sendo que, em cada um desses estágios, a angústia está presente (Cerqueira, 2018).

O estágio estético refere-se à busca de prazeres imediatos, em que o relacionamento com o mundo se baseia na satisfação dos sentidos, sem consciência e reflexão sobre as ações. O estágio ético, por sua vez, limita os prazeres de forma mais equilibrada e dá destaque às orientações morais, num movimento de aceitação das regras sociais. Nessa vivência, a ideia de culpa e finitude conduz a ações que priorizam o dever universal, resultando em certo abandono do pensar individual. Finalmente, o estágio religioso é o ponto em que o indivíduo transcende as leis dos homens e se volta para o sagrado, compreendendo que pode recorrer a algo além da lógica para viver livre da angústia e do desespero. Esse estágio envolve a relação com os mistérios divinos e a crença na vida eterna e absoluta do espírito. Para vivenciá-lo, é necessário dar o “salto na fé” — um ato corajoso e irracional de confiança no divino. Cabe destacar que os estágios

não ocorrem de forma sequencial, mas acontecem continuamente na construção da existência.

Sob essa perspectiva, e entrelaçando-se ao excesso de vivência do ser-para-outro, Gisele passou pelo estágio estético, escolhendo (de modo não consciente) vivenciar muitos prazeres imediatos para encobrir a própria angústia, sentida em um mundo diferente daquele em que cresceu.

Desse modo, ela relata:

Quando eu estava tendo ataques de pânico e bebendo Mocha Frappuccinos, fumando um maço de cigarros por dia e tomando uma garrafa de vinho à noite, isso se tornou uma espécie de sistema de crenças. Aquele sistema de crenças me dizia que eu era uma pessoa sempre muito ocupada que precisava fumar o dia todo para continuar na ativa e beber vinho toda noite para relaxar (Bündchen, 2022, p. 153).

Na visão da GT sobre contato, o sujeito necessariamente existe no-mundo e para-o-mundo e, por isso, apresenta um modo particular de se relacionar consigo mesmo e com o meio, o que pode indicar fluidez ou bloqueio de contato (Ribeiro, 2016). De acordo com Schillings *In: Frazão e Fukumitsu*, 2014), a introjeção é uma forma de assimilar o que vem de fora para, então, apropriar-se do conteúdo, adicionando sua própria subjetividade a fim de fundir o que foi assimilado com o que lhe é próprio, seja para devolver ao mundo ou para retê-lo. No entanto, quando ocorre apenas a apropriação do introjeto sem uma assimilação consciente, o sujeito internaliza e passa a integrar algo que não é genuinamente seu.

Quando os introjetos são tóxicos, “a introjeção torna-se responsável pela formação dos distúrbios emocionais e pela deformação da personalidade, construindo um eu inautêntico e incoerente com seus impulsos originais” (Antony, 2009, p. 360-361). Esse relato ajuda a perceber as crenças introjetadas por Gisele, que assumiu

um estilo de vida repleto de ocupações excessivas, incluindo o uso abusivo de cigarros, vinho e café. Ao viver intensamente o aspecto do ser-para-outro, ela introjetou crenças e valores que não eram verdadeiramente seus, afastando-se de sua essência-existência e construindo seu processo de morrência.

Para suportar essas circunstâncias, Gisele criou um mecanismo para lidar com as imposições profissionais excessivas. Após um desfile importante, no qual relata ter se sentido muito constrangida por desfilarem seminua, a modelo passou a representar um personagem.

A isso, a mesma relata que (Bündchen, 2022):

Foi por isso que, por volta dos 18 anos, numa tentativa de me proteger e evitar sofrer ou me sentir como um objeto, eu criei um escudo ao redor de mim mesma. O meu eu privado era Gisele, mas a modelo Gisele era ela. Era como eu a chamava também — ela. [...] As ideias deles se uniam para criar um clima, e eu, de repente, conseguia ver ela, sentir ela (p. 22).

Naquela noite, ninguém viu a garota de 18 anos tímida, assustada, envergonhada e insegura. Em vez disso, viram uma mulher forte e confiante desfilando na passarela. [...] A chuva fez a maquiagem preta dos olhos escorrer pelo rosto, então ninguém poderia saber que ali, além da água da chuva, havia lágrimas. Finja até se tornar verdade — isso funciona mesmo (p. 146).

Nesse sentido, entende-se que Gisele, na tentativa de se autorregular para lidar com as circunstâncias desafiadoras, criou um “outro eu” capaz de enfrentar tais situações, ainda que em desarmonia com sua essência-existência. Dessa forma, a qualidade de seu contato ficou comprometida. O ajustamento criativo é um modo importante de manutenção e sobrevivência do sujeito e, assim, constitui um instinto natural do organismo no meio e do meio, a fim de se adequar para satisfazer suas necessidades (Ribeiro, 2016). Quando o Ser não se vê capaz de estabelecer contatos criativos em seu ambiente, ou quando esses contatos não são nutritivos o suficiente

para propiciar crescimento, ocorre uma cristalização de comportamentos que obstrui o fluxo de fechamento das *gestalten*. Nesse contexto, esse mecanismo se torna desequilibrado e adoecedor (Frazão, 2015 *apud* Ming-Wau, 2021).

Diante disso, ao criar um personagem próprio, Gisele ajustou-se criativamente de maneira disfuncional, tornando esse recurso uma forma descompensada de fazer contato com o meio. Ao recorrer a esse mecanismo, a modelo deixou de perceber suas necessidades reais e se afastou ainda mais de Si Mesma, realizando um bloqueio de contato significativo denominado dessensibilização. De acordo com Clarkson (1989), essa interrupção é comparável a uma sensação de anestesia e morte do *Self*, uma vez que a consciência das sensações provenientes do corpo e do meio é perdida, negligenciada ou diminuída. Com isso, a possibilidade de *awareness* torna-se obscurecida.

Além disso, destacam-se inúmeros relatos em que ela afirma temer desonrar a família, e busca ser uma pessoa e profissional exemplar:

Ir para a balada, beber, usar drogas e ficar na rua até tarde nunca me pareceram escolhas inteligentes. Eu sabia que me sentiria mal, que pessoas se aproveitariam de mim, e que acabaria ficando fragilizada. Aquilo não era para mim. Além disso, meus pais confiavam em mim. Eles tinham me deixado sair de casa para que eu tivesse uma oportunidade nessa vida de modelo, e não queria fazer nada que os decepcionasse. Queria que eles tivessem orgulho de mim, e também queria ser um bom exemplo para as minhas irmãs (Bündchen, 2022, p. 63).

O relato evidencia a vivência do estágio ético em sua existência, descrito por Cerqueira (2018) como uma fase em que predominam atitudes guiadas por valores, embora haja um conflito entre desejos e deveres. Essas experiências convidam à reflexão sobre a conduta introjetada, ou seja, uma análise daquilo que faz sentido para si. Dessa forma, Gisele passou muito tempo orientando-se pelos valores familiares, mas vivenciando-os, em grande parte, para não decepcionar as pessoas que tanto considerava.

Diante do exposto, compreende-se que o processo de morrência de Gisele ocorreu a partir da desestruturação do *Self*, que surgiu com o afastamento de sua própria essência-existência, ao viver excessivamente o aspecto de ser-para-outro. Esse contexto gerou uma angústia reprimida pela dessensibilização, enquanto ela fingia ser um personagem, o que levou a uma exaustão existencial, desencadeando crises de ansiedade e ataques de pânico.

Gisele relata o momento marcante a respeito de tal adoecimento:

Eu estava voando com meus amigos para a Costa Rica. O tempo estava instável naquele dia, e, quando o avião levantou voo, começou a balançar e a sacudir como uma folha ao vento. Vou morrer, disse para mim mesma. Viajava de avião o tempo todo e não via nada de mais nisso, só que de repente fiquei totalmente consciente de que não tinha controle algum sobre aquela situação. O medo de estar presa num espaço minúsculo e de não estar no comando, a sensação angustiante de que nada no mundo era seguro ou estável [...] Quando aterrissamos, percebi que alguma coisa havia mudado em mim (Bündchen, 2022, p. 65-66).

Ao vivenciar essa situação e se desesperar pela falta de controle, Gisele entrou em contato com a angústia, que até então havia sido mantida afastada como uma estratégia ilusória de segurança. Segundo Feijoo *et al.* (2015), como somos necessariamente seres livres, temos que assumir a responsabilidade pelas escolhas que fazemos; assim, a angústia surge ao lidarmos com a consciência de nossas próprias possibilidades, que revelam nosso poder. De acordo com Heidegger (2012), citado por Roehe e Dutra (2014), quando a totalidade do cotidiano é percebida como irrelevante, surgindo uma sensação de estranheza, os aspectos se revelam tal como realmente são, e, na angústia, o indivíduo se sente estranho. Dessa forma, os afazeres rotineiros perdem sentido quando tomamos consciência de que o único responsável pelas próprias escolhas é o sujeito em Si, não havendo mais espaço para terceirização.

No seu estágio ético, Gisele se apegou aos valores aprendidos com seus pais, buscando não decepcioná-los, numa tentativa inconsciente de permanecer fiel a Si mesma, mas com a intenção de ser alguém para eles e não para si. Como não havia uma conexão genuína com sua própria essência-existência, mas sim com as expectativas alheias, o desespero a assolou em certo momento. Diante do impacto da possibilidade de morte, Gisele entrou em contato com sua angústia, que até então permanecia reprimida em um fundo inacessível, encoberta por sua existência inautêntica. Foi como se, diante do choque, emergisse um tom de culpa pelas decisões tomadas.

Após o episódio no avião, a mesma relata que seu medo se manifestou de outras formas:

Não conseguia mais respirar. Dei uma desculpa, me levantei, enrolei a toalha no corpo e saí para o terraço [...] Parecia que tudo na minha vida ia me matar. Primeiro os aviões, depois os elevadores. Então vieram os túneis, os hotéis, os estúdios de fotografia e os carros. Agora era meu próprio apartamento. Tudo tinha se tornado uma jaula, e eu era o animal preso dentro dela, lutando para respirar. Não conseguia ver uma saída e não podia suportar mais um dia me sentindo daquele jeito. Um pensamento me invadiu: Quem sabe vai ser mais fácil se eu simplesmente pular. Tudo vai passar. Eu posso me livrar de tudo isso (Bündchen, 2022, p. 67).

O ataque de pânico “é percebido como uma descontinuação do *continuum* da vivência e está delimitado de forma precisa no tempo” (Francesetti, 2012;2013 *apud* Pinto *In*: Franzão e Fukumitsu, 2017, p. 107). No ataque de pânico, enquanto a figura de contato se dissolve inesperadamente, o fundo se torna figura de forma muito súbita, pois está desabando. Dessa forma, ao quebrar o *continuum* da vivência, o sujeito entra em contato, de forma abrupta, com a solidão essencial que lhe revela o compromisso de nascer, viver e morrer sozinho, no sentido de ser responsável pela sua própria existência (*ibidem*).

A sensação de morte pode colocar a vida em questão ao provocar o encontro com a angústia, um sentimento tão desafiador que o organismo sente uma necessidade urgente de autorregulação para lidar com ele. Assim, a ação emergente para suportar esse conflito é uma mudança na percepção temporal do sujeito, ou seja, na forma como ele apreende o tempo, o que o convida à única realidade possível: o aqui-agora. Contudo, só é possível estar no aqui-agora se o sujeito estiver em estado de plenitude de presença, unindo essência (espaço) e existência (tempo). Esse estado de totalidade é essencial para a retomada da autenticidade, pois somente assim o indivíduo se torna apto a se apropriar de sua vida com autenticidade (Ribeiro, 2016).

Dessa forma, compreende-se que, diante do desespero trazido pela possibilidade de morte, Gisele entrou em contato com uma angústia intensa por ter vivido uma vida inautêntica, o que despertou uma necessidade urgente de autorregulação. Como resultado, ocorreu uma mudança significativa em sua maneira de apreender o tempo, colocando-a em um estado de presença no aqui-agora. Essas circunstâncias também promoveram uma quebra do bloqueio de contato que havia obstruído a vivência de sua essência-existência. Foi um momento de reencontro consigo mesma para, então, buscar sua completude por meio da agressividade.

Ribeiro (2016) explica que a agressividade é uma parte essencial da autorregulação do organismo e de sua autodefesa, sendo um movimento interno e inato que assegura a autopreservação. Esse processo, quando funciona de forma saudável, promove no indivíduo “uma complexa sensação de expansão, de ir além de si mesmo, de correr riscos, de ampliar limites e de concluir o que foi iniciado” (*ibidem*, p. 59). Curiosamente, a solidão angustiante que sufocava Gisele foi o fator necessário para impulsionar a agressividade a agir em favor de sua saúde.

Logo após experimentar o pensamento suicida, Gisele procurou ajuda médica e recebeu a indicação de uso de medicamentos; no entanto, algo já estava diferente nela, conforme relata:

Eu me lembro de olhar fixamente para o comprimido na mão dele. Mesmo me sentindo indefesa, pensei: Não quero ficar dependente de remédios. Não quero depender de nada que esteja fora de mim mesma [...] Algo dentro de mim sabia, de alguma forma, que eu não podia simplesmente colocar um Band-Aid no que havia de errado comigo. Não tenho nada contra remédios, mas, quando ele me ofereceu aquele comprimido, cada célula do meu corpo reagiu em protesto [...] Não sei como o corpo sabe dessas coisas, mas ele sabe [...] No meu caso, sabia que precisava confiar na minha intuição e lidar com a minha ansiedade do jeito que me deixava mais confortável (Bündchen, 2022, p. 68-69).

A partir desse depoimento, é possível compreender que, embora ainda estivesse um tanto adoecida, Gisele já começava a se autorregular, direcionando sua existência ao aspecto de ser-para-si. De acordo com Sartre (2011), nesse aspecto, o sujeito busca a Si Mesmo por meio da consciência de sua intencionalidade, procurando transcender seu ser-em-si, ou seja, lançando-se ao mundo em busca do que deseja e do que lhe falta, o que lhe dá fundamentação. Ao confiar em sua intuição e recusar os medicamentos, ela passou a focar no que realmente tinha importância e significado, realizando um movimento essencial de reflexão voltado ao ser-para-si. Aceitar os medicamentos seria negar sua autenticidade, isto é, sua essência-existência, algo que, ao agir com consciência e intencionalidade, já não lhe cabia mais.

A partir de então, Gisele começou a ouvir mais a si mesma, atentando-se aos seus pensamentos e ações. Assim, aos poucos, realizou mudanças significativas: adotou hábitos alimentares mais saudáveis, parou de fumar e reavaliou suas relações, rompendo algumas que deixaram de fazer sentido. Desse modo, evidencia-se a importância

de sua retomada ao ser-para-si, conforme o relato: “Aprendi a prestar atenção à minha voz interior, de quem obtive *insights* importantes mesmo quando eu não queria ouvir” (Bündchen, 2022, p. 14).

Diante dessas transformações, estando mais voltada a Si Mesma em um intenso processo de autorregulação e na busca por sua autenticidade, Gisele deixou o estágio ético, em que estava excessivamente voltada ao ser-para-outro, e passou a vivenciar o estágio religioso de forma muito relevante. Cerqueira (2018) explica que, nesse estágio, o sujeito se volta ao sagrado para acalmar suas angústias, indo além da razão humana e evidenciando a dimensão espiritual do ser.

Para alcançar o aspecto do sagrado, Gisele encontrou práticas que, por meio do ser-para-si, passaram a fazer muito sentido para ela:

Rezei pedindo clareza e orientação sobre o que deveria fazer. Pedi que me fosse mostrado o caminho. Fiz o que sempre faço quando rezo — pergunto a mesma coisa várias vezes até surgir uma resposta. Naquela noite, recebi a resposta: ioga. Naquele momento, eu não estava em busca de uma coisa específica. Ainda não sabia como iria sair dessa. Como disse, tudo o que pedi foi que me fosse mostrado o caminho (Bündchen, 2022, p. 69).

Além disso, ela reitera tal questão na seguinte afirmação:

Quando comecei a meditar e a praticar ioga, ingressei em novos mundos e novas crenças. E continuei minha jornada. Às vezes, minhas viagens eram filosóficas. Às vezes, psicológicas. Às vezes elas tinham a ver com me desafiar para encarar meus medos (Bündchen, 2022, p. 210).

Essas práticas auxiliaram Gisele em sua dimensão espiritual, aproximando-a de seu ser-em-si. O ser-em-si refere-se ao ser que simplesmente é, ultrapassando a temporalidade e se esgotando em si mesmo, sendo a essência mais profunda do sujeito, pois não estabelece relações e não permite outras possibilidades (Sartre, 2011).

Assim, quando o ser-para-si entra em cena com sua intencionalidade, ele busca expandir o ser-em-si, a fim de transcender à essência-existência.

Com base nesse entendimento, fica claro como o movimento de retomada do aspecto de ser-para-si em Gisele se torna um caminho natural em direção ao ser-em-si, conforme ela declara: “Não importa quantas vezes eu veja o sol nascendo, ouça a chuva caindo, veja uma onda quebrando na praia ou observe um bando de gansos voando, sempre fico completamente maravilhada” (Bündchen, 2022, p. 164). Esse relato ilustra um ser-em-si que contempla a natureza de forma profunda e respeitosa, conectando-a com seu Eu mais genuíno, algo intrínseco a Gisele. Assim, por meio do exercício de conscientização e intencionalidade, ela restabeleceu o contato consigo mesma, afastando a personagem que precisou representar no passado.

Após três meses de sua nova rotina, os ataques de pânico desapareceram, e sobre isso, ela relata:

Às vezes você precisa atingir o fundo do poço para se dar conta do tamanho da queda [...] Estamos sempre recebendo mensagens durante o dia e enquanto dormimos. Podemos ouvi-las e fazer algo a respeito, ou podemos ignorá-las. Mas essa experiência me ensinou que, se você não ouvir essas mensagens, elas ficarão mais altas e mais intensas. Você vai acabar ou tendo uma superação ou sofrendo algum tipo de destruição (Bündchen, 2022, p. 77).

Heidegger (2012) explica que o ser-para-a-morte é uma condição existencial que influencia o nosso modo de estar no mundo. O autor esclarece que o ser humano consegue experienciar a morte apenas como um fenômeno antecipatório, pois na vivência real da morte, todas as possibilidades e experiências cessam. Assim, enquanto se vive, a morte é percebida como a certeza do fim, e a forma como vivemos em relação a essa consciência define o conceito heideggeriano de ser-para-a-morte. Nesse contexto, ao entrar em contato com o desespero da morte e a angústia por uma vida inautêntica,

Gisele tomou consciência de sua finitude e escolheu superar seus próprios desafios para viver a vida que realmente desejava.

As práticas de meditação e ioga contribuíram significativamente para seu processo de saúde e autorregulação ao vivenciar o estágio religioso. De modo geral, o zen-budismo pode ser caracterizado como um conjunto de práticas que busca alcançar o *satori*, ou seja, a iluminação súbita da consciência, um estado que transcende o pensamento lógico e liberta o sujeito do sofrimento (Figueiroa *in* D´Acri; Lima; Orgler, 2012).

O mesmo autor destaca a relação da GT com o zen-budismo, tendo como elemento central comum a importância da atenção plena na experiência. Na prática zen, essa experiência é chamada de “meditação”, enquanto que na GT é denominada “*awareness*”. Ambas se baseiam no princípio de que a consciência deve estar plena na realidade presente, integrando todos os aspectos envolvidos, inclusive a consciência da própria consciência.

Outro preceito do zen é a aceitação da realidade como essencialmente impermanente, observando a emergência e o desaparecimento dos próprios pensamentos, sem buscar ou fugir de nada. Não há movimento de escapar das ilusões nem de buscar a verdade. Nesse sentido, ocorre a formação e destruição de *gestalten*, de maneira contínua e consciente (Ginger e Ginger, 1995).

Nesse aspecto, Gisele declara:

A ioga me devolveu a vida. Ela também me motivou a começar a olhar para dentro. Pela primeira vez, decidi observar atentamente minha vida, examinar o que realmente estava acontecendo comigo e que papel eu estava desempenhando. Como tinha chegado àquele ponto? [...] Graças à prática de ioga e meditação, fui capaz de ver as coisas por uma perspectiva diferente (Bündchen, 2022, p. 72).

A decisão de Gisele de adotar essas práticas pode ser entendida como seu “salto na fé”, no qual mergulhou em uma nova perspectiva espiritual, abraçou sua essência-existência e promoveu a aceitação e integração de todas as suas partes por meio da *awareness*, um estado pleno de presença. Esse movimento foi o caminho natural e fluido rumo à totalidade de sua essência-existência.

Quando a morte “bateu à porta” de Gisele, desencadeando todo esse processo de autorregulação, uma de suas primeiras atitudes foi passar um tempo em sua casa, em sua cidade natal.

A isso, ela relata:

Eu me senti com 14 anos de novo. Bebia os chás especiais da minha mãe. Ajudava a lavar as roupas e a limpar a casa. À noite, ajudava a fazer pastéis na cozinha, exatamente como fazia quando era pequena. Passei o máximo de tempo possível com minhas cinco irmãs, e naquele ano chegamos até a passar o carnaval na Bahia juntas. Devagarinho, fui ficando mais forte. Mais estável. Mais feliz. Eu me sentia cada vez mais à vontade. À vontade comigo mesma. À vontade com as pessoas que mais amava, e que também me amavam (Bündchen, 2022, p. 81).

Ao retornar ao lar de origem, Gisele se ajustou criativamente como um meio de reencontrar sua identidade nesse lugar que lhe representa segurança e onde afirma poder ser quem quiser. Ao passar um tempo ali, foi se sentindo mais forte, pois estava reestruturando seu *Self* e fortalecendo sua essência-existência, revivendo a sensação de ter quatorze anos novamente. Não é à toa que menciona essa idade, já que foi a partir dela que iniciou o distanciamento de Si Mesma, favorecendo um processo de *morrência*.

O *Self* “é o ‘Eu’, o Si Mesmo vivido e percebido pelo sujeito quando está em contato com o outro ou consigo próprio” (Santos *et al.*, 2020, p. 372). É um sistema que facilita a percepção de si, indicando ao sujeito como se sentir para saber quem é e como é.

A sensação de certeza sobre quem somos é, na verdade, o próprio *Self* sendo experienciado (Ribeiro, 2016). Quando Gisele retorna à sua casa, seu sistema *Self* reconhece e vivencia a sensação de ser a verdadeira Gisele.

Por fim, ela compartilha sua perspectiva sobre toda a experiência aqui analisada:

Se eu não tivesse tido ataques de pânico, nunca teria sentido necessidade de mudar. Nem fisicamente. Nem mentalmente. Nem espiritualmente. As dificuldades que chegaram tão perto de me matar me proporcionaram, no fim das contas, uma vida inteiramente nova. O período mais negativo que já havia vivenciado na vida se tornou o mais transformador e a maior das bênçãos. De muitas maneiras, aquela garota de 23 anos de fato morreu. Mas, quando ela reviveu, estava muito mais feliz, mais consciente e muito mais saudável (Bündchen, 2022, p. 81-82).

Nesse sentido, entende-se que, quando a finitude bateu à sua porta, curiosamente fez um chamado à vida, lançando-a em busca de sua essência-existência. Dessa forma, Gisele não apenas abriu a porta, mas também convidou a morte a transformar sua jornada em uma vida com mais significado.

PODE ENTRAR! VAMOS ARRUMAR A CASA!

Nem tanto no interno, nem tanto no externo; nem tanto na busca de satisfazer o outro, nem tanto apenas procurando uma completude própria. É nessa dinâmica constante de estar no mundo e Ser em relação consigo mesmo e com tudo ao redor que nos constituímos. Em meio a esse contexto, estamos em uma experiência contínua para compor nossa essência-existência. Contudo, onde há desequilíbrio, há adoecimento.

Ao selecionar os trechos de acordo com os critérios de ser-em-si, ser-para-si e ser-para-outro, começou-se a delinear uma desarmonia significativa na existência de Gisele. Na obra, inicialmente, destacou-se seis relatos que expõem seu ser-em-si; já no aspecto do ser-para-si, foram encontrados apenas quatro depoimentos; por fim, houve doze afirmações nas quais é possível reconhecer sua dimensão de ser-para-outro, destacando uma grande prevalência deste último. Assim, tornou-se essencial realizar uma pesquisa sistemática, que possibilitou identificar um desequilíbrio expressivo, direcionando à compreensão de um dos principais fatores que levaram Gisele a um processo de morte.

Com esse entendimento, ressalta-se a importância do equilíbrio entre os três aspectos da existência do Ser, propostos por Sartre (2011), que se interrelacionam constantemente, exercendo influência mútua na construção do sujeito. Sob essa ótica, é possível também observar fenômenos no *setting* clínico, visando identificar possíveis desarmonias nessas dimensões, indicativas de uma desestruturação do *Self*. Afinal, como alguém pode estar em sua essência-existência se estiver demasiadamente no ser-para-outro? Esse questionamento abre portas para novos estudos sobre a sociedade contemporânea, marcada pelas mídias sociais, que facilmente desequilibram os aspectos sartrianos do Ser e favorecem o processo de morte.

Diante do exposto, compreende-se que o momento crítico de iminência da morte promoveu um contato extremo de Gisele com sua angústia, exigindo um movimento urgente de autorregulação para lidar com o desespero de ter vivido uma vida inautêntica. Como estratégia de ajustamento criativo, ela se colocou em presença no aqui-e-agora e desfez o afastamento de sua essência-existência. Assim, por meio da agressividade, encontrou a sensação de ser quem realmente é, reestruturando seu *Self* e entrando em um eixo saudável, capaz de lhe proporcionar a sensação de reconhecimento de Si mesma.

Retornar à sua casa de origem para passar um tempo com a família, no lugar em que cresceu, foi essencial para a reorganização do sistema *Self* de Gisele. Esse ambiente facilitou sua própria identificação e promoveu uma certeza de quem ela é. Ali, Gisele se sentia à vontade para se reconectar consigo mesma.

Nesse contexto, surge a sugestão para situações similares: identificar estruturas, lugares, situações e/ou pessoas que estejam relacionadas à essência-existência do indivíduo. Dessa forma, é possível buscar esses elementos com o objetivo de vivenciar experiências que promovam a reorganização do *Self*. Quando uma pessoa está desconectada de Si mesma, ela pode reconhecer a sensação de “estar em casa” ou de poder ser quem é ao experienciar algo significativo, algo que faça parte de seu ser-em-si, especialmente em um ambiente seguro.

Quanto à prática de meditação e ioga, essas foram fundamentais para o processo de Gisele, pois promoveram o “salto na fé” e a vivência do estágio religioso, consolidando sua dimensão espiritual e transcendência. Além disso, o zen-budismo foi um dos fatores que proporcionou equilíbrio entre os aspectos de ser-em-si, ser-para-si e ser-para-outro, por meio de exercícios de reflexão e *awareness*. Dessa forma, o contato com sua essência-existência foi consciente e profundo.

Diante dessas considerações, o objetivo desta pesquisa foi alcançado, ao compreender o movimento de autorregulação de Gisele em busca de sua autenticidade, ao ser tomada pela angústia diante da possibilidade da morte, conforme exposto. Atualmente, as pesquisas sobre esse tema na forma de estudo de caso são escassas; portanto, para estudos futuros, sugere-se adotar esse formato para explorar o fenômeno em diversos casos e, assim, comparar prevalências nos modos de autorregulação. Além disso, é importante ressaltar que todo processo é único, o que exige uma análise fenomenológica. No entanto, os mecanismos de bloqueio de contato

e de fluxo de contato são universais, permitindo a compreensão de diferentes modos de autorregulação.

Conclui-se, portanto, que não há saúde em uma vida sem essência-existência. Assim, quanto maior for o bloqueio de contato nesse sentido, mais próximo da morte o sujeito poderá estar. Isso não se refere apenas à morte física, mas especialmente à morte do espírito, ou seja, uma existência sem essência, que, como vimos, é tão inautêntica que, cedo ou tarde, inevitavelmente causará algum tipo de dano.

No entanto, quando a finitude bater à porta, é possível convidá-la a entrar, olhar profundamente em seus olhos para compreender seu propósito e questionar-se sobre o quão verdadeiro você tem sido consigo mesmo. É nesse momento que, juntos, todos poderão arrumar a “casa” e reencontrar a sensação de lar, ou melhor, sua essência-existência, a forma de vida mais genuína do espírito, a única que não geraria tamanha angústia.

REFERÊNCIAS

ANTONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 356-375, 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a07.pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

BÜNDCHEN, Gisele. **Aprendizados**: minha caminhada para uma vida com mais significado. 12. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2022. 238 p.

CERQUEIRA, Karla Cristina. Os estágios do existencialismo de Kierkegaard: estético, ético e religioso salto de fé e ruptura de desespero. **Annales Faje**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 85-93, 2018. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4057/4050>. Acesso em: 15 set. 2024.

CLARKSON, Petruska. **Gestalt counselling in action**. Londres: Sage Publications Ltda, 1989, 160 p.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês**. 3.ed. São Paulo: Summus, 2012. 248 p.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira; GILL, Débora; VERÍSSIMO, Luiz José. Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S. /], v. 35, n. 2, p. 572-583, jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/jpcp/a/xYBLQtG6kBBCfNFRS7bnwqQ/?lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2024.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Quadros cínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. 165 p.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUERRA, Avaetê de Luneta e Rodrigues. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. Revista OWL (OWL Journal) - **Revista Interdisciplinar de ensino e educação**, [S. /], v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em: 7 maio. 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 1199 p.

JOYCE, Phil; SILLS, Charlotte. **Técnicas em GESTALT: Aconselhamento e psicoterapia**, Petrópolis: Vozes, 2016.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Petrópolis: Vozes, 2017. 222 p.

MARTINS, Marise; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-Terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **Revista Igt na Rede**, [s. /], v. 20, n. 11, p. 3-39, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v11n20/v11n20a02.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MIRANDA, Waldir Bezerra. **Saúde e doença em Gestalt Terapia**. Uniceub. Brasília, 2003. p. 30-33. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2864/2/9908156.pdf>. Acesso em: 22 fev 2023.

MING-WAU, Carlos; GONÇALVES, Yadja do Nascimento; MEDEIROS, Márcia Duarte; LIMA, Deyseane Maria Araújo. A clínica gestáltica sob a ótica do psicoterapeuta iniciante. **Revista do Nufen**, Belém, v. 13, n. 3, p. 116-127, set. – dez., 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v1n1/a03.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MOREIRA, Virgínia. O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e crítica**, Fortaleza, n. 17, p. 447-456, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WLv8n6h8GJhJG4ZbkxVy4hb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 mar. 2024.

PEREIRA, Fábio Nogueira. O Dedo Apontando a Lua: experimentando o contato entre gestalt-terapia e zen budismo. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, [S./], v. 27, n. 1, p. 91-103, 2021. Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18065/2021v27n1.9>. Acesso em: 27 maio 2023.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998. 272 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**, 9. ed. São Paulo: Summus, 2021.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-Mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Summus, 2016.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução à Gestalt-Terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**, 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. Avances En Psicología Latinoamericana, Bogotá, v. 321, p. 105-113, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a08.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SANTOS, Manuel Antônio dos; SILVA, Patrícia Francielly Araújo Lara; NASCIMENTO, Lucila Castanheira; FARINHA, Marciana Gonçalves. Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 357-386, maio-ago 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/1da50c33-e27a-4ca9-bf94-94cf8304c90b/003025444.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SARTRE, Jeal-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 782 p.

SAÚDE EXISTENCIAL. [Locução de]: Laís Nadai Tavares; Helen Messias da Silva Guzman. Entrevistada: Karina Okajima Fukumitsu. Maringá: **Gestalt Paraná**, 24 fev. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hXHnQ6Ebwn0&t=2517s>. Acesso em: 29 mar. 2024.

VIEIRA JUNIOR, Cezar Augusto; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, n. 16, p. 119-130, abr. 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n1/10.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

YOUNTEF, Gary. **Processo, Diálogo e Awareness**: planejamento e métodos. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998. 416 p.



2

*Gabrieli Von Gilsa
Simoni Urnau Bonfiglio*

**O AJUSTAMENTO
CRIATIVO PELA ÓTICA DA
GESTALT-TERAPIA NO FILME
*A VIDA É BELA (1997)***



RESUMO:

Esta pesquisa explora o conceito de ajustamento criativo na Gestalt-Terapia com base no filme *A Vida é Bela* (1997), de Roberto Benigni. Partindo do princípio de que os indivíduos enfrentam diariamente situações desconhecidas, a análise busca compreender os ajustamentos criativos realizados pelo personagem Guido, um judeu italiano que utiliza humor e imaginação para proteger a inocência de seu filho dos horrores de um campo de concentração nazista. O objetivo desta pesquisa foi explorar os ajustes criativos que o pai realiza por amor ao filho e pela própria sobrevivência em um ambiente hostil, questionando até que ponto a proteção e a fantasia podem ser saudáveis para o sujeito. A pesquisa é de natureza básica e qualitativa, utilizando uma abordagem descritivo-exploratória baseada na análise documental e observação detalhada de fenômenos. Os resultados mostram como Guido foi capaz de usar sua criatividade e imaginação para transformar a dura realidade do Holocausto em um jogo. O estudo destaca que cada indivíduo realiza seus próprios ajustamentos com base em suas vivências, e que a capacidade de se ajustar é essencial para a saúde emocional e para prevenir o adoecimento do indivíduo. A relevância deste estudo reside na compreensão das capacidades humanas de adaptação e criatividade em um mundo em constante movimento. Tal conceito não apenas facilita a autorregulação do sujeito, mas também abre portas para novas possibilidades, sendo especialmente significativo em contextos profissionais, educacionais e sociais.

Palavras-chave: Ajustamento criativo; Ajustamento criativo disfuncional; Transcendência; Campo; Filme A Vida É Bela.

ABSTRACT:

*This research explores the concept of creative adjustment in Gestalt Therapy, based on the film *Life is Beautiful* (1997) by Roberto Benigni. Starting from the principle that individuals face unfamiliar situations daily, the analysis seeks to understand the creative adjustments made by the character Guido, an Italian Jew who uses humor and imagination to protect his son's innocence from the horrors of a Nazi concentration camp. The aim of this study is to explore the creative adjustments the father makes out of love for his son and for his own survival in such a hostile environment, questioning to what extent protection and fantasy can be healthy for an individual. The research is basic and qualitative in nature, using a descriptive-exploratory approach based on document analysis and detailed observation of phenomena. The results show how Guido was able to use his creativity and imagination to turn the harsh reality of the Holocaust into a game. The study highlights that each individual makes their own adjustments based on their experiences, and that the ability to adjust is essential for emotional health and for preventing illness. The 2 relevance of this study lies in understanding the human capacities for adaptation and creativity in a constantly changing world. This concept not only facilitates the individual's self-regulation but also opens doors to new possibilities, being particularly significant in professional, educational, and social contexts.*

Keywords: *Creative adjustment; Dysfunctional creative adjustment; Transcendence; Field; Movie *Life Is Beautiful*.*

INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos, os indivíduos precisam lidar com novas situações em suas vidas. O bebê, embora inicialmente dependente da mãe, torna-se mais autossuficiente com o passar do tempo e, para mobilizar seu potencial e garantir uma maturação adequada, precisa superar muitos desafios (Perls, 1977). Partindo da ideia de que as pessoas devem lidar com novas situações ao longo de suas trajetórias, à luz da Gestalt-Terapia, será analisado como o fenômeno do ajustamento criativo se manifesta nas cenas do filme *A Vida é Bela* (1997).

A Gestalt-Terapia tem como filosofia de base o humanismo, a fenomenologia e o existencialismo (Ribeiro, 2006). Ela propõe uma forma de ser autêntico e responsável por si mesmo, promovendo a conscientização *awareness*, que permite ao indivíduo organizar e dar sentido à própria existência (Yontef, 1998). Trata-se de uma abordagem terapêutica existencial-fenomenológica que busca tornar o indivíduo consciente do que e de como está fazendo, para que, a partir dessa conscientização, possa transformar-se e, ao mesmo tempo, aprender a aceitar-se e valorizar-se (Ribeiro, 2006). Segundo Peruzzo (2011), a abordagem prioriza o desenvolvimento do potencial humano, facilitando não a adaptação ao que está em desarmonia, mas a recriação dessa realidade. Assim, para essa teoria, é saudável aquele que é capaz de se reinventar e de ajustar-se criativamente às próprias necessidades.

Nesse contexto, o ajustamento criativo, conceito da abordagem gestáltica, é o processo pelo qual o indivíduo, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si mesmo, no meio ambiente ou em ambos, soluções disponíveis – às vezes aparentemente pouco claras – para se autorregular (Ribeiro, 2006). Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), o desenvolvimento do ajustamento criativo ocorre entre a apropriação de estruturas antigas e sua modificação, criando uma nova configuração.

Esta pesquisa é de natureza básica, qualitativa e exploratória, com uma abordagem documental de análise fílmica. A escolha de uma obra cinematográfica deve-se à crença de que a análise de filmes é uma ferramenta criativa relevante, que permite ao pesquisador explorar situações que não poderiam ser abordadas sem essa análise (Campos, 2004).

A obra escolhida para este estudo foi *A Vida é Bela* (1997), dirigida por Roberto Benigni. O filme se passa durante a Segunda Guerra Mundial e narra a história de Guido, um judeu italiano que usa humor e imaginação para proteger seu filho dos horrores de um campo de concentração nazista. Embora várias narrativas cinematográficas tratem do tema do ajustamento a novas demandas, optou-se por esta comédia dramática, que se destaca por abordar um tema sombrio, como a Segunda Guerra Mundial, de forma única e com suas nuances.

A escolha de um filme como objeto de estudo justifica-se pela visão de que “o cinema é uma janela aberta que nos permite ver através dos olhos dos outros” (Gonzaga, 2013, p. 05). Diante dessas considerações, o objetivo principal deste trabalho é analisar os ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais do personagem principal, Guido, ao longo da narrativa. Segundo Xavier (2018), o cinema desempenha um papel significativo na elucidação do homem-em-situação, destacando não apenas o pensamento, mas também manifestando a inter-relação entre o corpo e a mente.

Esta pesquisa documental foi estruturada a priori em duas categorias: ajustamento funcional e ajustamento disfuncional. O objetivo é identificar os momentos em que o personagem principal vivencia cada um desses conceitos dentro do campo de concentração e analisar como isso contribui para sua sobrevivência. Para apoio na análise, foi utilizado um protocolo-guia para registrar as cenas específicas de interesse no estudo.

A relevância do estudo está em compreender as capacidades humanas de adaptação, assimilação e criatividade diante de desafios e situações inéditas. Pretende-se entender a importância de ajustar-se criativamente, especialmente em um mundo repleto de informações e constantes transformações, para lidar eficazmente com necessidades e demandas desconhecidas, favorecendo a assimilação em vez do adoecimento do indivíduo. Além de facilitar a adaptação pessoal, essa capacidade abre portas para novas possibilidades diante do inusitado. Esse conceito é especialmente significativo em contextos profissionais, educacionais e sociais, onde a habilidade de inovar e reinventar-se é cada vez mais valorizada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem teórica que fundamentou esta pesquisa é a Gestalt, desenvolvida por Fritz e Laura Perls na década de 1940, e cuja filosofia baseia-se no humanismo, na fenomenologia e no existencialismo (Ribeiro, 2006). Essa abordagem adota a filosofia humanista como base teórica, priorizando o respeito pelo outro e suas diferenças, com o objetivo de promover o crescimento das pessoas de forma amorosa, sem perder a objetividade e a imediatez (*Ibidem*).

Ribeiro (2006) complementa que, partindo do princípio de que o cliente é um fenômeno, cabe a ele, primeiramente, desvendar o mistério de sua totalidade para si próprio, e só depois para o psicoterapeuta. Trabalhar fenomenologicamente é manter a realidade tal como ela é, observar um fenômeno do cliente e, a partir disso, buscar seu significado (Almeida, 2010).

Segundo Moreira (2009), o método fenomenológico consiste em olhar para o mundo interior e intrapsíquico. As principais características deste método são a experiência imediata, o aqui-e-agora, a

busca por *insights* – que nada mais é do que a conscientização de certos aspectos que se tornam mais claros –, e a observação cuidadosa dos fenômenos presentes na vida, com o objetivo de descrevê-los para compreendê-los. O processo de *awareness* permite obter *insights* e reconhece que sempre temos consciência de algo, criando assim condições para a existência do mundo e atribuindo-lhe sentido.

O existencialismo, por sua vez, baseia-se no método fenomenológico e foca na experiência da pessoa, nas relações interpessoais, nas alegrias e sofrimentos, e em como esses são vivenciados (Yontef, 1998). O autor observa que a maioria das pessoas opera conforme o pensamento coletivo, que obscurece e impede o reconhecimento da realidade do mundo, e sugere que o autoengano é a base da inautenticidade. Viver de forma não verdadeira em relação a si mesmo leva a sentimentos de medo, culpa e ansiedade.

A Gestalt-terapia (GT) propõe uma maneira de ser autêntico e responsável por si mesmo, tornando-se consciente (*aware*) e capaz de estruturar a própria existência de forma significativa, como enfatiza o autor acima citado. A visão existencial sugere que os indivíduos estão continuamente em processo de se refazer e de se descobrir, não possuindo uma essência definitiva, mas sim sempre novos horizontes, problemas e oportunidades. A teoria da Gestalt faz do conceito de contato seu elemento essencial e instrumental para a autodefinição.

Conforme explica Ribeiro (2006):

A essência do contato, mais que estar em contato com o outro, é estar em contato consigo mesmo. Estar em contato consigo mesmo ou com o outro ocorre em diferentes níveis: do sentir, do pensar, do fazer, do falar. Estas, entre outras, são quatro formas de estar em contato consigo e com o outro, e os diversos níveis de contato relacionam-se com esses diferentes sistemas (p. 91).

A essência do contato na GT vai além do simples relacionamento com o outro, concentrando-se primordialmente na conexão com o próprio eu. O autor citado ressalta que é da relação consigo mesmo que surgem todas as possibilidades de convivência com o mundo. Quando bloqueamos o contato interno, perdemos a dimensão do outro, que é quem primeiro nos revela nossos lados ocultos. Assim, fazer contato torna-se uma prática de integração pessoal e interpessoal, sempre reconhecendo a interdependência com o ambiente em que vivemos.

Em termos coloquiais, potencialidade é definida como a capacidade pessoal de cada indivíduo de determinar o que ele pode ou não realizar. Na perspectiva da Gestalt, desde o nascimento, precisamos mobilizar cada vez mais nosso potencial e recursos internos. Perls (1977) afirma que a maioria das pessoas utiliza apenas de cinco a quinze por cento de seu potencial, o que significa que entre oitenta e cinco e noventa e cinco por cento do potencial humano é desperdiçado. Segundo o autor, isso ocorre porque vivemos de acordo com comportamentos padronizados e repetimos os mesmos papéis. Para ampliar nosso potencial, é necessário identificar e superar as barreiras que nos impedem de crescer, o que envolve vivenciar e valorizar cada momento como novo, permitindo-nos mobilizar mais de nossas capacidades na busca de nossa própria potencialidade (*Ibidem*).

O ser humano é concebido como um ser de possibilidades, ou seja, um ser que nasce com um conjunto de potencialidades que podem ou não ser concretizadas, dependendo das relações que estabelece e das experiências que adquire ao longo da vida. Perls (1977) sugere que a frustração contribui para o desenvolvimento do próprio potencial, sendo um meio pelo qual o indivíduo encontra seu próprio caminho, descobrindo suas possibilidades e seu potencial.

É importante compreender o que Ribeiro (2016) expõe sobre o conceito de agressividade, que surge em resposta a uma sensação de invasão em nossa intimidade, privacidade e singularidade.

Emerge quando a lógica relacional (diálogo) parece insuficiente para controlar a situação. Diferentemente da visão comum de agressão como comportamento prejudicial e negativo, para a GT a agressividade é uma parte natural e saudável da experiência humana; ela é um impulso positivo que pode ser expresso de forma criativa e construtiva (Perls, 1942/2002). Para essa abordagem, a agressividade é uma energia positiva que nos ajuda a expandir nossos limites, correr riscos e concluir o que começamos, como afirma Ribeiro (2016).

A teoria da agressão é o centro da primeira obra de Perls, lançada em 1942, intitulada *Ego, fome e agressão*. A obra é relevante porque destaca a importância de assimilar algo novo a partir da aprendizagem. Perls (1942) explica que, por meio do instinto de fome e da "agressão dental", o indivíduo aprende a atacar o alimento, destruí-lo e dividi-lo em partes para assimilá-lo fisicamente. Ele denomina "metabolismo mental" esse processo, que ocorre tanto fisicamente quanto psicologicamente. Assim, o sujeito "agride" a vida para satisfazer suas necessidades, "mastigando" as situações e selecionando novas possibilidades (*Ibidem*).

Observa-se que, para a Gestalt, a agressão é uma função essencial para o crescimento emocional saudável. À medida que identificamos e utilizamos a "agressividade construtiva", aprimoramos nosso senso crítico e desenvolvemos maior proatividade diante da vida (Perls, 1942/2002). Passamos a construir-nos com base no autorrespeito e na coerência interna, o que possibilita diálogos e relações mais genuínas (*Ibidem*).

Em seus estudos, Winnicott (1939/1987 *apud* Castro & Souza, 2012) afirma que, no desenvolvimento emocional, a agressividade está relacionada à vitalidade e potência, devendo integrar-se às forças amorosas para promover saúde mental e criatividade nas relações com o meio. Assim, entende-se que a agressividade é um impulso que leva o indivíduo a buscar contato com o ambiente, assumindo uma postura ativa para assimilar o que é seu e o que é do ambiente. Esse processo garante um crescimento saudável e criativo.

Ribeiro (2006) acrescenta que a agressividade expressa um momento de autopreservação, uma tentativa de autorregulação orgânica ou de ajustamento criativo, conforme destaca o autor:

Como algo que existe em alguém e é um dos fatores de estruturação da personalidade humana, a agressividade é, a priori, um bem da natureza. Comer, trabalhar, fazer amor e quase todas as formas de esporte são expressões da força da agressividade, um instinto humano que trabalha no sentido de tornar a vida e a existência possíveis e prazerosas (Ribeiro, 2006, p. 60).

De acordo com Perls (1977), organismo é todo ser vivo que possui órgãos, organização ou capacidade de autorregulação, e que precisa de um ambiente para realizar trocas. Um organismo depende do ambiente físico para obter ar e alimento, necessários para sua sobrevivência. O autor citado observa ainda que o organismo é composto por um sistema de milhões de células, cada uma com suas comunicações internas. Essas mensagens são transmitidas para o organismo como um todo, que responde às necessidades das células e realiza as funções necessárias para atender às diferentes partes do corpo.

Partindo desse princípio, Ribeiro (2006) concorda com essa conceituação, afirmando que, quando o organismo busca satisfazer uma necessidade, ele se regula no aqui-e-agora.

Na perspectiva da GT, existimos como um organismo que se relaciona com o mundo exterior como qualquer outro ser da natureza (Perls, 1977). Nenhum ser se autorregula isoladamente, todos encontram autorregulação no mundo e por meio dele, até o ar que respiramos vem de fora.

Ribeiro (2006) afirma que:

Autorregular-se significa respeitar a totalidade funcional do organismo, significa olhar-se e comportar-se como um todo organizado e eficiente, significa privilegiar as necessidades que gritam dentro de nós para ser saciadas ou

satisfeitas, significa olhar-se como uma pessoa inteira no mundo, significa amar o corpo como casa na qual habitamos, significa prestar atenção aos infinitos pedidos de socorro que o corpo emite e pensar que o alimento pode ser encontrado, sempre, dentro da própria pessoa, sem perder seu aspecto relacional no mundo (p. 56).

O autor mencionado acima afirma que o instrumento de manutenção da vida é a autorregulação. O corpo, ao saber o que lhe é benéfico ou prejudicial, responde de alguma forma, seja pela saúde ou pela doença.

Para que a autorregulação ocorra, é essencial que o ser humano utilize seu potencial criativo para desenvolver novas formas de ser e se tornar agente nesse processo interacional de alguém que habita e se realiza no mundo (Lima *In*: Frazão & Fukumitsu, 2014). Diferentes necessidades orgânicas podem surgir ao mesmo tempo, e, quando isso acontece, é necessário que a pessoa identifique a carência predominante, estabelecendo o que Perls denominou de hierarquia de necessidades (Frazão & Fukumitsu, 2014).

Uma vez que essa hierarquia esteja clara, torna-se possível ajustar suas necessidades às possibilidades oferecidas pelo ambiente, processo conhecido como ajustamento criativo. Ao atender à demanda da melhor forma possível, ou seja, pelo ajustamento criativo, o organismo encontra equilíbrio, permitindo que novas exigências possam emergir como figura.

O ser humano está em constante contato com o ambiente, ele é um ser relacional, e é nesse contato que o ajustamento criativo ocorre. Ajustamento refere-se a uma ação que toma forma conforme a experiência vivida, enquanto *criativo* se trata de uma resposta nova, feita da melhor maneira possível para aquele momento (Berri, 2020). O ajustamento criativo é o processo pelo qual a pessoa, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si, no ambiente, ou em ambos os recursos, soluções que às vezes podem parecer obscuras,

para se autorregular (Ribeiro, 2006). Esse desenvolvimento é contínuo, assegurando o funcionamento saudável e eficiente do organismo, conclui o autor.

Ajustar-se criativamente implica imprimir sua marca nas experiências da vida, personalizando-as e atualizando as próprias potencialidades, que se manifestam na interação com o mundo (Cardella *In*: Frazão & Fukumitsu, 2014).

Compreende-se, então, que o ajustamento criativo se refere à capacidade de uma pessoa de reagir de maneira criativa e diferenciada diante de situações desconhecidas. Isso pode envolver a habilidade de encontrar soluções alternativas para problemas, enxergar oportunidades onde outros veem apenas obstáculos, e estar disposto a correr riscos para alcançar seus objetivos. Mesmo uma doença física ou mental pode ser uma forma de ajustamento criativo; ainda que disfuncional, pode ser a única resposta possível que o indivíduo encontra naquele momento. Berri (2020) observa que a saúde, na visão da GT, é representada pelo melhor que podemos fazer diante de uma realidade, por vezes, doentia, que se impõe.

Smuts (s/d) aponta que temos apenas um instinto, o de autopreservação, ou seja, tudo que nasce o faz para continuar vivendo (Ribeiro, 2006). O autor acrescenta que é o processo de ajustamento criativo que mantém as coisas distintas umas das outras; essa é a função distributiva máxima do organismo, que, como um todo, está atento a cada uma de suas partes, garantindo que nada lhes falte e que todas possam funcionar perfeitamente. É importante entender que o ajustamento não se refere a consertar o que está errado, mas a adaptar-se a cada parte ou função do corpo-pessoa.

No entanto, o ajustamento disfuncional ocorre quando o organismo não consegue estabelecer contatos criativos com o ambiente ou quando esses contatos não promovem crescimento, o que leva à cristalização de comportamentos e bloqueia o fechamento do ciclo das *gestalts* (Frazão & Fukumitsu, 2015).

Peruzzo (2011) afirma que:

Em determinado contexto este ajustamento criativo disfuncional tão aparentemente danoso a saúde do indivíduo poderia ter sido saudável, se no momento tivesse sido utilizado em prol da preservação da integridade (física e psicológica) do indivíduo, ao invés de ter se tornado uma constante forma de evitação do contato, uma interrupção revivida diariamente, da relação organismo/meio (p. 56).

Compreende-se que o ajuste criativo disfuncional tem o potencial de cristalizar comportamentos e obstruir o contato com o ambiente, no entanto, ele também pode funcionar como um mecanismo saudável para a preservação da integridade física e psicológica do indivíduo. Em vez de apenas impedir o crescimento, esse ajuste pode atuar como uma forma de manutenção do bem-estar.

Segundo Aguiar (2005), o que diferencia um ajustamento criativo funcional de um disfuncional é a forma de relação que o indivíduo estabelece com o mundo em suas tentativas contínuas de autorregulação. O sentido das vivências não reside nas experiências em si, mas na relação que estas estabelecem com o mundo e na forma como essa interação ocorre, conforme ressalta Peruzzo (2011).

Zinker (2001) afirma que a criatividade é a nobreza e coragem de uma pessoa, a percepção de que tudo é possível. A criatividade é a realização do urgente, do que se apresenta no momento. O ser humano é um ser aberto ao outro, portanto, um ser de transcendência. Transcender significa ir além de nós mesmos, impulsionados pela nossa necessidade natural de compartilhar a simplicidade do cotidiano (Ribeiro *In*: Frazão & Fukumitsu, 2020).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza básica, pois contribui para o estudo de questões teóricas fundamentais e visa ampliar a compreensão sobre processos psicológicos básicos (Gil, 1999). Quanto aos objetivos, configura-se como qualitativa. Conforme Cooper e Schindler (2016), a pesquisa qualitativa abrange um conjunto de técnicas interpretativas que buscam descrever, decodificar, traduzir e entender o significado, em vez da frequência, de certos fenômenos. Essa abordagem permite que o pesquisador se imerja no fenômeno estudado, reunindo dados que forneçam uma descrição detalhada de fatos, situações e interações entre pessoas, promovendo profundidade e detalhamento.

Adota-se também uma abordagem descritiva e exploratória. A descrição visa observar, registrar, analisar e correlacionar fenômenos ou fatos em um contexto específico, com o objetivo de descrever as características de uma população ou fenômeno ou de estabelecer relações entre variáveis (Cervo, Bervian, & Silva, 2007). A abordagem exploratória oferece informações sobre determinada temática, facilitando a delimitação de um tema para estudo e contribui para o aprofundamento de conceitos preliminares, o que facilita a construção de hipóteses. Esse método envolve levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos que possam contribuir para a compreensão do problema (Gil, 2017).

Quanto aos instrumentos, empregamos a pesquisa documental com base na análise de filmes. A pesquisa concentra-se no uso de documentos, sejam eles escritos ou audiovisuais, podendo ser realizada durante ou após o evento em questão (Marconi & Lakatos, 2010). Os artigos e livros utilizados na análise deste estudo pertencem a um acervo pessoal *online* usado em grupo de estudos dos estagiários da Gestalt dos alunos da orientadora na décima fase do curso de Psicologia. Para localizar os demais artigos citados, utilizou-se as bases de dados SciELO e LILACS; PePSIC também foi

consultada, porém estava inacessível. Foram usados descritores e palavras-chave como “Gestalt-Terapia” AND “Ajustamento criativo” e “Gestalt Terapia”. Inicialmente, foram lidos resumos, títulos e palavras-chave; posteriormente, alguns artigos foram excluídos por não se adequarem ao tema central. Na segunda etapa, foi realizada a leitura integral de dois artigos que atendiam aos critérios temáticos, além dos demais artigos citados eram de acervo pessoal.

A pesquisa documental é um método que envolve a análise de documentos para obter informações relevantes ao objetivo do estudo (Gil, 1999). Neste, o filme *A Vida é Bela* (1997) é a fonte de pesquisa.

A escolha de uma obra cinematográfica se deu pela crença de que a análise de filmes é uma ferramenta criativa que permite ao pesquisador explorar situações que não seriam acessíveis de outra forma (Campos, 2004). Sob a ótica da GT, o filme foi analisado com o objetivo de identificar momentos em que as categorias a priori, ajustamento criativo funcional e disfuncional, aparecem na narrativa. As categorias a posteriori foram analisadas em conjunto com as categorias pré-estabelecidas, considerando que os fenômenos estão implícitos. Isso inclui: ajustamento criativo funcional, contato, criatividade, agressividade, autorregulação, campo, transcendência e o para si. Quanto ao ajustamento criativo disfuncional, este engloba bloqueio de contato, fantasia, deflexão e neurose. Foram realizados registros de cenas selecionadas com o auxílio de um protocolo-guia conforme descrito no Quadro 1.

Durante a observação do filme, foram anotados os tempos de duração desses recortes, com o intuito de identificar partes que caracterizam os fenômenos estudados. Esses registros e observações das cenas são essenciais para estruturar e conduzir a análise de forma coerente com os objetivos do estudo. Ressalta-se que as categorias a priori não foram subdivididas, pois os fenômenos se entrelaçam na narrativa. No Quadro 1, encontram-se os dados que contribuíram para a elaboração da análise, com a indicação do tempo de início de cada cena, numeradas para facilitar a compreensão.

Quadro 1 – Critérios de análise

CRITÉRIOS DE ANÁLISE: AJUSTAMENTO CRIATIVO FUNCIONAL E AJUSTAMENTO CRIATIVO DISFUNCIONAL		
Tempo (hh:mm)	Cena	Descrição
1:03:00	1	Guido fala para o Filho que estão indo viajar para comemorar o aniversário.
01:05:15	2	O pai explica o jogo para o filho, de um lado mulher de outro homem. Quem ganhar o jogo ganha um prêmio; um tanque de guerra.
01:05:45	3	Guido chegando ao quarto no campo de concentração falando que realizou uma reserva.
01:06:53	4	Guido se propõe a esclarecer as regras quando um soldado solicita alguém que fale alemão. Ele então apresenta as regras do jogo que criou diante de todos os presentes.
01:09:46	5	Guido reclama do peso do trabalho, diz que está cansado e que não aguenta mais, que vai morrer de dor, entretanto diz para o filho que o dia foi incrível ao chegar no quarto.
01:12:36	6	Guido expõe para o filho que riu muito durante o dia e se divertiu, e que mal pode esperar para os jogos do próximo dia.
1:15:24	7	Guido estava carregando objetos pesados quando Giosuè apareceu e perguntou o que ele estava fazendo. Guido, então, improvisou e afirmou que estava construindo um tanque de guerra.
01:19:00	8	Giosuè avista um microfone que se projetava para todo o campo e o utiliza para chamar seu pai. Ele deixa um recado para a mãe, narrando a pontuação que conseguiram e mencionando que sonhou com ela.
01:22:49	9	Giosuè menciona que eles confeccionam botões e sabão, cozinhando todos no forno. Guido comenta que Giosuè caiu na brincadeira, acreditando na história. Ele faz uma analogia com os botões de sua roupa, referindo-se a eles como "pessoas" e rindo. Em tom de brincadeira, ele expressa que já viu fornos a lenha, mas não fornos "humanos", observando que alguns advogados não se "queimam".
01:24:30	10	Giosuè expressa seu desejo de retornar para casa, dizendo: "Chega, papai, quero ir para casa agora." Guido responde afirmativamente, recolhendo suas coisas e simulando que estão prestes a ir embora. Mesmo assim, ele mantém a fantasia e, quando o menino o questiona com descontentamento, continua a interagir de forma lúdica. Ele se despede dos colegas até que Giosuè pede que fiquem.

CRITÉRIOS DE ANÁLISE: AJUSTAMENTO CRIATIVO FUNCIONAL E AJUSTAMENTO CRIATIVO DISFUNCIONAL		
Tempo (hh:mm)	Cena	Descrição
01:31:35	11	Guido instrui todas as crianças a dizerem "obrigado" para evitar que descubram que Giosuè não era alemão. Dessa forma, os soldados não conseguem identificá-lo.
01:38:05	12	Guido fala para o filho dormir, que pode ser que o sonho seja verdade. Diz que de manhã a mamãe vai acordar eles com uma xícara de café e que eles vão fazer amor umas duas ou três vezes, se ele aguentar.
01:40:50	13	Guido pede a Giosuè que se esconda na caixa, explicando que ele não pode ser encontrado para ganhar mais pontos.
01:46:23	14	A caminho da morte Guido olha para o filho na caixa e brinca com os olhos sorrindo.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Foram selecionadas as cenas que melhor evidenciam as categorias estabelecidas para a pesquisa, visando à resolução do objetivo deste trabalho. O quadro serve como base fundamental para compreender melhor a disposição dos conceitos na cinematografia, facilitando a compreensão geral. Ao examinar as cenas tabuladas, é possível identificar semelhanças entre os acontecimentos, as quais são cruciais para a discussão e a conclusão do estudo. Assim, a análise do artigo parte do pressuposto de que o quadro oferece uma representação eficaz e abrangente dos elementos investigados, possibilitando uma interpretação mais clara e fundamentada dos resultados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados da análise fílmica, com base na narrativa e na mensagem transmitida pelo filme, conforme descrito na metodologia. Inicialmente, será exposto um breve resumo do filme para facilitar a compreensão da análise.

Em seguida, as cenas utilizadas na análise são registradas e categorizadas segundo o protocolo-guia. Por fim, realiza-se a análise das cenas sob a perspectiva da Gestalt-terapia.

SINOPSE DO FILME

O filme *A Vida é Bela* (1997) inicia sua história em 1939, na Itália, com a apresentação de Guido, um homem alegre, otimista e um tanto inusitado. Ele é um judeu italiano que trabalha como garçom e usa seu charme e humor para conquistar Dora, uma professora não judia, que está noiva de um político fascista. Apesar das dificuldades e diferenças sociais, Guido conquista o coração de Dora, e estes desenvolvem um relacionamento romântico, repleto de momentos engraçados e afetuosos. Guido é capaz de transformar qualquer situação cotidiana em uma oportunidade para rir e se divertir, mostrando sua criatividade e carisma. Eles se casam e têm um filho, Giosué, e a trajetória da família nos primeiros anos de vida e no desenvolvimento de Giosué é marcada por um tom leve e bem-humorado.

Em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, a família é drasticamente surpreendida quando Guido e Giosué são levados para um campo de concentração após a ocupação nazista na Itália. Ao chegar em casa e não encontrá-los, Dora percebe o que aconteceu e decide ir ao encontro deles, embarcando junto nessa jornada. O contexto do filme muda radicalmente, dando início a uma emocionante história de luta pela sobrevivência.

No campo de concentração, Giosué questiona o pai sobre o motivo de estarem ali. Movido pelo amor paterno e pelo desejo de proteger o filho, Guido usa sua criatividade e imaginação para criar um verdadeiro jogo de fantasia. Ele convence o filho de que estão participando de um grande e complicado jogo de pontos, com o objetivo de protegê-lo do terror, do medo e dos impactos psicológicos da guerra. Guido inventa regras e apresenta os horrores do

campo como desafios que devem ser superados para acumularem pontos. O vencedor, segundo Guido, ganharia um tanque de guerra de verdade (um objeto de paixão para Giosué). Assim, ele inicia uma série de peripécias nesse jogo fictício, criando uma maneira engenhosa de proteger o filho do sofrimento.

O MUNDO AJUSTADO DE GUIDO

De acordo com Berri (2020), o ajustamento criativo pode ser definido como a melhor maneira encontrada pela pessoa para lidar com uma situação específica. Trata-se da capacidade de sobrevivência, da forma que o ser humano encontra para suprir suas necessidades físicas e psicossociais (D'Acri, Lima, & Orgler, 2007). No filme *A Vida é Bela* (1997), Guido se vê em uma situação da qual não pode escapar. Sem a opção de deixar o campo de concentração, ele precisa enfrentar o que lhe foi imposto. Diante disso, faz constantes ajustamentos criativos para proteger seu filho dos horrores da guerra, usando sua imaginação para transformar a experiência em um complexo "jogo de pontos".

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, analisamos as estratégias criativas que Guido utiliza para lidar com a situação e até que ponto esses ajustamentos foram funcionais, bem como o momento em que se tornaram disfuncionais.

Todo ajustamento criativo ocorre a partir do contato que o indivíduo tem com o ambiente externo. Contato para GT, refere-se ao processo de estar plenamente presente e consciente de si mesmo e do ambiente ao redor (Ribeiro, 2016). Trata-se da capacidade de conectar-se com o momento presente, integrando as experiências internas e externas e assimilando-as. Assim, o contato ocorre na fronteira entre o "eu" e o mundo, como um lugar de encontro entre diferenças (Ribeiro, 1997).

O ajustamento criativo surge a partir desse contato, pois a capacidade de adaptação criativa está diretamente ligada à percepção das necessidades próprias e do ambiente ao redor. O contato permite que a pessoa reconheça essas necessidades, encontrando formas inovadoras e adaptativas de lidar com os desafios.

No filme, Guido faz contato com a realidade imposta e, sabendo que não há alternativa de fuga, aceita a situação e utiliza o que tem ao seu alcance: sua criatividade. A necessidade do pai é tornar a dura realidade mais leve e suportável para o filho, usando sua imaginação como ajustamento criativo. Na sequência, analisamos os ajustamentos criativos funcionais presentes na narrativa.

Em uma cena, a casa da família é invadida por soldados, que levam Guido e seu filho Giosué para um trem com destino ao campo de concentração. Quando Giosué pergunta para onde estão indo, Guido responde sorrindo que estão indo em uma viagem para celebrar seu aniversário. Desde o início dessa jornada sombria, Guido recorre à fantasia para proteger o filho, dizendo que a viagem foi planejada por meses e mantida em segredo.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que partes complexas de um sistema funcionam bem quando se ajustam, mudam e crescem criativamente. No filme, essa ideia é ilustrada na maneira como Guido lida com a adversidade do campo de concentração. Para Giosué, a situação torna-se mais leve e divertida devido às adaptações criativas e mudanças promovidas pelo pai.

Ao chegarem ao campo de concentração, Giosué questiona novamente o motivo de estarem ali. Movido pelo amor paternal, Guido explica que estavam participando de um jogo em que o vencedor ganharia um tanque de guerra real, objeto pelo qual Giosué é fascinado. Guido inventa regras e apresenta os horrores do campo como desafios, estabelecendo que o vencedor precisa somar mil pontos e evitar atitudes que possam “desclassificá-lo” do jogo, como chorar, sentir medo ou pedir comida. Giosué, curioso, aceita o jogo e começa a seguir as “regras”.

Cardella (*In*: Frazão & Fukumitsu, 2014) observa que, se não podemos controlar totalmente o que nos acontece, somos livres para escolher como vivenciar essas experiências, dando-lhes significado. No contexto da guerra, Guido não escolheu estar lá com sua família, mas foi responsável pela maneira como viveu a experiência, transformando-a em um jogo com regras e recompensas, usando sua criatividade e humor para reinventar a situação e dar-lhe um novo sentido.

Esse ajustamento criativo resulta do contato de Guido com o momento presente e da consciência de suas necessidades emocionais e das de seu filho. Cardella (*In*: Frazão & Fukumitsu, 2014) complementa que ajustamento criativo não significa ignorar o conhecido ou repetir o tradicional, mas sim reposicionar-se de maneira pessoal e singular, recriando o tradicional.

Em determinado momento, Giosué demonstra hesitação, reclamando do ambiente e do cheiro e dizendo que quer ir embora. Guido responde que, se preferir, podem desistir do jogo, mas assim renunciariam ao prêmio final. Essa atitude do personagem expressa outro conceito da GT: a agressividade como mecanismo de autopreservação e ajustamento criativo (Perls, 1942/2002). Guido adapta-se ativamente aos desafios, respondendo com criatividade às perguntas difíceis de Giosué.

Em outra cena, enquanto trabalha no campo de concentração, Guido carrega objetos pesados e, ao ser questionado por Giosué sobre o que está fazendo, responde que está "construindo um tanque de guerra". Essa explicação é mais uma tentativa de transformar a dura realidade em algo divertido para o filho, preservando sua inocência e bem-estar.

Perls (1942/2002) afirma que é pela agressividade que o indivíduo assume uma postura ativa. Guido, em todo momento, age de forma ousada, proativa e criativa, tomando riscos. Em uma cena, esconde Giosué debaixo de uma lona em um carrinho de mão para

realizar suas tarefas. Ao ver um microfone, corre até ele e envia uma mensagem para Dora, dizendo que estão felizes, acumulando pontos no “jogo” e que sonhou com ela.

É evidente que Guido busca constantemente o bem-estar, o prazer e a harmonia. Ribeiro (2006) afirma que o instrumento de manutenção da vida é a autorregulação, pela qual o organismo procura satisfazer suas necessidades a fim de alcançar bem-estar, prazer e harmonia. Autorregular-se é atender às necessidades que clamam para serem supridas (Ribeiro, 2006). No filme, o personagem demonstra esse movimento de autorregulação repetidamente.

Para que a autorregulação ocorra, é fundamental que o ser humano utilize seu potencial criativo, tornando-se um agente ativo no processo interacional, habitando e realizando-se no mundo (Lima /n: Frazão & Fukumitsu, 2014). Guido utiliza seu potencial criativo, sua agressividade e sua capacidade de autorregulação no ambiente para criar momentos divertidos e favoráveis para seu filho. Em uma cena específica, Giosué está sentado à mesa com crianças alemãs, algo proibido, mas foi convidado por Guido para acompanhá-lo em uma noite em que ele trabalharia como garçom. Quando Giosué recebe um prato da cozinheira e agradece em italiano, sua identidade é quase revelada, pois apenas alemães poderiam falar alemão. Ao perceber a situação, Guido rapidamente ensina a todas as crianças a palavra “obrigada” em italiano, confundindo os soldados e impedindo que descobrissem a presença de um judeu entre eles.

Segundo Frazão e Fukumitsu (2014), para autorregular-se organicamente, a pessoa deve suprir adequadamente suas necessidades, que podem ser múltiplas e simultâneas, exigindo a percepção da necessidade dominante, o que Perls chama de hierarquia de necessidades (*Ibidem*). Em um contexto de guerra, a necessidade dominante de Guido é proteger seu filho. Mesmo após um longo dia de trabalho exaustivo carregando barras de ferro, ele chega ao alojamento sorrindo, conta ao filho que se divertiu durante o dia e que está ansioso pelos jogos do próximo dia.

No que diz respeito ao ajuste criativo, ou seja, viver a vida como um fluxo na interação com os outros e os acontecimentos, apropriando-se e criando novos recursos (Cardella *In*: Frazão & Fukumitsu, 2014), Guido demonstra excelência. Ele abraça a fantasia que criou desde o momento em que chegam ao campo de concentração, afirmando que havia feito uma “reserva” para eles, até o momento em que esconde Giosué em uma caixa para protegê-lo dos tiros, dizendo que, caso saísse, perderia pontos.

A forma que Guido encontrou para lidar com essa realidade, além de proteger seu filho, também representa uma maneira de autopreservação. A fenomenologia sartriana descreve as estruturas do Ser a partir de suas manifestações. Segundo Sartre, o Ser possui duas dimensões: o Em-si e o Para-si. O Em-si é a plenitude, aquilo que é pronto, acabado e fechado (Santos, 2011). O Para-si, por outro lado, está ligado à condição humana e ao movimento de transcendência, pelo qual o ser busca algo além de si, um ideal ou realização que complemente sua existência (*Ibidem*).

Guido realiza constantemente o movimento de transcendência, buscando o bem-estar não apenas para si, mas também para sua família. Mesmo em momentos de exaustão, quando dizia que não suportaria e morreria de dor, ele entrava no quarto com o filho, sorrindo e afirmando que o dia havia sido incrível. O pai arriscava levar o filho para o seu turno de trabalho como garçom, usava o microfone para narrar um jogo imaginário e traduzia o alemão para expor as regras na frente de todos. Colocava sua própria segurança em risco para proteger o filho, garantindo que ele tivesse uma visão mais otimista e cheia de esperança sobre a vida, apesar da situação difícil em que se encontravam. Assim, percebe-se que Guido transcende suas limitações e adversidades para criar uma realidade melhor para o filho, envolvendo-o em uma fantasia.

Perls (s/a) aponta que o pensamento e a fantasia podem ser grandes aliados na busca mental por outras saídas e na construção de novas possibilidades e caminhos (Lima *In*: Frazão, Fukumitsu, 2014).

A fantasia é reconhecida como uma fuga do presente, uma forma de escape da realidade (Perls, 1942/2002). Guido escolhe a fantasia como uma maneira de existir e enfrentar a realidade do campo de concentração, demonstrando um ajustamento criativo ao utilizar os recursos disponíveis para adaptar-se e criar novas formas de enfrentamento.

Perls (1977) disserta que, no “agora,” o indivíduo utiliza as ferramentas disponíveis, obrigando-se a ser criativo. No contexto em que Guido se encontrava, sua solução foi ser criativo e usar o que estava ao seu alcance: a imaginação. Todo comportamento ocorre no campo, o qual afeta diretamente o comportamento do indivíduo (Ribeiro, 2006). Assim, o ambiente em que a pessoa se encontra impacta seu comportamento e seu modo de agir. Ribeiro ainda complementa que todo campo é energético e que essa energia precisa circular livremente. Desse modo, muitas patologias podem ser vistas como disfunções energéticas, uma vez que as pessoas não conseguem lidar com a tensão, a valência e a força dos vetores presentes no campo.

Devido às condições extremas do campo de concentração, o comportamento e o ajustamento de Guido tornam-se disfuncionais. Embora inicialmente os ajustamentos pareçam funcionais, com o desenvolvimento do enredo fica evidente que Guido evita o contato com a realidade. Lidar com o sofrimento e a frustração do filho não se apresenta como uma possibilidade. Esse fato fica explícito na cena em que Giosué comenta que soube que as pessoas eram levadas ao forno e “faziam botões de gente”; Guido ri do que o pequeno fala, afirma que ele é bobo e faz piadas sobre a situação. Entrar em contato com a dura realidade do campo e afetar a inocência do filho não era uma opção para Guido. O mesmo cristalizou seu comportamento na fantasia, bloqueando o contato com o ambiente, criando, assim, um ajustamento criativo disfuncional.

O ajustamento criativo disfuncional é um fenômeno que ocorre na fronteira de contato e está relacionado à incapacidade de se relacionar de forma criativa com o ambiente (Frazão, Fukumitsu, 2015).

Isso se aplicou a Guido, pois, diante das novas demandas do campo de concentração e das perguntas de seu filho, este não encontrou respostas novas, fixando-se em um único comportamento.

O personagem bloqueou o contato com o campo, o que a GT denomina “bloqueio de contato.” Ribeiro (2006) destaca que, no bloqueio de contato, o indivíduo pode buscar argumentos emocionais e integrá-los à sua experiência para se livrar de sensações ou pensamentos insuportáveis, bloqueando conscientemente a sensação de contato interior consigo mesmo. Sem conseguir lidar com essas sensações que o oprimem, procura, dentro ou fora de si, lembranças, emoções antigas, sentimentos, imagens, histórias - qualquer coisa que o ajude a encontrar um equilíbrio. No caso de Guido, o afastamento de seu sofrimento interior pela fantasia revela-se como um instrumento para sua própria sobrevivência.

É evidente o impacto do bloqueio de contato na cena em que Guido, em meio aos tiros, pede ao filho que durma em seu colo, dizendo que ele pode sonhar e que talvez esses sonhos se tornem realidade. Guido promete que, pela manhã, a mãe viria acordá-los com uma xícara de café e que fariam amor duas ou três vezes, se ele aguentasse. Apesar de frágil, esse bloqueio funciona como uma das poucas opções disponíveis para o indivíduo manter um contato tolerável no aqui-e-agora, defendendo-se da dura realidade.

O mecanismo de defesa gerado pelo bloqueio de contato que o personagem utiliza é a deflexão, em sua forma disfuncional. De acordo com Polster e Polster (1979), a deflexão é uma estratégia pela qual as pessoas evitam um contato direto e genuíno com os outros. Em vez de se engajar plenamente na interação, desviam sua atenção ou energia, o que impede uma conexão mais profunda e significativa. Quando alguém deflete, não se permite sentir ou lidar com o que está acontecendo de forma clara e direta. A deflexão é uma das resistências ou perdas da função do “eu”, uma fuga do aqui-e-agora para lembranças ou projeções (Ribeiro, 2006).



Em Guido, a deflexão manifesta-se como fantasia; evita o contato com a realidade, protegendo-se do desconforto de ver o filho em sofrimento. Percebe-se que, além de criar essa fantasia para proteger o filho, o mesmo a usa também como forma de autoproteção. Toda a façanha realizada por Guido cria um ambiente mais leve para o filho, mas também implica uma fuga das emoções e do momento presente. Embora mantenha uma boa conexão com o filho no campo de concentração, essa conexão se constrói sobre a negação do contexto brutal em que vivem, refletindo uma resistência à dor e à frustração. A estratégia de Guido ilustra, assim, a luta interna entre a defesa emocional e a necessidade de um contato verdadeiro com a realidade.

Essas formas de interrupção do contato também podem ser entendidas como mecanismos neuróticos (Perls, 1981 *apud* Berri, 2020). Ao cristalizar suas respostas diante de novas demandas, Guido entra na neurose, caracterizada por diversas formas de evitação, especialmente a evitação do contato (Perls, 1942/2002). A neurose não é uma doença, mas um dos sintomas de estagnação do crescimento e desenvolvimento (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Outros sintomas da estagnação incluem a necessidade de manipular o mundo e controlar a loucura, distorções de caráter, redução do potencial humano, perda da "habilidade de responder" e, acima de tudo, a produção de "lacunas na personalidade" (*Ibidem*, 1997).

Os autores afirmam que, na neurose, frequentemente encontramos rigidez (fixação) ou falta de formação de figuras (repressão). Ambas interferem na completude de uma gestalt adequada (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). A fixação crônica e inconsciente, tratada como realidade, indica neurose. Guido fixou-se tanto na fantasia que esta deixou de ser um processo criativo funcional. O comportamento neurótico também é um hábito aprendido, o resultado de um ajustamento criativo; e, como outros hábitos assimilados, não se entra mais em contato com ele, pois não representa um problema novo.

Peruzzo (2011) ressalta que, em determinado contexto, um ajustamento criativo disfuncional, tão aparentemente prejudicial à saúde do indivíduo, poderia ser saudável se fosse utilizado para preservar a integridade física e psicológica do sujeito, em vez de se tornar uma constante forma de evitação do contato, uma interrupção diária da relação organismo/meio (*Ibidem*).

Considerando que a necessidade do indivíduo em relação ao ambiente determina a qualidade do contato, o sujeito, muitas vezes, está apenas se autorregulando e não bloqueando uma necessidade emergente (Ribeiro, 2006). Dessa forma, o bloqueio de contato pode funcionar como uma estratégia para que a pessoa se ajuste, ainda que de forma precária, às experiências em seu contexto relacional. Essa perspectiva sugere que o ato de bloquear não é apenas uma rejeição, mas uma tentativa de adaptação às complexidades das interações e vivências pessoais (*Ibidem*).

Observa-se esse movimento no enredo de *A Vida é Bela*. Embora Guido tenha realizado diversos ajustamentos criativos de forma funcional, em determinado momento, devido ao contexto do campo de concentração, o mesmo cristalizou seu comportamento e entrou em um estado de neurose, o que, conforme mencionado, resultou na perda de criatividade em suas respostas. Em situações de emergência, precisamos organizar uma defesa, recorrendo a um repertório de comportamentos de proteção (Schillings *In*: Frazão, Fukumitsu, 2014). Se a emergência persiste, o comportamento de proteção também persiste, sendo essa a melhor resposta para a situação em curso (*Ibidem*). Guido utiliza a fantasia como forma de proteger o filho e a si mesmo da realidade do Holocausto, como o contexto do campo não muda, a proteção fantasiosa persiste até o fim.

O personagem cristalizou-se em uma única resposta, o que tornou seu ajustamento disfuncional, pois deixou de ser criativo. Sua estratégia de desvio, embora disfuncional, reflete uma tentativa de adaptação às circunstâncias extremas em que se encontra, evidenciando sua luta para proteger o filho e manter uma realidade mais suportável em meio ao caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta análise fílmica, foi possível alcançar o objetivo da pesquisa, que era examinar os ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais do personagem principal ao longo da narrativa. Os resultados revelam a interação entre criatividade, adaptação e sobrevivência em situações desafiadoras. Observa-se o pai utilizando seu potencial criativo para se ajustar ao novo ambiente hostil, o Holocausto. Ele recorre à imaginação para criar um jogo de pontos fictício, oferecendo um grande prêmio ao vencedor: um tanque de guerra. Por meio dessa fantasia, Guido encontra uma forma de sobreviver naquele ambiente adverso. Ainda que o mundo imaginário criado por ele também sirva à sua própria sobrevivência, destaca-se o movimento de transcendência presente no enredo.

Todos os ajustamentos do personagem resultam do amor que sente pela família; proteger a inocência do filho e garantir o bem-estar dele são sua prioridade. Mesmo quando se sentia exausto, Guido colocava sua própria vida em risco para ver o filho bem. O personagem ultrapassa seus limites, transcende por sua família, ergue-se e adapta-se com os recursos disponíveis no momento, independentemente das consequências.

Em suma, a criatividade e os ajustamentos criativos de Guido foram fundamentais para sua sobrevivência naquela nova realidade. Diante disso, é importante destacar como o ajustamento criativo e a capacidade adaptativa são ferramentas eficazes para que indivíduos se adaptem a novos contextos de forma a evitar o adoecimento. Vale lembrar que cada indivíduo realiza seus próprios ajustamentos, de acordo com suas experiências pessoais.

No entanto, o estudo também ressalta a importância de ajustar-se criativamente de forma constante, pois a cristalização de um comportamento, a ausência de novas respostas diante de

novas situações, pode se tornar prejudicial, configurando-se como um ajustamento criativo disfuncional. À medida que a situação no campo de concentração se agrava, a recusa de Guido em confrontar a realidade torna-se evidente. Ele deixa de se adaptar às novas demandas que surgem no campo. Enfrentar a frustração do filho e lidar com a realidade como ela era não foi uma possibilidade para o personagem, o que revela como a negação pode transformar-se em uma armadilha, limitando a capacidade de adaptação e levando o indivíduo a um estado de neurose.

O estudo da psicologia, em seus diversos contextos, explora o equilíbrio do sujeito em suas polaridades funcionais e disfuncionais, visando manter o indivíduo em um estado de ajustamento criativo funcional, evitando o adoecimento. O corpo se ajusta como pode e, ainda que disfuncional, uma doença também é uma forma que o sujeito encontra para se adequar ao campo em que está inserido.

Compreende-se que a habilidade de se ajustar criativamente é crucial para o bem-estar e a eficácia em diversos contextos, enriquecendo tanto a vida individual quanto as interações sociais. Em última análise, essa reflexão não apenas ilumina a jornada da família, mas também serve como um lembrete poderoso da importância do ajustamento criativo em nossas próprias vidas. Em um mundo em constante transformação, a capacidade de adaptação e reinvenção é essencial para a sobrevivência e o bem-estar.

O desafio desta análise reside em explorar a beleza e a profundidade de um filme repleto de cenas tocantes, em que um pai, constantemente dedicado ao bem-estar do filho, se coloca em segundo plano. É uma narrativa que encanta e comove, evocando sentimentos de amor e proteção. No entanto, ao olharmos mais de perto, percebemos a complexidade e a disfuncionalidade que se escondem por trás dessa beleza.

A cinematografia nos apresenta uma história que, à primeira vista, é envolta em emoção e ternura, mas, ao mergulharmos em suas camadas, encontramos a disfunção que se instala na vida de Guido, exacerbada pelas circunstâncias do campo. Esta análise nos convida a refletir sobre a dualidade da experiência humana: como a busca por preservar a inocência e o bem-estar pode, ao mesmo tempo, levar a uma desconexão da realidade. É um lembrete de que, mesmo nas narrativas mais comoventes, há um subtexto de complexidade e dor que merece ser explorado.

Por fim, a análise nos possibilita examinar os ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais vivenciados além do filme. À primeira vista, algo que parece saudável pode, na verdade, ser um movimento descompensado em busca de sobrevivência. No entanto, ao analisarmos de modo mais profundo, percebemos que muitas tentativas de autorregulação podem acabar desconectando o sujeito da realidade e contribuindo para seu adoecimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças**: teoria e prática. Editora Livro Pleno. São Paulo, 2005. *Ebook*.

BERRI, Bruna. A esperança como ajustamento criativo: reflexões dos processos de saúde, doença e morte em gestalt terapia. **Rev. Abordagem gestalt**. Goiânia, vol. 26 n. 3, p. 353-357, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v26n3/v26n3a11.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2024.

CAMPOS, Claudinei Jose Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm**. Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, Out. 2004.

CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de; SOUZA, Maria Abigail de. Efeitos da agressividade infantil para o sofrimento psíquico de professores em diferentes momentos de carreira. **Estudos de Psicologia**, São Paulo, p. 266, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/epsic/a/m7z8YK3wzpRzXKRjtY5mBkL/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Para%20Winnicott%20\(1939%2F1987\),carregam%20o%20desejo%20de%20ferir](https://www.scielo.br/j/epsic/a/m7z8YK3wzpRzXKRjtY5mBkL/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Para%20Winnicott%20(1939%2F1987),carregam%20o%20desejo%20de%20ferir). Acesso em: 10 ago. 2024.

CERVO, Amado Luiz; BERIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Makron Books, 2007. *Ebook*.

COOPER, Donald R; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: AMGH, 2016. *Ebook*.

D'ACRI, Gladyz; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia- Gestaltês**. São Paulo: Summus, 2007. *Ebook*.

DE ALMEIDA, Josiane Maria Tiago. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 2, p. 218, 2010. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n2/v16n2a12.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Enfrentando crises e fechando gestalten**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2020. *Ebook*.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia** [recurso eletrônico]. São Paulo: Summus, 2015. *Ebook*.

FRAZÃO, M. Lilian; FUKUMITSU, O. Karina; **Gestalt-Terapia Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. *Ebook*.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017. *Ebook*.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. *Ebook*.

GONZAGA, Bento Matias F. Cinema e Fenomenologia: sentidos e sentimentos. **Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)**, Campina Grande PB 2013, v. 1, p. 5, 2013. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2013_1434328968.pdf Acesso em: 10 jul. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010. *Ebook*.

MOREIRA, Virginia. A Gestalt-Terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa São Enfoques Fenomenológicos. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. São Paulo, 2009. *Ebook*.

PERLS, Frederick Salomon. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria do método de Freud. 3 ed. [tradução George D. J. Bloc Boris]. São Paulo: Summus, 2002. (Obra original publicada em 1942). *Ebook*.

PERLS, Frederick Salomon. Gestalt-terapia explicada. **Compilação de edição da obra original de John O. Stevens**; tradução de George Schlesinger. São Paulo: Summus, 1977. *Ebook*.

PERLS, Frederick Salomon; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo; Summus, 1997. *Ebook*.

PERUZZO, Gisele. Os ajustamentos criativos no desenvolvimento infantil: uma revisão gestáltica. **Revista Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 6-18, 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/IGTnarede/2011/vol8/no15/11.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-Terapia Integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979. *Ebook*.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-Mécum de Gestal-Terapia**: conceitos básicos. 3 ed. São Paulo: Summus, 2016. - São Paulo: Summus, 2006. *Ebook*.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997. *Ebook*.

SANTOS, Tiago Soares dos. Intersubjetividade em Sartre: O Para-si e o Para-outro. **Trilhas filosóficas**, Caicó, ano IV, n. 2, p. 50, 2011. *Ebook*.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: Antologia. 1ª Edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. *Ebook*.

YONTEF, Gari (1998). **Processo, Diálogo e Awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus. *Ebook*.

ZINKER, Joseph C. **A Busca de elegância em Psicoterapia**. São Paulo: Summus, 2000.



3

*Jéssica Eccher Rabelo
Simoni Urnau Bonfiglio*

UM CORPO VIOLADO:
A TRAJETÓRIA EXISTENCIAL
NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO
À LUZ DA GESTALT-TERAPIA NO FILME
A COR PÚRPURA



RESUMO:

O presente artigo aborda a temática da violência sexual na infância e/ou adolescência, analisando a trajetória existencial da protagonista Celie, do filme *A Cor Púrpura* (1985), sob a perspectiva da Gestalt-terapia. A pesquisa explora como essa violência afeta o desenvolvimento emocional e relacional das vítimas, resultando em consequências que se prolongam na vida adulta. O objetivo é compreender o processo de resignificação dessa violência sexual por meio da trajetória de Celie, que embarca em uma jornada de reconexão com sua essência, destacando a importância da rede de apoio nesse processo. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, tendo como base a análise fílmica da obra. O estudo adota títulos alternativos para representar os tópicos estruturais da produção, como "Ecoa no vale do meu ser" para a introdução, "Meu grito solitário" para a fundamentação teórica, "Há! meu grito" para os procedimentos metodológicos, "Grito de liberdade" para a análise de dados e "O grito que se fez ouvir" para as considerações finais. Os resultados apontam que, ao longo da narrativa, a protagonista desenvolve bloqueios emocionais disfuncionais em resposta à violência sofrida. Conclui-se que, com apoio adequado, é possível romper padrões disfuncionais e reconstruir a identidade fragmentada, destacando a importância da rede de apoio e da psicoterapia para as vítimas, ajudando-as a resignificar seu passado e promover uma transformação existencial e emocional.

Palavras-chave: Violência sexual; Psicoterapia; Rede de apoio; Resignificação; Gestalt-terapia.

ABSTRACT:

*This article addresses the theme of sexual violence in childhood and/or adolescence by examining the existential journey of the protagonist Celie in the film *The Color Purple*, from the perspective of Gestalt therapy. The research explores how such violence impacts the emotional and relational development of victims, resulting in consequences that extend into adulthood. The objective is to understand the process of re-signifying this sexual violence through Celie's journey, as she embarks on a path to reconnect with her essence, highlighting the importance of a support network in this process. The methodology is qualitative, based on film analysis. The study adopts alternative titles to represent the structural topics of the production, such as "Echo in the Valley of My Being" for the introduction, "My Solitary Cry" for the theoretical framework, "Ah! My Cry" for the methodological procedures, "Cry of Freedom" for the data analysis, and "The Cry That Was Heard" for the final considerations. The results indicate that, throughout the narrative, the protagonist develops dysfunctional emotional blocks in response to the violence experienced. It concludes that, with adequate support, it is possible to break dysfunctional patterns and rebuild fragmented identity, underscoring the importance of a support network and psychotherapy for victims, helping them re-signify their past and fostering an existential and emotional transformation.*

Keywords: *Sexual violence; Psychotherapy; Support network; Resignification; Gestalt therapy.*

Ecoa no vale do meu ser

Pedimos licença ao caro leitor para iniciar este trabalho com um poema de José Wanderlei Resende (1995), para elucidar e adentrar este tema, tão importante e sensível: a violência sexual.

Ecoa no vale do meu ser um grito mudo que não conseguiu rasgar o canyon da minha alma.

Ele se cala quando te vejo e mergulho
silente no mar da tua íris.

Morre sempre na garganta quando quero
expressar meu pensamento de justiça, quando
tento dizer o que não é para ser dito.

Ah! Meu grito, que reprimo com um nó de
enforcado, meu grito que vagueia pelos céus, como
pássaro sem asa, como bússola sem norte.

Meu grito ficou mudo como quem caiu num poço.

Meu grito é silente e solitário; não se expressa,
não se queixa e morre de mágoa de não se
fazer ouvir como num pesadelo mortal.

Ah! Meu grito paralítico, sem ruído, que
morre no silêncio em sepulcro vivo.

Meu grito em desamor, canto solitário,
que não se fez ouvir.

O poema Grito mudo, na interpretação da acadêmica, é carregado de emoção e simbolismo, expressando em seus versos a luta interna e dor emocional, representando a ferida existencial que se abre diante da violência sexual sofrida. Nesse sentido, em diálogo com a interpretação do poema, a obra cinematográfica *A Cor Púrpura* (1985), escolhida para análise da pesquisa, aborda a temática da violência sexual na infância e/ou adolescência, que é representada, no filme, pela protagonista Celie.

No filme, Celie sofre abuso sexual de seu pai, expressando, assim, o que algumas crianças e/ou adolescentes vivenciam todos os dias na vida real. Os casos de violência sexual ocorrem, em sua grande maioria, dentro do próprio lar, sendo cometidos por pessoas próximas às vítimas, geralmente alguém de confiança, o que dificulta a descoberta. O abuso, muitas vezes, deixa como marca o sentimento de medo e culpa nas vítimas, prolongando o silêncio sobre o crime cometido, sendo demonstrado no poema de José Wanderlei Resende quando o autor menciona o grito que “se cala quando te vejo e mergulho silente no mar da tua íris”, em razão do medo e culpa que as vítimas carregam.

Marques, Amparo e Faleiros (*In*: Penso; Costa, 2008) ressaltam que o abuso sexual domiciliar se tratar de um relacionamento interpessoal sexualizado, privado, de dominação perversa, mantido em silêncio e em segredo. Diante dessa afirmação, faz-se necessário um adendo ao poema *O Grito Mudo*, que aborda justamente a repressão emocional e o silêncio imposto pelo trauma do abuso vivido. Esse silêncio é representado em um dos versos como o “grito preso na garganta,” incapaz de expressar a dor e a injustiça, refletindo a dificuldade que as vítimas enfrentam para romper o silêncio em torno do abuso, especialmente quando o abusador é alguém tão próximo.

As vítimas dessa violência podem carregar esses sentimentos por muitos anos por não terem uma rede de apoio, como o autor expressa em seu poema ao dizer: “Meu grito é silente e solitário; não se expressa, não se queixa e morre de mágoa de não se fazer ouvir como num pesadelo mortal” (Resende, 1995). A maioria das pessoas que são vítimas desses abusos procura ajuda psicológica anos depois. As consequências desses abusos vão além da violência física, sendo os danos psicológicos os que causam maior impacto na vida das vítimas, podendo persistir por anos, caso não sejam trabalhados no processo psicoterapêutico (Cattani, 2008).

Os sintomas advindos do abuso sexual podem gerar graves danos emocionais e sociais, que, conforme indica o poema no início da seção, são reprimidos “com um nó de enforcado, que ecoa no vale do Ser, como um grito mudo que não conseguiu rasgar o canyon da alma” (Resende, 1995). Questões emocionais e dificuldades sociais têm sido associadas a eventos traumáticos que ocorreram na infância e/ou adolescência, podendo afetar a autoestima, dificultar o desenvolvimento e, inclusive, naturalizar comportamentos violentos (Unicef, 2017).

A Gestalt-terapia pode ser importante nesses casos, especialmente para adultos vítimas de violência sexual na infância e/ou adolescência, pois, no processo psicoterapêutico, torna-se possível o encontro do adulto com sua criança interior, entrando em contato com sentimentos e sensações silenciados pela vítima, o que, no poema, pode ser interpretado como o “grito que ficou mudo como quem caiu num poço” (Resende, 1995). A psicoterapia pode trazer à tona esses sentimentos e sensações, evidenciando as consequências das experiências traumáticas que reverberam nas dificuldades atuais (Cukier, 1998). Nesse processo, o cliente, por meio da *awareness*¹, entra em contato consigo mesmo, possibilitando a ressignificação da vivência passada. Assim, pode-se entender quando o poeta menciona o “grito preso em sepulcro vivo” (Resende, 1995) como uma chamada para que essas vítimas busquem a ressignificação e a libertação emocional desse passado, que de algum modo pode se presentificar no aqui e agora.

Diante das contextualizações estabelecidas até o momento, a pesquisa visa auxiliar no esclarecimento de informações em relação à gravidade da temática, bem como à sensibilização e conscientização

1 *Awareness* refere-se à habilidade de tomar consciência do que acontece internamente e externamente no momento presente, abrangendo aspectos corporais, mentais e emocionais. Trata-se da capacidade de perceber, ao mesmo tempo, o ambiente ao redor e o próprio mundo interno, utilizando recursos perceptivos e emocionais (Perls; Hefferline; Goodman, 1997, p. 10).

da sociedade. Deste modo poderá levar tal conhecimento de forma clara, oferecendo uma percepção relevante para a prática clínica, contribuindo cientificamente a todos que tiverem acesso ao artigo, pois ainda nos dias atuais é pouco discutido, ficando evidente no verso em que o autor do poema traz ser um “grito solitário, que não se fez ouvir” (Resende, 1995).

Conforme mencionado no início da seção, para contribuir com o debate do tema, no campo em análise, fez-se uso da obra cinematográfica *A Cor Púrpura* (1985). A principal fonte para a análise é a trajetória existencial da protagonista Celie. A escolha deu-se pelo fato de a acadêmica acreditar que a personagem retrata, ao longo do filme, as questões visadas no objetivo geral, explanando os possíveis danos emocionais e sociais que podem surgir após a violência sexual, olhando para a relevância de uma rede de apoio no processo da ressignificação dessa experiência traumática na vida adulta. Toledo (2007) aponta que a cinematografia deve ser o retrato de algumas temáticas sociais, estimulando desse modo reflexões sobre temas, expressando simbolismos e, até mesmo, trazendo sensações de alívio frente aos dilemas de contextos coletivos ou individuais.

A pesquisa teve como fonte norteadora a Gestalt-terapia. Caracteriza-se de natureza básica, como método qualitativo e, quanto ao objetivo, a investigação é descritiva. Para o procedimento de coleta de dados, utilizou-se a pesquisa documental, com base na análise fílmica da obra já mencionada. O objetivo principal é compreender a trajetória existencial do adulto vítima da violência sexual na infância e/ou adolescência a luz da Gestalt-terapia por meio do filme. Quanto aos objetivos secundários são: a) analisar a relevância de uma rede de apoio na ressignificação da experiência traumática vivida; b) indicar as consequências emocionais e sociais que as vítimas de violência sexual na infância e/ou adolescência podem desenvolver na vida adulta e; c) Contribuir para que haja uma maior compreensão e fomento do tema dentro da psicologia e na sociedade. Por meio desses objetivos, acredita-se que poderá

ser levantada, a questão em torno da importância de uma rede de apoio para as vítimas dessa violência, pois este fenômeno impacta não apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo, demandando uma compreensão aprofundada de suas implicações.

Por fim, cabe ressaltar que o estudo adota títulos alternativos ao representar os tópicos estruturais da produção, sendo a introdução intitulada como 'Ecoa no vale do meu ser', a fundamentação teórica como 'Meu grito solitário', os procedimentos metodológicos como 'Há! meu grito', a análise de dados como 'Grito de liberdade' e as considerações finais como 'O grito que se fez ouvir'.

MEU GRITO SOLITÁRIO

A pesquisa em questão adentrará em temas relacionados às consequências emocionais e sociais que podem surgir na vida adulta após a vivência de violência sexual na infância e/ou adolescência, assim como a importância de uma rede de apoio, como a psicoterapia, que é fundamental para ressignificar essa experiência traumática. Para abordar essas questões, os entendimentos serão expostos com base na Gestalt-terapia, com um olhar sobre a violência sofrida pela criança e/ou adolescente, bem como sobre a transição dessa criança para a vida adulta e Ser no mundo.

Segundo Foucault (2015), a violência caracteriza-se por uma relação de forças desiguais, configurando uma relação de poder em que o mais forte subjuga, explora e domina o mais fraco. De acordo com Batista (2009), o abuso sexual infantil (ASI) é uma das formas de violência mais prejudiciais ao desenvolvimento de crianças e/ou adolescentes. Assim, essa violência representa um grave problema a ser enfrentado por todos os envolvidos. A violência sexual contra crianças e/ou adolescentes sempre existiu ao longo da história.

Blanchard (1996 *apud* Pereira; Andrade; Franco, 2022) esclarece que, antes da década de 1950, a sexualidade era considerada um tabu, e poucas pesquisas eram realizadas sobre o tema.

Contextualizando sobre o papel da criança na sociedade, muitas mudanças ocorreram ao longo da história, iniciando no período medieval. Naquela época, crianças eram vistas como “adultos em miniatura” (Cirino, 2001, p. 36), sem uma noção de cuidado ou reconhecimento de individualidade. No século XVIII, essa percepção começou a mudar, separando o mundo adulto do infantil (Arriès, 1981) e fazendo com que a criança fosse vista como alguém que precisa de amparo. Segundo Aguiar (2005, p. 172), surge, então, o “sentimento de família,” que assume um papel afetivo e protetor sobre a criança.

A família é uma totalidade composta por outras totalidades, em que as pessoas interagem e se afetam mutuamente, buscando autorregulação nesse contexto. O comportamento de cada membro está interligado e depende dos demais. Lino (2009) considera a família como uma instituição de afetos, sentimentos e amor, responsável pela sobrevivência, desenvolvimento e proteção de seus membros, independentemente do arranjo familiar.

As primeiras experiências da criança ocorrem no ambiente familiar, formando seus primeiros sentimentos e influenciando a identidade e o comportamento no mundo. Antony (2006, p. 2) ressalta que “a criança em desenvolvimento é fruto das influências ambientais (sociais, culturais), da aleatoriedade dos acontecimentos e das potencialidades inatas herdadas”.

Para a Gestalt-terapia, a criança é vista como alguém em constante crescimento e desenvolvimento, integrando suas experiências ao seu mundo interno e reconhecendo a importância do ambiente familiar e social em sua formação. Esse sujeito é considerado uma totalidade, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos (Aguiar, 2005). Essa visão holística visa promover

um ambiente de compreensão, aceitação e apoio para um desenvolvimento equilibrado do *self*, permitindo ao indivíduo lidar de forma saudável com suas experiências e vivências, evitando ajustamentos disfuncionais (Frazão, 1996).

Na Gestalt-terapia, o ser humano é visto como Ser de contato e de trocas, desenvolvendo-se por meio de encontros e desencontros com outras pessoas. A abordagem fundamenta-se em pressupostos filosóficos do humanismo, existencialismo e fenomenologia, além de teorias como a teoria de campo e a holística organísmica (Ribeiro, 2012). Nesse contato com o mundo, atualizamos e descobrimos potencialidades e limites, buscando um equilíbrio em nossa relação com o mundo conforme a autorregulação organísmica, regida pelo princípio homeostático (Aguiar, 2005).

Assim, lidamos com os acontecimentos em nossas vidas ajustando-nos criativamente aos conflitos internos e às situações externas. Diante de experiências traumáticas, no entanto, esse ajustamento ocorre de forma disfuncional, levando à cristalização de comportamentos e ao adoecimento emocional (Zinker, 2007).

A violência sexual na infância e/ou adolescência é uma experiência traumática (Lira *et al.*, 2017) para a qual a vítima, em razão da idade ou da proximidade com o agressor, pode não estar preparada para compreender, gerando sentimentos de medo e culpa que perduram até a vida adulta (Sánchez, 1995). Em muitos casos, a falta de uma rede de apoio agrava a situação da vítima, que muitas vezes carrega esse sofrimento em silêncio após ser julgada ou desacreditada. Oaklander (1980) afirma que, durante a infância, a fronteira de contato é frágil, e a criança pode introjetar visões negativas de Si mesma, o que pode prejudicar sua autoestima e dificultar seu contato com o mundo.

Batista e Weber (*In*: Marra; Costa; Lordello, 2024) destacam que a maioria dos casos de violência sexual contra crianças e/ou adolescentes ocorre no próprio lar, envolvendo pessoas conhecidas, o que desafia a crença de que o ambiente doméstico é seguro.

No Brasil, estima-se que menos de 10% dos casos de abuso sejam denunciados (Ribeiro; Ferriani; Reis, 2004). A falta de denúncias e o vínculo familiar tornam os dados inacessíveis, pois, em 80% dos casos, o abuso é domiciliar e, em 90% deles, não deixa marcas físicas visíveis, exceto o medo e a culpa (Leite *In*: Williams; Araújo, 2009).

Furniss (1993) afirma que o sentimento de culpa frequentemente resulta da condenação que a criança sofre, muitas vezes por seus próprios pais e familiares, que, em vez de protegê-la, julgam-na mentirosa e responsável pela destruição do lar. O sofrimento gerado leva a ajustamentos disfuncionais, resultando em sintomas como manifestações psicossomáticas, baixa autoestima, distúrbios alimentares, dificuldades de sono, isolamento e outros transtornos que impactam negativamente a vida emocional e social da vítima (Almeida; Antony, 2018). Sobre os conflitos psíquicos, Ribeiro (2006) destaca que a doença mental pode ser uma forma desesperada de expressão por meio da dor, quando o intelecto já não encontra respostas adequadas para suas necessidades.

As situações inacabadas são experiências do passado que não foram completamente processadas pelo indivíduo (Perls, 1997), resultando em sentimentos, pensamentos ou emoções não resolvidas que afetam o indivíduo no presente. Em casos de abuso, essas experiências podem estar relacionadas ao pacto de silêncio para manter a integridade familiar, ligado ao sentimento de culpa e medo que podem estar presentes nas vítimas, pois não tiveram suas necessidades atendidas na infância e/ou adolescência.

Desse modo, esse indivíduo busca ajuda psicoterapêutica já na sua fase adulta, com o intuito de se compreender. Aguiar (2005) salienta que, apesar de o homem ser um constante vir-a-ser, quando procura a psicoterapia, é porque se encontra rígido nesse fluir, de maneira que se cristalizou em alguns padrões que não são saudáveis. Sua capacidade de autorregulação orgânica encontra-se prejudicada por não ter consciência de suas necessidades e dos significados de Ser no mundo.

Esses sintomas são o que, na maioria das vezes, levam as vítimas a buscar a psicoterapia, sem perceber que a violência sofrida no passado é a causadora desses conflitos e dificuldades que vivenciam no presente. Os sintomas não são apenas manifestações isoladas, mas também expressões do modo como uma pessoa se relaciona com o mundo ao seu redor. Em outras palavras, os sintomas podem refletir aspectos mais profundos da experiência vivida e da inserção do indivíduo no mundo. De acordo com Merleau-Ponty (1996), o campo fenomenal da experiência vivida e da inserção no mundo é aquele que dá sentido à existência de certos fatos isolados.

Os sintomas não devem ser vistos apenas como fenômenos isolados, mas sim como expressões do modo como uma pessoa se relaciona com o mundo e dá sentido à sua existência. É importante lembrar que esse indivíduo passou na infância e/ou adolescência por uma forte vivência de violação e ausência de respeito, além de experiências de abuso de confiança e poder. De acordo com Perls (1997), o passado é passado, mas ainda assim carregamos partes dele no presente, em nosso Ser. No entanto, isso acontece apenas na medida em que trazemos conosco situações que permanecem inacabadas.

Essa situação inacabada só pode ser encerrada a partir do momento em que o indivíduo entra em contato consigo mesmo e com sua experiência vivida, passando a tomar consciência do que o afeta no aqui e agora. Para Ribeiro (2012), o aqui-agora encerra tudo aquilo de que o sujeito precisa para se guiar na reestruturação e fortalecimento do seu campo perceptivo-existencial.

Com o auxílio da psicoterapia, como fonte de rede de apoio para essas vítimas, é possível ter a ressignificação dessa vivência traumática do passado. Assim, ao tomar consciência desse passado doloroso, velado dentro de Si pelo silêncio mórbido, que afeta o Ser diretamente no momento presente, a psicoterapia torna-se a base nesse processo de ressignificação, possibilitando a esse indivíduo um novo olhar sobre a situação e a experiência, a partir do momento

presente. Isso significa que a pessoa pode reconstruir o significado da experiência passada, alterando a forma como é percebida e compreendida no momento presente (Ginger; Ginger, 1995).

Cada pessoa carrega consigo o que Da Silva (2019, p. 172) chama de "criança interior", representando as experiências, emoções e necessidades não atendidas da infância. A mesma continua a influenciar o comportamento e as reações emocionais do adulto (*Ibidem*, 2019). Esse encontro pode ser um recurso a ser utilizado com as vítimas, de modo a facilitar essa compreensão, já que possibilita o reencontro com as necessidades que não foram atendidas na infância e/ou adolescência, proporcionando a cura dessas feridas emocionais e uma maior compreensão de Si no processo de psicoterapia, permitindo a ressignificação dessa vivência passada.

Como possível rede de apoio, o processo de psicoterapia pode abrir para esse indivíduo a oportunidade de reconhecer e entrar em contato com sua criança interior, possibilitando a cura de feridas emocionais, a resolução de conflitos internos e o desenvolvimento de uma maior compreensão de Si mesmo, permitindo o fechamento de *gestalten*. Nessa direção, uma gestalt aberta representa uma experiência inacabada, um ciclo que não se fecha, uma experiência que não se configura como um todo percebido, pois lhe falta uma harmonia interna (Ribeiro, 2019).

O fechamento de uma gestalt aberta, que por muito tempo causou o sofrimento de um Ser, possibilita a esse indivíduo entrar em contato consigo mesmo, gerando uma melhora significativa em sua saúde emocional, o que refletirá em sua vida social, pela geração de bem-estar e saúde. Desse modo, optou-se por finalizar a seção com a afirmação de Ribeiro, que ressalta: "Então, cura é Acreditar, com A maiúsculo, em nosso sábio e, portanto, em nós mesmos e, como decorrência lógica, acreditar no Outro e no Mundo" (Ribeiro, 1998, p. 57).

A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa.

HÁ! MEU GRITO

Este artigo se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica, a qual busca preencher lacunas no conhecimento e aprofundar o entendimento sobre a temática abordada. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa básica busca gerar novos conhecimentos que possam ser aplicados em situações futuras, contribuindo para o avanço da ciência.

Optou-se pelo método qualitativo pois, conforme Cooper e Schindler (2016), engloba um conjunto de técnicas interpretativas. Desse modo, são utilizadas para descrever, decodificar e compreender o significado de determinados fenômenos, ao invés de simplesmente medir sua frequência. A mesma é indicada quando o foco é explorar aspectos subjetivos e profundos de uma questão, fornecendo uma descrição detalhada e rica.

O objetivo do estudo é descritivo, o que significa que a pesquisa se propõe a fornecer uma definição dos fenômenos observados. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), este é pertinente quando se busca mapear características de uma população ou fenômeno, permitindo a correlação entre variáveis e a compreensão do contexto em que os fatos ocorrem.

Quanto ao procedimento técnico para coleta de dados, utilizou-se o documental, baseado em análise fílmica da obra *A Cor Púrpura* (1985), conforme já mencionado. A característica desse tipo de procedimento é de que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, podendo ser realizada no momento em que o fato ocorreu ou posterior (Marconi; Lakatos, 2010).

Desse modo, para o auxílio de referencial teórico foram selecionados artigos, com base nas palavras chaves deste estudo, sendo encontrados nas bases de dados PePsic, Redalyc, SciELO e IGT.

Para Vanoye e Goliot-Lété (2008), a análise fílmica significa antes de tudo, no sentido científico, a suspensão em seus elementos constituintes. Considerando que o filme é composto por um todo, que está desmontando, desarticulando, extraindo, destacando e nomeando materiais que não podem ser percebidos isoladamente a olho nu. A análise cinematográfica envolve, então, fazer conexões entre elementos isolados e compreender como esses se relacionam para formar um todo significativo.

Nesse sentido, foi definido como forma de instrumento, a análise fílmica, por ser a cinematografia, uma das expressões visuais mais claras da atualidade, tanto para o entretenimento quanto para a expansão de ideias e emoções (Franco *et al.*, 2017). Desse modo, foram selecionados quatro filmes, sendo: "A Cor Púrpura, Preciosa, O conto e Graças a Deus. Dessas quatro obras, foram assistidos os trailers das obras, descartando duas pois não abarcavam elementos para o prosseguimento da pesquisa. Desse modo foram selecionadas duas, pois se aproximavam mais dos fenômenos a serem estudados *Preciosa* e *A Cor Púrpura*, os quais foram assistidos e, então, a partir desse procedimento, apenas um foi elencado para a elaboração da pesquisa, por se aproximar mais dos objetivos da pesquisa. Assim, foi desenvolvida a análise da narrativa, sendo necessário a visualização repetida do mesmo, até serem extraídas as informações para o desenvolvimento.

O passo seguinte foi definir cenas do filme com base nos critérios *a priori* do artigo, sendo: a) abuso sexual na infância e/ou adolescência, b) rede de apoio; c) resignificação. As informações foram organizadas em um protocolo guia, com o intuito de facilitar a análise dos dados, de maneira a permitir a observação detalhada de momentos específicos da narrativa, também com base em critérios definidos *a priori* e *a posteriori*.

No que se refere às categorias *a posteriori*, ressalta-se que as mesmas serão analisadas juntamente com as categorias pré-estabelecidas, não sendo necessário uma separação, levando-se em conta que os fenômenos se encontram implícitos. A isso, cita-se: violência sexual – *self*; ajustamento disfuncional; bloqueios de contato. Rede de apoio – heterossuporte; autossuporte. Ressignificação – autorregulação orgânica; contato; *awareness*. Cada cena foi identificada pelo tempo exato de sua ocorrência no filme, permitindo uma referência precisa. As cenas estão enumeradas sequencialmente e cada uma é associada a um critério *a priori* que orienta a escolha.

Além disso, cada cena possui uma indicação escrita brevemente para contextualizar o conteúdo e a relevância da escolha das mesmas. Esse método de organização auxiliou na análise sistemática das cenas e sua conexão com os temas principais do artigo, sendo um facilitador para analisar as cenas agrupadas. Para melhor expor, abaixo segue quadro 1, do protocolo guia apresentando o que foi descrito no parágrafo anterior, utilizado para desenvolver a análise cinematográfica.

Quadro 1 - Análise das cenas com base nas categorias *a priori*

Protocolo guia: seleção de cenas do filme <i>A Cor Púrpura</i> para análise.			
Tempo (hh:mm:ss)	Cena	Categorias <i>a priori</i>	Indicação de cena
01:10	1	Violência sexual	Celie grávida, fruto dos abusos do padrasto.
05:07	2	Violência sexual	Celie com 14 anos revela a Deus os abusos.
10:27	3	Violência sexual	Celie sofre violência sexual do marido Albert.
18:53	4	Rede de apoio	Nettie dá suporte a Celie.
27:03:00	5	Rede de apoio	As irmãs acordam para escrever uma para outra.
48:08:00	6	Rede de apoio	Chegada de Shug. Celie descobriu mais de si.
01:05:38	7	Rede de apoio	Shug faz música para a Celie, tornam-se amigas.
01:12:30	8	Rede de apoio	Celie põe roupas de Shug e não esconde o sorriso.

Protocolo guia: seleção de cenas do filme <i>A Cor Púrpura</i> para análise.			
Tempo (hh:mm:ss)	Cena	Categorias a priori	Indicação de cena
01:21:19	9	Ressignificação	Celie resolve ir embora com Shug, mas desiste.
01:39:24	10	Ressignificação	Retorno de Shug e descoberta das cartas.
01:58:26	11	Ressignificação	Celie decide ir embora com Shug e enfrenta Albert.
02:05:21	12	Ressignificação	Celie vai embora e escolhe ter uma nova vida.
02:14:32	13	Ressignificação	Celie muda para a antiga casa e abre seu negócio.
02:25:03	14	Ressignificação	Reencontro de Nettie e Celie.

Fonte: elaborada pela autora (2024).

Por fim, ressalta-se que não houve necessidade de recursos financeiros para o desenvolvimento desta pesquisa e a amostra foi composta, exclusivamente, pelas cenas selecionadas do filme.

GRITO DE LIBERDADE

No Brasil, a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma questão alarmante e crescente; entre 2021 e 2023, foram registrados 164.199 casos de estupro, incluindo de vulneráveis, envolvendo crianças e adolescentes de até 19 anos. Em termos de idade, quase metade das vítimas (48,3%) tinham entre 10 e 14 anos, enquanto mais de 35% eram crianças de até 9 anos (Unicef, 2024; Brasil, 2023). Essa violência, em sua maioria, acontece dentro do ambiente familiar, com os agressores sendo frequentemente conhecidos ou familiares da vítima (Brasil, 2023). Essa triste realidade é abordada no enredo de *A Cor Púrpura* (1985).

O uso de obras cinematográficas como instrumento de análise na Psicologia pode ser uma ferramenta eficaz para explorar questões emocionais, relacionais e existenciais. Filmes fornecem

uma narrativa visual e simbólica que pode refletir dilemas humanos complexos e proporcionar uma maneira concreta de visualizar o processo de mudança. Analisar personagens e suas trajetórias permite uma conexão com temas abrangentes. De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2008), a análise de uma obra fílmica vai além de simplesmente assisti-lo; envolve revê-lo e examiná-lo tecnicamente. Desse modo, proporciona uma nova atitude em relação ao mesmo, permitindo a ampliação do seu registro perceptivo e, conseqüentemente, uma melhor apreciação da obra, especialmente quando é rica em conteúdo (*Ibidem*, 2008). Assim, *A Cor Púrpura* permite explorar os temas propostos nesta pesquisa, que são questões profundamente significativas e de grande importância no campo psicoterapêutico.

O filme dirigido por Steven Spielberg aborda a trajetória existencial da protagonista Celie, uma jovem negra que vive no sul dos Estados Unidos no início do século XX. A obra cinematográfica entrelaça temas profundos, como violência sexual na infância, construção de redes de apoio e ressignificação pessoal. A narrativa acompanha a jornada de sobrevivência da protagonista em meio às injustiças, tendo sua vida marcada ainda na adolescência pela violência sexual cometida por seu pai, expondo a dor desse acontecimento, mas também trazendo a superação, já que, no decorrer do enredo, a protagonista vai caminhando por um processo profundo de reconstrução de Si. Dessa forma, à luz da Gestalt-terapia, abordaremos esses temas, que podem ser analisados por meio de conceitos fundamentais da mesma, pois fornecem uma lente da qual podemos compreender melhor o fenômeno da violência sexual ao longo da trajetória existencial de Celie.

A sequência de fatos que agora se discorre faz-se presente logo nas primeiras cenas da obra, que se encontram na categoria *a priori*: violência sexual infantil, elencadas no quadro 1, anteriormente. Cabe mencionar que o termo abuso sexual infantil se refere tanto a crianças de 0 a 12 anos quanto a adolescentes dos 12 aos 14 anos (Oliveira; Sartori, 2019).

Desde a infância, Celie é vítima de violência sexual por parte de seu pai. A mesma relata os abusos por meio de cartas que escreve para Deus, sendo seu único confidente, pois teme contar para sua mãe, já que sofre ameaças de seu pai. Como fruto desses abusos, teve dois filhos ainda na adolescência, que foram retirados de seus braços logo após o nascimento. Esses abusos acabam marcando a percepção de Si mesma, levando-a a se sentir sem valor e sem controle sobre suas próprias escolhas. Assim como ocorre com Celie na narrativa, quando seu pai a ameaça para não contar sobre os abusos, o mesmo acontece em muitos casos na vida real, em que a vítima acaba sendo silenciada, o que pode trazer consequências na infância e se estender até a vida adulta. A literatura indica que os efeitos dessa violência diferem conforme cada situação, dependendo da existência ou não da quebra do silêncio e da resposta de sua rede de apoio (Oliveira; Sartori, 2019).

Essa experiência da violência sexual pode ser vista como uma interrupção no ciclo de contato, gerando bloqueios, pois envolve o processo de perceber e satisfazer as necessidades emergentes em interação com o meio. No caso de Celie, o contato saudável é interrompido, e sua capacidade de expressar emoções, desejos e necessidades é sufocada pelo ambiente abusivo, que demanda sua constante repressão e submissão. O contato age como processo fundamental na maneira como uma pessoa lida com suas emoções e interações com o mundo. No caso da protagonista, o trauma da violência sexual faz com que a mesma evite o contato com suas emoções mais profundas, principalmente sua raiva e tristeza. Celie reprime suas vontades para não enfrentar a dor. Essa evitação prolongada impede que se posicione e se reconheça como uma pessoa com direitos e desejos próprios, perpetuando sua condição rígida e adoecimento. Nesse sentido, o ajustamento disfuncional se manifesta na forma de bloqueios de contato, especialmente em relação à agressividade e à expressão de sua identidade, causando o adoecimento.

A violência sexual que Celie sofreu na infância interrompe o que na Gestalt-terapia chamamos de autorregulação organísmica, pelo fato de a criança não possuir os recursos internos necessários para processar adequadamente essa experiência. Naranjo (1993) afirma que a saúde psicológica do indivíduo está vinculada à sua capacidade de permitir o fluxo do processo de autorregulação organísmica, ou seja, a habilidade de reconhecer e expressar suas necessidades de maneira consciente e espontânea, sem interferências ou bloqueios que possam distorcer o contato com o ambiente e consigo mesmo. Desse modo, a violência sexual que a protagonista viveu altera drasticamente a percepção sobre Si mesma e sobre o mundo ao seu redor, estabelecendo bloqueios de contato com suas emoções e necessidades mais profundas, pois seu *self* ainda está por se desenvolver. O mesmo é visto como uma interrupção do campo, conceito que diz respeito à totalidade das experiências e influências que envolvem o indivíduo em um determinado momento.

Na Gestalt-terapia, a infância é uma fase de desenvolvimento do *self* e pode ser compreendida como um período crucial para o crescimento do indivíduo, onde a criança estabelece as bases de sua identidade, ajusta-se ao ambiente e aprende a lidar com suas necessidades emocionais, físicas e sociais. Segundo Costa (2007), as necessidades dominantes se tornam figuras e só retornam ao fundo quando satisfeitas.

Assim, os comportamentos são orientados pelo processo de autorregulação organísmica, que permite ao organismo atender suas necessidades conforme surgem, alternando-se na busca de equilíbrio. Esse processo se dá de forma gradual e dinâmica, envolvendo a relação do indivíduo no seu ambiente, influenciada por interações com figuras de vínculo, como pais e cuidadores. O processo está diretamente relacionado ao ciclo de contato, ou seja, ao processo de interação do indivíduo com o ambiente para satisfazer suas necessidades. Portanto, não é visto como algo fixo ou estrutura interna, mas como um processo dinâmico de contato, interação e

constante transformação: "é a fronteira-de-contato em funcionamento; sua atividade é formar figuras e fundos" (Perls, Hefferline; Goodman, 1997, p. 49).

O *self* é a manifestação da interação na fronteira de contato entre o indivíduo e o ambiente. Moraes e D'Acri (*In*: Frazão; Meyer; Fukumitsu, 2014) afirmam que a fronteira de contato é o limite onde se estabelecem as interações entre o Si mesmo (*self*) e o mundo (não eu). Pode-se desenvolver de maneira saudável, em que o indivíduo pode se ajustar criativamente ao ambiente, usando recursos internos e externos para lidar com as demandas de forma flexível, autêntica e consciente, ou de maneira disfuncional, que ocorre quando há uma interrupção nesse contato, o que pode ser causado por uma percepção confusa da realidade, como no caso da violência sexual infantil vivida pela protagonista, os obstáculos no ambiente ou a falta de apoio adequado, gerando dificuldade em se adaptar ao ambiente, mostrando-se rígido e utilizando mecanismos de defesa que limitam a flexibilidade e a autenticidade nas interações.

Segundo Polster e Polster (2001), o conceito de ajustamento refere-se à maneira como o indivíduo responde às demandas do ambiente e se ajusta às suas próprias necessidades. Esse processo é central para o bem-estar e está diretamente ligado à capacidade de autorregulação orgânica. O ajustamento pode ser classificado em funcional ou disfuncional, dependendo de como ocorre a interação entre o eu e o ambiente. O ajustamento funcional acontece quando o indivíduo consegue responder de forma criativa e flexível às situações de vida, levando em consideração tanto suas necessidades internas quanto as condições externas. Nesse caso, o ciclo de contato é completado de forma eficaz, permitindo que uma pessoa satisfaça suas necessidades de maneira autêntica e adaptativa. O ajustamento disfuncional, por outro lado, ocorre quando o indivíduo responde de maneira rígida, resultando em dificuldades para satisfazer suas necessidades. Nesse caso, há interrupções no ciclo de contato, o que impede o ajuste criativo e bloqueia a autorregulação orgânica (*Ibidem*, 2001).

A forma como uma criança se adapta ao seu ambiente durante a infância tem um impacto profundo em como a mesma se relacionará consigo e com o mundo na vida adulta. Um ajustamento criativo e funcional na infância favorece a capacidade de enfrentar os desafios da vida de maneira flexível, consciente e autêntica. Em contraste, ajustamentos disfuncionais, se não tratados, podem resultar em padrões repetitivos e problemáticos de comportamento e relacionamento na vida adulta. Ao analisarmos a personagem Celie, percebemos que suas interações são distorcidas e marcadas pela violência que sofreu, levando-a a um ajustamento criativo disfuncional. A mesma desenvolve uma postura de submissão e negação de Si mesma, não expressando agressividade nem a potência da vida. Essa adaptação, embora disfuncional, torna-se necessária diante do ambiente hostil em que foi criada, resultando em bloqueios emocionais que a protagonista constrói para lidar com sua realidade. Quando o contato emocional é interrompido, as emoções ficam reprimidas. Como as emoções e cada indivíduo são singulares, as perturbações no contato se manifestam de maneiras distintas, refletindo a experiência particular de cada um (Santos Filho; Costa, 2016).

Um organismo que evita experiências desagradáveis que impedem seu crescimento pode ser considerado saudável. Contudo, se essa evasão se torna excessiva, pode resultar em adoecimento, manifestando bloqueios no contato. Essa experiência pode ser vista como uma interrupção no ciclo de contato, gerando mecanismos de defesa que o organismo cria para enfrentar tais situações. Com base nisso, diante da sua infância negligenciada e adolescência marcada pela violência, a protagonista leva uma vida disfuncional, reprimindo suas emoções, medos e raiva. Em meio a tantas injustiças, Celie é forçada a se casar com Albert, como se fosse uma moeda de troca, unindo-se a um homem abusivo que intensifica a dinâmica de abusos e a sensação de impotência nas suas escolhas.

Ao longo da trajetória da protagonista, é possível identificar alguns mecanismos de defesa que a mesma desenvolve para lidar com o peso de sua existência, como a dessensibilização,

a deflexão e a introjeção. Esses mecanismos, embora disfuncionais, são as formas que seu organismo encontra para lidar com a realidade em que está inserido, ajustando-se e camuflando o que realmente sente internamente.

De acordo com Polster e Polster (2001), a introjeção é um mecanismo pelo qual a pessoa neutraliza sua própria existência ao evitar a agressividade necessária para desestruturar o que existe, tratando tudo como inviolável e aceitando as coisas como se apresentam. No caso de Celie, podemos observar que desenvolve esse mecanismo de defesa em resposta ao ambiente em que vive. A mesma internaliza crenças, valores e atitudes transmitidos por membros da família, como seu pai e seu marido, assim como pela sociedade e pelo contexto em que está inserida. Nesse sentido, Antony (2009) afirma que a introjeção durante o processo de crescimento e desenvolvimento infantil impacta a existência da criança e influencia suas experiências futuras.

Um exemplo disso ocorre na cena 1, quando seu pai afirma que Celie tem um sorriso feio e, ao longo do filme, a reduz a alguém que serve apenas para cuidar da casa, alegando que a mesma não tem boa aparência e é burra. Seu pai ainda menciona que é por causa dessas características que não a deixa estudar. Essas informações são introjetadas pela protagonista e tornam-se prejudiciais ao seu desenvolvimento, interferindo mais tarde em suas experiências na vida adulta. A mesma passa a se ver em uma posição de inferioridade, como alguém cujo corpo foi violado e desrespeitado, refletindo um sentimento de menosprezo e desvalorização de Si mesma.

Assim, a protagonista, ainda na adolescência e sem orientação, sofre violências e ofensas de quem deveria protegê-la e acolhê-la. A mesma absorve passivamente o que vem de fora, sem uma percepção crítica ou uma assimilação adequada, aceitando essas crenças como verdades, sem questionamento ou reflexão.

Dessa forma, não consegue distinguir claramente o que pertence a si mesma e o que é do outro. Sobre a introjeção, Perls (1981, p. 48) afirma que “colocamos a barreira entre nós e o resto do mundo tão profundamente dentro de nós mesmos que pouco sobra de nós”. No contexto da vida de Celie, ao introjetar o que lhe é imposto, acaba perdendo sua individualidade e autenticidade, uma vez que toma esses elementos como se fossem seus, mesmo que não reflitam suas verdadeiras necessidades ou essência.

A protagonista, ao não conseguir vivenciar e processar plenamente suas emoções, acaba reprimindo sua dor, medo e raiva. Essa repressão a impede de entrar em contato consigo mesma, resultando em um sofrimento contínuo e em uma desconexão com suas próprias necessidades e desejos, levando-a a um estado de dessensibilização. Furniss (1993, p. 26) exemplifica esse processo ao descrever como a criança, para suportar o abuso, dessensibiliza seu corpo: “Essa defesa leva a estados alterados de consciência para desligar-se da dor. A criança imagina sair do próprio corpo, como se estivesse observando de longe uma outra criança que está sofrendo o abuso”. Muitas vezes, é possível notar Celie distante, em um profundo estado de embotamento, sem sequer demonstrar emoção. Perls (1981) caracteriza a dessensibilização como uma disfunção sensorial, um embotamento dos sentidos que atua como uma aniquilação mágica (via corporal) de certos objetos ou experiências, onde a consciência é evitada. Essa condição é marcada pela ausência contínua na definição dos sentimentos, fazendo com que a pessoa não perceba os acontecimentos ao seu redor nem os sinais do corpo. Assim, nesse bloqueio do contato, o organismo torna-se inerte em relação ao mundo que o cerca (Carvalho; Costa, 2010).

Incapaz de lidar com o comportamento abusivo de seu pai e, posteriormente, de seu marido, a protagonista passa a adotar a deflexão como estratégia de sobrevivência no contexto violento em que está inserida. A deflexão envolve a evitação do contato e da consciência em situações de tensão, por meio de condutas evasivas,

distraídas e alienadoras. Segundo Polster e Polster (2001), trata-se de uma fuga ativa do contato com a realidade, consistindo em desviar o calor da interação real com o ambiente, redirecionando a energia do objeto que causa angústia.

Durante grande parte de sua vida, Celie mantém o abuso e a violência como constantes em sua percepção, enquanto suas necessidades e potencialidades, como sua força e identidade, permanecem em segundo plano, sem que demonstre a agressividade necessária para pôr fim a todas as injustiças. A relação figura-fundo refere-se à forma como percebemos os detalhes; um elemento se destaca e se torna o foco principal da atenção (a figura), enquanto o restante compõe o fundo. Em outras palavras, o fundo é tudo aquilo que não recebe a atenção do indivíduo naquele momento (Frazão *In*: Frazão, Meyer; Fukumitsu, 2013).

De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), a agressividade é parte do movimento vital do organismo em direção à satisfação de suas necessidades, funcionando como uma força de autoafirmação que promove a integração e o crescimento pessoal. Nesse contexto, não é vista como violência, mas como uma energia vital necessária para o movimento em direção ao que é essencial para o organismo. Entretanto, no caso de Celie, essa energia está apagada. A violência e a opressão que sofre desde cedo em seu ambiente familiar geram uma desconexão com sua própria agressividade, levando-a a aceitar passivamente a realidade e a introjetar uma imagem de Si mesma como indigna de amor e respeito.

Outro ponto relevante a ser abordado na análise da obra, presente nas cenas 4 a 8, diz respeito à rede de apoio de Celie, que constitui uma categoria significativa, também mensurada no quadro 1. A protagonista não possuía uma família estruturada; sua mãe estava acamada devido a uma doença há algum tempo, e Celie ficou responsável por todos os afazeres da casa. Sua única opção de rede de apoio era sua irmã mais nova, Nettie, que a ajudava

ocasionalmente a lidar com o ambiente hostil em que vivia. Segundo Flores e Caminha (1994), as famílias em que ocorre a violência sexual intrafamiliar tendem a ser altamente disfuncionais.

A situação de Celie se torna ainda mais difícil quando é obrigada a se casar com Albert logo após a morte de sua mãe, saindo de casa e deixando sua irmã para trás. Em um certo dia, já morando com Albert em sua fazenda, Nettie aparece e pede abrigo à irmã, afirmando que não aguentava mais viver com o pai e que não retornaria para lá. Com receio, Celie pede ao marido que aceite a irmã na fazenda. Albert tinha interesse por Nettie, pois, quando buscava alguém para se casar novamente, seu desejo era pela mesma, e não por Celie. No entanto, o pai de Nettie não concedeu sua mão em casamento, argumentando que Nettie poderia trazer mais benefícios à família, por ser mais bonita e inteligente, enquanto Celie, já considerada passando da idade, serviria melhor como esposa. Assim, Albert optou por ficar com Celie, pois precisava de alguém para cuidar de seus filhos e da casa. Portanto, quando Nettie apareceu pedindo abrigo, Albert concordou que ficasse na fazenda, não como um ato de bondade, mas porque já tinha planos maliciosos em mente.

Nettie permaneceu na fazenda por um tempo, observando a vida triste da irmã, que era humilhada e tratada com desprezo, sem que suas ações fossem reconhecidas. Na cena 4, Nettie incentiva Celie a lutar, afirmando que a mesma não poderia permanecer naquela vida. Nettie começa a ensiná-la a ler e escrever, temendo que sua estadia na fazenda não durasse muito mais, de modo que, se tivesse que partir, ambas pudessem continuar conectadas por meio de cartas. O pior aconteceu em um dia em que Nettie estava a caminho da escola: Albert tentou agarrá-la, mas Nettie conseguiu feri-lo e correr para Celie. Furioso, expulsa Nettie da fazenda. Agora que Celie já sabia ler e escrever, ambas, aos prantos, afirmam que não se separariam e que escreveriam uma para a outra.

Nesse contexto, pode-se dizer que Nettie cultivou a sementinha do autossuporte em Celie, mostrando que, mesmo sendo mais nova e enfrentando dificuldades, tinha força para lutar e se posicionar. Isso contribui para que Celie inicie seu processo de mudança de vida. Os conceitos de autossuporte e heterossuporte são fundamentais para compreender como o indivíduo lida com suas necessidades e desafios. O heterossuporte refere-se ao apoio proveniente de fatores externos, como pessoas e instituições, enquanto o autossuporte diz respeito à capacidade do indivíduo de se apoiar, utilizando seus próprios recursos internos para enfrentar as situações da vida (Perls; Hefferline; Goodman, 1997).

Após o ocorrido, Celie não recebe cartas da irmã, o que gera uma grande dúvida sobre a sobrevivência de Nettie e o que aconteceu após sua expulsão da fazenda, causando grande sofrimento à protagonista. Além de não ter notícias de Nettie, a mesma também não conseguia escrever para a irmã. Celie não tinha ideia de que Albert escondia as cartas, proibindo-a de se aproximar da caixa de correspondência, alegando que apenas recebia cartas destinadas a ele, que tratavam de seu grande amor, Shug. A mesma era uma cantora carismática, conhecida e desejada pelos homens, que vivia uma vida livre e independente, se apresentando em bares à noite. Simbolizava a força feminina e a resistência contra as normas sociais da época, desafiando as expectativas com seu espírito de rebeldia e autenticidade. Celie ouvia Albert falar sobre Shug de como a cantora era fantástica, observando-o sair para encontrá-la e voltar após dias, mas não se importava, pois, no fundo, nunca sentira amor de verdade por Albert e sequer sabia o que era amor.

Os anos passam, e Celie, já adulta, permanece embotada, fixada ao mesmo contexto de vida. Em uma noite de tempestade, se depara com Albert, que pede sua ajuda porque trouxe Shug para casa, pois a mesma estava doente. A partir desse ponto, a narrativa se transforma, e a vida de Celie começa a mudar. A protagonista passa a cuidar de Shug, permanecendo na casa até que Shug se recupere.

Reconhecendo a dedicação de Celie, Shug compõe uma música em sua homenagem, que é apresentada em um bar, onde está toda a comunidade. Esse momento faz com que Celie se sinta importante pela primeira vez em sua vida.

Desse dia em diante, uma amizade pura e verdadeira se desenvolve entre as duas. Após o show, Celie vai até o quarto de Shug, onde veste suas roupas glamourosas e têm uma conversa. Shug afirma a Celie que não deveria ter vergonha do seu sorriso, que é muito bonito. Essa frase ajuda Celie a desconstruir a imagem negativa que tinha de Si mesma, fazendo-a olhar para Si com mais amor e já não escondendo mais o sorriso.

Com o tempo e o suporte emocional de Shug, a dinâmica de Celie começa a mudar. A amizade entre ambas se desenvolve ao longo da história, ajudando Celie a se redescobrir e a se libertar das opressões que enfrenta, sendo fundamental para seu crescimento pessoal. Shug encoraja Celie a se afirmar, a lutar por seus direitos e a buscar felicidade com base em seu próprio valor e em sua própria voz.

Ao longo da trajetória de Celie, observamos uma mudança gradual no autossuporte que a mesma aprende a cultivar. Inicialmente, a protagonista depende de um heterossuporte disfuncional, onde as figuras de autoridade em sua vida, como seu pai e posteriormente seu marido, a mantêm em uma posição de repressão, dependência e submissão. Contudo, à medida que outras mulheres entram em sua vida, especialmente Shug Avery, Celie começa a construir uma rede de apoio mais saudável.

Shug desempenha um papel fundamental na vida de Celie, não apenas como amiga, mas como alguém que a ajuda a resgatar seu próprio valor e a desenvolver um autossuporte mais autêntico. A autoaceitação e o desejo de liberdade emergem como novas figuras, enquanto a violência e o medo começam a se dissipar. Esse processo de reorganização do que é figura e fundo é uma parte crucial

da ressignificação da vida da protagonista. Celie começa a perceber que não precisa depender exclusivamente dos outros para sentir-se segura e respeitada.

O conceito de ressignificação está relacionado ao processo de conscientização e reorganização das experiências vividas, promovendo uma nova compreensão das situações através do contato com o presente. Esse processo permite que a pessoa atribua novos significados às suas vivências e modifique sua relação com eventos passados. Ocorre quando o indivíduo amplia sua percepção sobre o que viveu, integrando emoções e experiências de forma mais consciente e autêntica, favorecendo o crescimento pessoal e a transformação (Campos, 2005).

Dessa forma, é necessário abordar a última categoria a ser analisada, a ressignificação, que surge a partir da cena 9 em diante. Com Shug já recuperada, a mesma decide que é hora de ir embora. Celie vê nisso a chance de se libertar da vida que leva. Com seu autossuporte um pouco mais fortalecido, toma a iniciativa de ir embora com Shug, mas não consegue sustentar a decisão e, por medo de Albert, decide ficar.

O tempo passa, e em uma manhã, Celie e Albert são surpreendidos pelo retorno de Shug, agora casada. Era Dia de Ação de Graças e, após alguns anos, Celie estava na cozinha com Shug, preparando o jantar. Albert e o marido de Shug conversavam na sala, distraídos, quando Shug ouve o carteiro se aproximando e vai buscar as correspondências. Para a surpresa de Celie e Shug, chega uma carta de sua irmã Nettie.

Shug rapidamente chama Celie para o quarto e mostra a carta, que lê, emocionada. As duas descobrem que Nettie está viva e bem, morando com um casal de pastores que a adotou, os mesmos que adotaram os filhos de Celie, que foram tirados de seus braços na adolescência. Aproveitando que Albert e o marido de Shug

estavam saindo, ambas foram em busca das demais cartas, encontrando várias que Albert havia escondido. Celie demonstra imensa alegria, organiza as cartas para ler e passa seus dias em busca de notícias da irmã.

Esse fato desperta ainda mais a agressividade de Celie, que toma consciência de que não pode mais permanecer naquele lugar, se sujeitando a humilhações e maus-tratos. A protagonista entra em um estado de consciência (*awareness*), que é a capacidade de estar consciente de Si mesma, de seus sentimentos, pensamentos e do ambiente ao seu redor. Essa presença é fundamental para o desenvolvimento pessoal, permitindo que a pessoa reconheça e lide com suas necessidades de forma mais autêntica.

O processo de ressignificação de Celie pode ser compreendido como uma forma de autorregulação orgânica, referindo-se à capacidade do organismo de buscar aquilo que é necessário para seu equilíbrio e bem-estar. Antes disfuncional, agora Celie se torna funcional, pois tomou consciência dos fatos e decide ir embora com Shug. Durante um almoço em que todos estão reunidos, Shug revela a Albert que Celie iria embora. Albert, sem acreditar, ofende Celie com insultos, sendo esse o ponto final para a protagonista.

Celie levanta-se da mesa, olha para seu marido e expressa o que guardou por anos, libertando-se ao sair da casa e seguir rumo a uma nova vida, sem se importar com o que dirão. Albert a insulta, afirmando que não conseguiria ter uma nova vida e que voltaria arrependida, mas a mesma não dá ouvidos. O tempo passa, Celie viaja e conhece novos lugares. Após algum tempo, seu pai falece, e herda toda a herança, voltando a morar em sua antiga casa, onde abre seu próprio negócio na cidade.

Celie passa a viver com Shug e, mais tarde, com o retorno de Nettie e seus filhos, a narrativa culmina em um desfecho emocionante. A trajetória de Celie exemplifica a capacidade de mudança

quando a protagonista inicia o contato consigo mesma e com o mundo ao seu redor. Esse processo se refere à interação saudável entre o indivíduo e seu ambiente, onde suas necessidades emergem, são reconhecidas e satisfeitas.

À medida que Celie cresce e se fortalece emocionalmente com o apoio de um heterossuporte, começa a fazer novos contatos com o mundo, agora baseados em seu autossuporte e em uma maior consciência de Si mesma e de suas necessidades. Sua trajetória pode ser vista como um processo de transformação do *self*, passando de uma posição de alienação para uma de integração.

A protagonista agora se reconhece como um Ser no mundo, em constante processo de mudança e adaptação. Nesse sentido, a existência precede a essência, significando que Celie se constitui por suas escolhas e experiências ao longo da vida, em um movimento contínuo de autoatualização. Essa visão enfatiza o processo, mais do que um estado fixo ou pré-determinado da essência, alinhando-se à ideia de que o sujeito é coautor de sua própria realidade, sendo responsável por construir sua existência. Perls (1997) propõe que o indivíduo não é algo pronto, mas se constitui no aqui e agora, em contato com o ambiente.

O aqui e agora refere-se à ênfase na experiência presente como a via principal para a autocompreensão e o crescimento pessoal. Segundo Perls (1997), o indivíduo só pode se tornar consciente de Si e de suas necessidades quando está plenamente presente em suas sensações, emoções e pensamentos, deixando de lado preocupações passadas ou futuras. No início do filme, a protagonista está fragmentada, desconectada de sua essência, vivendo sob o peso de um *self* moldado pela violência e pelo abuso. No entanto, à medida que se conecta com novas figuras de apoio, começa a redescobrir aspectos de Si que haviam sido reprimidos ou negligenciados.

A resignificação de Celie culmina em sua capacidade de estabelecer novos ajustes criativos, vivendo de forma mais autêntica

e conectada consigo mesma. A análise da trajetória de Celie permite observar uma narrativa rica de transformação, superação e reconexão. Os dados alarmantes sobre a violência sexual no Brasil reforçam a relevância de discutir esse tema em profundidade. Assim como Celie, milhares de crianças e adolescentes no país sofrem com essa violência, que marca profundamente sua formação e desenvolvimento emocional.

A personagem propõe uma reflexão sobre diversos aspectos da vida de uma vítima de violência na infância, especialmente os prejuízos que podem se desencadear ao longo do tempo e a importância de uma rede de apoio nesses casos. Essa relação de apoio permitiu a Celie ressignificar sua identidade e recuperar partes de Si que estavam reprimidas, como sua agressividade saudável, permitindo que se reconectasse com suas próprias necessidades, desejos e emoções, finalmente entrando em contato com o que antes ignorava.

A partir desse ponto, se considerarmos a jornada de Celie como uma metáfora para um processo psicoterapêutico, podemos interpretar sua história como um exemplo de como a Gestalt-terapia busca restaurar a capacidade do indivíduo de Ser consciente, independente e responsável por suas escolhas. Nesse contexto, Shug pode ser vista como a psicoterapeuta, atuando como facilitadora ao ajudar Celie a compreender seu processo interno, assumir o controle de sua vida e ressignificar suas experiências traumáticas. Para Celie, essa ressignificação só foi possível graças a uma rede de apoio que fortaleceu seu eu interior, possibilitando a busca por escolhas que promovem uma mudança significativa em sua trajetória.

Ao analisarmos a história de Celie pela perspectiva da Gestalt-terapia, entendemos a importância do suporte adequado e da reconexão com o *self* no processo de ressignificação. É importante notar que muitas vítimas não têm uma rede de apoio, alguém em quem confiem ou mesmo a abertura para compartilhar experiências tão dolorosas. Isso nos leva a refletir sobre a relevância da psicoterapia para essas pessoas, que pode atuar como uma rede de apoio.

O papel do psicoterapeuta, nesse caso, não é de cura direta, mas sim de facilitar um ambiente acolhedor, permitindo que o processo de cura ocorra de forma natural e autônoma, por meio da autorregulação e da ampliação da consciência do indivíduo. Ribeiro (2006, p. 94) ressalta que "o terapeuta é mais que um curador; é um cuidador, e cuidar é a máxima forma de contato".

Por fim, é essencial destacar que a trajetória de Celie ilustra o poder do cinema como uma ferramenta de análise na Psicologia. Filmes como *A Cor Púrpura* (1985), ao abordarem temas profundos e complexos, oferecem uma narrativa simbólica que reflete as histórias da vida real, permitindo-nos examinar dilemas existenciais e explorar processos de transformação pessoal.

O GRITO QUE SE FEZ OUVIR

O artigo destaca a relevância de abordar a violência sexual infantojuvenil e suas consequências sob a perspectiva da Gestalt-terapia, particularmente através da análise da trajetória de ressignificação de Celie, protagonista de *A Cor Púrpura* (1985). A pesquisa evidencia as profundas consequências da violência sexual vivenciada na infância e/ou adolescência, assim como os efeitos duradouros dessa experiência traumática na vida adulta. Ao longo do estudo, identificou-se que o abuso sexual interfere diretamente no desenvolvimento emocional das vítimas, resultando em bloqueios de contato, ajustamentos disfuncionais e dificuldades na expressão de emoções, como raiva e tristeza, sentimentos muitas vezes suprimidos e distorcidos devido ao ambiente abusivo e à falta de apoio adequado.

A trajetória de Celie, que inicialmente se encontra presa em uma dinâmica de submissão e alienação, reflete os efeitos devastadores da violência sexual na percepção de Si mesma e na construção

de sua identidade. A Gestalt-terapia, com sua ênfase na autorregulação organísmica e no contato com o presente, se revela uma abordagem valiosa para compreender o processo de ressignificação dessa experiência traumática. Na jornada da protagonista, sua desconexão com o *self* e com suas necessidades básicas manifesta-se por meio de ajustamentos disfuncionais, como a introjeção, a dessensibilização e a deflexão, mecanismos que a impedem de viver plenamente e de confrontar as situações dolorosas do passado.

Assim como retratado na obra, o estudo aponta que a temática da violência sexual continua a ser subestimada e encoberta nos dias atuais, o que torna urgente a necessidade de aumentar a conscientização sobre a importância de abordar o tema. A contribuição do estudo reside na ampliação da compreensão de como essas experiências impactam a vida adulta das vítimas e na necessidade de uma rede de apoio, muitas vezes ausente ou pouco segura para que possam expor suas vivências. Na narrativa, a relação de Celie com Shug Avery é fundamental, pois a amizade que desenvolvem permite que Celie, pela primeira vez, sintam-se valorizada e comece a construir um autossuporte mais autêntico. O contato com essa figura de apoio rompe o ciclo de dor, medo e submissão, permitindo que a protagonista enfrente as estruturas de poder que a oprimiam e inicie a transformação de sua vida, conquistando voz e escolha. Esse processo reflete o que a Gestalt-terapia define como *awareness*, ou seja, a tomada de consciência que possibilita a reorganização da experiência interna e a elaboração de novas escolhas, a partir de uma compreensão mais plena de suas necessidades e emoções.

Dessa forma, é pertinente considerar que a psicoterapia pode ser um recurso essencial para essas vítimas, servindo como uma rede de apoio que facilita o processo de cura interior, aliviando o sofrimento e rompendo o silêncio que muitas vezes se arrasta da infância até a vida adulta. O papel do psicoterapeuta, assim como o de Shug na vida de Celie, é atuar como facilitador de um ambiente acolhedor e de confiança, permitindo que o cliente entre em contato

com suas emoções reprimidas e reestruture suas experiências de maneira mais saudável. No caso de Celie, a construção de um autossuporte forte permitiu que a mesma rompesse com a lógica de submissão que dominava sua vida, alcançando um novo nível de autonomia e autorrealização.

Como mencionado no início do estudo, dentro de nós reside a nossa criança interior, que pode carregar um peso, tornando-se complicada ou difícil de lidar. Muitas vezes, isso ocorre porque nos prendemos a experiências dolorosas do passado ou porque nos sobrecarregamos com as demandas do dia a dia, esquecendo-nos da criança que fomos. Apesar disso, essa criança ainda vive em nosso interior e se reflete no adulto que nos tornamos. A Gestalt-terapia, como ferramenta psicoterapêutica, pode proporcionar a essa criança o cuidado, a atenção e o amor necessários, auxiliando no processo de ressignificação do passado e dando uma nova narrativa ao presente, permitindo que abandonemos os pesos que carregamos.

Assim, a abordagem se mostra eficaz para compreender os bloqueios de contato e como impactam a saúde emocional do indivíduo. A análise cinematográfica utilizada fornece uma ilustração concreta desse processo, enriquecendo a discussão teórica sobre o tema e oferecendo uma nova perspectiva para abordar situações semelhantes em contextos clínicos. O estudo, dentro de seus objetivos propostos, demonstrou que, com uma rede de apoio adequada, é possível auxiliar no processo de cura e ressignificação, promovendo a compreensão e o reencontro consigo mesmo.

Por fim, este estudo ressalta a urgência de abordar a violência sexual de forma ampla e profunda, tanto no campo acadêmico quanto na prática clínica, reconhecendo os impactos devastadores que esse tipo de violência pode causar no indivíduo e a necessidade de oferecer suporte adequado. A narrativa de Celie, analisada por meio da Gestalt-terapia, não é apenas um relato de sobrevivência, mas uma poderosa ilustração do processo de ressignificação que pode transformar

profundamente a vida de uma vítima. Nesse contexto, a psicoterapia surge como uma ferramenta vital, capaz de proporcionar o espaço necessário para a cura e a reconstrução da identidade fragmentada pelo trauma. Conclui-se, portanto, que o processo de ressignificação, facilitado por uma rede de apoio sólida, é o caminho essencial para a reconstrução de uma trajetória de vida saudável e integrada.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças** – teoria e práticas. Rio de Janeiro: Editora Livro Pleno, 2005. 362 p.
- ANTONY, Sheila Maria Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estud. pesqui. psicol.** v. 9, n. 2, 356-375 set. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ANTONY, Sheila Maria Rocha. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGTnR**, v. 3, n. 4, p. 1- 11. 2006. Disponível em: http://www.igt.psc.br/Artigos/a_crianca_em_desenvolvimento_um_olhar_gestaltico.htmAcesso em 18 jun. 2024.
- ANTONY, Sheila; ALMEIDA, Ediléia Menezes. Vítimas de violência sexual intrafamiliar: uma abordagem gestáltica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 2, p. 184-201, ago. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000200012. Acesso em: 02 jul. 2024.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BATISTA, Aline Pozzolo; WEBER, Cristina Maria. Proteja uma criança: uma proposta institucional de prevenção primária de abusos sexuais. *In*: MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato; LORDELLO, Silvia. Renata. (Orgs.). **Violência sexual contra crianças e adolescentes**: desafios atuais na implementação de ações práticas. Curitiba: CRV, 2024, 248 p.
- BATISTA, Aline Pozzolo. **Abuso sexual infantil intrafamiliar**: a subnotificação e os serviços de saúde. 2009. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/4091>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Boletim epidemiológico de violência sexual contra crianças e adolescentes. Brasília: MS, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 11 set. 2024.

CAMPOS, Neide Aquino Cordeiro. **Gestalt-terapia: fundamentos e práticas**. São Paulo: Summus, 2005. 372 p.

CARVALHO, Lilian Cherulli; COSTA, Ileno Izídio. A clínica gestáltica e os ajustamentos do tipo psicótico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, São Paulo, 2010 v. 16, n. 1, p. 12-18.

CATANNI, Lisiane Souza. **O Fenômeno da violência sexual sob a ótica da Gestalt-Terapia: Princípios básicos**. Florianópolis. 2008. Disponível em: https://comunidadegestaltica.com.br/prod/tcc/pdf/Lisiane%20Souza%20Cattani_0%20fenomeno%20da%20violencia%20sob%20a%20otica%20da%20gestalt.pdf. Acesso em: 08 maio 2024.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007. 276 p.

CIRINO, Oscar. **Psicanálise e Psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COOPER, Donald; SCHINDLER, Pamela. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: AMGH, 2016.

COSTA, Heloisa. Necessidades, Hierarquia das Necessidades e Emergência das Necessidades; *In*: D'ACRI, Gladis; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de gestalt-terapia - gestaltês**. 2. ed. Rio de Janeiro: Summus, 2007. p. 169-172.

CUKIER, Rosa. **Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto**. Editora Agora, 1998. 198 p.

DA SILVA, Luciana Marinho Fernandes. A criança interior: encontros com o corpo na gestalt-terapia. *In*: **Congresso de Psicologia do Sertão do São Francisco (COPSISF)**. 2019. Acesso: 10 abr. 2024. em: Disponível em: <https://periodicosfacesf.com.br/index.php/COPSISF/article/view/183>.

FLORES, Renato Zamora; CAMINHA, Renato Maiatto. Violência sexual contra crianças e adolescentes: Algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. **Revista de Psiquiatria do RS**, v. 16, n. 1, 158-167, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

FRANCO, Bruno Brettas; ABREU, Julio César Andrade; MOTTA, Gustavo Silva; REIS, Ana Clara. Uso de Filmes para Ensino de Gestão: uma proposta metodológica. **Revista Métodos e Pesquisa em Administração**. v. 2, n. 1, p. 54-63, 2017. Seção: Recursos Educacionais. Modalidade: Ensaio. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/mepad/article/view/32458>. Acesso em: 06 maio. 2024.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Psicologia da Gestalt. *In*: Frazão, Lilian Meier; Fukumitsu, Karina. O. (org.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013. p. 50-57.

FRAZÃO, Lilian. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, v. 2, n. 1, p. 27-31, 1996.

FURNISS, Tilman. **Abuso Sexual da Criança**: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal integrados. Traduzido por Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GINGER, Serger; GINGER, Anne. **Gestalt**: uma terapia do encontro. São Paulo: Summus 1995.

LAMOUR, Martine. **Os abusos sexuais em crianças pequenas**: sedução, culpa, segredo. São Paulo: Summus 1997.

LEITE, Carla Carvalho. A função do sistema de garantia de direitos e sistema de justiça na prevenção e repressão do abuso sexual infantil. *In*: WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; ARAÚJO, Eliane Aparecida Campanha (Org). **Prevenção do abuso sexual Infantil**: um enfoque interdisciplinar, (p. 73-83). Curitiba: Juruá, 2009.

LINO, Michelle Villaça. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. **Revista IGT na Rede**, v. 6, n. 10, p. 2-13, 2009.

LIRA, Margaret Olinda de Souza; RODRIGUES, Vanda Palmarella; RODRIGUES, Adriana Diniz; COUTO, Telmara Menezes; GOMES, Nadirlene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, n. 3, 2017.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Heloisa Maria de Vivo; AMPARO, Deise Matos; FALEIROS, Vicente de Paula. (2008). O vínculo transgeracional e o teste de Rorschach de um abusador incestuoso. *In*: PENSO, Maria Aparecida; COSTA, Liana Furtado (Orgs). **A transmissão geracional em diferentes contextos**: da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008, p. 199-223.

MORAES, Gladys Costa de; D'ACRI, Rego Macedo. Contato: funções, fases e ciclo de contato. *In*: FRAZÃO, Lillian. Meyer; FUKUMITSU, Karina. Okajima. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. p. 31-46.

NARANJO, Claudio. **Gestalt**: terapia de contato. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, Vanessa Cristina; SARTORI, Cássia Maria Tosca Duarte. Um olhar sobre abuso sexual infantil. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 846-863, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2522/0>. Acesso em: 24 set. 2024.

PEREIRA, Ayla Campos; ANDRADE, Vinicius Novais Gonçalves; FRANCO, Bruno Fiuza. Revelação da violência sexual infantil: a importância do acompanhamento psicológico a crianças sexualmente vitimadas. **Psicologias em Movimento**, v. 2, n. 2: jul-dez, 2022. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaSEPsicologias/article/view/966>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PERLS, Fritz Salomon. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

PERLS, Fritz Salomon. **Gestalt-Terapia Explicada**: Novas abordagens ao viver. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Fritz Salomon; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**: excitação e crescimento da personalidade humana. 10. ed. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt terapia integrada**: contorno e contato. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RESENDE, José Wanderlei. **Grito Mudo**. Curitiba: João Scortecci, 1995.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. (8ª ed.). São Paulo, SP: Summus Editorial, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo SP: Summus editorial, 2006.

RIBEIRO, Márcia Aparecida; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; REIS, Jair Naves dos. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, 2004, v. 20, n. 2, p. 456-464.

RIBEIRO, Walter. **Existência e Essência**: Desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.

SÁNCHEZ, Felix López. **Prevenção de abusos sexuais de menores e educação sexual**. Salamanca: Amarú Ediciones, 1995.

SANTOS FILHO, Julio Manoel; COSTA, Virgínia Elizabeth Suassuna Martins. Encontrando um modo de ser esquizofrênico: arte e técnica na gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 22, n. 1, p. 27-36, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100005&lng=pt&tling=pt. Acesso em: 10 abr. 2024.

SPIELBERG, Steven. **A cor púrpura**. [Filme]. Los Angeles: Amblin Entertainment, 1985.

TOLEDO, Davi Contente. **Experiência cinematográfica e subjetividade**: um estudo histórico-cultural. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, UniCEUB, FACS – Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2007.

UNICEF BRASIL. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil: 2021-2023. São Paulo: UNICEF Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil-2021-2023>. Acesso em: 11 out. 2024.

UNICEF BRASIL **A familiar face**: Violence in the lives of children and adolescents. 2017. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/a-familiar-face/>. Acesso em: 11 set. 2024.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio Sobre A Análise Fílmica**. 5. Ed. Tradução De Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2008. p. 194.

ZINKER, Joseph. **Processo Criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

4

*Lis Adriane Dalbosco
Simoni Urnau Bonfiglio*

DA PRIMITIVIDADE À CONTEMPORANEIDADE:

**A INTERAÇÃO HUMANO
E ANIMAL DE ESTIMAÇÃO SOB
A PERSPECTIVA DA GESTALT**

RESUMO:

A interação entre humanos e animais de estimação é um fenômeno que evoluiu significativamente desde a primitividade, quando os animais eram utilizados para funções práticas, até a contemporaneidade, em que desempenham papéis de apoio emocional, mental e social, cruciais para a vida humana. Para entender essa relação, o artigo se baseia na abordagem da Gestalt, que valoriza uma visão holística e integrada do ser humano. Essa perspectiva entende o indivíduo dentro de seu contexto social, comunitário, ecológico e político, reconhecendo seu pertencimento ao mundo como aspecto fundamental da existência. O conceito de animalidade, visto como nossa natureza instintiva, também dará suporte a esta pesquisa. Este estudo tem como objetivo compreender essa relação, analisando como os animais de estimação podem se tornar uma ponte de ligação do homem com o mundo. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica narrativa para explorar conceitos e teorias existentes sobre a interação. Os resultados da análise demonstram que os animais de estimação são vistos como fontes de conforto e segurança, promovendo a redução do estresse e da ansiedade, além de incentivarem a prática de atividades físicas e sociais e se tornarem, dessa forma, membros da própria família. As conclusões ressaltam que essa relação promove uma reconexão do indivíduo com sua animalidade, permitindo um contato mais profundo com suas emoções e instintos, podendo, assim, encontrar sua verdadeira essência, dando um maior sentido à vida.

Palavras-chave: Interação humano animal; Animal de estimação; Animalidade; Gestalt.

**ABSTRACT:**

The interaction between humans and pets is a phenomenon that has evolved significantly from primitive times, when animals were used for practical purposes, to contemporary times, when they play crucial roles in providing emotional, mental, and social support for human life. To understand this relationship, the article is based on Gestalt therapy, which values a holistic and integrated view of the human being. This perspective understands the individual within their social, communal, ecological, and political context, recognizing their belonging to the world as a fundamental aspect of existence. The concept of animality, seen as our instinctive nature, will also support this research. This study aims to understand this relationship by analyzing how pets can serve as a bridge connecting humans to the world. The methodology adopts a qualitative approach, utilizing a narrative literature review to explore existing concepts and theories about the interaction. The results of the analysis demonstrate that pets are seen as sources of comfort and security, promoting the reduction of stress and anxiety, encouraging physical and social activities, and thereby becoming members of the family. The conclusions emphasize that this relationship fosters a reconnection of the individual with their animality, allowing for a deeper contact with their emotions and instincts, thereby enabling them to find their true essence and giving greater meaning to life.

Keywords: Human-animal interaction; Pet; Animality; Gestalt.

INTRODUÇÃO

A interação humano e animal acontece desde a primitividade, tendo como maior demanda, nessa época, a utilização dos animais para proteção de território, caça e transporte de carga (Caetano, 2010). Ao longo do tempo, essa relação se transformou e se manifestou de diferentes maneiras, refletindo não apenas as necessidades práticas da sociedade, mas também aspectos psicológicos, emocionais e sociais que essa convivência pode proporcionar. Relativamente a isto, no mundo contemporâneo os animais desempenham vários papéis para os seres humanos, sendo um deles o de animal de estimação, que iremos abordar neste artigo.

No que diz respeito ao vínculo humano e animal de estimação, é notável o aumento significativo dessa interação com o homem. Uma pesquisa realizada pelo censo do Instituto Pet Brasil (IPB) revelou que a população de animais de estimação alcançou o impressionante número de 149,6 milhões no ano de 2021 (IPB, 2022).

Ao falarmos sobre essa categoria dos animais, Savishinsky (1985 *apud* Passos, 2019) a define como aquela que está sob uma supervisão do homem, pois é compartilhada uma mesma casa, criado um laço afetivo e íntimo pela proximidade estabelecida pelos seus tutores e, em troca, é recebido cuidado, atenção e carinho. Por meio dessa convivência, a vida humana pode desenvolver um novo formato de existência, de modo que as necessidades atuais podem ser atendidas mediante tal interação (Faraco; Seminotti, 2004). Estudos indicam que essa relação é capaz de proporcionar reações positivas e relativamente duradouras nos indivíduos (Serpell, 1993 *apud* Almeida; Almeida; Braga, 2009).

No mundo mecanicista em que vivemos, o ser humano está, na maior parte do tempo, em busca de *status*, reconhecimento e bens materiais sendo capaz de prejudicar outras dimensões

importantes para seu bem-estar. A interação humano e animal de estimulação, nesse sentido, pode auxiliar o homem da contemporaneidade na busca de sua essência, se reconectando com sua animalidade, podendo ser considerado uma ponte de ligação do indivíduo com um mundo autêntico, leal e verdadeiro (Odendall, 2000 *apud* Almeida; Almeida; Braga, 2009).

De modo a compreender tal relação, este artigo será fundamentado sob a visão da abordagem da Gestalt, que, em seu corpo conceitual, valoriza o homem sob uma concepção holística, social, comunitária, ecológica e política, incluindo-o em seu campo de pertencimento de estar no mundo, como forma essencial de existir (Ribeiro, 2019). Para a compreensão do ser humano como parte integrante de um todo, a Gestalt é sustentada por suas filosofias de base, que são: o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. O conceito de animalidade também sustentará a pesquisa como nossa natureza instintiva, pela qual o homem manifesta suas emoções, sensações e sentimentos vivenciados (Ribeiro, 2006).

Ao explorar essa dinâmica por meio dessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa é compreender de que maneira o animal de estimulação pode ser ponte de ligação do homem com o mundo. Em decorrência disso, os objetivos específicos são: a) analisar como a relação entre humanos e animais tem evoluído ao longo do tempo; b) identificar as diferentes representações que os animais desempenham na vida humana; c) investigar os efeitos dessa interação como uma relação funcional de grande importância para o indivíduo. Por meio deste artigo, busca-se ampliar o entendimento sobre como os laços com os animais de estimulação podem influenciar positivamente a vida das pessoas e enriquecer sua conexão com o seu mundo interno e externo.

Para alcançar esses objetivos, esta pesquisa foi caracterizada por sua natureza básica, com o intuito de expandir o conhecimento sobre o tema. A abordagem tem um cunho qualitativo e exploratório,

de modo a esclarecer essas questões que são pouco discutidas no meio científico. O estudo se baseia em uma revisão bibliográfica narrativa, utilizando referenciais de teóricos já publicados, permitindo uma compreensão mais abrangente do assunto.

A interação entre humanos e animais de estimação é um campo de estudo que merece atenção e aprofundamento, dada sua relevância para diversos aspectos da vida humana. Este artigo pretende contribuir para compreensão dessa dinâmica, evidenciando o potencial transformador que ela pode oferecer para a saúde mental, emocional e social do homem, enriquecendo o conhecimento para o campo e promovendo maior consciência sobre nossa conexão com o mundo, tendo em vista que é um assunto pouco abordado, porém de grande relevância, intrinsecamente ligado à história e à evolução da humanidade.

Além disso, essa interação pode ser estudada em diversas disciplinas acadêmicas, como psicologia, sociologia, antropologia, biologia e ciências sociais, potencializando o conhecimento interdisciplinar. Pesquisas nessa área também podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de terapias assistidas por animais, intervenções em saúde mental e programas de bem-estar animal, ampliando as possibilidades de cuidado e promoção do bem-estar tanto para os seres humanos quanto para os animais envolvidos nessa relação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa tem como base epistemológica a abordagem da Gestalt, que enfatiza a importância da percepção e compreensão das experiências humanas em sua totalidade, valorizando a interação do indivíduo com o ambiente, considerando todas as relações

que o envolve. Para Ribeiro (2019), o indivíduo é definido por meio de sua ambientalidade, composta pelo ar, calor, minerais e água, constituindo a parte física do organismo; a animalidade integrada pelas sensações, sentimentos, afetos e emoções; e pela racionalidade definida pelo pensamento, raciocínio, inteligência, memória e vontades, compondo assim, a essência humana.

A Gestalt tem como sua filosofia de base o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. O humanismo pode ser definido como uma construção do mundo e da existência, tendo como seu centro o homem, pois é por meio dele que as iniciações científicas, reformas, conquistas, instituições, fazem sentido, logo, é a partir dele e para ele, que tudo se torna possível (Ribeiro, 2012). “Isto não significa ser o homem o senhor absoluto e prepotente do universo, mas que o universo deve ser pensado a partir do homem” (Ribeiro, 2012 p. 24). Em vista disto, o humanismo procura trabalhar diretamente com o que o indivíduo tem de positivo, lidando com seu potencial transformador de vida, fazendo-o tomar consciência de seu poder (*Ibidem*, 2012).

O existencialismo é a maneira específica que o indivíduo está, age e reage ao mundo, sendo uma demonstração da experiência individual, singular e subjetiva, tratando-se diretamente de sua experiência humana (*Ibidem*, 2012). Um dos pressupostos importantes do existencialismo, portando, é de que o ser humano só pode ser compreendido por meio da experiência direta do seu ser no mundo, sendo ele mesmo o seu melhor intérprete. É nesse conhecer-se profundamente que a individualidade se torna a base para a liberdade responsável e, deste modo, o homem alcança sua autenticidade, buscando em si, e não nos outros, as razões do seu agir (*Ibidem*, 2012).

Para a compreensão da realidade do indivíduo, Ribeiro (2012) afirma que a Gestalt utiliza a fenomenologia como método para descrever e interpretar o manifestar do ser humano, a qual Husserl (s.d.) definiu como a ciência que descreve a essência da consciência por meio de suas ações.

Em vista disso, Ribeiro (2012, p. 50) ressalta que:

A fenomenologia, portanto, busca captar a essência mesma das coisas e para isto ela procura descrever a experiência do modo como ela acontece e se processa. Para tanto é preciso, como diz Husserl, colocar a realidade entre parênteses, suspendendo todo e qualquer juízo. Não afirmar, nem negar, mas antes abandonar-se à compreensão é o modo de atingir a realidade, assim como ela é. Ao fazer isto, estamos nos voltando às coisas mesmas, assim como são, como se apresentam, sem nenhum juízo a priori, estamos superando a oposição entre essência e aparência. Estamos fazendo uma redução fenomenológica.

Mediante o exposto, a Gestalt irá enfatizar a importância de entender o homem como um ser integrado que, em constante interação com o seu meio, pode descobrir sua verdadeira essência e sentido de estar e agir no mundo. Para isso, será levado em consideração o conceito de animalidade, que Dias (2024) define como um conjunto de características que são compartilhadas tanto pelos animais quanto pelos homens. O autor (2024) discute que Nietzsche, filósofo do século XIX, defende a ideia de que a humanidade não pode ser compreendida como algo superior e separado da animalidade, mas sim como sua parte integrante, além de enfatizar que a evolução humana pode se dar por meio desta perspectiva animal. Neste sentido, o instinto, característica que faz parte da animalidade, é visto, pelo mesmo filósofo, como uma capacidade fundamental e inerente do homem, sendo uma força natural que revela a sua verdadeira essência, ressaltando que a existência humana, antes de ser sustentada pela razão ou consciência, deve ser compreendida pela parte instintiva (Dias, 2024).

Em diálogo com tais discussões, Ribeiro (2006) descreve a animalidade como a essência dos animais, englobando tudo o que define e constitui um ser completo. O corpo humano é visivelmente o modo como tem evoluído o animal, porém é necessário olhar para além dessa estética que se formou, pois, a animalidade continua

sendo a base para todas as operações humanas (*Ibidem*, 2006). O autor destaca que é por meio desse princípio ativo que a vida se torna possível, especialmente no que se refere aos instintos, a respeito do qual os animais têm muito a nos ensinar, pois administram com maestria esse modo de ser. Em consonância com essa visão, acreditamos que a animalidade represente um elo fundamental na compreensão da ligação profunda entre o homem e os animais, uma conexão que se estabeleceu desde os tempos primitivos. Assim, entender esse princípio é também compreender como se formou essa relação essencial entre humanos e animais ao longo da evolução.

Estudos indicam que essa interação pode ter iniciado a partir de um lobo que desenvolveu características mais dóceis ao se envolver com o homem e, desta forma, foi utilizado para auxílio na caça e proteção do território. Outra suposição é a de que essa relação tenha surgido em épocas de baixa temperatura, em que o homem necessitava do contato com os cães para seu aquecimento (Fuchs, 1987 *apud* Giumeli; Santos, 2016). Paralelamente a isso, Burton (1981 *apud* Alves; Steyer, 2020) destaca que algumas espécies, como cavalos, jumentos, bodes, cães, gatos, ovelhas, porcos, vacas e galinhas foram alguns dos primeiros animais que saciaram necessidades do homem na época, fornecendo vestuário, alimento, proteção, auxílio na caça e, até mesmo, como animais sagrados ofertados para sacrifício. Barros (2008 *apud* Giumelli; Santos, 2016) citam que já foram encontrados corpos humanos enterrados junto com ossos de animais.

Foi por volta dos anos de 1960 que a importância dessa interação foi reconhecida pela sociedade, na qual se percebeu que essa relação desenvolvia nos indivíduos uma melhor comunicação, expressão de necessidades e sentimentos. Assim, algumas espécies de animais foram categorizadas como de estimação para a promoção da saúde (Lima; Souza, 2004). Essa relação entre humanos e os animais de estimação foi definida pela Associação Americana de Medicina Veterinária (AVMA) como um convívio mutuamente benéfico, sendo constituído por interações psicológicas, emocionais e físicas, essenciais para saúde e bem-estar de ambos (Faraco, 2008).

Ao passar do tempo, fazendo parte da história evolutiva do homem, a relação com os animais tem se mostrado cada vez mais significativa, sendo por meio da domesticação, da convivência ou de alguma outra forma de interação, os animais estão inseridos na cultura de todo o mundo e compartilhar de um ambiente com eles é a demonstração de que fazem parte das raízes da evolução do ser humano (Lampert, 2014).

Por se tratar de uma interação de suma importância para a evolução e desenvolvimento da humanidade, os animais possuem lugar também nas Leis Federais, sendo elas o Decreto 24.645, de 10 de junho de 1934, que determina a proteção aos animais, e também a Lei nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998, que designa tratar sobre crimes ambientais, estando entre eles, os maus tratos animais (Giumelli; Santos, 2016).

Prosseguindo com essa relação, é importante destacar que a comunicação entre animais e humanos é diferenciada e única. Em vez de utilizar a linguagem verbal, os animais se comunicam por meio de sinais, o que os impede de avaliar ou contradizer o comportamento do indivíduo, criando assim um vínculo mais espontâneo e menos estressante (Civita, 2008 *apud* Lampert, 2014). Do mesmo modo, para Beck e Katcher (1996 *apud* Lima; Souza, 2004) essa interação apresenta um conjunto de fatores benéficos para o homem, destacando-se o amor incondicional e verdadeiro que eles oferecem em troca, sem exigir que o indivíduo precise se explicar ou justificar, portanto, ouvindo sem julgamentos.

Há estudos que apontam ao fato de os animais terem uma grande sensibilidade à expressão corporal humana, podendo detectar sentimentos, intenções e expectativas (Gazzana; Schmidt, 2015). Em consonância, Dukes (1996 *apud* Almeida; Almeida; Braga, 2009) destaca que o olfato e a audição da espécie animal são muito mais aguçados do que as do homem, podendo captar sons imperceptíveis para o indivíduo, além de conseguirem notar alterações químicas do organismo e mudanças no estado de saúde em geral.

Faraco e Seminotti (2004) afirmam que essa relação contribui para a melhoria do estado psicológico dos indivíduos que mantêm contato com os animais. Da mesma forma, Lima e Souza (2004) citam exemplos de benefícios psicológicos, como o aumento do autocontrole e da autoconfiança, a diminuição do estresse e uma maior satisfação com a vida. Tutores relatam que, após a companhia de um cão, nunca mais se sentiram solitários.

A pesquisa realizada por Alves e Steyer (2020) demonstrou que a companhia de um animal de estimação pode suprir carências e ausências relacionadas a algum membro da família, preenchendo o vazio e promovendo o alívio da saudade. Além disso, segundo os tutores, os animais conquistam um espaço de amizade e lealdade, pois estão constantemente juntos nas atividades diárias, em momentos de lazer e até de refeição, oferecendo sentido a esta relação (*Ibidem*, 2020).

A importância da relação entre humanos e animais começa na infância. Segundo Tatibana e Costa-Val (2009), a convivência com animais de estimação pode desenvolver nas crianças um senso de responsabilidade, ao cuidarem de seus *pets*, além de torná-las mais afetuosas, receptivas e solidárias. Da mesma forma, para pessoas na terceira idade, essa relação é capaz de oferecer apoio emocional em momentos de perda e mudança, proporcionando consolo, alívio e conforto, além de melhorar a socialização e a autoestima (Costa, 2006). Além disso, essa interação também beneficia a saúde física dos idosos, pois os animais precisam se exercitar, estimulando seus donos a se movimentarem, o que contribui para a prevenção de doenças relacionadas ao sedentarismo.

Para Lima e Souza (2004), a evolução da humanidade fez, também, com que o homem vivesse de modo pouco comunitário e mais individualista, afastando-o de sua natureza primitiva e, nesse sentido, o indivíduo passou a buscar, no contato com os animais, alguma forma de voltar a seu meio natural. Além disso, os autores (2004) discutem

que o homem se distanciou da natureza e de outras espécies, quando começou a ficar mais próximo do desenvolvimento tecnológico, afastando-se do seu modo natural e fundamental para o desenvolvimento humano, desencadeando modos disfuncionais para sobreviver, como ansiedade, estresse e depressão.

No tempo atual, o número de animais de estimação é cada vez mais crescente, em vista dos resultados significativos na melhora da saúde mental e física do ser humano, acrescentando-se do apoio social que o mesmo representa, perante o isolamento que o próprio homem impõe (Tatibana; Costa-Val, 2009). Ao citarmos a saúde física, Santos (2008) menciona que a convivência com os animais pode reduzir os níveis de colesterol, triglicerídeos, pressão sanguínea, frequência cardíaca, além da melhora do cuidado pessoal e, conseqüentemente, da autoestima. Em conformidade com o referido debate, Caetano (2010) descreve que este convívio aumenta o número de células de defesa do organismo, da produção de endorfina e diminui a percepção de dor.

Uma pesquisa realizada por Alves e Steyer (2020), com relatos de tutores de animais de estimação, resumidos a cães, gatos e calopsitas, teve como resultado o bem-estar que esses animais proporcionam, como reciprocidade em dar e receber carinho; diminuição do estresse; compreensão dos sentimentos; consolo; companheirismo e aconchego.

Os animais de estimação podem servir, também, como um recurso terapêutico para o psicólogo, proporcionando benefícios no estabelecimento de vínculos com o paciente, enfatizando, aqui, principalmente, aqueles que têm uma dificuldade maior de interação, como os esquizofrênicos, autistas, pessoas com fobias e idosos (Volpi; Zadrozny, 2012). Por meio da espontaneidade que existe no animal, a pessoa interage sem ser obrigada mediante sua própria autenticidade, promovendo um ambiente com mais leveza para que o psicólogo consiga iniciar o seu trabalho (*Ibidem*, 2012).

Outra representação do animal de estimação, para muitos indivíduos, é como membro da família (Gazzana; Schmidt, 2015). No mundo atual, as famílias estão se tornando menores e, desta forma, muitas pessoas estão vivendo sozinhas. Por conta disso, o apego em relação ao animal de estimação se torna maior (Santos 2008 *apud* Gazzana; Schmidt, 2015). Paralelamente, o animal, quando considerado membro de uma família, sugere uma nova denominação para este convívio, sendo chamado de família multiespécie (*Ibidem*, 2015).

Canani e Faraco (2010) realizaram uma pesquisa com donos de cachorros de estimação para constatar a relação de apego, a qual demonstrou um nível elevado e, quando questionados sobre essa interação, os entrevistados relataram que o animal era considerado como parte importante da vida, pois o convívio promovia a sensação de bem-estar e aconchego. Os mesmos autores detectaram, também, que o luto vivenciado pelos indivíduos por um animal de estimação é semelhante ao sentimento de perda de familiares próximos.

Além de todas as representações e significados dessas relações com os animais de estimação, Serpell (2011 *apud* Passos, 2019) descreve que o homem se beneficia desta interação também para preencher as necessidades sociais e emocionais que, muitas vezes, não são contempladas por outro indivíduo. Em consonância com isso, é ofertado ao animal uma dedicação evidente em tal interação, pois a eles é disponibilizado água, comida, abrigo, cuidado e proteção contra perigos, aumentando o senso de responsabilidade e, conseqüentemente, o sentimento de utilidade, em vista de que o 'cuidar de alguém' é um instinto inato do homem (Tatibana; Da Costa-Val, 2009).

Para Kroeft (2014 *apud* Passos, 2019) a convivência com os animais de estimação pode ser um meio de encontrar um sentido na vida, pois é a partir do que o indivíduo recebe do mundo, de suas relações, tanto com outros seres humanos quanto com a natureza, que esta interação pode ser um pilar para a busca do significado do homem no mundo. O sentido da vida, segundo Frankl (2016 *apud*

Passos, 2019), não é algo que pode ser imposto a uma pessoa, mas sim encontrado pela mesma. Ainda, o sentido não pode ser encontrado no seu lado interno, mas no externo, ou seja, no mundo. O animal como um ser que está no mundo, portanto, pode contribuir na busca deste sentido, visto que essa interação auxilia de forma significativa na promoção da saúde mental e física do ser humano (Passos, 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza por sua natureza básica, em que o conteúdo descrito serve para ampliação do conhecimento sobre o tema interação humano e animal de estimação, ainda pouco explorado no meio científico. Cervo, Bervian e Silva (2007) descrevem que este tipo de estudo é importante para o avanço da ciência, não sendo necessária a aplicação na prática. Dessa forma, a abordagem do problema se classifica pelo método qualitativo, que conduz para uma análise mais profunda do fenômeno estudado, sendo caracterizada pelos conceitos, fatos, ideias ou opiniões encontradas, sob um entendimento indutivo ou interpretativo (Soares, 2019).

No que se refere ao objetivo, o mesmo caracteriza-se por ser exploratório, pois favorece uma análise mais clara da temática, esclarecendo questões que antes não eram abordadas. Para Gasque (2007), o método exploratório se torna mais flexível em relação à coleta de dados, permitindo que os conceitos encontrados preliminarmente possam ser revisados e complementados durante o processo de pesquisa.

Os instrumentos de base para esta pesquisa são os referenciais teóricos já publicados, tornando-a uma revisão bibliográfica narrativa. Este tipo de estudo, não exige uma coleta de dados sistemática e exaustiva nas bases de dados. Na narrativa, o pesquisador tem maior liberdade para selecionar e organizar as informações, sem necessidade de descrever as pesquisas encontradas nas bases de

dados, além de não necessitar seguir protocolos rígidos de busca ou critérios de inclusão/exclusão. Essa categoria de revisão contribui para o desenvolvimento de uma base sólida de conhecimento, facilitando a construção teórica por áreas na qual o assunto já foi desenvolvido e, ao mesmo tempo, pode criar oportunidades para uma nova pesquisa da mesma temática (Conforto; Amaral; Silva, 2011).

Sendo assim, foi necessário traçar estratégias para a busca e a análise dos resultados, tendo como início a consulta nas bases de dados da Scielo, Lilacs, Pepsic, Capes, BDTD e outras fontes que foram relevantes para a temática em enfoque, como livros e acervo pessoal. Desta forma, foram selecionados os estudos mais pertinentes ao tema de pesquisa, tendo como resultado final 24 referenciais teóricos para análise, conforme indicado na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 - Bases teóricas utilizadas na análise de dados

Base de Dados	Referenciais Teóricos	Autores	Ano
BDTD	Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos	Costa	2006
Acervo Pessoal	Interação humano-animal: o apego interespécie	Alves e Steyer	2020
	Convivência com animais de estimação e busca de sentido da vida	Passos	2019
	Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie	Gazzana e Schmidt	2015
	Benefícios da relação homem-animal	Lampert	2014
	Nietzsche: a grande saúde e o sentido trágico da vida	Azeredo	2011
	Apego entre casais sem filhos e seus animais de companhia	Canani e Faraco	2010
	Aspectos psicológicos na interação homem-animal de estimação	Almeida; Almeida; Braga	2009
	Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário	Tatibana e Costa-Val	2009
	Interação Humano-animal	Faraco	2008
	A influência positiva dos animais de ajuda social	Lima e Sousa	2004
	Sartre e o Existencialismo	Marques	1998

Base de Dados	Referenciais Teóricos	Autores	Ano
Capes	Animalidade Humana na Crítica ao Antropocentrismo em Friedrich Nietzsche	Dias	2024
	As interfaces da relação entre seres humanos e animais de estimação sob a perspectiva do desenvolvimento humano	Shiota	2022
Lilacs	Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico	Giumelli e Santos	2016
Livro	Filosofia Animal: humano, animal, animalidade	Neira /n: Oliveira	2016
		Bimbenet /n: Oliveira	2016
		Oliveira	2016
	Gestalt-terapia: conceitos fundamentais	D'acri e Moraes /n: Frazão e Fukumitsu	2014
		Cardella /n: Frazão e Fukumitsu	2014
		Andrade /n: Frazão e Fukumitsu	2014
	Gestalt-terapia: refazendo um caminho	Ribeiro	2012
	Vade-mécum de Gestalt-terapia	Ribeiro	2006
	Gestalt: uma terapia de contato	Ginger e Ginger	1995
Pepsic	Quando morre o animal de estimação	Vieira	2019
SciELO	Sobre a relação humano-cão	Cabral e Savalli	2020
	A abertura: humano, animal e animalidade na filosofia de Hans Jonas	Oliveira	2018
	Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano	Roehe e Dutra	2014

Fonte: desenvolvida pelas pesquisadoras (2024).

As pesquisas foram separadas por categorias *a priori*, sendo estas as que sustentaram a fundamentação teórica, como: Gestalt; Interação Humano-Animal; Animais de Estimação e Animalidade.

Para a análise dos resultados, surgiram categorias *a posteriori*, tais como: Evolução (primitividade/contemporaneidade); Benefícios para a melhoria da qualidade de vida; Significado da Relação; Reconecção com a Animalidade; Essência/Existência e Sentido da Vida.

Após tal identificação, as informações foram organizadas de forma narrativa, destacando os principais pontos de cada estudo revisado, permitindo uma análise dos dados mediante as categorias estabelecidas, interpretando e sintetizando o que foi encontrado. Ao final, foram apresentadas as principais conclusões desta revisão e possíveis direções para pesquisas futuras.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já esclarecido na seção metodológica, a análise dos dados sobre a interação entre os seres humanos e os animais de estimação irá obedecer as categorias levantadas *a posteriori*. Esse processo permitirá uma identificação mais precisa dos padrões e das particularidades dessa relação, contribuindo para um melhor entendimento dos objetivos propostos.

No que diz respeito à primitividade, estudos indicam que a relação entre humanos e animais começou há muito tempo, desde os primórdios, quando o homem já demonstrava dependência de outras espécies para sua sobrevivência. Shiota (2022) destaca que os animais foram essenciais para o progresso das civilizações, fornecendo alimento, recursos para vestimentas e ferramentas, servindo como transporte, participando de guerras, auxiliando em trabalhos básicos e sendo utilizados em pesquisas científicas, como para a criação de vacinas.

Neste enfoque, Janssens *et al.* (2018 *apud* Cabral e Savalli, 2020) sustenta que os animais não serviam somente como um produto que auxiliava, principalmente, no momento de caça e,

posteriormente, podiam ser descartados. Pelo contrário, eram cuidados, como mostra o caso do cão de Bonn-Oberkassel, que sobreviveu a uma infecção grave por mais tempo do que o esperado, graças à atenção e cautela dos humanos. Outra evidência relatada por esses autores é a de que, nesta época, foram encontrados, no local que eram enterrados os cachorros, objetos posicionados intencionalmente em seus respectivos túmulos e, deste modo, é retratada a tamanha relevância que esses animais tinham para os humanos.

Além desse exemplo, outro achado importante sobre o convívio com os animais são as gravuras feitas em paredes de sítios arqueológicos na Arábia Saudita, com desenhos de animais usando coleiras, sendo dominados pelos humanos e outros ao lado, sem coleira, sendo hipotetizados como os que seriam apenas animais para companhia (Guagnin; Perri; Petraglia, 2017 *apud* Cabral e Savalli, 2020).

Segundo a perspectiva de Fuchs (1987 *apud* Giumeli e Santos, 2016), essa interação pode ter começado com um lobo que, ao desenvolver comportamentos mais dóceis, passou a se vincular com os humanos, sendo utilizado para ajudar na caça e na proteção de territórios. Em relação aos lobos que começaram a apresentar maior domesticação, Shiota (2022) sugere que esses animais podem ter se aproximado dos humanos ao perceberem que, ao se alimentarem dos restos ou ossos descartados pelo homem, encontravam uma maneira segura de sobreviver. Dessa maneira, começaram a viver próximos aos acampamentos humanos, estabelecendo uma relação mais próxima com as pessoas.

A interação entre humanos e animais na primitividade foi crucial para o desenvolvimento da sociedade. Esse contato não só garantiu a sobrevivência, fornecendo alimento, proteção, e ferramentas, mas também marcou o início de uma nova convivência. Esses estudos indicam que essa interação evoluiu de algumas formas. Primeiramente, com o animal sendo utilizado de forma mais prática para o homem, até estabelecer uma relação de apego,

cuidado e valorização, a exemplo do cão Bonn-Oberkassel, mencionado anteriormente. Além disso, as evidências arqueológicas e estudos sobre a domesticação de lobos também reforçam a importância dessa convivência, que estabeleceu bases culturais e sociais ainda presentes nas sociedades modernas.

Em consonância com isto, percebe-se a relevância dessa interação para suprir as necessidades humanas e, também, na teoria de Gestalt, encontramos o conceito de contato, que é descrito como uma função indispensável para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo, pois é nessa relação que é reconhecido o outro, o novo, o não eu, possibilitando novas maneiras de se ajustar para uma melhor adaptação ao meio (D'acri; Moraes *In*: Frazão e Fukumitsu, 2014). Outra conceituação relevante dentro dessa mesma abordagem é a de ajustamento criativo. Ao se ajustar criativamente, o indivíduo cria uma nova maneira de se configurar no ambiente em que vive, abandonando o antigo e abrindo espaço para o novo. Dessa forma, ele pode transformar suas potencialidades em prol do seu próprio bem-estar (Cardella *In*: Frazão e Fukumitsu, 2014).

Dado o papel fundamental que a interação entre humanos e animais desempenhou no desenvolvimento das primeiras sociedades, na contemporaneidade, essa relação evoluiu de uma necessidade prática para uma conexão mais profunda e emocional, especialmente no caso dos animais de estimação. Essa relação na sociedade moderna fez com que a interação, a convivência e a domesticação dos animais se tornassem significativa em qualquer tipo de cultura, proporcionando que o homem desenvolvesse uma relação com os mesmos, muito próxima daquela estabelecida com membros da própria espécie humana (Gazzana; Schmidt, 2015; Lampert, 2014).

Neste aspecto, Almeida *et al.* (2009) destaca que, na contemporaneidade, metade das famílias ocidentais convivem com animais de estimação e que, nos anos sessenta, estudos científicos começaram a dar maior importância a pesquisas relacionadas

aos benefícios que essa interação passou a ofertar aos humanos, focando em momentos importantes da vida, como infância, adolescência, separação, viuvez e velhice. Como resultado disso, Lampert (2014) destaca que o contato com os animais está sendo cada vez mais compreendido e valorizado, devido à melhoria na qualidade de vida que essa convivência proporciona.

Frente a esse aspecto, é notável a importância dos animais à vida dos indivíduos da sociedade moderna, podendo ser considerada uma maneira de os seres humanos estarem mais próximos de sua própria natureza, uma vez que a contemporaneidade levou-os ao distanciamento da vida natural, fazendo-os deixar de lado experiências sensoriais, emocionais e sentimentais, que são inatas aos seres humanos, dando lugar a uma maior rigidez do mundo mecanicista em que vivemos.

Diante desta realidade, ao associarmos com a Gestalt, Ribeiro (2006) descreve a importância de voltar aos nossos instintos, nomeando isto como nossa animalidade, que é o modo pelo qual demonstramos nossos sentimentos, emoções e sensações. Dessa forma, somos considerados inevitavelmente animais, porém, com o passar do tempo, a qualidade dessa natureza instintiva, acaba sendo perdida.

Lima e Souza (2004) afirmam que essa modificação no modo de viver levou o homem a um maior isolamento do seu meio natural, o que é disfuncional para o organismo, resultando em algumas patologias comuns da era moderna, como estresse e ansiedade.

Esses dados demonstram a importância da relação com os animais de estimação, evidenciando que eles podem proporcionar benefícios significativos e uma maior qualidade de vida ao ser humano. No que tange a este quesito, uma pesquisa realizada por Giumeli e Santos (2016), com alguns tutores de animais de estimação, demonstrou que desse convívio surgem sentimentos relacionados a companheirismo, alegria, compaixão, além de auxiliar na cura de

algumas doenças. Em diálogo com os autores, Dukes (1996 *apud* Almeida; Almeida; Braga, 2009) aponta que alguns animais são capazes de perceber mudanças químicas no corpo de indivíduos com os quais convivem, o que os torna aptos a identificar alterações no estado de saúde geral. Além disso, o autor afirma que o olfato e a audição dos animais são consideravelmente mais desenvolvidos do que os dos seres humanos, permitindo que detectem sons que passam despercebidos por nós. Neste mesmo contexto, Gazzana e Schmidt (2015) sustentam que os animais possuem uma elevada sensibilidade à linguagem corporal dos humanos, o que lhes permite perceber sentimentos, intenções e expectativas com precisão.

Neste enfoque, um estudo realizado por Alves e Steyer (2020), com cuidadores de cães, gatos e uma calopsita, revelou diversas sensações e percepções resultantes dessa interação. Os cuidadores relataram sentimentos de paz e leveza, além de uma distração em momentos de estresse e preocupações. A reciprocidade no ato de dar e receber carinho também foram enfatizados. Eles atribuíram a seus animais a capacidade de compreender e compartilhar emoções humanas, oferecendo consolo em momentos difíceis. Além disso, alguns cuidadores notaram que seus animais parecem pressentir quando algo não está bem ou quando enfrentam problemas pessoais.

Cabe salientar, aqui, as colocações de Giumelli e Santos (2016) e Tatibana e Costa-Val (2009) em relação aos benefícios proporcionados para as crianças pelos animais de estimação. As autoras (2016; 2009) enfatizam que o envolvimento afetivo mais profundo com os animais cultiva nas crianças sentimentos de compaixão, solidariedade, sensibilidade e responsabilidade. Esse cuidado não apenas fortalece esses laços, mas também as ajuda a compreender melhor o ciclo da vida e da morte.

Já na fase da terceira idade, os animais incentivam os indivíduos com sedentarismo e obesidade a praticarem atividades físicas, ao mesmo tempo em que oferece proteção e suporte para aqueles

com dificuldades de locomoção (*Ibidem*, 2016). Além disso, Costa (2006) aponta que essa interação com os idosos pode oferecer auxílio em momentos de perdas e mudanças, proporcionando consolo, alívio e conforto, além de contribuir para a melhoria da convivência social e da autoestima.

É fundamental enfatizar que a presença de animais de estimação tem um impacto significativo na saúde mental, reduzindo sentimentos de depressão, ansiedade, solidão e desamparo, conforme apontado por Fuchs (1987 *apud* Giumeli; Santos, 2016). Em suas pesquisas, tanto Fuchs (1987 *apud* Giumeli; Santos, 2016) quanto Faraco (2008) identificam os animais como facilitadores sociais, capazes de aproximar as pessoas e melhorar sua comunicação. Além disso, estudos como dos de Gazzana e Schmidt (2015) e Faraco (2008) sugerem que a interação entre humanos e seus animais de estimação promove mudanças comportamentais positivas, estimulando o desenvolvimento de habilidades, responsabilidade, saúde física, psicológica e emocional em diferentes culturas e contextos.

Baseando-se nisso, podemos perceber os inúmeros benefícios proporcionados pelos animais de estimação, tendo início na infância e perdurando até a terceira idade. Por meio desta interação, há indícios do bem-estar emocional, psicológico e físico que esse contato pode oferecer. Além disso, os animais como auxílio na socialização são fundamentais, pois podem servir de companhia, proporcionando distração e trazendo leveza em momentos de estresse. Eles também incentivam o indivíduo a passeios, permitindo o contato com outras pessoas. Nesse sentido, a convivência com os animais reforça a importância dessa relação para uma melhor qualidade de vida.

O convívio com os animais pode ser uma maneira de se conectar com o momento presente, sem preocupações passadas ou ansiosas para o futuro, que a Gestalt nomeia como aqui e agora. A partir desta visão, ressalta-se que somente vivenciando o momento presente é que o encontro autêntico entre o indivíduo e animal

pode ocorrer, permitindo, assim, a manifestação dos sentimentos e benefícios relatados pelos tutores. Ginger e Ginger (1995) enfatizam a importância da experiência no aqui e agora para promover uma percepção corporal e emocional, integrando as várias dimensões do ser humano, sendo elas afetivas, sensoriais, intelectuais, espirituais e sociais, fazendo com que o corpo, as palavras e os sentimentos possam ser unificados no homem.

Como podemos perceber, essa interação promove ao ser humano diversos sentimentos, emoções e percepções relacionadas a uma melhor condição no modo de viver. Diante disso, o significado dos animais de estimação para os indivíduos vai além de uma companhia, podendo ser considerados por muitos como um membro da família, no qual a próxima categoria sobre o significado da relação irá descrever com maiores detalhes.

Alguns estudos apontam que a maioria dos donos de animais de estimação os veem como amigos e, até mesmo, como integrantes da família. Essa visão pode estar ligada ao aumento da presença desses animais na vida das pessoas, tornando essa convivência importante em vários sentidos (Giumelli; Santos, 2016). Nesta mesma perspectiva, Alves e Steyer (2020) afirmam que alguns cuidadores de animais de estimação os consideram membros da família, sendo que a maioria os trata como se fossem seus filhos. Uma significativa parte dos tutores relatou que, em determinados momentos de suas vidas, seus animais foram substitutos de familiares ausentes, servindo também como receptores de carinho e afeto. Dessa forma, os animais têm a capacidade de preencher o vazio emocional de seus donos e ajudar a aliviar a saudade de outras pessoas ou até mesmo de outros animais que já partiram. Assim, eles se mostram uma fonte significativa de apoio e suporte social para seus cuidadores (*Ibidem*, 2020).

Gazzana e Schmidt (2015) entrevistaram tutores de animais de estimação e chegaram à conclusão de que 80% dos participantes os considerava parte da família. Além disso, a narrativa dos

entrevistados revela que a companhia de um animal muitas vezes é considerada superior à de um humano. Isso se deve ao fato de que, além de oferecer amor e companheirismo, os animais são melhores ouvintes, pois não julgam, proporcionando assim características como instinto e lealdade. Em consonância com esses resultados, Giumelli e Santos (2016) apontam que um dos participantes de sua pesquisa relatou que conversava com seu cachorro sobre assuntos que nunca havia abordado com outras pessoas. As autoras também descrevem um aspecto importante observado entre os participantes, como mudanças nas expressões faciais, refletindo suas emoções ao falarem de seus sentimentos por seus animais, a exemplo de sorrir com os olhos marejados ou chorar quando mencionado como seria a vida sem a presença deles.

Canani e Faraco (2010), ao realizarem um estudo com tutores de cães para investigar o vínculo afetivo, constataram que ele é significativamente elevado. Quando questionados sobre essa relação, os participantes destacaram que o animal desempenhava um papel importante em suas vidas, gerando sensações de conforto e bem-estar. Os autores também identificaram que o luto pela perda de um animal de estimação é vivenciado de maneira semelhante ao luto por familiares próximos.

Para alguns cuidadores, os animais estão presentes lhe fazendo companhia na maior parte do tempo: durante suas atividades físicas, momentos de lazer ou, até mesmo, durante as refeições diárias. Por meio dessa presença, são geradas emoções positivas que dão significado a essa relação (Alves; Steyer, 2020).

Dentro desse enfoque, Vieira (2019), ao realizar entrevistas com tutores de cães, afirma que o vínculo estabelecido nessa relação é semelhante ao de uma pessoa, gerando sentimentos de bem-estar, carinho e segurança, o que intensifica o apego nessa interação. A relação com o cão revela vários papéis que o animal desempenha para seus tutores, como: o cão como filho e eterno bebê, onde o autor

observa que é comum os participantes se referirem ao animal como se fosse um filho; companheiro de brincadeira, já que alguns entrevistados mencionaram reservar um tempo para brincar com seus pets; parceiro afetivo, pois percebem a aceitação incondicional oferecida pelo cão, buscando nele uma segurança emocional; o cão como igual ou superior ao humano, onde os participantes atribuem características humanas ao animal, como ciúmes, temperamento, fidelidade e sistematicidade; e amigo e confidente, pois as conversas estabelecidas com o cão muitas vezes envolvem assuntos confidenciais (*Ibidem*, 2019). Outra questão levantada pelo autor é a de que todos os participantes relataram que mantinham contato com animais de estimação desde a infância, tornando essa experiência significativa pelo papel afetivo que era cumprido, proporcionando proteção, amor e companhia.

Ao analisarmos os significados dessa relação, por meio da perspectiva da Gestalt, podemos relacioná-los como um heterossuporte das necessidades emergentes do momento. O heterossuporte é classificado como um suporte que advém do meio em que o indivíduo está inserido e, por isso, proporciona auxílio essencial para o mesmo poder se desenvolver e, pelo contrário, se não houvesse o heterossuporte, o ser humano poderia desencadear comportamentos disfuncionais como ansiedade, insegurança, baixa autoestima etc. (Andrade *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014).

A análise das categorias anteriores revela que a interação entre humanos e animais de estimação oferece benefícios significativos para os indivíduos. Nos tempos primitivos, essa relação começou como uma necessidade prática, mas evoluiu na contemporaneidade como uma conexão mais profunda. Hoje, muitos consideram seus animais de estimação como membros da família, e essa convivência é rica em significados.

É notável como essa relação impacta sentimentos, emoções e sensações de bem-estar. A presença de um animal de estimação pode proporcionar conforto, amor incondicional e um senso de pertencimento,

contribuindo para a saúde emocional, física e mental dos humanos. Essa dinâmica vem para destacar a importância da reconexão com a animalidade, sendo essa a próxima categoria a ser analisada.

No que diz respeito a essa reconexão, a animalidade pode ser vista como o reconhecimento de que, apesar da nossa capacidade de raciocínio e civilização, somos influenciados por instintos, emoções e percepções. Sob a perspectiva da Gestalt, Ribeiro (2006) define a animalidade como a essência dos animais, que abrange tudo o que os torna seres completos. O autor ainda enfatiza que, embora o corpo humano represente uma forma evoluída de animal, é fundamental ir além da aparência, pois a animalidade é essencial para as ações humanas. Essa base ativa é crucial para a vida, especialmente em relação aos instintos, na qual os animais dominam essa forma de existir, e deste modo têm muito a nos ensinar (*Ibidem*, 2006).

A partir dessa perspectiva, é possível perceber o quanto os animais nos ensinam apenas com o olhar. Oliveira (2016) destaca que, quando um animal nos observa, ele não nos julga, apenas nos observa. Isso nos leva a refletir sobre nossa natureza física e instintiva. Ao nos vermos no espelho, ao contrário do animal que nos vê sem julgamentos, frequentemente percebemos o quanto nos analisamos e nos julgamos, o que muitas vezes desperta em nós a necessidade de corrigir ou ajustar nossa aparência física. O mesmo autor afirma que ser observado por um animal pode causar desconforto, pois nos sentimos expostos, livres das barreiras culturais que nos distanciam do reino animal. Essa exposição nos torna vulneráveis e nos conecta a uma condição mais primitiva. Assim, o contato visual estabelecido pelo animal com o ser humano provoca uma reflexão sobre as exigências impostas pela sociedade em relação ao corpo, muitas vezes distantes dos verdadeiros desejos do indivíduo.

Além disso, ao longo da história, o autoconhecimento do ser humano foi marcado por tentativas de controlar sua natureza física e instintiva, através de práticas como o jejum, a disciplina rigorosa e

o controle de impulsos e desejos, pela qual o homem se distanciou da animalidade que é intrínseca ao indivíduo (*Ibidem*, 2016). Sendo assim, essa conexão com o animal de estimação é uma forma de reconhecer sua natureza instintiva e estabelecer um maior vínculo com o mundo natural, despertando dessa forma, uma vida mais autêntica no que tange aos desejos e vontades do próprio ser humano.

Em decorrência disto, o mesmo autor enfatiza que, ao olhar para os animais, o homem tenta recuperar algo de sua própria origem, buscando neles um reflexo de sua natureza mais primitiva e instintiva, em que o contato gera uma saudade de um tempo mais próximo à natureza, quando humanos e animais compartilhavam os mesmos espaços selvagens, e hoje, se busca resgatar essa conexão por meio da convivência com os animais de estimação.

A esse respeito, cabe considerar a descrição de Condillac (*s.d.*), que ressalta essa conexão como algo profundo, afirmando que tanto humanos quanto animais experimentam o mundo de maneira semelhante, por meio das sensações, que nos tornam iguais em um nível fundamental, pois ambos vivem imersos no mesmo ambiente sensorial (Neira *In*: Oliveira, 2016).

Além disso, os comportamentos humanos contemporâneos têm raízes nos primatas ancestrais, evidenciando a continuidade entre humanos e animais no processo evolutivo. Muitos dos nossos comportamentos foram herdados ao longo da evolução, o que nos torna profundamente conectados aos animais, tanto em termos de comportamentos quanto em termos de sensibilidade (Bimbenet *In*: Oliveira, 2016).

Neste contexto, Dias (2024) menciona Nietzsche (*s.d.*) que afirma que a humanidade faz parte da animalidade e não deve ser vista como algo superior ou separado dela. O mesmo acredita que o desenvolvimento humano acontece por meio dessa conexão com os instintos, que são fundamentais e revelam a verdadeira essência do homem. Para Nietzsche, a existência humana deve ser entendida primeiramente pelos instintos e não apenas pela razão ou consciência.

Em consonância com Dias, Oliveira (2018) aponta que os animais, ao se mostrarem como seres plenamente vivos em seus corpos, revelam ao homem algo da sua própria existência corpórea e sensível, sendo o contato com eles uma maneira de redescobrir aspectos da própria animalidade humana, muitas vezes esquecida ou suprimida pela civilização. Essa relação com os animais, portanto, é uma forma de reconectar o ser humano com sua verdadeira natureza.

A partir disto, a interação com os animais leva o indivíduo a questionar a sua própria essência e a perceber neles um reflexo do próprio ser humano. Eles não são apenas corpos vazios, mas seres que vivem plenamente suas existências corpóreas e, quando isso é reconhecido, percebe-se que, assim como eles, o homem também é um ser físico e instintivo, conectado de maneira profunda a tudo que o cerca (Bimbenet *In*: Oliveira, 2016).

Podemos concluir, por meio desta categoria, que a interação com os animais de estimação pode servir como ponte para que os indivíduos resgatem aspectos mais instintivos e naturais da própria condição humana. Essa relação lembra que, apesar da evolução e da civilização, o homem ainda faz parte do reino animal. Assim, a reconexão com a animalidade pode ser um caminho valioso para que o ser humano compreenda melhor a própria essência e existência.

No que tange a esse quesito de essência/existência, ao relacionarmos com a Gestalt, Ribeiro (2006) sustenta que a realidade de qualquer ser humano é constituída por esses dois elementos, pela qual a existência é vista pela coisa-em-si, ou seja, ela é o que é, assim como quando identificamos um objeto, como, por exemplo, uma cadeira: a forma que ela é construída não nos deixa dúvida de que é uma cadeira. Já a essência é identificada pelo autor como o em-si-da-coisa, isto é, o significado que cada indivíduo estabelece para algo, podendo ser a maneira que é percebida por cada um por meio da sua subjetividade.

Nesse aspecto, a visão Sartreana afirma que a existência precede a essência, uma vez que o ser humano primeiro existe e, em seguida, constrói sua identidade por meio de suas escolhas. Essa característica é exclusiva da vida humana, pois, ao contrário de outros seres, que nascem com um propósito fixo, o ser humano é livre para decidir o que deseja ser, definindo assim sua própria essência ao longo da vida (Marques, 1998).

No entanto, essa liberdade pode ser condicionada pelas regras e normas impostas pela sociedade, o que pode gerar conflitos internos que precisam ser ajustados para que o indivíduo consiga viver em harmonia com o meio social (*Ibidem*, 1998).

Mediante isso, o animal de estimação pode servir como uma ponte de conexão para o mundo interno do ser humano, uma vez que este ser vive plenamente em sua essência, pois ele veio ao mundo premeditado a viver por meio de seus instintos. Ao se relacionar com o animal, o indivíduo tem a oportunidade de se reconectar com suas próprias emoções e sentimentos de forma genuína, sem a necessidade de escondê-los ou disfarçá-los, por medo de algum julgamento pelo fato de não estar seguindo alguma regra ou norma imposta pela sociedade. Isso permite que a pessoa aproveite o momento presente e se aproxime mais de sua própria essência.

Segundo Heidegger (1927/2006 *apud* Roehle; Dutra, 2014), o ser humano se define pela convivência e pela relação com os outros, algo que ele chama de “ser-com”. Ou seja, a existência humana só faz sentido em um mundo compartilhado, onde estamos sempre em relação com os outros, e é desse convívio que o homem constrói a sua essência. Neste propósito, o convívio com os animais de estimação contribui para a construção da essência do indivíduo, pois eles ensinam o homem a ser autêntico e a expressar quem realmente é.

Ribeiro (2012) ressalta que o ser humano é, por sua natureza, um ser que se relaciona e, além de simplesmente conhecer as coisas, estabelece vínculos com elas, criando conexões profundas que

o ajuda a compreender melhor sua própria realidade. Ao se sentir à vontade na relação estabelecida com o outro, o ser humano se revela e se aproxima de uma luz que ilumina sua verdadeira essência, se conectando com o seu próprio eu (*Ibidem*, 2012).

Neste sentido, Oliveira (2018) aponta que essa interação faz com que o indivíduo questione o próprio ser que habita dentro dele e, desta forma, o animal se torna uma porta de entrada para que o ser humano redescubra sua essência e reconheça aspectos de si mesmo por meio da relação com o outro ser.

Em suma, tais entrelaçamentos sobre essência/existência são apontados por Ribeiro (2006) como uma realidade relacional, na qual se cria a percepção de uma totalidade, pois essência e existência estão intrinsecamente ligadas, não faz sentido pensar em uma sem a outra, pois ambas se influenciam mutuamente.

Desta maneira, os animais influenciam essa relação de essência/existência ao proporcionar experiências que conectam esses dois aspectos. Ao interagir com eles, o homem é levado a refletir sobre a própria natureza e a maneira como existe no mundo, e assim, podendo levar a uma reflexão do próprio sentido da vida.

Dentro desse enfoque, chegamos à última categoria, o sentido da vida. Ao encontrar sua essência, o ser humano se torna mais consciente de quem realmente é, o que o ajuda a entender melhor seus sentimentos, pensamentos e ações, permitindo-lhe viver de forma mais autêntica, dando maior significado a sua vida. Sob a perspectiva da Gestalt, Ribeiro (2006) descreve que conhecer a si mesmo é descobrir suas próprias capacidades e limitações, e a partir desse entendimento que a pessoa começa a explorar o mundo e a usá-lo para se entender melhor, permitindo o crescimento de dentro para fora, tornando-se mais consciente a cada instante. Assim, o sentido da vida surge como resultado de uma evolução interna e de uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Ao relacionarmos esse conhecimento de si com a busca do sentido da vida e a relação que o homem tem com o animal de estimação, Passos (2019) afirma que o indivíduo que convive com animais de estimação pode encontrar mais facilmente um sentido para a vida, pois os animais ajudam a vivenciar valores e a enfrentar desafios, além de promoverem mudanças comportamentais positivas e uma melhora significativa na saúde física e mental. A mesma autora sustenta que a vida, quando dividida com os animais de estimação, pode gerar uma nova forma de existência do ser humano e, dessa forma, traz um sentido singular para cada indivíduo.

No que se refere ao modo de existir, Ribeiro (2006) destaca questões existenciais como “De onde vim?”, “Para onde vou?” e “Quem sou eu?” como relevantes para confrontar com os desejos e vontades que cada ser humano carrega consigo e poder assim, ouvir sua própria realidade. Neste aspecto, Azeredo (2011) aponta que, para viver de forma autêntica, o homem precisa se libertar dos valores transmitidos até o momento e criar preceitos que façam sentido com o novo modo de viver a vida, tornando-a mais leve e dinâmica. O autor ainda salienta que, para levar uma vida mais potente e vigorosa, Nietzsche (*s.d.*) defende a valorização dos instintos e do corpo como essenciais para viver de forma genuína, pois, ao negar essa natureza primitiva, o ser humano está enfraquecendo suas forças vitais e ficando mais longe da busca do sentido da própria vida.

Paralelamente a estas necessidades, os animais de estimação podem servir como um meio para reconectar o ser humano com seus instintos, conforme já analisado nesta pesquisa, pois, ao se relacionar com eles, o homem volta a se conectar com seus aspectos primitivos, essenciais para uma vida mais autêntica, deixando de lado os valores muitas vezes rígidos ditados pela sociedade.

A estes fatores, Passos (2019) aponta que a relação estabelecida entre o homem e os animais de estimação já é reconhecida socialmente, pois promove afeto e reconhecimento mútuo

entre ambos, além de estabelecer uma maior interação social e também o fortalecimento das relações. Deste modo, a convivência com os animais pode auxiliar o indivíduo a encontrar um sentido na vida, ao vivenciar valores que se manifestam em decorrência dessa interação, contribuindo significativamente para um melhor bem-estar (*Ibidem*, 2019).

Os animais de estimação, portanto, desempenham um papel fundamental na busca pelo sentido da vida. Toda a análise apresentada até aqui revela os inúmeros benefícios dessa interação. Além disso, cuidar de um animal não é apenas um ato de responsabilidade, mas também um convite à empatia e à construção de vínculos significativos. Essa relação pode levar o ser humano a refletir sobre sua própria existência, ajudando a encontrar um significado mais profundo em sua vivência. Assim, o vínculo estabelecido com os animais de estimação não só enriquece a vida, mas também conecta o homem ao que realmente importa, promovendo um senso de realização e propósito.

Concluo esta análise com uma citação de Ribeiro (2006, p. 58): "O sentido é um encontro, encontro entre duas realidades". Dessa forma, a relação entre humanos e seus animais de estimação torna-se uma jornada de descoberta — a descoberta de si mesmo — onde o sentido da vida pode ser construído por meio desse encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender a interação entre humanos e animais de estimação e de que forma eles poderiam servir como ponte de ligação do homem com o mundo, em que obtivemos respostas a cada objetivo proposto.

No que se refere a compreender como a relação entre humanos e animais evoluiu ao longo do tempo, foi atendido ao identificar que essa interação, que começou com funções práticas na primitividade, transformou-se em um vínculo mais profundo na contemporaneidade, relacionando com apoio emocional, mental e social, refletindo em uma necessidade humana de conexão e afeto.

Quanto a identificar as diferentes representações que os animais desempenham na vida humana, a análise destacou que os animais de estimação são vistos não apenas como companheiros, mas também como membros da família, sendo fontes de apoio emocional, facilitadores de interações sociais e como elementos que contribuem para a saúde mental, além da melhora na qualidade de vida em um todo, quando destacado que a saúde física do ser humano demonstra melhoras significativas quando compartilhada com os animais. Essa representação dos animais de estimação foi evidenciada nas categorias de análise, como “Benefícios para a melhoria da qualidade de vida” e “Significado da Relação”, que mostraram como esses laços podem influenciar positivamente o bem-estar dos indivíduos desde a infância até a terceira idade.

Por fim, o terceiro objetivo específico, que buscava investigar os efeitos da interação entre humano e animal, foi amplamente esclarecido em todas as categorias. Porém, as últimas três analisadas revelaram um resultado significativo dessa relação, destacando o papel dos animais na reconexão do ser humano com sua animalidade. Essa interação permite que o indivíduo entre em contato com seus aspectos mais primitivos, como os instintos, aproximando-o de sentimentos, emoções e sensações mais genuínas. Dessa forma, possibilita a descoberta de sua verdadeira essência e, assim, a busca por um sentido singular na vida de cada ser.

Mediante tais colocações, é substancialmente respondido de que maneira o animal de estimação pode servir como ponte de ligação do homem com o mundo, sendo evidenciada a conexão

emocional proporcionada, a contribuição para a saúde mental e física, a influência para uma melhor interação social do indivíduo, a reconexão com os instintos, o encontro de si e assim, um novo sentido para a vida. Esses aspectos demonstram como os animais de estimação atuam como mediadores que facilitam a conexão do ser humano com o mundo interno e externo, enriquecendo sua vivência.

Os animais vivem de forma instintiva e plena e, ao observá-los, somos inspirados a fazer o mesmo. Eles não julgam, não guardam rancor e não se preocupam com o que virá. Apenas estão ali, compartilhando aquele instante conosco. Essa troca sincera nos ensina a nos reconectar com nossos próprios sentimentos, a valorizar a simplicidade de um momento de tranquilidade, uma caminhada ou um olhar cheio de afeto. Sua presença autêntica é um lembrete poderoso de que, às vezes, o que realmente importa está bem diante de nós, esperando para ser sentido e vivido.

Pudemos constatar que a interação entre humanos e animais de estimação vai muito além de uma simples companhia, revelando-se um fenômeno significativo tanto para a Psicologia quanto para a sociedade e a ciência. A Psicologia da Gestalt, em particular, contribui para uma compreensão mais profunda desses vínculos, enfatizando a visão do ser humano como um todo integrado, onde as experiências sensoriais e emocionais têm um papel essencial para a saúde e o bem-estar. Essa abordagem revela que, ao interagirmos com animais, não estamos apenas respondendo a uma necessidade de afeto, mas também nos conectando com nossa própria animalidade, essência e existência. A animalidade nos aproxima de sentimentos genuínos; a essência representa o significado profundo dessa conexão; e a existência é a vivência concreta desse vínculo. Dessa maneira, interagir com animais nos conduz a um entendimento mais integrado de nós mesmos, proporcionando uma vivência mais plena e verdadeira.

A importância dessa pesquisa para a sociedade e a ciência reside na possibilidade de validar, por meio de evidências, o papel dos animais de estimação na promoção da saúde mental e física, na facilitação das interações sociais e na reconexão com os instintos humanos. Em um mundo cada vez mais acelerado e focado no futuro, a convivência com animais nos lembra do valor de viver o momento presente, de forma plena e consciente, proporcionando bem-estar e alívio do estresse diário. Do ponto de vista científico, explorar essa área traz contribuições relevantes para a Psicologia e abre caminho para novas investigações que possam embasar práticas terapêuticas e intervenções baseadas na interação humano-animal.

A análise dos dados não apenas confirmou os objetivos propostos, mas também ampliou a compreensão sobre a profundidade da interação humano e animal de estimação, porém houve uma limitação de fontes bibliográficas pela escassez de pesquisas nesta área, pela qual alguns estudos foram selecionados não pela temática apresentada, mas sim por haver em seu contexto, elementos relacionados à interação entre humanos e animais de estimação.

Deste modo, os resultados obtidos fundamentam a importância de continuar explorando essa temática, sugerindo que às próximas pesquisas possam ser direcionadas a estudos empíricos que incluam entrevistas e questionários, proporcionando maiores detalhes sobre sensações, emoções e sentimentos vivenciados pelos seus tutores, e permitindo assim, identificar padrões, tendências e variáveis desta relação, dando maior enriquecimento a análise de temas semelhantes a este.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maíra Lopes; ALMEIDA, Laerte Pereira de; BRAGA, Paula Fernanda de Sousa. Aspectos psicológicos na interação homem-animal de estimação. **Encontro interno**, Uberlândia, v. 9, p. 1-6, 2009. Disponível em: https://patasterapeutas.com.br/pesquisas/data/files/57/1599485227_X0uVWrHjQv9tZfY.pdf. Acesso em: 10 Jun. 2024.

ALVES, Luiza; STEYER, Simone. Interação humano-animal: o apego interespécie. **Perspectivas em Psicologia**, Novo Hamburgo, v. 23, p. 124-142, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/issue/view/1863> Acesso em: 10 Jun. 2024.

AZEREDO, Verônica Pacheco de Oliveira. Nietzsche: a grande saúde e o sentido trágico da vida. **Cadernos Nietzsche**, Ouro Preto, n. 28, p. 249-261, 2011. DOI: <https://doi.org/10.34024/cadniet.2011.n28.7771> Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7771>. Acesso em: 20 set. 2024.

CABRAL, Francisco Giugliano de Souza; SAVALLI, Carine. Sobre a relação humano-cão. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 31, p. 1-9, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190109> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVtft/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 4. Ago. 2024.

CANANI, Aline da Silva; FARACO, Ceres Berger. **Apego entre casais sem filhos e seus animais de companhia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2010.

CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. **As contribuições da TAA - Terapia Assistida por Animais à Psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007. *E-book*.

CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, SL da. **Roteiro para revisão bibliográfica sistemática**: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. Trabalho apresentado, v. 8, p. 1-12, 2011. *E-book*.

COSTA, Edmara Chaves. **Animais de estimação**: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos. 2006. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

DIAS, Matheus Becari. **Animalidade Humana na Crítica ao Antropocentrismo em Friedrich Nietzsche**. 2024. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

FARACO, Ceres Berger. Interação humano-animal. **Ciência veterinária nos trópicos**, Pernambuco, v. 11, n. 1, p. 31-35, 2008. Disponível em: <http://rcvt.org.br/suplemento11/31-35.pdf/#post-inner>. Acesso em: 05. jul. 2024.

FARACO, Ceres Berger; SEMINOTTI, Nedio. A relação homem-animal e a prática veterinária. **Revista CFMV**, Brasília, v. 10, n. 32, p. 57-62, 2004. Disponível em: <https://www.cfmv.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/Revista-CFMV-Edi%C3%A7%C3%A3o-32-2004.pdf>. Acesso em: 05. jul. 2024.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. **Repertório Institucional da Universidade de Brasília**, Brasília, p. 83-118, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9610>. Acesso em: 07. jun. 2024.

GAZZANA, Cristina; SCHMIDT, Beatriz. Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie. **Anais do III Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha**, Caxias do Sul, v. 3, p. 1000-1020, 2015. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>. Acesso em: 15. ago. 2024.

GINGER, Anne; GINGER, Serge. **Gestalt: uma terapia do contato**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GIUMELLI, Raísa Duquia; SANTOS, Marciane Cleuri Pereira. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 1, p. 49-58, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357746390007.pdf> Acesso em: 29. maio. 2024.

INSTITUTO PET BRASIL. **Amor pelos animais impulsiona os negócios**. Disponível em: <https://institutopetbrasil.com/fique-por-dentro/amor-pelos-animais-impulsiona-os-negocios-2-/>. Acesso em: 17 de junho de 2024.

LAMPERT, Manoela. **Benefícios da relação homem-animal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104881> Acesso em: 15. jun. 2024.

LIMA, Mariely; DE SOUSA, Liliana. A influência positiva dos animais de ajuda social. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*. **Interações: Sociedade e as Novas Modernidades**, n. 6, p. 156-174, 2004. Disponível em: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/106> Acesso em: 7. jul. 2024.

MARQUES, Ilda Helena. Sartre e o Existencialismo. **Revista Eletrônica Funrei**, n. 1. p. 75-80, 1998. *E-book*.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. A abertura: humano, animal e animalidade na filosofia de Hans Jonas. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, p. 2382-2401, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37931> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/LsdrK8Dx36nFGTStbrfNxp/?lang=pt> Acesso em: 26. set. 2024.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. **Filosofia animal**: humano, animal, animalidade. Curitiba: PUCPress, 2016.

PASSOS, Julia Troian. **Convivência com animais de estimação e busca de sentido da vida**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4970> Acesso em: 16. ago. 2024.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: Uma gestalt em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 896-914, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451863017004/451863017004.pdf> Acesso em: 03. jun. 2024.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances em Psicología Latino americana**, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. DOI: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07 Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-472420140001000008&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 28. ago. 2024.

SANTOS, Isabela Bertelli Cabral. dos. **Por que gostamos de nossos cachorros?** *Psique Ciência & Vida*. São Paulo: Editora Escala, v. 32, p. 20-25, 2008. *E-book*.

SHIOTA, Hanae Caroline Quintana. **As interfaces da relação entre seres humanos e animais de estimação sob a perspectiva do desenvolvimento humano**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2022.

SOARES, Simaria de Jesus. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 3, p. 1-13, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/Lis%20Adriane%20Dalbosco/Downloads/ciranda,+1593-5182-13-PB-1.pdf. Acesso em: 15. jun. 2024.

TATIBANA, Lilian Sayuri; DA COSTA-VAL, Adriane Pimenta. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **Revista Oficial do Conselho Regional de Medicina Veterinária**, Minas Gerais, v. 11, p. 12-18, 2009. Disponível em: <https://crmvmg.gov.br/RevistaVZ/Revista03.pdf#page=11> Acesso em: 03. set. 2024.

VIEIRA, Márcia Núbia Fonseca. Quando morre o animal de estimação. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 1, p. 239-257, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P1678-9563.2019v25n1p239-257> Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11653?source=/index.php/psicologiaemrevista/article/view/11653> Acesso em: 14. ago. 2024.

VOLPI, Diandra; ZADROZNY, Valéria Gurgel Ponte. **Benefícios da TAA: uma contribuição da psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Universidade Regional de Blumenau) - Blumenau, 2012. *E-book*.



5

*Matheus Vieira Trindade
Simoni Urnau Bonfiglio*

**ANÁLISE FENOMENOLÓGICA
DE SIMBA EM “O REI LEÃO”,
PROCESSO DE *AWARENESS*
E GESTALT-TERAPIA**



RESUMO:

O presente artigo teve como objetivo relacionar a jornada do personagem Simba no filme "O Rei Leão" com o conceito de *Awareness* na Gestalt-terapia. Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa-fenomenológica, a análise foca em fragmentos do filme e revisão da literatura científica pertinente. Utilizou-se a versão de 1994 do filme, dada a relevância das cenas específicas à proposta. A pesquisa visa explorar as inter-relações entre momentos cruciais da trajetória de Simba e os princípios da prática gestáltica, identificando a construção desse conceito nas diversas situações vivenciadas pelo personagem. Além disso, investiga-se a validade do uso de recursos artísticos como ferramenta para compreensão da Gestalt-terapia como teoria, especialmente em obras cinematográficas. O estudo visa contribuir para o enriquecimento teórico e prático da abordagem, utilizando o filme como contexto rico em temas humanos para análise científica. Portanto, trabalho adota títulos alternativos ao representar os tópicos estruturais da produção, por exemplo, a introdução é intitulada como "Nascer na pedra do rei", a fundamentação teórica transcorre como "Rafiki e a árvore do conhecimento", os procedimentos metodológicos, como "conhecimentos ancestrais", a análise de dados como "Simba transcendendo a sabedoria da savana" e as considerações como "Um novo legado".

Palavras-chave: Awareness; Tomada de consciência; Gestalt-terapia; Fenomenologia; O Rei Leão.



ABSTRACT:

The article aimed to explore the journey of Simba's character in the movie The Lion King about the concept of awareness in Gestalt therapy. The analysis used a qualitative-phenomenological methodological approach and focused on specific scenes from the 1994 film version. The goal was to examine the connections between pivotal moments in the journey of Simba and the principles of Gestalt practice and to explore how using artistic devices in cinematic works can enhance our understanding of Gestalt therapy. The study aimed to contribute to the theoretical and practical enrichment of the approach by using film as context for scientific analysis. The article has alternative titles for different sections: in the introduction, called Born on the Pride Rock; the theoretical basis as Rafiki and the Tree of Knowledge; the methodological approach is Ancestral Knowledge; the data analysis is Simba Transcends the Wisdom of the Savannah; and the concluding reflections is A New Legacy.

Keywords: Awareness; Consciousness-raising; Gestalt-therapy; Phenomenology; The Lion King.

O NASCER DO SOL DA PEDRA DO REI

A psicologia, originária do grego *psikhê* (alma) e *logos* (estudo ou ciência), investiga a complexidade da experiência humana e a subjetividade. Na Grécia Antiga, filósofos como Platão e Aristóteles começaram a especular sobre o homem e sua interioridade, sistematizando a Psicologia como “estudo da alma”, que englobava pensamento, sentimentos, irracionalidade, desejo, sensação e percepção (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

Os filósofos pré-socráticos exploravam a relação do homem com o mundo através da percepção. Sócrates destacou a razão como a principal característica humana, diferenciando o homem dos animais. Platão definiu a razão como residente na cabeça, com a alma separada do corpo. A psicologia, assim, busca compreender profundamente emoções, pensamentos e comportamentos, transcendendo observações superficiais e o senso comum (*Ibidem*).

Nesse cenário atual, a curiosidade ainda impulsiona a investigação dos fenômenos, portanto, a pesquisa se mostra como uma ferramenta direcionadora para alcançar uma compreensão mais abrangente da natureza humana. O compromisso com a investigação e a aplicação de métodos científicos são fundamentais para explorar os processos da psique humana, oferecendo *insights* valiosos que não apenas enriquecem o campo da psicologia, mas também contribuem para o desenvolvimento do conhecimento humano na totalidade.

A presente pesquisa consiste em um Trabalho de Conclusão de Curso, na área da psicologia, com vistas a responder à seguinte pergunta do problema: “De que modo o filme ‘O Rei Leão’ pode abarcar o fenômeno da *Awareness* presente na Gestalt-terapia?”

O objetivo principal é relacionar a jornada do personagem Simba no filme “O Rei Leão” com o conceito de *Awareness* na Gestalt-terapia. A abordagem metodológica adotada é qualitativa-fenomenológica, com foco em analisar fragmentos do filme e revisar

a literatura científica pertinente, utilizando as bases de dados, como Google Scholar, PePSIC, SciELO e EBSCO.

O presente estudo foi conduzido por meio da coleta de dados na plataforma Disney+®, utilizando a versão de 1994 do filme, dada a relevância das cenas específicas à análise proposta. A investigação foi realizada de forma cronológica, com base em anotações durante a apreciação do longa e revisão bibliográfica sobre os conceitos gestálticos, especialmente a *awareness*.

A metodologia inclui a realização de pesquisa bibliográfica e documental para analisar as contribuições científicas sobre o tema, com critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para a seleção da literatura relevante nos últimos sete anos em língua portuguesa ou inglesa.

A escolha de explorar a jornada de Simba em “O Rei Leão” à luz da Gestalt-terapia é fundamentada na relevância do tema à compreensão do Ser em processo psicoterapêutico. A Gestalt-terapia, centrada na experiência presente, oferece uma abordagem valiosa para compreender as dinâmicas psíquicas. O filme proporciona um contexto rico para explorar conceitos gestálticos como essência e existência, enriquecendo tanto a teoria quanto a prática psicoterapêutica, tornando a análise gestáltica mais acessível para aqueles que necessitam de maior elucidação desses conceitos.

Exploram-se as inter-relações entre os momentos cruciais da trajetória de Simba e os princípios de compreensão de *Awareness* na prática gestáltica. Para alcançar tal objetivo, identifica-se e analisa-se a construção dos processos de *Awareness* nas diversas situações vivenciadas por Simba no filme, além de compreender como os elementos de existência e essência contribuem para o desenvolvimento de tal. Além disso, investiga-se a validade do uso de recursos artísticos como uma ferramenta válida à análise e compreensão da Gestalt-terapia em uma abordagem fenomenológica-existencial, por meio da análise dos eventos e das dinâmicas apresentadas na obra cinematográfica.

A abordagem qualitativa-fenomenológica permite uma imersão na experiência do personagem, enquanto a pesquisa bibliográfica e documental, com a análise de conteúdo, oferece uma estratégia apropriada para investigar a intersecção entre a narrativa do filme e os princípios da Gestalt-terapia. Além disso, a Gestalt-terapia possui um arcabouço para compreender fenômenos por meio do estudo da arte, especialmente obras cinematográficas, expandindo os conceitos propostos e contribuindo a propagação da abordagem psicológica, movendo-a da teoria para a prática, possibilitando a maior compreensão de termos teóricos, por exemplo a *awareness*, ajustamentos disfuncionais, ciclos de contato, entre outros.

Ademais, o filme se caracteriza como uma obra rica em temas de identidade, luto, ajustamentos criativos, redenção e o ciclo da vida, os quais fornecem material amplo para análise. Personagens como Simba, Mufasa, Scar, Timão, Pumba, Nala e Rafiki podem representar diferentes facetas da experiência humana, tornando-os ideais à exploração científica. Igualmente, os elementos visuais e auditivos do filme, incluindo a sua animação e trilha sonora, adicionam camadas de profundidade e simbolismo, que também podem ser analisadas para contextualização fundamentados em teorias, neste caso, a Gestalt-terapia foi elencada como fio condutor.

No compasso das palavras, este trabalho emerge não apenas como um mergulho na curiosidade que impulsiona pesquisadores, mas como um berço de significados que ganham vida na trajetória singular do autor principal. Aqui, cada página é tecida não apenas por levantamento bibliográfico, mas com a trama intrínseca a uma simbologia que ressoa profunda e pessoal. De forma que, para este trabalho, a pesquisa não é apenas um exercício acadêmico. É a celebração de uma narrativa cuja essência e existência do autor se encontram entre as linhas, em que cada palavra é uma nota em partituras que transcendem o simples ato de investigar, transformando-se em um mergulho poético na compreensão da obra, experiência e produção.

RAFIKI E A ÁRVORE DO CONHECIMENTO

A psicologia, como outras ciências humanas, apresenta diversas perspectivas epistemológicas que permitem análises variadas sobre os fenômenos humanos. A presente pesquisa se concentra na abordagem da Gestalt-terapia, desenvolvida por Frederick Perls (1893-1970), visando compreender fenômenos abarcados na complexidade humana em condição de Ser.

Logo, a Gestalt não está relacionada somente ao homem, mas na ligação antropológica com o seu campo vivencial, na totalidade, interligados ou não, mas consequentes um do outro. As relações são percebidas e analisadas por meio de um método dialógico, valorizando sensações, sentimentos, percepções e formas do cliente no aqui-agora, ou seja, a junção das relações corpo-pessoa, mente-pessoa, ambiente-pessoa, formando os ângulos desse triângulo, formatando, então, a totalidade (Ribeiro, 2021).

A isso, Ferraz (2012, p. 130), ressalta que:

No seu aspecto clínico, a Gestalt-terapia se apresenta como uma terapia existencial-fenomenológica que objetiva aumentar a *awareness* do cliente, no aqui e agora da relação terapêutica, e, para isso, utiliza recursos como experimentos, frustração, fantasias dirigidas, e outros, facilitando o desenvolvimento do autossuporte, a capacidade de fazer escolhas e a organização da própria existência.

A teoria psicológica adota uma abordagem que desafia visões tradicionais e estáticas, está fortemente influenciada por pensamentos fenomenológicos e existenciais, posicionando-se como uma perspectiva pós-moderna que reconhece e valoriza a singularidade de cada indivíduo. Aqui, o diagnóstico não é visto como um rótulo fixo, mas sim como uma compreensão situacional das experiências, sensações e percepções do cliente no aqui e agora (Ferraz, 2012).

Portanto, a criação dessa abordagem, possui como principal objetivo “[...] transformar pessoas de papel em pessoas reais” (Perls, 1988, p. 131), possibilitando que os indivíduos vivam no presente, por meio da tomada de consciência diante da própria existência. Esquivando-se de uma proposta inconsciente e/ou determinista. Valorizam-se os conteúdos percebidos e a forma na qual ocorrem, visando especialmente a integração do Ser Em-si.

Diferentemente de abordagens psicodinâmicas, como a Psicanálise de Freud, ou a Psicologia Analítica de C. G. Jung; Perls, Hefferline e Goodman propõem a existência de um redirecionamento do foco do inconsciente para os “problemas e fenomenologia da *awareness*” (Perls; Hefferline; Goodman, 1997, p. 33), isto é, a ausência uma potência singularmente inconsciente e decisória, que possa impedir o *Self* de emergir nos mais variados cenários, mas sim que possa ser agregado por meio da experiência individual diante das suas escolhas em um dado momento. Tudo aquilo que tem valor é tratado no aqui e no agora, no como-se-dá, diante de uma dialética estabelecida entre paciente e terapeuta, na visão de Ferraz (2012).

Há quem compreenda a teoria gestáltica como uma terceira via diante das polaridades de perspectivas psicológicas (behavioristas e psicodinâmicas), destacando-se devido ao seu redirecionamento de foco terapêutico, não se buscando apenas analisar materiais provenientes de uma escuta sobre dados emergidos do inconsciente, ou a análise isolada de contingências comportamentais. Preocupa-se com a tomada de consciência da sua existência e essência integradas em totalidade (Perls; Hefferline; Goodman, 1997). Tal processo pode ser mais bem compreendido por intermédio do conceito de *Awareness*, presente em obras da Gestalt.

Nesse sentido:

Concebe-se *awareness* como o fluxo da experiência aqui-agora que, a partir do sentir e do excitação, presentes no campo, orienta a formação de *Gestalten*, produzindo um sabertácito [...] que denominamos saber da experiência” (Alvim, 2014, p. 38).

Portanto, o termo *awareness* pode ser, grosso modo, comparado ao ditado popular “virada de chave”. Trata-se da ocorrência da transformação nas percepções e ações do Ser perante algo. Indo de um estado não ou pouco-consciente, para maior elucidação, somatizada por pequenos *insights* no caminho trilhado pelo cliente (terminologia usada por gestalt-terapeutas). Visto que se toma consciência da forma como a situação narrada ao psicoterapeuta, realmente se apresenta imersa no aqui e agora. Movendo seres humanos do assento de mero observador, integrando-o como parte ativa daquilo que se passa consigo mesmo, estando, assim, consciente da própria consciência (Alvim, 2014).

Ante a teoria desenvolvida por Perls, os conceitos de essência e existência tomam um lugar especial a fim de compreender a natureza humana e o processo terapêutico, permitindo uma concepção mais ampla do Ser em saúde existencial. Conforme Gaiano (2018), em consonância com os parâmetros da OMS, a saúde vai além da mera ausência de doença, abrangendo bem-estar físico, mental e social, e refletindo a funcionalidade social do indivíduo. Transcendendo a compreensão advinda do senso comum, a qual considera que a saúde se reduz à ausência de patologias físicas.

Sob a perspectiva do arcabouço de propostas da Gestalt, saúde está na integração da totalidade, flexibilizando a possibilidade de uma existência não só voltada ao externo, mas também aspectos tratados na individualidade do Ser, dando vazão a dois conceitos importantes nessa obra: essência e existência.

Nesse contexto, Ribeiro (2021) propõe a função dos órgãos sensoriais como responsáveis por formar a visão do mundo. Abordando duas perspectivas integradas: uma comum, que reflete uma compreensão social compartilhada sobre determinados assuntos; e outra subjetiva, mais relacionada a um sistema interno de interpretação, baseado em percepções subjetivas e individuais. Complementando que, “contudo, existe um segundo momento no qual reconheço, interna e cognitivamente, o objeto apreendido por meus sentidos. É aí que dou nome à realidade apreendida” (*Ibidem*, p. 113).

Silva, Rabelo e Yano (2023) pontuam que “existência também diz respeito ao relacional, com os demais” (p. 80). Dando-se a enxergar tal fenômeno como fundamental à decodificação do mundo de forma comunitariamente compreensiva. Por exemplo, ao avistar um objeto esférico, com pentágonos pretos e brancos, que rola sobre o chão, associa-se, pelo senso comum, que ali existe uma bola de futebol, utilizada por aqueles que praticam tal esporte.

Já visando o mesmo conteúdo pela perspectiva essencial, Ribeiro (2021) argumenta que “A essência de algo é aquilo que se é não pode não ser” (p. 114). Logo, essencialmente, ali se tem uma bola, que pode ser traduzida para as mais diversas práticas. Apesar de ter uma finalidade existencial mais específica (futebol), ela consegue transcender tal condição, e ser utilizada também para outros esportes que envolvam chute, já que aquela é sua essência.

A isso:

[...] a essência precede ontologicamente a existência, ou seja, um ser para existir precisa ser ontologicamente possível, existência é função da essência, pois não se pode pensá-la em estado puro, em si, separada de sua essência (*Ibidem*, p. 114).

Ribeiro (2021), junto a Silva, Rabelo e Yano (2023), no entanto, concordam com o fato de a essência e existência serem fatores complementares primordiais para que o Ser se coloque no mundo de forma saudável e funcional. Complementam que ambos os fatores trabalham no aqui-agora, em frente a situações experienciadas, fazendo com que uma não possa existir sem a outra.

Em contrapartida, a teoria também propõe a existência de disfuncionalidades do Ser, a qual Bandeira *et al.* (2018) compreendem que “quando a capacidade para o crescimento pessoal fica obstruída, impedindo o encontro genuíno, a neurose se instaura como uma tentativa da pessoa de se ajustar criativamente ao meio” (p. 94). Isto é, diante de diversos tipos de afetos aos quais se é exposto diariamente,

as pessoas acham recursos criativos para se adaptar, buscando sobrevivência perante aquilo que lhe remove da sua homeostase.

Perls (1988) enxerga o homem como ser altamente social, que necessita do outro para sobrevivência própria, e caso fosse deixado só, morreria por não conseguir atender às suas demandas fisiológicas e emocionais. Acarretando, naturalmente, a necessidade de o indivíduo buscar, constantemente, conexões e interações. Essa busca por vínculos sociais não apenas satisfaz as necessidades básicas de sobrevivência, mas também alimenta um profundo anseio por pertencimento e significado. A interdependência entre os seres humanos, conforme destacada por Perls, ressalta a importância fundamental das relações interpessoais na construção da identidade e no desenvolvimento pessoal.

Diferentemente de outras perspectivas, para a Gestalt-terapia todos os mecanismos disponíveis podem ser funcionais ou não, a depender do como-se-dá. Nesse aspecto, Perls (1977) acredita que a pessoa se encontra em quadro neurótico “quando se está cristalizada num modo de atuar obsoleto e fica menos capaz de ir ao encontro de qualquer de suas necessidades de sobrevivência, inclusive das necessidades” (p. 40). Reconhecendo clientes como seres em sofrimento e em contextos disfuncionais, e não os rotular como os próprios fenômenos que ocorrem no seu campo, reforçando aqui o seu referencial fenomenológico e existencialista.

Schillings (2014) intitula esses contextos, dentro da ideologia de Perls, como ajustamentos criativos disfuncionais, já que “para dar conta dessa interação contínua estabelecida no campo, precisa-se, inúmeras vezes, fazer opções para atender tais necessidades” (p. 175). Isto é, a teoria gestáltica reconhece a existência de fenômenos em polaridades patológicas, entendendo os mecanismos de defesa do organismo, compreendendo que o corpo precisa resistir àquilo que vê como fatalidade.

Em suma, a Gestalt-terapia emerge como uma abordagem que transcende as fronteiras das perspectivas psicológicas tradicionais, adotando uma visão holística e fenomenológica da experiência humana. Fundamentada na compreensão do Ser no aqui e agora, enfatizando a importância da *awareness* e da integração entre essência e existência, visando à busca do bem-estar e da saúde existencial.

Ao reconhecer a interdependência entre o indivíduo e o seu ambiente, também destaca a relevância da dialética na construção da identidade e no processo terapêutico. Além disso, ao abordar os ajustamentos criativos disfuncionais como formas de resistência do organismo diante das adversidades, essa abordagem promove uma compreensão compassiva e não patologizante do sofrimento humano, favorecendo o desenvolvimento do autossuporte e da capacidade de escolha. Em síntese, a psicologia da Gestalt oferece uma visão dinâmica e inclusiva do Ser, buscando promover a consciência e a integração do indivíduo no seu contexto existencial.

CONHECIMENTOS ANCESTRAIS

Diante do proposto até então, compreende-se que o estudo aqui apresentado se baseia como uma pesquisa de natureza básica, uma vez que “[...] a pesquisa está ligada ao incremento do conhecimento científico” (Gobbo, 2017, p. 182). Tendo o seu desenvolvimento com base na pergunta-problema: “De que modo o filme ‘O Rei Leão’ pode abarcar o fenômeno da *Awareness* presente na Gestalt-terapia?”

Para isso, vale-se de uma abordagem qualitativa-fenomenológica. Qualitativa, pois não possui um instrumento estatístico, não pretendendo medir ou mensurar o objeto de pesquisa. E fenomenológica, já que o processo se inicia com uma indagação que não está definida de forma precisa pelo pesquisador, diferentemente de

abordagens experimentais e de levantamento. Tal interrogação surge de uma inquietação relacionada ao entendimento atual do pesquisador sobre um tema específico, gerando uma tensão que o motiva a buscar a essência do fenômeno, a qual é simultaneamente estranha e familiar devido à sua presença na experiência cotidiana. No entanto, essa familiaridade ainda não constitui conhecimento pleno. Portanto, esse estágio inicial da pesquisa fenomenológica é denominado como pré-reflexivo, pois o pesquisador busca compreender algo que ainda não está completamente claro na sua mente (Bicudo, 1994 *apud* Gil, 2022).

Os objetivos dessa produção são de cunhos explicativos. Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em razão de explicar “a partir de referenciais teóricos publicados, conhecer e analisar as contribuições científicas do passado sobre determinado assunto ou problema” (Gobbo, 2017, p. 183), e documental, uma vez que “esta baseia-se em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (*Ibidem*).

Como instrumento para a coleta de dados e acesso ao filme “O Rei Leão”, utilizou-se a plataforma Disney+®. Tendo a versão de 1994 (desenho animado) escolhida para análise.

Em termos cronológicos (Apêndice 1), anotações serão procedidas durante o assistir da narrativa, definição das cenas a serem analisadas, seguidas de levantamento bibliográfico sobre Gestalt-terapia e “*Awareness*”. Conforme as leituras, recortes com as cenas do filme serão realizados por meio do levantamento de quadros originados de bancos de imagem disponíveis na *Internet*. Já que a plataforma Disney+® não possibilita a captura de tela no seu aplicativo de *streaming*.

A análise de conteúdo foi o recurso utilizado no estudo das informações obtidas, compreendendo que ela se torna favorável para pesquisas qualitativas, considerando que para o cumprimento dos

objetivos propostos, o estudo possui maior ênfase no conteúdo das mensagens, falas e momentos vividos pelas personagens durante a trama (Gobbo, 2017).

O recurso empregado é uma técnica relevante a ser utilizada em trabalhos de pesquisa devido à sua capacidade de proporcionar uma análise profunda e detalhada dos dados coletados, permitindo a identificação de padrões, temas e significados subjacentes ao conteúdo. Tendo Bardin como um de seus precursores, essa abordagem possibilita a interpretação sistemática e objetiva dos dados, contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e a construção de inferências válidas (Sousa; Santos, 2020).

Além disso, a Análise de Conteúdo auxilia na validação e confiabilidade dos resultados da pesquisa, garantindo a robustez das conclusões obtidas. Ao desvendar o conteúdo latente e não explicitado pelos participantes, essa técnica permite uma compreensão mais abrangente do tema investigado, possibilitando a construção de concepções em torno do objeto de estudo e a geração de conhecimento significativo (*Ibidem*). De forma a complementar pesquisas e levantamentos de cunho fenomenológico.

A fim de delinear melhor os conceitos corroborativos ao tema, foram traçados termos de inclusão e exclusão. No que tange incluir o presente texto, tem-se as palavras-chave que são: *awareness*; tomada de consciência; Gestalt-terapia; fenomenologia; O Rei Leão. Foram incluídos livros e artigos (no caso dos artigos, o tempo de publicação utilizado foi dos últimos sete anos), em língua portuguesa ou inglesa, tendo a leitura dos resumos (de artigos) e índices (de livros), como critério para incluir ou excluir o material do presente estudo. Para inclusão, tais artigos devem ser condizentes com o tema da pesquisa. As bases de dados consultadas são Google Scholar, PePSIC, SciELO e EBSCO.

Os critérios de exclusão utilizados neste estudo foram: resumos não condizentes com o tema da pesquisa, artigos com mais de sete anos, e escritos em idiomas diferentes do português e inglês. Tais escolhas foram adotadas a fim de garantir a relevância, a atualidade e a acessibilidade dos trabalhos analisados, proporcionando uma base de dados mais consistente e alinhada com os objetivos da pesquisa.

SIMBA TRANSCENDENDO A SABEDORIA DA SAVANA

O estudo de obras cinematográficas com o respaldo da psicologia pode levantar hipóteses interessantes sobre os efeitos dos filmes no comportamento, nas emoções e nas percepções do público. Encontra-se a possibilidade de explorar como diferentes narrativas e caracterizações possuem o potencial de influenciar a identificação dos espectadores com os personagens. Além de a capacidade de investigar se e como os filmes contribuem para reforçar ou desafiar normas sociais e estereótipos, ilustrar processos psicoterapêuticos, bem como a maneira pela qual podem impactar a formação de crenças e valores. Ao considerar esses aspectos, torna-se viável hipotetizar que a análise psicológica dos filmes revela não apenas o seu potencial de entretenimento, mas também a sua capacidade de atuar como uma ferramenta de coleta de dados científicos para estudos, em especial, acadêmicos.

Dessa maneira, "O Rei Leão" (1994) é um longa-metragem de animação produzido pelos Estúdios Walt Disney, que narra a história de Simba, um jovem leão destinado a ser o rei da savana. O seu nascimento, filho do rei Mufasa e da rainha Sarabi, é um evento de grande significado, celebrado em todo o reino animal como a continuidade da linhagem real. Mufasa, reconhecendo Simba como o

futuro monarca, dedica-se a educá-lo, transmitindo-lhe os princípios do ciclo da vida e a responsabilidade de manter o equilíbrio ecológico da savana, preparando-o para liderar com justiça e compaixão.

Na Figura 1 vemos Rafiki erguendo Simba sobre a pedra do Rei, simbolizando a continuidade da linhagem real e o início da jornada de Simba como futuro líder da savana. A cena destaca a expectativa depositada nele e a influência positiva de Mufasa na sua educação e preparação para a liderança.

Figura 1 - Apresentação de Simba ao reino de Mufasa



Fonte: Google Imagens.

Assim como Simba embarca em uma jornada de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, os indivíduos engajados no processo de *awareness* na teoria gestáltica são convidados a explorar as suas próprias experiências e emoções. Podemos ilustrar essa primeira fase como o encontro terapêutico, em um primeiro momento presente no campo externo, por meio da relação cliente-terapeuta. Corroborando com o pensamento de Cardella (1994, p. 59), que acredita que o processo toma forma, especialmente, por meio do encontro, quando terapeuta e paciente são “caracterizados pela integração e diferenciação da personalidade que nos permite ver, aceitar

e encontrar o outro como ser único, diferenciado, e semelhante na sua condição de humano”, ou seja, estabelecer um vínculo forte o suficiente a fim de alicerçar o trabalho psicoterapêutico.

Portanto, Amorim (2020) incita que o princípio das primeiras sessões está justamente no encontro, no estabelecimento de uma relação o mais dialógica possível. Para Ribeiro (2021), entende-se como diálogo o encontro humano por intermédio das palavras, entretanto, esse encontro, está muito para além de apenas o que se é verbalizado, englobando também aquilo que é percebido, experienciado por alguém, por vezes. Por ora, defrontar-se com o outro dialogicamente implica também percepção e consideração daquilo que vai para além do que se é verbalizado, que não está em figura, potencialmente desconhecido até mesmo do próprio cliente.

Na narrativa, Simba, então, busca por desbravar novos horizontes, aquilo que não podia ver antes, pois fora proibido por seu pai. O pequeno felino, com a Nala, sua parceira, decide ir atrás do sombrio e misterioso Cemitério de Elefantes, um lugar alheio ao reino que conhece. Esse território desconhecido, fora dos limites das terras do rei, apresenta-lhe um cenário desolado e assustador, com ossos espalhados e sombras que parecem ganhar vida.

A nova descoberta de Simba simboliza a sua primeira incursão em um mundo que vai além do que já foi experienciado até então, desafiando a sua percepção do que é familiar e seguro. Tal experiência inicial nas gigantes ossadas prepara o terreno para uma reflexão mais profunda sobre a busca de elucidação acerca da própria essência, apesar daquilo que lhe é dito, com encorajamento e contentamento com aquilo que já está ali, estabelecido.

Figura 2 - Simba explora o desconhecido cemitério de elefantes



Fonte: Google Imagens.

A isso, Pinto (2015, p. 10) ainda corrobora que “fazer terapia é uma aventura tanto para o cliente quanto para o terapeuta”, já que ambos não possuem controle daquilo que está por vir, por mais que vislumbrem e fantasiem, não se sabe ao certo como tudo se dará. Do mesmo modo que Simba quando se aventura ao explorar o cemitério dos elefantes. Movido pela curiosidade e aventura, lança-se a um caminho nunca explorado anteriormente e encontra nisso, desafios e descobertas inesperadas, não necessariamente prazerosas. Defronta-se com o perigo de ser devorado por hienas malignas, sendo obrigado a reconhecer os seus limites e fragilidades, despindo-se a figura de imponente leão que pensara ser ao professor “eu rio na cara do perigo” (Disney, 1994, *on-line*). Para ilustrar isso, basta lembrar do momento em que é cercado pelos vilões e ao rugir, soa um mero miado.

Dessa forma:

Fazer terapia implica se abrir para se conhecer até chegar ao ponto de se abrir com curiosidade para desconhecer-se com confiança. Significa se propor a se flexibilizar de tal modo que possa ampliar o diálogo, sempre necessário, entre a mudança e a permanência no modo de ser e de viver, de modo que as permanências não enrijecidas sustentem as mudanças atualizadoras (*Ibidem*, p. 12).

Logo, o cemitério de elefantes, visitado por Simba e Nala, pode representar esse desconhecido ao lado do cliente nos primeiros encontros psicoterápicos, estar intrigado, assustado e fascinado e pouco consciente de si. No filme, aquilo que é novo, desconhecido, gera-lhe a curiosidade, assim como o medo e o anseio por aventura, vislumbrando o que não era visto e até socialmente proibido.

Outro ponto interessante é o contato com a percepção da fronteira do eu e de corpo, corroborando com o proposto por Polster e Polster (2001, p. 122), que afirmam “o modo como uma pessoa ou bloqueia, ou permite *awareness* e a ação na fronteira de contato é a forma de manter senso de seus próprios limites seguros.” Isto é, assim como alguns clientes no decorrer do seu processo, o personagem se submete a apuros e situações disfuncionais por ter pouca consciência de Si-mesmo, como corpo e como Ser, por sua falta de maturação biológica. Nesse sentido, poder-se-ia facilmente compreender que o pequeno leão não conseguiria rugir igual aos leões mais velhos. Logo, ainda não se está *aware* de Si-mesmo.

Portanto, Simba estabelece uma relação nesse contexto similar aos movimentos de contato no *setting* clínico da Gestalt, uma imensidão daquilo que se é, talvez seja, e possa ser repleta de potencialidades e limitações. Apesar disso, o ainda filhote de leão passa por uma trajetória de introjeções, como: *você é o futuro rei, deve se comportar; deve ser forte e corajoso*, que mesmo não integradas à sua consciência, tomam forma na trama, de modo que influenciam as suas ações e decisões ao longo da sua jornada.

As internalizações dessas verdades moldam o comportamento do jovem felino e a sua percepção de si em relação ao seu campo, refletindo as expectativas e valores que lhe foram transmitidos. Outros exemplos sobre introjeção podem ser visualizados nas cenas seguintes, já que ao se assistir à narrativa infantil, o espectador pode compreender que Simba não é o real culpado pela morte do seu pai, diferentemente daquilo que lhe foi imposto sem oportunidade de refutação pelo pequeno.

Figura 3 - A morte de Mufasa e a culpabilização de Simba por Scar



Fonte: Google Imagens.

A existência de Simba também desencadeia inveja e ressentimento em seu tio Scar, que ambiciona o trono para si mesmo. Scar, movido pela sua sede de poder, elabora um plano para eliminar Simba e Mufasa. Ao pôr em prática tal plano, o vilão da trama garante que a morte de Mufasa seja realizada, e convence o pequeno leão de que ele foi responsável por essa morte, e precisa se exilar das terras do rei. Com o arcabouço disponibilizado pela Gestalt-terapia, nota-se nesse fragmento, da introjeção na sua polaridade disfuncional.

Perls (2002, p. 194) reconhece a introjeção como o ato de “preservar a estrutura de coisas ingeridas, enquanto o organismo ordena a sua destruição.” Valores introjetados e “engolidos”, manejando a vontade de viver em ideias, que ao serem questionados são dificilmente justificáveis, pois não são formuladas pelo cliente, mas sim impostas de maneira inerente, e às vezes sutis, ao desenvolvimento psicológico do Ser. Não é incomum que um dos processos existentes na Gestalt-terapia esteja justamente atrelado a conteúdos introjetados do cliente, por vezes, para não se saber o “para quê” de certas atitudes, ou até mesmo a origem do seu sintoma, diante da informação, nem sempre fidedigna, advinda do senso comum.

Polster e Polster (2001, p. 87) ainda pontuam que “os você *deve* começam cedo, e muitas vezes têm pouca congruência com as necessidades que a criança sente que têm”, no caso, a ausência de potencialidade de diferenciação entre aquilo que realmente aconteceu com Mufasa, e o dito por Scar se integra como verdade para Simba, até então um filhote, que acata o que ouve do seu tio e decide fugir para longe.

Ao estreitar um olhar mais clínico dos frames seguintes, tornam-se perceptíveis os eventos que permeiam a fuga de Simba e o direcionam a não olhar para o seu passado, especialmente após a tragédia que acabara de ocorrer. Pontua-se o surgimento não só de dois novos parceiros importantes ao desdobramento da saga, mas inclusive um conceito originado da psicanálise, compreendido por Perls de um modo alternativo, a negação.

Figura 4 - Hakuna Matata, encontro com Timão e Pumba e viver sem problemas



Fonte: Google Imagens.

Ao realizar o seu retiro das terras reais, Simba começa uma incansável andança, precisa fugir, pois na sua compreensão, ele matara o seu pai. Então, encontra dois novos parceiros, Timão e Pumba, que o acolhem lhe apresentando a filosofia *Hakuna Matata*,

que significa “viver sem problemas”. Outros pontos podem ser levantados nessas cenas, como o valor do acolhimento, a importância da rede de apoio, entre outros. Entretanto, o fenômeno do bloqueio de contato também pode ser denotado a partir do momento em que o pequeno leão não integra aquilo que passou Em-Si, adotando o lema dos novos amigos. Em outras palavras, foge da realidade vivida para não se deixar preencher com a verdade estabelecida por seu tio Scar (que teria matado o seu pai), assim, entrando em um movimento de fuga e esquivas, optando por fugir da realidade, nesse momento, tomando o lema dos companheiros como legítima verdade.

Para Ribeiro (2021, p. 179) “o bloqueio existe como uma maneira de a pessoa se autorregular e se autoajustar, mesmo que precariamente, às vivências do seu universo relacional.” Para a Gestalt, nem todo bloqueio é disfuncional, assim como nem todo contato é saudável. Basicamente, “nesses casos, o bloqueio funciona como uma forma de a pessoa manter-se ativa no processo de autoequilibração” (*Ibidem*). Precisando atender à sua sobrevivência perante tudo que lhe aconteceu, Simba, necessita se ajustar de alguma forma, mesmo que negando o seu passado, em função de conseguir transitar no seu presente.

Ribeiro (2021, p. 81) ainda discorre afirmando que:

Ninguém se bloqueia porque quer ou por teimosia, pois até o querer se bloquear já é algo que nos diz onde a pessoa se encontra. Assim, quando identificamos algo que chamamos bloqueio (afinal, o que a pessoa está fazendo é apenas se autorregular, se autoajustar), precisamos de toda a nossa perícia para entrar na casa protegida do cliente. Se abriremos portas e janelas, porque assim pensamos ou sentimos que deva ser, podemos dar entrada a ventos e tufões que o cliente não tem nenhuma condição de enfrentar.

Logo, em função clínica, enxergar o cliente como negociante da sua própria história, pode influenciar a ótica terapêutica,

estipulando um rótulo ao paciente, o que vai contra os princípios gestálticos. Dessa forma, a posição de Simba em relação à sua possibilidade de existir, de certa forma, dá-lhe sustentação de *Self*, para conseguir seguir, já que não consegue integrar a sua dor em essência, porém, ajusta-se a fim de conseguir existir no seu universo.

Destaca-se a consideração do contato como uma experiência vívida e única, possuindo um significado peculiar para o indivíduo que o experimenta. É nesse aspecto que reside a genialidade de Fritz Perls (D'Acri; Lima; Orgler, 2012).

Apesar disso, Yontef (1991, p. 18) aponta que "o relacionamento se origina do contato". Por meio dele as pessoas crescem e formam identidades." Trazendo outra perspectiva do olhar para o ajustamento do jovem leão. Vale ressaltar que diversos filmes seguem um protocolo de *storytelling* (Anexo 1), o qual propõe fases que se desdobram como extraordinárias, até mesmo românticas e heroicas, diferentemente do próprio processo psicoterapêutico, o qual não se prevê um fim necessariamente heroico, nem sempre formado a partir de mudanças extraordinárias.

Considerando que o "[...] contato é a experiência da fronteira entre o 'eu' e o 'não-eu'" (Yontef, 1991, p. 18), é possível denotar que Simba cria um mecanismo de defesa que lhe aparenta proteger de entrar em contato com a sua verdadeira essência, assumir o reinado de Mufasa, em prol de seus valores e compromisso com o cumprimento e respeito do ciclo da vida. O autor mencionado ainda completa dizendo que se trata da "[...] experiência de interagir com o não-eu enquanto mantém uma autoidentidade distinta do não-eu" (*Ibidem*). Isto é, o personagem se ajusta criativamente de forma que não integra a sua vivência em *Self*, mas a fragmenta de modo a adotar a filosofia Hakuna Matata, que traz na sua letra "os seus problemas, você deve esquecer. Isso é viver" (Disney, 1994).

Apesar de tudo aparentar correr bem com o trio de amigos perante o ajustamento possível para o momento, simultaneamente, o perverso Scar domina o reinado aliado às hienas. Isso traz problemas como a ausência de alimento devido à falta de caça, a migração de diversas espécies do reino e, deveras importante, o respeito ao ciclo da vida. Heroicamente, a trama se dirige a um momento intrigante, de forma que Simba reveja a sua posição em uma existência possível e não uma vivência baseada em essência. É aí que um significativo reencontro ocorre.

Figura 5 - Simba reencontra Nala após adultos, e isso o comove



Fonte: Google Imagens.

Na icônica cena do reencontro entre Simba e Nala em “O Rei Leão”, observa-se uma complexa dinâmica de confronto, redescoberta e reajustes. Assim como as mais diversas situações cotidianas ou extraordinárias, potencialmente nos removem do lugar de meros espectadores diante da própria história.

A leoa informa que Scar governa as terras do rei, não há mais comida ou recursos, e os demais animais apresentam dificuldades em se manter vivos, visto que alimento e água estão se tornando cada vez mais escassos. Nala então implora o retorno do seu antigo companheiro para casa. Evidenciando o proposto por Cardella (1994)

sobre a importância do encontro para o desenvolvimento psicoterapêutico. Quando os felinos se veem, Simba é convidado a revisitar o seu passado. Essa união não está necessariamente relacionada com o campo e o outro, mas com o próprio ser Em-Si. Dessa forma, notam-se dois construtos importantes na teoria gestáltica: a agressividade e o heterossuporte.

Segundo a Gestalt-terapia, a “agressividade” não é entendida como violência ou hostilidade, mas como uma força vital necessária para o contato genuíno. É por meio dela que o indivíduo rompe com mecanismos que fragmentam a sua experiência e impedem a integração do *self*. No caso de Simba, o encontro com Nala representa um momento crucial, quando ele é desafiado a confrontar a sua negação e se reconectar com a sua verdadeira essência, assumindo o seu lugar no ciclo da vida e reintegrando a sua identidade que se encontra fragmentada.

Portanto, diferentemente do que se conhece no senso comum, para a Gestalt-terapia, agressividade se trata de destinar energia e força em se movimentar para algo, como discorre Ribeiro (2021, p. 59) é “um processo humano, inato, que provoca na pessoa uma complexa sensação de expansão, de ir além de si mesma, de correr riscos, de ampliar limites, de terminar o começado. É um instinto a favor da vida [...]”

Já o heterossuporte, pode ser compreendido como o apoio ambiental (Andrade, 2014) para que algo aconteça. Nala, dessa forma, abarca consigo o simbolismo do passado de Simba, do Ser do leão em essência, não apenas diante de existência possível.

Assim como alguns clientes, o não-mais-filhote de felino questiona a sua existência redirecionando o seu olhar à essência de ser rei, por meio de um agente impulsionador externo (Nala), provocando *insights* sobre aquilo que deve ou não ser escolhido dentro daquele local naquele momento (alusão ao Aqui e Agora, proposto pela teoria).

Dessa forma, Simba está livre para poder escolher o seu retorno ao reinado que o pertence ou não. Retoma-se a proposta do existencialismo proposto por Sartre (2011 *apud* Silva, 2019, p. 175). e a angústia diante da liberdade, já que compreende que “o homem é livre enquanto negação que se desdobra em duas modalidades: aquela que o constitui, de seu lado, e ela mesma enquanto resultado, aquela que faz com que haja mundo” Em suma, essa frase ressalta a importância da negação na construção da liberdade humana e na relação do ser humano com o mundo. Essa escolha não é apenas sobre retornar ao seu reino, mas sobre afirmar a sua identidade e o seu papel no mundo. Assim, a luta interna de Simba espelha a tensão existencial entre liberdade, responsabilidade e a construção contínua do *self* relacionado ao mundo ao seu redor.

A participação de Nala como agente externo é fundamental, de forma que a jovem felina impulsiona toda a preparação do seu parceiro à estruturação de *self a priori* da ação que precede uma mudança paradoxal e reviravolta na trama. O seu papel, aqui, pode ser comparado ao lugar ocupado pelo psicoterapeuta gestáltico como facilitador do processo psicoterápico, como fomentam Ming-Wau, Gonçalves, Medeiros e Lima (2021, p. 119):

Assim, na emergência do sofrimento psíquico que o cliente apresenta na clínica, o gestalt-terapeuta leva em consideração as diversas possibilidades que para ele estão obscuras, impedindo-o de perceber que em seu espaço vital há outras figuras que podem ser potencializadas na imensidão do fundo de sua existência.

Permeado por momentos que lhe exigem posição para além da existência possível, que o fazem refletir diante do seu lugar no mundo, Simba decide caminhar pela savana afora ao anoitecer, e algo inesperado acontece. Mesmo sem procurar, depara-se com Rafiki, um babuíno muito essencial na sua história, que lhe apresentou ao reino. O primata traz consigo a essência da ancestralidade, a transcendência, mesmo que o jovem felino não faça ideia de quem seja aquele macaco vagando pela noite iluminada pela lua.

Figura 6 - Simba encontra Rafiki noite afora, que o recebe com indagações



Fonte: Google Imagens.

Rafiki traz consigo a própria transcendência, o conhecimento ancestral e espiritual, pois já se punha ali antes mesmo da consciência de Simba perante a sua própria existência. Apesar de todo o desenvolvimento da trama até então, o encontro entre o felino e o primata não ocorre por acaso. Defrontando-se com uma escolha bastante relevante a ser feita, o jovem leão enxerga uma possibilidade para além de tudo que havia aprendido até o momento. Entretanto, ainda aparenta não se sentir confortável em cogitar a ideia de retomar aquilo que é seu. Para isso, faz-se necessário potencial de avanço, estruturar-se internamente para ir à ação, seguir além daquilo que está estabelecido e adotado como regra, transcender.

Alguns autores da Gestalt-terapia pontuam a transcendência como um agente necessário e saudável para o desenvolvimento psicológico do Ser. Galli (2017, p. 10), é um exemplo, pois a autora pontua que “o homem autêntico é aquele que se projeta no tempo, sempre em direção ao futuro” não deixando de viver o aqui e agora, de forma que construa o futuro, baseado com os recursos e responsabilidades assumidas em tempo presente. A psicoterapeuta ainda pontua que transcender em Gestalt é “sair da inautenticidade, é buscar a estrutura original da pessoa, pesquisar os bloqueios adquiridos no decorrer

da existência, mobilizá-los e modificá-los para que a pessoa adquira uma conduta nova" (*Ibidem*). Isto é, a transcendência na perspectiva gestáltica pode ser compreendida como o passo para além do lugar onde se está, o caminho entre o ajustamento que se encontra e a tomada de ação em prol da compreensão do seu lugar do mundo.

Na prática clínica, o momento pode ser pontuado como contextos que provocam *insights* mais complexos e uma tomada de consciência um pouco maior relativamente às anteriores, em que diversos fatores podem ser elencados como caminhos para tal ação, como a própria relação entre terapeuta e cliente, a estruturação do indivíduo relacionado à percepção das suas fronteiras de contato, entre outros (Salomão; Frazão; Fukumitsu, 2014).

Ribeiro (2019) trata a transcendência como um movimento em prol da totalidade e saudável ao processo psicoterapêutico.

A isso complementa:

O horizonte é o diferente, é o que está do outro lado da estrada, é por onde caminhamos ao encontro da espiritualidade, da transcendência que se ligam intrinsecamente na constituição de uma Gestalt plena. Coexistir, coexistência é viver em espírito de Totalidade, é colocar em prática a consciência de que tudo afeta tudo, é acreditar, de verdade, que tudo está ligado a tudo, que tudo muda, que estamos em estado de mudança permanente e que, não obstante, tudo, tudo é UM (Ribeiro, 2019, p. 911).

A passagem citada por Ribeiro (2019) sublinha a importância da transcendência no processo psicoterapêutico como um caminho para a totalidade e a saúde mental. O psicoterapeuta evoca a ideia de que o horizonte, como o *diferente* e aquilo que está *do outro lado da estrada*, representa a busca espiritual e a transcendência, fundamentais para a formação de uma Gestalt plena. Portanto, coexistir em um espírito de totalidade implica reconhecer que tudo afeta tudo, promovendo uma consciência de interligação e mudança constante.

Essa perspectiva convida à prática de ver a vida e a psicoterapia como um processo dinâmico, em que todas as partes do ser estão em constante interação e evolução. A transcendência e a espiritualidade são, portanto, partes integrantes do crescimento pessoal, levando à compreensão de que, apesar das mudanças constantes, há uma unidade subjacente que conecta todas as coisas.

Essa visão de transcendência e totalidade no processo psicoterapêutico encontra um paralelo poderoso na cena tratada, quando Rafiki leva Simba ao lago e pede que ele olhe para seu reflexo, não se trata apenas de um encontro com a sua imagem física, mas com a sua essência e identidade profunda, nesse momento, por meio de seus antepassados. O sábio macaco o guia em um processo de descoberta, revelando que, embora as circunstâncias e aparências mudem, há uma unidade subjacente e um legado que Simba carrega consigo, condizente com a sua essência diante do seu propósito de existência.

Esse momento simboliza a transcendência denotada por Ribeiro (2019) e por Galli (2017), em que o horizonte – o *diferente* e o que está *do outro lado da estrada* – toma forma por meio da consciência transcendental do ser no mundo, além da interligação de todas as partes do Ser. Assim como na psicoterapia, Simba deve reconhecer que tudo afeta tudo, realizando uma escolha com base no conhecimento do potencial de mudança, integrando todas as partes da sua experiência para alcançar uma compreensão plena de si e do seu lugar no ciclo da vida.

Figura 7 - Rafiki leva Simba ao lago, e lá ele se depara com o reflexo do seu pai



Fonte: Google Imagens - Tradução livre: "Você vê?" - "Ele (seu pai) vive em você."

Dando sequência à narrativa, e ainda angustiado pela escolha a qual se depara, Simba é conduzido por Rafiki até um lago aparentemente tranquilo na savana. A noite está calma e a lua cheia brilha no céu, refletindo-se na superfície serena da água. O ancião da savana, com a sua bengala em mãos, guia Simba com um ar de solenidade, como se estivesse preparando-o para algo importante.

Quando chegam ao lago, Rafiki aponta para a água e instrui o confuso leão a olhar para dentro dela. Simba obedece, curioso. Lentamente, a imagem do seu próprio reflexo emerge na superfície cristalina. Mas à medida que ele olha mais atento e profundamente, o reflexo se transforma. De repente, não é mais o rosto de Simba que se vê, mas o do seu pai, Mufasa.

Confuso, diante da imagem, fica chocado e emocionado ao ver a imagem do seu ancestral, e aparenta sentir uma mistura de tristeza e saudade, mas também uma sensação reconfortante da presença. Mufasa fala com Simba em uma voz grave e estridente, pedindo-lhe para lembrar quem ele é, resgatar aquilo que é o mais essencial Em-Si, e o legado que carrega como o herdeiro do reino.

É um momento poderoso e comovente, pois Simba se reconecta com as suas raízes, a sua ancestralidade e o amor do seu pai.

O frame marca um ponto crucial na jornada de autodescoberta e redenção de Simba, inspirando-o a assumir o seu papel como o verdadeiro rei que ele nasceu para ser. Retomar a essência que por muito tempo acreditou ser-lhe retirada, resgatar a consciência diante de Si, perante a sua essência e existência agora integradas, por vezes ainda conflitantes.

A jornada de um paciente em Gestalt-terapia pode ser marcada por um momento crucial do seu processo, do qual se está consciente não apenas perante si, mas ao seu processo (Alvim, 2014). Estando consciente da sua própria consciência.

A isso:

Awareness refere-se à capacidade de aperceber-se do que se passa dentro de si e fora de si atualmente, em nível corporal, mental e emocional. É a possibilidade de perceber simultaneamente os meios externo e interno através dos recursos perceptivos e emocionais (Perls; Hefferline; Goodman, 1997, p. 10).

Dessa forma, Rafiki não é o destino ou o ponto de chegada, mas sim o próprio processo, a transcendência, a jornada contínua de desenvolvimento. Mesmo que, apesar de a produção cinematográfica possuir uma personificação, o fenômeno transcendental não está em alguém ou algo, mas mesmo assim permeia todo processo, ainda que não seja fisicamente palpável.

O primata ancião guia à compreensão de que a sabedoria não está em alcançar um ponto final, mas em apreciar e compreender cada etapa do caminho. Propondo que a verdadeira essência da vida resida na capacidade de se adaptar, de se reinventar e de encontrar significado em cada experiência, por mais simples ou complexa que seja. É por meio dessa perspectiva que se pode cultivar flexibilidade de ajustamento, integração daquilo que compõe como indivíduo e um profundo senso de propósito, percebendo que cada momento, cada decisão e desafio são oportunidades para

transcender sobre aquilo que já é familiar, aceitando a vida como algo em movimento constante. Assim sendo, realçando a potencialidade de vida em cada ser pertencente ao ciclo da vida, assim como retrata a Figura 8, seguinte.

Figura 8 - Simba retoma o seu reinado com a Nala, Timão e Pumba



Fonte: Google Imagens.

Simba está consciente de si, do seu passado, suas possíveis possibilidades e potencialidades de futuro, reconhece quem é, e não quem lhe foi dito que fora. Estabelecendo um laço de congruência com o seu próprio Ser. É interessante analisar a cena retratada na Figura 8, pois ele não está sozinho quando se reintroduz aos seus súditos na pedra do rei, não abandona os seus amigos e a sua companheira como fez com as suas responsabilidades no início da trama. O detalhe poderia passar despercebido. Desse modo, leva à compreensão da totalidade do processo, integração de um Ser Em-Si, que está em essência e existência, pois agora compõe a sua própria história diante de uma construção e desenvolvimento, autorregulando-se defronte a suas próprias necessidades, com maior arcabouço relacionado a experiências vividas.

Conforme Yontef (1991), a conscientização sobre as próprias ações pode levar a mudanças naturais. Quando um paciente encontra um profissional de saúde mental receptivo, sem conluio

com manipulações, ele pode ter um *insight* sobre novas formas de se relacionar e ser. Esse processo de conscientização pode ocorrer repetidamente ao longo da psicoterapia, contribuindo para o desenvolvimento pessoal. Todavia, se o psicoterapeuta não estiver receptivo, esses momentos de *insight* podem não acontecer e ser até mesmo bloqueados.

O trabalho de conscientização pode começar quando o paciente estiver pronto, levando a mudanças que podem ser percebidas ao longo do tempo. "Em todo e a cada ponto ao longo do caminho, esses novos *Ah!* podem ocorrer. [...] os pacientes de Gestalt-terapia são responsáveis por sua vida." (*Ibidem*, p. 49). Em outras palavras, integrados consigo mesmos diante da sua essência e existência, estando aptos a abraçar a fluidez dos processos intrínsecos à vivência do Ser.

UM NOVO LEGADO

Ao concluir este texto, é importante ressaltar algumas considerações finais que emergem dos tópicos discutidos. Basicamente, a jornada de Simba nos oferece uma visão intrigante sobre o processo de *Awareness*, demonstrando que esse não é um caminho linear, mas sim repleto de desafios, retrocessos e momentos de iluminação. A abordagem da Gestalt-terapia nos lembra que os processos terapêuticos são complexos e multifacetados, não podendo ser reduzidos a uma simples progressão de etapas. A busca pela própria essência é crucial para a ocorrência da *awareness*, um momento de profunda conexão consigo mesmo e com o mundo ao redor.

Compreende-se que, de fato, Simba vive um processo de *awareness*, diante de toda a sua jornada na narrativa infantil, contudo, esse processo não atravessa necessariamente os estágios

citados nessa produção dessa forma. É preciso considerar que todo indivíduo traz inúmeras experiências dentro de si que são subjetivas e merecem atenção diferenciada, cada processo é único. De forma que não há um único personagem que desempenhe o papel do psicoterapeuta no desenvolvimento da história. Assim como na realidade, diferentes figuras podem desempenhar o papel facilitador no processo de estar consciente diante da própria consciência.

Ao refletir sobre o conceito de consciência, reconhece-se como essencial compreender que este não é apenas um estado de percepção, mas um contínuo despertar que nos convida a transcender as nossas limitações e expandir a compreensão do eu. No processo terapêutico, a transcendência não é um objetivo final, mas um estado de ser que emerge gradualmente, à medida que o indivíduo se torna mais consciente das experiências internas e externas. Logo, o despertar da transcendência envolve reconhecer e integrar as diversas dimensões da existência — emocional, mental, espiritual e física. É um processo que convida a ir além da superficialidade do cotidiano, explorando as profundezas da nossa psique e encontrando um sentido mais profundo e abrangente na vida.

Outro processo realçado durante a vivência e o próprio processo psicoterápico do autor é o fato de desmistificar a compreensão de construtos como transcendência, pois a sua investigação revelou que o conceito do fenômeno muitas vezes pode ser mal interpretado. Uma vez que tal não se limita apenas a experiências místicas ou espirituais, mas predispõe bases que ajudam a ir além do que se pode perceber. De modo que, novamente, não se compreende o Ser como figura única, mas como multifacetado e resultado de diversos fatores e processos internos e externos.

Além disso, é fundamental reconhecer que a psicoterapia é um movimento provida, não se limitando apenas a lidar com mortes simbólicas, mudanças abruptas ou confrontos com mecanismos disfuncionais. Os encontros visam promover o crescimento, a autenticidade e o florescimento do indivíduo na sua totalidade e plenitude possíveis.

Ao encerrar esta jornada reflexiva, somos convidados a contemplar as nuances entre o despertar e a anestesia da consciência. Assim como Simba percorreu os caminhos tortuosos em busca da sua verdadeira essência, nós também trilhamos os nossos próprios labirintos internos. Que possamos acolher cada curva, cada desvio, com a sabedoria de quem compreende que a psicoterapia é uma ode à vida, uma sinfonia de encontros, ciclos de contato e *insights*, de forma que o psicoterapeuta é tanto um guia quanto um espelho. Que possamos, então, nos render à magia desse processo, ora árduo, ora prazeroso, onde o *Awareness* floresce não como um destino, mas como uma constante descoberta diante de si, uma celebração da alma em constante evolução.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. Awareness: experiência e saber da experiênci. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 1. p. 12-26.

AMADIGI, Thiago. Como a ação crescente funciona na narrativa. **B! Storytelling**, Curitiba, set. 2021. Disponível em: <https://www.bstorytelling.com.br/blog/como-a-acao-crescente-funciona-na-narrativa/>. Acesso em: 1º maio 2024.

ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 8. p. 128-140.

BANDEIRA, Célia Cristina de Albuquerque *et al.* Relação entre sistema self e camadas de neurose em gestalt-terapia. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 2, p. 91-107, ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n02ensaio36>.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **O amor na relação terapêutica**. São Paulo: Summus, 1994.

FALANDO sobre Gestalt-Terapia - Dicas sobre 1º Atendimento em Gestalt-Terapia. Direção de Teresa Amorim. Rio de Janeiro: **Instituto Carioca de Gestalt-Terapia**, 2020. (9 min.), son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Lw8S1fGzaM>. Acesso em: 21 abr. 2024.

FERRAZ, Pierre. Gestalt-terapia. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **DICIONÁRIO DE GESTALT-TERAPIA**: gestaltês. São Paulo: Summus, 2012. p. 131-135.

GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 22 set. 2023.

GAINO, Loraine Vivian; SOUZA, Jackenine de; CIRINEU, Cleber Tiago; TULIMOSKY, Talissa Daniele. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualificativo. SMAD. **Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 14, n. 2, p. 108-116. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000200007. Acesso em: 15 abr. 2024.

GALLI, Loeci Maria Pagano. Psicopatologia fenomenológica. **Gestalt Centro**, Porto Alegre, p. 1-15, jan. 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kc6lm>. Acesso em: 20 maio 2024.

GOBBO, André. **Ciência e metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Balneário Camboriú: Editora Avantis, 2017 (Caderno de Estudos).

LIMA, Patricia. Experiência. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **DICIONÁRIO DE GESTALT-TERAPIA**: gestaltês. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. p. 100-102.

MING-WAU, Carlos; GONÇALVES, Yadja do Nascimento; MEDEIROS, Márcia Duarte; LIMA, Deyseane Maria Araújo. A clínica gestáltica sob a ótica do psicoterapeuta iniciante. **Revista do Nufen**: Phenomenology and Interdisciplinarity, Belém, v. 3, n. 13, p. 116-127, dez. 2021.

O REI Leão. Direção de Roger Allers. Produção de Don Hahn. Roteiro: Linda Woolverton. S.l.: **Walt Disney Pictures**, 1994. (89 min.), color.

PERLS, Frederick. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia** (J. Sanz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Trabalho original publicado em 1973), 1988.

PERLS, Frederick. (1942). **Ego, fome e agressão**. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, Frederick. **Gestalt-Terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977. (Original publicado em 1969).

PERLS, Frederick, HEFFERLINE, Rhalf & GOODMAN, Paul **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997. (Original publicado em 1951).

PINTO, Ênio Brito. A primeira entrevista. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; KARINA OKAJIMA FUKUMITSU (org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. Cap. 1. p. 9-23.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade: uma gestalt em movimento. **Dossiê Gestalt-Terapia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 896-914, dez. 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: Conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2021.

SALOMÃO, Sandra; FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. Fronteiras de contato. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 3. p. 41-53.

SCHILLINGS, Angela. Concepção de neurose em Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; KARINA OKAJIMA FUKUMITSU (org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 11. p. 167-185.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul.-dez.2020.ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

SILVA, Kaire Josy Costa da; RABELO, Roberta Martins; YANO, Luciane Patrícia. A VISÃO DE SAÚDE EXISTENCIAL E A GESTALT-TERAPIA: aspectos conceituais. **Revista Fenexis**: Estudos Fenomenológico-Existenciais, Rio Branco, v. 5, n. 13, p. 72-94, 25 out. 2023.

SILVA, Luciano Donizetti da. DESEJO E NEGAÇÃO: a falta situada no coração do ser (uma homenagem a Barbaras). **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, p. 164-177, 2019.

YONTEF, Gary. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1991.



6

*Manoela Oliveira Rodrigues
Simoni Urnau Bonfiglio*

**ABUSOS
ROMANTIZADOS:**
UMA ANÁLISE GESTÁLTICA
DA TRILOGIA DE FILMES
CINQUENTA TONS

RESUMO:

A presente pesquisa investiga a romantização de comportamentos abusivos nos filmes da trilogia *Cinquenta Tons*, com foco nos padrões de comportamento neurótico de Christian Grey. O objetivo foi explorar como esses comportamentos são apresentados de forma romantizada, influenciando a percepção do público sobre relações afetivas. Trata-se de uma pesquisa básica, qualitativa e fenomenológica, que utiliza a análise de conteúdo como técnica, configurando-se como um estudo exploratório bibliográfico. A análise fílmica foi adotada como estratégia de coleta de dados e fundamenta-se nos princípios da Gestalt-terapia. O estudo examina cenas específicas para identificar as dinâmicas de poder e controle que permeiam a relação entre os protagonistas. Identificou-se que os bloqueios de contato contribuem para a formação de neuroses em Christian, refletindo sua incapacidade de estabelecer conexões emocionais autênticas e saudáveis, resultando em padrões de poder e controle excessivos que projetam suas próprias inseguranças e perpetuam um ciclo de contato disfuncional. A ausência de *awareness* em Grey impede a identificação e o fechamento de gestaltens abertas, dificultando seu desenvolvimento emocional. As conclusões sugerem que a promoção da *awareness* poderia facilitar o fechamento dessas gestaltens e o reconhecimento das próprias necessidades emocionais. Este estudo destaca a importância de uma análise crítica da mídia na representação de relacionamentos, oferecendo uma nova perspectiva sobre como narrativas cinematográficas podem impactar a percepção e a aceitação de relações abusivas na sociedade.

Palavras-chave: Romantização; Abusos; Gestalt-terapia; Neurose.

**ABSTRACT:**

This research investigates the romanticization of abusive behaviors in the Fifty Shades trilogy films, focusing on the analysis of Christian Grey's neurotic behavior patterns. The study aims to explore how these behaviors are presented in a romanticized way, influencing the audience's perception of intimate relationships. A basic, qualitative, and phenomenological approach was used, with content analysis as the technique, configuring the study as an exploratory bibliographic review. Film analysis was adopted as the data collection strategy, grounded in Gestalt therapy principles. The study examines specific scenes to identify the dynamics of power and control that permeate the relationship between the protagonists. It was found that contact blockages contribute to the formation of neuroses in Christian, reflecting his inability to establish authentic and healthy emotional connections, resulting in excessive patterns of power and control that project his own insecurities and perpetuate a dysfunctional contact cycle. Grey's lack of awareness prevents him from identifying and closing open gestalts, hindering his emotional development. The conclusions suggest that promoting awareness could facilitate the closure of these gestalts and the recognition of his own emotional needs. This study highlights the importance of critical media analysis in the portrayal of relationships, offering a new perspective on how cinematic narratives can impact society's perception and acceptance of abusive relationships.

Keywords: Romanticization; Abuse; Gestalt therapy; Neurosis.

ENTRE O AMOR E O ABUSO

A Gestalt-terapia é uma abordagem humanista com raízes no existencialismo, na fenomenologia e no holismo, centrada na experiência subjetiva do indivíduo e na forma como este percebe e vivencia o mundo. Seu foco está na relação da pessoa com o momento presente e na totalidade de sua vivência, considerando corpo, mente e emoções como um todo integrado, essencial para a manifestação do amor.

Segundo o conceito de Cardella (1994), o amor vai além de um simples sentimento: é um estado de ser completo e integrado, no qual o indivíduo se aceita e se valoriza plenamente, reconhecendo tanto sua singularidade quanto a do outro. Essa aceitação plena é o que permite uma conexão autêntica e profunda, livre de dependências e expectativas.

Assim, essa abordagem promove a consciência e a autorresponsabilidade, condições necessárias para que o amor se manifeste de forma saudável e plena, estabelecendo limites claros entre o eu e o outro. Contudo, quando há mecanismos de ajustamento neuróticos, pode haver confusão entre o indivíduo e o ambiente, impedindo, assim, a manifestação de relacionamentos saudáveis (Cardella, 1994).

De acordo com Neal (2018), o ideal romântico promovido pela cinematografia pode distorcer nossa percepção e experiência do amor. Em algumas obras, comportamentos abusivos são romantizados, prejudicando o entendimento das relações amorosas e contribuindo para a neurose dos indivíduos.

No contexto gestáltico, entende-se por relação abusiva uma situação que ocorre na fronteira de contato, onde não há um ajustamento criativo saudável, mas sim um contato neurótico, com frequência acompanhado da ausência de conscientização sobre a situação de abuso por ambas as partes (Antônio, Rucinsk e Iwanczuk, 2022).

Com base nesse conceito, este artigo tem como objetivo principal investigar os comportamentos abusivos romantizados presentes na trilogia *Cinquenta Tons*, que inclui os filmes *Cinquenta Tons de Cinza*, *Cinquenta Tons Mais Escuros* e *Cinquenta Tons de Liberdade*, com foco na análise dos comportamentos neuróticos de poder e controle do protagonista. Busca-se explorar o conceito gestáltico de neurose e oferecer uma análise crítica da representação dessas dinâmicas nas produções cinematográficas.

Ao retratar comportamentos prejudiciais como expressões de afeto, esses filmes podem levar homens e mulheres a aceitar ou justificar tais práticas como desejáveis em um relacionamento. Segundo Gracher e Meurer (2022), os agressores não são seres anormais, mas sim indivíduos comuns capazes de cometer atos disfuncionais e prejudiciais. Compreender e acompanhar tais abusadores cria uma forma de proteger possíveis vítimas.

Adicionalmente, salienta-se que não se trata de justificar os atos violentos, mas sim de entender os padrões disfuncionais que eles estabelecem nas relações, para desenvolver estratégias mais eficazes de tratamento e prevenção de abusos, promovendo conscientização, reflexão e a construção de relações mais saudáveis e equilibradas. Oliveira *et al.* (2016) complementam que não será por meio de estereótipos, punições ou ações meramente punitivas que as práticas violentas cessarão e as situações ilegais se resolverão. É necessário considerar uma abordagem que leve em conta o sujeito, sua história de vida, as significações sociais, bem como seu modo de existir e viver.

A pesquisa configura-se como de natureza básica, de caráter qualitativo fenomenológico, utilizando a técnica de análise de conteúdo; trata-se de um estudo exploratório bibliográfico, adotando a análise fílmica como estratégia de coleta de dados. Para organizar e aprofundar a análise, o estudo foi dividido em duas categorias: (1) poder e (2) controle. Cada uma dessas categorias atua como eixo central para a discussão e análise do tema, à luz do conceito de neurose na Gestalt-terapia (GT).

A trilogia *Cinquenta Tons*, escrita por Erika Leonard James e lançada em 2015, explora a intensa relação entre Anastasia Steele, uma jovem estudante de literatura, e Christian Grey, um empresário com preferências sexuais não convencionais. O enredo se desenvolve à medida que o relacionamento entre ambos evolui de uma simples atração para um compromisso profundo e complexo, culminando no casamento.

Assim, a relevância deste estudo reside em sua contribuição para o campo teórico e prático, proporcionando uma leitura crítica das representações de abusos na cinematografia e como estas podem influenciar comportamentos e crenças sociais sobre relações afetivas. O estudo sugere ainda possíveis intervenções terapêuticas baseadas na GT. Dessa forma, busca-se enriquecer o debate sobre a importância da *awareness* para a identificação e dissolução de neuroses e para a construção de relacionamentos saudáveis e equilibrados.

Para este estudo, adotaram-se títulos alternativos para representar os tópicos estruturais da produção. A introdução foi intitulada 'Entre o Amor e o Abuso'; a fundamentação teórica, 'A Construção da Neurose Romantizada'; os procedimentos metodológicos, 'Desvendando os Cinquenta Tons'; a análise de dados, 'Uma Jornada Gestáltica pela Neurose de Christian Grey'; e as considerações finais, 'A Resignificação da Romantização do Abuso'.

Além disso, neste estudo, o personagem Christian Grey é referido alternadamente como 'Christian' e 'Grey', enquanto Anastasia Steele é mencionada tanto como 'Anastasia' quanto como 'Steele'. Essa variação na forma de nomeação dos personagens segue um padrão comum em textos acadêmicos, onde o uso alternado do primeiro nome e do sobrenome busca manter a fluidez da escrita, evitando repetições excessivas e proporcionando uma leitura mais dinâmica. Ademais, essa prática é frequentemente adotada para equilibrar o tom entre formalidade e clareza ao longo do texto.

A CONSTRUÇÃO DA NEUROSE ROMANTIZADA

A Gestalt-terapia (GT) é uma abordagem humanista, fundamentada em uma filosofia fenomenológica, existencial e holística, que enfatiza a importância de vivenciar o momento presente, observando o indivíduo em sua totalidade, promovendo consciência e autorresponsabilidade. Nessa abordagem, o ser humano é visto como um agente de escolha, construindo sua existência por meio de suas próprias decisões. Ao reconhecer-se como autor de sua própria história, o indivíduo assume a responsabilidade por sua vida e a liberdade de escolher novos caminhos a cada momento.

Frederick Perls é um dos principais expoentes da GT, sendo o fundador da abordagem e desenvolvedor de muitos dos conceitos e técnicas utilizados atualmente. Para Perls, um dos conceitos fundamentais é a impermanência dos fenômenos e o fluxo constante da vida, onde nada é estático e tudo está em contínua transformação. A vida acontece no presente; embora considere a história passada e os projetos futuros, valoriza-se o que está sendo experienciado no aqui e agora. A experiência humana ocorre na fronteira entre o organismo e o ambiente, aplicando-se tanto no plano físico quanto no social, por meio do contato (Veras *In*: Frazão, Fukumitsu, 2013).

Na GT, o conceito de contato representa a interação entre o indivíduo e seu ambiente como uma totalidade indivisível no campo. Este, por sua vez, é compreendido como um espaço de influências mútuas, onde todos os elementos — pessoas, situações, contextos, emoções, comportamentos — estão interconectados e se influenciam continuamente. Essa interação é essencial para o desenvolvimento e a homeostase, permitindo a autorregulação do indivíduo, que identifica e satisfaz necessidades básicas como alimentação, afeto, comunicação e aprendizado, entre outras. Por meio da percepção, emoção

e ação, o indivíduo realiza uma troca constante com o ambiente, promovendo relacionamentos significativos e seu próprio crescimento e desenvolvimento pessoal (Perls, Hefferline e Goodman, 1997).

Esse processo envolve a formação e resolução de gestaltens, que são representações das necessidades emergentes. Quando uma necessidade surge, ela se destaca como uma figura no campo de percepção, e o indivíduo mobiliza-se para satisfazê-la. Esse ciclo de 'abrir uma gestalt' (ou formar uma figura) e 'fechar uma gestalt' (ou desfazer uma figura) é essencial para a autorregulação e o equilíbrio do organismo (Alvim *In: Frazão, Fukumitsu, 2014*).

De acordo com Ginger e Ginger (1995), para que essa interação aconteça, é necessário que o indivíduo identifique e vivencie seus pensamentos e comportamentos por meio da chamada *awareness*. Isso envolve a percepção global e imediata do sujeito, abrangendo aspectos pessoais, emocionais, internos e ambientais, permitindo uma compreensão mais completa do momento presente. Para estar pleno no mundo, é preciso, a cada momento, estar *aware*, percebendo suas necessidades, para que possa fazer suas próprias escolhas. Perls, Hefferline e Goodman (1997) complementam que o contato e a *awareness* são conceitos intrinsecamente conectados e, possivelmente, inseparáveis. A interação entre ambos é o que permite a formação e resolução livre e contínua de gestaltens, base necessária para a saúde mental e o crescimento do indivíduo.

É na fronteira de contato que ocorre a relação entre o organismo e o meio, assim como a abertura e fechamento das gestaltens, quando estímulos ambientais podem gerar novas necessidades. Nesse processo, manifesta-se o ajustamento criativo, visando atender essas demandas em aberto (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). Para que o indivíduo se ajuste criativamente, ele precisa ter a capacidade de personalizar e se apropriar das experiências que ocorrem no encontro com o meio de maneira contínua. Trata-se de aprender a dar respostas novas a uma dada situação ou momento, da melhor maneira possível (Cardella *In: Frazão, Fukumitsu, 2014 2014*).

Para que as gestaltens se desenvolvam de forma saudável, é essencial possuir um autossuporte sólido e bem estruturado, que, por sua vez, requer um heterossuporte de qualidade nos primeiros estágios da vida. Andrade (*In: Frazão, Fukumitsu, 2014*) define o autossuporte como o potencial que o indivíduo desenvolve para sua independência e amadurecimento pessoal. A ausência desse suporte pode resultar em dificuldades para lidar com situações cotidianas, levando à dependência de apoio externo e desencadeando “[...] sentimentos e comportamentos disfuncionais, como ansiedade, vergonha, insegurança, rigidez, timidez, baixa autoestima e dependência do outro” (Andrade *In: Frazão, Fukumitsu, 2014, p. 129*).

Em determinados momentos da vida, para lidar com as interações estabelecidas no campo ou proteger a si mesmo, pode ser necessário optar por soluções que nem sempre são saudáveis para atender tanto às próprias necessidades quanto às do meio. Segundo Schillings (*In: Frazão, Fukumitsu, 2014*), quando as demandas do ambiente são impostas de forma coercitiva, podem surgir resistências nessas situações para enfrentar as circunstâncias. Quando a dinâmica de abertura e fechamento das gestaltens no ciclo de contato não flui adequadamente, disfunções e interrupções surgem neste processo (Moraes e D’Acri *In: Frazão, Fukumitsu, 2014*). Essas interrupções, entendidas na GT como bloqueios de contato, atuam como mecanismos de defesa e, quando recorrentes, podem cristalizar-se e originar neuroses.

As neuroses podem ser atribuídas a disfunções nas relações afetivas. De acordo com Cardella (1994), as crenças, sentimentos e mecanismos de defesa que permeiam a fronteira de contato entre o indivíduo e o meio são responsáveis por criar obstáculos ao desenvolvimento da capacidade de se relacionar de maneira saudável. Amar está intrinsecamente ligado à habilidade de estabelecer limites claros entre o eu e o outro, enquanto mecanismos neuróticos de autorregulação geram confusão entre o indivíduo e o ambiente, impedindo, assim, um relacionamento amoroso saudável.

É por meio das relações afetivas que o amor é vivenciado durante a trajetória existencial de cada indivíduo, pois o anseio pela realização amorosa é inerente à natureza humana. É na relação que o ser se configura e se constitui, influenciando e sendo influenciado pelo outro de forma única e singular. O vínculo interpessoal se evidencia como uma necessidade humana fundamental, caracterizado pela conexão entre duas ou mais pessoas (Carvalho e Meurer, 2023).

A relação entre psicologia e o conceito de amor sempre foi um tema intrigante e de grande relevância no campo terapêutico. A GT, como uma abordagem dedicada à compreensão da experiência humana no aqui e agora, oferece uma perspectiva sobre esse conceito e, a partir dele, busca compreender o funcionamento das relações amorosas.

Dentro da visão gestáltica, Cardella (1994) descreve o amor como um estado de ser que envolve a integração e diferenciação do indivíduo, permitindo-lhe ver, aceitar e reconhecer o outro como único e singular, enquanto compartilha uma condição humana semelhante. Esse processo pressupõe a capacidade de satisfazer necessidades emocionais como aceitação, valorização, proteção e confirmação de forma autônoma, reduzindo a dependência em relação às necessidades e desejos do outro. Amar a si mesmo é, portanto, uma condição essencial para estabelecer qualquer relação amorosa.

A autora destaca que, frequentemente, o amor-próprio depende em grande parte da confirmação recebida desde a infância, sendo igualmente necessária para o desenvolvimento da capacidade de amar os outros. Algumas pessoas crescem vivenciando uma confirmação condicional, em que a aceitação sempre vem acompanhada de uma condição: "Nós o confirmaremos somente se você se conformar ao nosso modelo de criança boa" (Cardella, 1994, p. 24).

Como consequência, alguns indivíduos acreditam que, para serem amados e aceitos, precisam se conformar às expectativas impostas, negando suas verdadeiras essências e assumindo papéis

para agradar, internalizando a crença de que não merecem amor se não atenderem às expectativas alheias (Cardella, 1994). Essa crença afeta negativamente os relacionamentos amorosos, mantendo-os presos a padrões autodestrutivos e à busca incessante de aprovação dos parceiros, que muitas vezes são incapazes de fornecê-la devido aos próprios desafios pessoais (Norwood, 2003).

Ao abordar dinâmicas abusivas, a GT compreende essas relações como situações que ocorrem na fronteira de contato, onde falta um ajustamento criativo saudável, prevalecendo um contato disfuncional e, frequentemente, a ausência de conscientização sobre a situação de abuso por ambas as partes. É necessário que o indivíduo reconheça a disfuncionalidade de seu padrão de comportamento para possibilitar mudanças dinâmicas no relacionamento (Antônio, Rucinsk e Iwanczuk, 2022).

A conscientização, chamada de *awareness* na teoria gestáltica, é o primeiro passo para romper o ciclo de abuso e iniciar um processo de cura e transformação. Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), o conceito de *awareness* ocorre na distinção entre o saudável e o prejudicial. Essa tomada de consciência permite que o sujeito reconheça sua necessidade atual, responda a ela e possibilite o fechamento da gestalten.

De acordo com Neal (2018) e Oliveira *et al.* (2016), relações abusivas caracterizam-se por padrões de controle e desequilíbrio de poder, nos quais um parceiro busca controlar o outro, isolando-o e tentando dominar suas decisões por meio de violência, manipulação e abuso psicológico. Comportamentos como intimidação, uso de palavras depreciativas, demonstrações de possessividade, ciúmes excessivos, insultos e chantagens resultam na diminuição da autoestima ou na restrição da autonomia do outro. Alguns desses padrões são visíveis desde o início, enquanto outros permanecem sutis e ocultos por anos, levando a vítima a justificar o comportamento do abusador.

Frequentemente, comportamentos abusivos são normalizados e romantizados pela cultura, sendo disseminados por meios como música, literatura e cinema, transformando a violência em algo poético e desejável, o que dificulta para as vítimas a percepção do abuso até que ele se manifeste fisicamente. Essa mensagem pode ser mal interpretada, levando a pessoa a aceitar o abuso mesmo sem violência física direta (Oliveira *et al.*, 2016).

Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), quando uma pessoa manifesta uma percepção distorcida, geralmente não está se relacionando com o outro como um todo, mas sim com uma qualidade específica que se alinha com o comportamento desejado. Essa percepção fragmentada do parceiro pode levar a uma visão deturpada da realidade, onde aspectos negativos são negligenciados ou justificados em favor das características desejadas. Mesmo quando há discordâncias, a pessoa pode acreditar estar verdadeiramente apaixonada pelo parceiro como um todo.

Oliveira *et al.* (2016) destacam que, ao romantizar comportamentos abusivos, cria-se uma perigosa ilusão de justificativa, conduzindo as pessoas a acreditar que essa fantasia é suficiente para desculpar tais condutas. Isso gera confusão entre uma relação destrutiva e uma idealização romântica, levando-as a aceitar ou justificar tais atitudes em nome do amor ou da paixão, sem perceber os danos emocionais e psicológicos causados. Essa atitude perpetua ciclos de violência e a aceitação desses abusos como normais ou até desejáveis, dificultando a identificação de sinais de alerta e a busca por ajuda.

Além disso, obras de grande renome que romantizam a violência doméstica e sexual contribuem para a aceitação em massa desses relacionamentos como ideais. Essa romantização implícita sugere que a violência é parte de uma relação perfeita, passando despercebida pelas partes envolvidas. A rápida disseminação desses romances pela mídia acaba por encantar o público mais rapidamente do que o combate a essas idealizações perigosas (Oliveira *et al.*, 2016).

No contexto das relações heteroafetivas, Neal (2018) explica que a romantização de relacionamentos abusivos, associada a práticas misóginas em produções cinematográficas, tem papel central na consolidação de crenças que fundamentam os papéis de gênero e incentivam a tolerância e aceitação da violência interpessoal. Isso leva algumas pessoas a ceder às pressões dos parceiros, seja por acreditar que o abuso é uma forma de afeto, seja por se perceberem dependentes e subordinadas à vontade do outro, ou ainda por se culparem pela situação abusiva.

Infelizmente, esse tipo de influência induz as pessoas a acreditar que, ao serem amorosas o suficiente, podem conquistar o coração daquele indivíduo misterioso e incompreendido, revertendo qualquer ato de abuso em nome do amor (Neal, 2018). Na busca pelo amor ideal, essas pessoas minimizam e toleram comportamentos prejudiciais, alimentadas pela crença de que o amor verdadeiro supera todos os obstáculos. Essa busca pode fazer com que permaneçam em situações abusivas, temendo a solidão ou o estigma social do término do relacionamento, dificultando a identificação e o tratamento de ajustamentos neuróticos.

DESVENDANDO OS CINQUENTA TONS

Diante do que foi proposto até então, compreende-se que o presente estudo configura-se como uma pesquisa de natureza básica, que, segundo Gil (2022), visa ampliar a compreensão sobre um tema sem necessariamente ter uma aplicação prática imediata. Embora possa parecer desconectada da prática clínica, essa pesquisa oferece uma base teórica fundamental para o desenvolvimento de intervenções terapêuticas e técnicas de tratamento, permitindo que os pesquisadores identifiquem padrões e mecanismos psicológicos que podem ser aplicados posteriormente na prática clínica.

No que se refere ao problema, a pesquisa é qualitativa fenomenológica, caracterizando-se por seu foco nos aspectos subjetivos das tendências sociais e do comportamento humano. Em vez de quantificar dados, explora o universo de significados, implicações, valores e atitudes, interpretando ações humanas no contexto vivido e formulando hipóteses que busquem explicar o problema identificado (Marconi e Lakatos, 2022).

Em relação aos objetivos, a pesquisa é de caráter exploratório, pois investiga de forma aprofundada e detalhada um assunto específico, buscando fornecer uma compreensão inicial que possa orientar futuras investigações. Essa abordagem é particularmente útil quando o tema ainda é pouco explorado ou precisa de maior esclarecimento, sendo flexível e abrangendo diversos aspectos de uma questão, o que possibilita uma visão mais ampla e integrada do tema em análise (Andrade, 2010).

Entre os métodos de coleta de dados frequentemente utilizados nesse tipo de pesquisa está o levantamento bibliográfico, que, segundo Lakatos (2021), é uma investigação baseada em fontes publicadas, como livros e artigos, com o objetivo de analisar o que já foi escrito sobre o tema. Esse levantamento serve como ponto de partida para familiarizar-se com o conhecimento existente, identificar lacunas e desenvolver novas hipóteses ou abordagens.

O procedimento técnico adotado é a análise de conteúdo, que se concentra no significado das mensagens de comunicação por meio da categorização temática, permitindo inferir realidades além do que é explicitamente apresentado. Esse método busca manipular e interpretar as mensagens para identificar indicadores que revelem aspectos ocultos ou subjacentes, proporcionando uma compreensão mais profunda do conteúdo transmitido (Lakatos, 2021). Esse enfoque é especialmente eficaz para identificar a romantização de abusos na trilogia *Cinquenta Tons*, revelando como comportamentos abusivos são sutilmente romantizados no enredo e oferecendo uma leitura crítica dessas dinâmicas presentes na narrativa.

Para fundamentar o estudo, foram utilizados livros da biblioteca virtual do Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, disponível no portal do estudante, ao qual todos os alunos da instituição têm acesso. Também foram consultados livros eletrônicos e físicos e artigos acadêmicos em português dos últimos dez anos, encontrados em plataformas científicas como Scielo, Pepsic e EBSCO.

Como fonte de informação, utilizam-se cenas e narrativas da trilogia *Cinquenta Tons*, incluindo os filmes *Cinquenta Tons de Cinza* (2015), *Cinquenta Tons Mais Escuros* (2017) e *Cinquenta Tons de Liberdade* (2018). Para tanto, a estratégia de coleta de dados é a análise fílmica, que, segundo Flick (2008), permite um exame detalhado das obras cinematográficas, abrangendo desde a narrativa até a mensagem transmitida, separando as cenas em planos e analisando as relações entre os elementos do filme para entender sua estrutura. Penafria (2009) acrescenta que essa técnica exige observação e interpretação, proporcionando ao analista uma experiência interpretativa.

Para conduzir essa análise, foi utilizado o serviço de *streaming Prime*® para acessar a trilogia, que serviu como contexto central para o estudo. Para organização e aprofundamento do tema, ele foi dividido em duas categorias: (1) poder e (2) controle. Na categoria (1), foram analisadas cenas em que Christian usa sua posição de poder aquisitivo e influência para moldar situações a seu favor, destacando a dinâmica desigual de poder na relação. Na categoria (2), foram consideradas cenas em que Grey tenta exercer controle total sobre Anastasia, não apenas no contexto sexual, mas também em aspectos como seu trabalho, estilo de vida e decisões pessoais, incluindo as justificativas para seu comportamento controlador e dominador.

Com essa estrutura como base, foi desenvolvido um protocolo-guia para cada obra cinematográfica (Quadro 1), registrando o tempo de duração das cenas e narrativas que ilustram as especificidades em análise, com o objetivo de estruturar e orientar a investigação de maneira consistente com os objetivos da pesquisa. Essas divisões servem como fundamento para a discussão à luz do conceito de neurose na GT.

Quadro 1 – Protocolo-guia com recortes de cenas e narrativas para análise dos filmes

PROTOCOLO-GUIA: Recortes de cenas e narrativas filme 1 - Cinquenta Tons de Cinza			
Categoria	Cena	Tempo (hh:mm:ss)	Descrição
Poder	1	00:05:55 a 00:06:30	Christian atribui seu sucesso ao controle e direcionamento de pessoas talentosas.
	2	00:14:31 a 00:14:55	Christian aparece no local de trabalho de Anastasia, alegando compromissos profissionais.
	3	00:18:30 a 00:19:00	Christian pergunta se Anastasia está nervosa; ela o acha intimidador e arrogante. Ele confirma.
	4	00:21:00 a 00:21:35	Christian envia edições raras de livros que Anastasia adora, apesar de aconselhar afastamento.
	5	00:24:45 a 00:27:00	Christian chega ao bar, impede José de beijar Anastasia e a leva embora.
	6	00:29:00 a 00:29:40	Christian alega ter enviado livros para se desculpar por ter feito Anastasia acreditar em romances.
	7	00:30:00 a 00:31:05	Christian promete tocar Anastasia apenas após contrato, mas a beija no elevador.
	8	00:33:07 a 00:35:02	Christian leva Anastasia para andar de helicóptero.
	9	00:38:48 a 00:39:40	Christian mostra o quarto vermelho, quer Anastasia rendida; oferece-se como recompensa.
	10	00:56:20 a 00:56:40	Christian revela a Anastasia que só ela foi com ele ao helicóptero e cama.
	11	00:57:32 a 00:57:55	Christian envia um técnico para instalar um novo computador na casa de Anastasia.
	12	01:17:15 a 01:19:00	Christian dá um carro novo a Anastasia e vende o antigo sem consentimento.
	13	01:41:00 a 01:42:45	Christian leva Anastasia para andar de planador.

Controle	14	00:19:50 a 00:20:15	Christian diz a Anastasia que não é o homem para ela e aconselha o afastamento.
	15	00:22:45 a 00:23:40	Embriagada, Anastasia liga para Christian para devolver livros, ele insiste que ela vá para casa.
	16	00:28:31 a 00:29:00	Anastasia questiona Christian sobre estar em seu hotel; ele diz que não pode deixá-la sozinha.
	17	00:40:57 a 00:45:15	Christian descobre que Anastasia é virgem, diz que irá resolver este problema e transam.
	18	00:59:27 a 01:00:44	Anastasia lê o contrato de Christian, que exige restrições específicas.
	19	01:31:00 a 01:33:00	Christian fica irritado com Anastasia por ela visitar sua mãe e declara que ela pertence a ele.
	20	01:39:00 a 01:40:30	Christian chega inesperadamente ao restaurante onde Anastasia está com sua mãe e retira seu copo.
	21	01:55:15 a 01:55:58	Após bater em Anastasia na sala vermelha, Christian pede que ela não o odeie, nem o ame.
PROTOCOLO-GUIA: Recortes de cenas e narrativas filme 2 - Cinquenta Tons Mais Escuros			
Categoria	Cena	Tempo (hh:mm:ss)	Descrição
Poder	22	00:07:00 a 00:08:10	Christian compra todos os quadros com imagem de Anastasia na exposição para evitar olhares de estranhos.
	23	00:11:40 a 00:11:55	Christian dá a Anastasia um notebook, celular e chaves, afirmando que não há segundas intenções.
	24	00:17:10 a 00:18:00	Anastasia descobre que Christian comprou a editora em que trabalha e o repreende. Grey brinca com a situação.
	25	00:22:58 a 00:23:55	Anastasia rasga o cheque pela venda do carro, mas Christian desmerece e faz transferência direta.

Controle	26	00:14:55 a 00:15:40	Christian encontra Anastasia no bar com seu chefe e o trata com rispidez.
	27	00:08:14 a 00:08:35	Christian faz o pedido de dois pratos no restaurante, sem perguntar o que Anastasia gostaria.
	28	00:25:50 a 00:26:50	Ao sair do salão, Christian dá a opção de Anastasia ir para casa andando ou carregada.
	29	01:22:00 a 01:23:10	Christian fica furioso por Anastasia não ter dado notícias por 3 horas.
	30	01:23:17 a 01:24:35	Christian pede para não ser deixado, justificando seu sadismo por mulheres parecidas com sua mãe.
PROTOCOLO-GUIA: Recortes de cenas e narrativas filme 3 - Cinquenta Tons de Liberdade			
Categoria	Cena	Tempo (hh:mm:ss)	Descrição
Poder	31	00:17:20 a 00:17:55	Christian invade a sala de Anastasia, interrompe a reunião com um cliente e age de forma rude.
	32	00:34:20 a 00:41:00	Após Anastasia sair com sua amiga, Christian, ao retornar, a trata com desprezo e indiferença.
	33	00:45:40 a 00:46:45	Anastasia quer ver amigos. Christian menciona um sonho sobre sua morte, justificando a preocupação.
Controle	34	00:05:35 a 00:05:48	Cristian impede Anastasia de tirar a parte de cima do biquíni, dizendo que já está mostrando demais.
	35	00:14:21 a 00:15:10	Anastasia brinca sobre gravidez, Christian se descontenta e diz não estar pronto para dividi-la.
	36	00:17:56 a 00:18:45	Após interromper reunião de Anastasia, Christian questiona sobre mudança de nome.
	37	00:47:10 a 00:47:55	Christian leva Anastasia e amigos para Aspen para evitar que ela saia com eles em outros lugares.
	38	01:06:10 a 01:08:00	Anastasia conta a Christian que está grávida. Ele fica furioso e sai de casa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

UMA JORNADA GESTÁLTICA PELA NEUROSE DE CHRISTIAN GREY

Os resultados da análise fílmica são apresentados com ênfase na narrativa e na mensagem da obra, conforme descrito na metodologia. Primeiramente, é oferecida uma visão geral da trilogia para contextualizar a história, a partir de sua sinopse. Em seguida, é realizada a análise de algumas cenas categorizadas no protocolo-guia (Quadro 1), sob a perspectiva da GT.

A trilogia de filmes *Cinquenta Tons*, da escritora, roteirista e produtora britânica Erika Leonard James, lançada em 2015, narra a intensa relação entre Anastasia Steele, uma jovem estudante, e Christian Grey, um empresário com preferências sexuais pouco convencionais. À medida que o relacionamento evolui de uma atração complexa para o casamento, Steele enfrenta conflitos internos e os limites de poder e controle impostos por Grey, enquanto ele lida com traumas do passado.

No início da trilogia, o relacionamento de Anastasia e Christian é marcado por práticas de dominação e submissão que desafiam os valores de Steele. Grey impõe regras e expectativas rigorosas, e a atração de Anastasia por ele se mescla com o desejo de entender e aceitar práticas não convencionais.

À medida que a trama se desenvolve, Christian é retratado como alguém com um passado traumático, que influencia seu comportamento atual. Suas necessidades de controle e dominação são interpretadas como tentativas de lidar com inseguranças e traumas não resolvidos. Embora o relacionamento contenha elementos consensuais, a intensidade e as exigências impostas por Christian levantam questões sobre equilíbrio de poder e respeito aos limites pessoais.

Em *Cinquenta Tons Mais Escuros*, o relacionamento explora mais profundamente as emoções e os desafios que surgem quando Anastasia tenta lidar com as consequências das escolhas de Christian. A pressão para adaptar-se às suas práticas pode gerar um desequilíbrio de poder, criando uma dinâmica em que Steele luta para estabelecer seus próprios limites e valores no relacionamento.

O último filme, *Cinquenta Tons de Liberdade*, aborda as consequências das decisões tomadas ao longo da trilogia e questiona se o relacionamento pode evoluir para um compromisso mais saudável e equilibrado. A transformação de Christian e a resolução dos conflitos levantam dúvidas sobre se a dinâmica do relacionamento pode ser redimensionada para promover igualdade e respeito mútuo.

Deste modo, a análise dos filmes da trilogia *Cinquenta Tons* baseia-se nas categorias propostas no Quadro 1, com foco nas ações de Christian Grey e em suas condutas de poder e controle, analisadas sob o conceito de relação abusiva descrito neste estudo, e que são amplamente romantizadas.

Ao abordar o tema de abusos em relações afetivas, frequentemente imagina-se a forma clássica de violência doméstica, em que o parceiro agride fisicamente o outro, tornando a violência evidente e facilmente identificável. No entanto, existem formas mais sutis e silenciosas de abuso, que dificultam o reconhecimento até mesmo pelas vítimas.

De acordo com Neal (2018), os abusadores podem aparentar ser amorosos, divertidos e envolventes, dificultando a percepção da vítima. Apesar de esconderem sua agressão sob uma fachada de simpatia, não se deve subestimar suas verdadeiras intenções de dominação. É necessário reconhecer que esses abusadores buscam exercer poder sobre a outra pessoa e mantê-la sob seu controle, mesmo que isso não seja imediatamente evidente. Contudo, essa necessidade frequentemente surge como um mecanismo de defesa, desenvolvido ao longo da vida para lidar com situações adversas.

Na perspectiva Gestáltica, Cardella (1994) explica que os obstáculos para o desenvolvimento de uma relação amorosa saudável incluem atitudes, crenças, sentimentos e mecanismos de defesa que permeiam a fronteira de contato entre o indivíduo e o ambiente. Esta fronteira funciona como um delimitador que separa e ao mesmo tempo integra o indivíduo ao mundo. Esses mecanismos, também chamados de bloqueios de contato, podem surgir como forma de proteção e/ou preservação em resposta a situações adversas.

No entanto, quando esses bloqueios no contato se tornam permanentes e cristalizados, mesmo após a superação da necessidade inicial, eles podem se transformar em neuroses. Ribeiro (1994) indica que, em equilíbrio com nossa natureza, somos naturalmente espontâneos, temos energia para agir sem a necessidade de planejar cada passo. Porém, o neurótico tem dificuldade de manter essa espontaneidade e [...] “se lança à realidade sem prestar atenção a ela, ou permite que ela o invada, como se fosse parte dele” (Ribeiro, 1994, p. 19).

A neurose é um conflito do campo e não intrapsíquico. O indivíduo adoece na medida em que o ambiente adoece. Conflitos sociais, crises culturais, políticas e econômicas afetam o equilíbrio da totalidade, e para lidar com um meio impositivo, o indivíduo conta apenas com a resistência como força vital de sobrevivência (Alvim *In: Frazão, Fukumitsu, 2014*; Schillings *In: Frazão, Fukumitsu, 2014*).

Ao longo da trilogia, são reveladas cenas da infância do protagonista que surgem como flashes em seus sonhos, expondo o ambiente problemático em que foi criado. Esses vislumbres do passado oferecem ao espectador uma visão dos traumas que podem ter moldado sua personalidade. Por meio dessas lembranças fragmentadas, é possível compreender como as experiências difíceis e abusivas da infância influenciam o comportamento de Grey na vida adulta, especialmente em suas relações afetivas. Entretanto, enredos como esses podem reforçar a romantização de comportamentos abusivos que permeiam a narrativa da trilogia.

Ao analisar as cenas da categoria 1, percebe-se a constante necessidade do protagonista de demonstrar poder e dominância sobre Anastasia. Na cena 12, por exemplo, Christian vende o carro de Steele e lhe dá um novo, sem consultar ou pedir seu consentimento. Mais tarde, na cena 25, quando ela tenta devolver o cheque que Grey lhe deu pela venda de seu carro, ele desdenha o gesto, afirmando que o valor é irrelevante para ele. Insatisfeita, Anastasia rasga o cheque, mas Christian, em resposta imediata, ordena uma transferência bancária do mesmo valor para a conta dela, mesmo sem que ela tenha fornecido seus dados bancários.

Nas diversas cenas desta categoria, atos como esses revelam como Grey utiliza seu poder e influência para impressionar e dominar Anastasia, mascarando suas atitudes com uma falsa aparência de cuidado ou generosidade. O filme retrata essas ações de forma romantizada, sugerindo que Grey age para agradar e cuidar; no entanto, em ambas as situações, ele não lhe oferece a oportunidade de escolha, revelando uma dinâmica de dominância. Segundo Reis, Ramos e Cavalcante (2015), os estereótipos sociais introjetados que perpetuam a dominação masculina sobre a mulher podem influenciar a maneira como os homens se relacionam e exercem domínio nas relações afetivas.

À luz da GT, o indivíduo manifesta esses introjetos ao exercer poder sobre outra pessoa, pois absorveu crenças ou normas, por exemplo, a ideia de que deve ser o líder ou provedor, sem questionar se isso é saudável ou adequado para ambos. Conforme Perls (1988), quando introjetamos informações e valores sem o devido processamento, isso pode causar desconforto e uma espécie de "envenenamento mental", pois esses conteúdos não se tornam uma parte genuína de si.

De acordo com Cardella (1994), o uso excessivo do mecanismo de introjeção pode resultar em autodesvalorização e alienação, levando ao uso da deflexão como uma forma de evitar o

enfrentamento de questões internas. Na cena 22, ao adquirir todos os quadros com a imagem de Anastasia na exposição de José, Christian não apenas demonstra seu poder financeiro, mas também evita confrontar os sentimentos desconfortáveis que surgem ao imaginar outros homens admirando as fotos de Steele, sugerindo uma deflexão de seus sentimentos.

Schillings (*In: Frazão, Fukumitsu, 2014*) afirma que a deflexão é uma manobra para evitar o contato direto com outra pessoa ou consigo mesmo e suas emoções. Podemos supor que Grey desenvolveu essa neurose para evitar lidar com suas emoções, utilizando a deflexão como uma forma de autorregulação, fechando-se para seus sentimentos e projetando-os no ambiente. A pessoa que frequentemente deflete suas emoções acaba por não se conhecer em essência, projetando no mundo algo que nem ela mesma compreende.

Quando alguém deseja exercer domínio sobre outra pessoa, pode estar projetando sua própria falta de controle, imaginando no outro características que justificam seu comportamento autoritário. Essa pessoa pode perceber no outro uma fraqueza ou uma suposta necessidade de direção, acreditando que o outro precisa de sua orientação, quando, na verdade, é ela quem se sente vulnerável. Isso é observado na cena 1, na qual Grey afirma a Anastasia que atribui seu sucesso ao domínio e direcionamento de pessoas talentosas, e na cena 3, quando Grey pergunta se Anastasia está nervosa enquanto tomam café, e ela o acha intimidador e arrogante. Ele confirma, dizendo que é bom que ela se sinta assim.

Gracher e Meurer (2022) explicam que a violência em relacionamentos abusivos frequentemente surge do desejo de exercer poder e controle, colocando o parceiro em uma posição de inferioridade. Esse desejo pode ser visto como uma expressão da fragilidade do agressor, que não consegue lidar de forma saudável com suas emoções devido à deflexão, utilizando a necessidade de dominar como forma de compensar suas próprias inseguranças.

Com base nesses conceitos, podemos supor que Grey, incapaz de reconhecer sua própria vulnerabilidade, projeta essa fragilidade em Anastasia, vendo nela uma necessidade de ser guiada e controlada, justificando suas atitudes dominadoras como formas de proteção ou cuidado. No entanto, essas ações podem revelar sua dificuldade em enfrentar sua própria insegurança.

Por trás do desejo de poder, há uma camada de manipulação cuidadosamente planejada para que o outro não perceba o que realmente está acontecendo. A manipulação é uma ferramenta usada para distorcer a percepção, moldando a realidade de maneira a esconder o abuso, tornando-o mais sutil e, muitas vezes, confundindo o que é certo ou errado. Grey frequentemente influencia os sentimentos e emoções de Anastasia para manter a dominância na relação.

Na cena 4, Grey manipula Steele para confundir e controlar seus sentimentos. Embora tenha dito a ela para se afastar, afirmando não ser o tipo de homem que ela deseja, ele contradiz essa mensagem ao presenteá-la com uma coleção de livros raros. Esse gesto aparentemente generoso pode ser considerado uma forma sutil de manipulação para manter-se no domínio da relação. Ao dar um presente tão valioso, Grey faz uso de mensagens confusas: por um lado, cria um vínculo material e emocional que a atrai de volta; por outro, reafirma sua narrativa de que não é adequado para um relacionamento amoroso. Na cena 6, Grey afirma que o presente foi um pedido de desculpas por tê-la levado a acreditar que desejava um relacionamento romântico, sugerindo que se importava com ela.

Com essa atitude, Christian pode estar alimentando em Anastasia sentimentos de culpa e insegurança, desviando a atenção de sua manipulação. Ao se mostrar atraente e inacessível, ele cria um ciclo de proximidade e afastamento que confunde Anastasia e intensifica seu desejo por respostas. O presente disfarçado de desculpa reforça seu poder, misturando afeto e rejeição, mantendo-a em um

estado de incerteza e dependência enquanto controla a narrativa e manipula suas emoções.

Essa atitude é vista pela GT como um ajustamento de proflexão, amplamente observado em relacionamentos abusivos, onde ocorre uma combinação de retroflexão e projeção — ou seja, fazer ao outro o que se gostaria que o outro fizesse. O indivíduo projeta suas necessidades, esperando que o outro atenda às suas expectativas e desejos, muitas vezes manipulando para receber o que precisa, sempre com a esperança de obter retorno e reconhecimento (Cardella, 1994; Ribeiro, 1997; Schillings *In*: Frazão, Fukumitsu, 2014).

Ao sugerir que Anastasia se afaste, como na cena 14 da categoria 2 de análise, Grey projeta suas próprias inadequações e limitações, transferindo para Steele a responsabilidade de decidir pelo distanciamento e evitando a necessidade de confrontar sua incapacidade de atender às expectativas dela. Essa atitude simultaneamente alimenta o desejo dela, transmitindo a mensagem ambígua de que, embora a rejeite verbalmente, ainda a quer em sua vida.

Isso cria uma dinâmica de tensão emocional, na qual Christian projeta sua vontade de ser desejado por Anastasia, refletindo o que realmente quer: que ela continue a desejá-lo e a lutar por ele. Essa atitude não apenas permite que Grey evite suas próprias questões internas, mas também reforça a atração de Steele, criando uma sensação de desafio e alimentando a relação disfuncional entre ambos.

A manipulação de Grey é evidente também na cena 32. Enquanto viajava, ele ordena que Anastasia vá diretamente para casa após o trabalho, mas ela decide encontrar uma amiga em um restaurante. Ao retornar da viagem, Christian expressa seu descontentamento, tratando-a de forma desdenhosa e fazendo com que se sinta culpada por sua escolha. Esse comportamento ilustra uma tentativa de dominação, ao usar o desprezo e a culpa como ferramentas para minar a autonomia de Steele e reafirmar seu poder sobre ela.

Com essa atitude, Christian demonstra não apenas proflexão, mas também seu egotismo e confluência em relação a Anastasia. No egotismo neurótico, Schillings (*In: Frazão, Fukumitsu, 2014*) explica que os indivíduos se mostram ansiosos diante da perda de controle e ao se abrirem para os outros, preferindo controlar o ambiente para evitar envolvimento. Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 257), esse comportamento envolve “um controle de si mesmo e do ambiente para evitar as surpresas decorrentes deste.” Christian teme perder o controle, tanto sobre Anastasia quanto sobre suas próprias emoções, o que o leva a puni-la com silêncio e indiferença, com a intenção de moldar seu comportamento, garantindo que atitudes imprevisíveis não se repitam.

Com essa forma de agir, Grey não só está disciplinando Anastasia, mas também tentando preservar uma sensação de segurança, evitando o desconforto de lidar com situações inesperadas que o confrontem com suas vulnerabilidades. Ao limitar as ações de Steele, acredita que pode igualmente controlar suas próprias emoções, mantendo uma aparência de estabilidade enquanto projeta sua incapacidade de lidar com o inesperado.

Em relações onde há desequilíbrio de poder e controle, os parceiros podem projetar suas expectativas no outro, alinhando-as à própria visão da realidade e negligenciando a subjetividade e o direito à liberdade do parceiro. Em muitos relacionamentos, surge uma dinâmica simbiótica e confluyente, em que as fronteiras entre os parceiros se tornam indefinidas e a individualidade se funde, resultando em uma sobreposição excessiva de pensamentos, sentimentos e ações, o que gera desafios significativos.

Na GT, a confluência está associada ao sentimento de posse, onde há perda de identidade e uma dependência emocional, em que as necessidades de um se alinham às do outro, aumentando a insegurança e o ciúme. Para Perls (1988), a confluência ocorre quando o indivíduo não percebe barreiras entre si e os outros, perdendo o

senso de individualidade e identificando-se completamente com o ambiente. Essa dependência leva a que qualquer ameaça à exclusividade seja percebida como uma ameaça à própria identidade.

Para Grey, o medo de perder o controle sobre Anastasia reflete esse estado egóico e confluyente. Ele não apenas molda o comportamento de Steele por meio de punições, mas também projeta seu desejo de posse, como se as decisões e ações de Anastasia fossem uma extensão de suas próprias necessidades. Ao alinhar as ações dela com suas expectativas e puni-la quando ela se desvia, Christian busca evitar que Steele exerça sua autonomia, o que representaria uma perda de controle e, em certo nível, uma ameaça à sua identidade.

A confluência de Christian faz com que qualquer ação de Anastasia que desafie essa fusão, como encontrar uma amiga em vez de seguir diretamente para casa, por exemplo, seja vista como uma ameaça. Para manter esse controle, que é o elemento central da nossa análise, destaca-se a cena 37, em que Grey convida os amigos de Steele para sua casa em Aspen, evitando que Anastasia sinta falta dos amigos ou deseje vê-los em momentos em que ele não possa supervisionar.

Essa cena ilustra claramente como Christian utiliza sua proflexão manipuladora para impedir que Anastasia crie espaços próprios fora de sua influência. Ao restringir suas oportunidades de socialização fora de seu círculo, Grey mantém o poder e o controle sobre o relacionamento, neutralizando ameaças à sua autoridade, enquanto disfarça essa atitude como um gesto de generosidade, reforçando seu egotismo.

Essa necessidade de restringir a independência de Anastasia também aparece na cena 24, da categoria 1 de análise, em que Steele descobre que Christian comprou a editora onde ela trabalha. Com essa atitude, Grey invade o espaço profissional de Anastasia e elimina qualquer possibilidade de autonomia em sua vida.

Ambas as cenas ilustram como, em um estado confluyente e egóico, Grey usa seu poder aquisitivo para controlar os aspectos pessoais e profissionais de Steele, restringindo a liberdade dela e mantendo sua autoridade na relação.

Essa manipulação é também exemplificada na cena 16, quando Steele questiona por que Grey a levou para seu quarto de hotel em vez de deixá-la em casa. Christian responde que não consegue deixá-la sozinha, revelando, já no início da relação, sua dificuldade em lidar com a independência de Anastasia. Esse estado de confluência se repete na cena 27, em que Grey pede para Anastasia o mesmo prato que escolheu para si em um restaurante, sem consultá-la sobre sua preferência.

Segundo Cardella (1994), em relacionamentos abusivos, quando o parceiro percebe sinais de independência, ele se sente ameaçado e, com medo do abandono, pode agir de forma abusiva ao restringir a liberdade da parceira. Isso suprime a individualidade em prol da união, resultando em uma relação que parece amorosa, mas é baseada na dependência mútua, impedindo o crescimento pessoal de ambos.

Essa disfuncionalidade é também evidente na cena 29, quando Anastasia sai a pé, sem o motorista de Grey, e não dá notícias por três horas. Ao retornar, Christian fica furioso, mostrando como a confluência intensifica seu ciúme, resultando em atitudes controladoras e possessivas. Cardella (1994) explica que, para um parceiro abusivo, a separação é vista como ameaça, gerando insegurança que se manifesta em comportamentos obsessivos, como o controle excessivo e a supervisão constante.

Esse conceito relaciona-se diretamente com a cena 19, quando, durante um jantar, Anastasia menciona que planeja visitar a mãe em outra cidade. A sós, Christian expressa irritação e afirma que Steele “pertence a ele”, questionando-a sobre por que não o informou

disso. Na cena 20, Christian aparece inesperadamente no restaurante onde Anastasia está com sua mãe e retira uma bebida alcoólica que ela consumia, insinuando que não deveria beber sem sua permissão.

Essas atitudes ilustram a dinâmica de controle que Grey exerce sobre Steele e suas dificuldades em lidar com suas inseguranças, manifestadas no controle invasivo e na manipulação sutil para que ela sinta culpa e arrependimento ao tentar exercer sua liberdade. Com esses atos coercitivos, Christian faz com que Anastasia questione suas próprias escolhas ao agir de forma independente, perpetuando um ciclo de dependência emocional, onde suas próprias fragilidades são projetadas, disfarçadas de preocupação ou cuidado.

Os filmes tratam esse tipo de atitude como uma manifestação de paixão, mascarando a perda de liberdade de Anastasia e promovendo a falsa ideia de que tais atitudes são características de um amor verdadeiro. Com isso, a trilogia distorce a percepção dos espectadores, naturalizando dinâmicas de poder desequilibradas como algo desejável.

Outro ajustamento disfuncional neurótico que se manifesta com frequência em Christian é a projeção. Como exemplo, temos a cena 30, em que Christian implora para que Anastasia não o deixe, justificando seu comportamento sádico como uma necessidade de punir mulheres que se assemelham à sua mãe biológica, revelando a profundidade de sua projeção. Ele atribui a essas mulheres características e sentimentos que, na verdade, pertencem à sua relação com a mãe, marcada por negligência e abuso emocional.

Em vez de lidar diretamente com a dor e vulnerabilidade que experimentou durante sua criação, Grey canaliza esses sentimentos para mulheres que se assemelham à sua mãe. Ele busca puni-las como uma forma de exercer controle sobre a impotência que sentia quando era criança. Ao projetar o ressentimento e a raiva em relação à figura materna, Christian tenta encontrar uma vingança simbólica, punindo outras mulheres como forma de lidar com a frustração e o abandono emocional que sofreu.

Segundo Ribeiro (1997), a projeção é um processo no qual o indivíduo tem dificuldade em identificar suas próprias características, atribuindo-as aos outros. O que o sujeito não reconhece ou aceita em si mesmo é transferido para as pessoas ao seu redor, inclusive a responsabilidade por seus fracassos. Essa projeção cria um ciclo de comportamentos destrutivos, nos quais Christian não consegue confrontar diretamente seus traumas, preferindo externalizá-los ao infligir dor a outras pessoas.

Ao fazer isso, Christian perpetua sua incapacidade de se conectar verdadeiramente com os outros, já que sua percepção das mulheres em sua vida, especialmente Anastasia, está contaminada pela projeção de conflitos não resolvidos. Assim, Grey impõe a essas mulheres não apenas seu sadismo, mas também uma tentativa mal-sucedida de resolver, através da dor, os sentimentos não processados em relação à própria mãe.

Essa dinâmica reflete um dos principais desafios enfrentados por Christian ao longo da trilogia: sua dificuldade em dissociar os traumas do passado de suas relações presentes, perpetuando padrões disfuncionais que comprometem a possibilidade de estabelecer uma conexão genuína e saudável com Anastasia.

A retroflexão neurótica também está presente nas interações de Christian, que até então nunca se relacionara de forma afetiva com uma mulher, tendo-as sempre como submissas e baseando suas relações em contratos. Essa repressão emocional e a necessidade de controlar sua parceira resultaram em uma dinâmica de poder desequilibrada, na qual ele se distanciou tanto de suas emoções quanto do verdadeiro afeto por Anastasia. Segundo a GT, o retroflexor internaliza impulsos e emoções que deveriam ser direcionados ao ambiente ou às pessoas ao seu redor. Em vez de expressá-los de forma saudável, ele os reprime e os direciona contra si mesmo, o que gera autocrítica, controle excessivo e isolamento emocional (Perls, 1988; Ribeiro, 1997).

Podemos sugerir que Grey lida com suas inseguranças criando uma fachada de controle e invulnerabilidade. Sua incapacidade de se relacionar emocionalmente, especialmente com Anastasia, como visto em diversas cenas da trilogia, reflete sua dificuldade em enfrentar suas fragilidades. Em vez de se permitir sentir e expressar emoções sinceras, Christian as reprime e cria uma dinâmica de autogerenciamento, na qual impõe suas expectativas sobre Steele, tentando moldá-la de acordo com sua idealização de perfeição.

Isso fica explícito na cena 18, quando Anastasia lê as exigências do contrato de Grey, onde ele estabelece regras sobre seu comportamento, controlando até o que ela pode comer e beber, projetando nela suas próprias expectativas e padrões rígidos de autocrítica. Como aponta Cardella (1994), o retroflexor se distancia emocionalmente, o que impede o desenvolvimento de um relacionamento autêntico e saudável. A busca incessante por domínio é, na verdade, um reflexo de sua incapacidade de lidar com a própria vulnerabilidade, e sua autocrítica constante o impede de se conectar de maneira profunda com os outros.

Pode-se considerar que os comportamentos de Christian são resultantes de traumas passados, incluindo a ausência de cuidados maternos na infância e a vivência de abandono emocional e violência, que geraram sentimentos internalizados de insegurança e desvalorização e se manifestam em suas tentativas de controle e poder.

Grey permanece cristalizado nesses ajustamentos, que ainda o assombram e se caracterizam como gestaltens abertas, gerando padrões repetitivos de comportamentos disfuncionais. Durante sua infância, Christian precisou se distanciar das próprias emoções para sobreviver ao ambiente disfuncional em que vivia. Esse afastamento emocional tornou-se uma estratégia de proteção, evitando o contato com sentimentos associados à figura materna. Sua necessidade de controle na vida adulta pode ter surgido como uma resposta às situações imprevisíveis e violentas que vivenciou na infância, criando uma defesa contra novas vulnerabilidades.

Assim, os comportamentos atuais de Christian ilustram suas neuroses, pois suas experiências traumáticas não foram integradas nem processadas, dificultando o fechamento dessas gestaltens e impedindo o contato autêntico consigo mesmo e com o ambiente, o que o priva de vivenciar a intimidade e o afeto de forma saudável e genuína.

Essa situação reflete sua falta de *awareness* no momento presente, impedindo-o de perceber que não há mais motivos para manter esses comportamentos, ou que essas gestaltens permanecem abertas, o que o distancia de seus sentimentos e lhe impede de confiar novamente nas pessoas.

No campo fenomenológico, cada pessoa forma sua percepção a partir da interação com o ambiente. Para Christian, as experiências traumáticas distorceram sua visão do campo relacional, criando um padrão defensivo de controle e manipulação na relação com Anastasia, comprometendo sua capacidade de estabelecer conexões autênticas.

RESSIGNIFICANDO A ROMANTIZAÇÃO DO ABUSO

Diante da análise apresentada neste estudo, conclui-se que a romantização de comportamentos neuróticos, conforme retratada na trilogia de filmes *Cinquenta Tons*, pode contribuir para a normalização e aceitação de dinâmicas prejudiciais no imaginário coletivo. Sob a perspectiva da GT, o personagem Christian Grey exemplifica tais neuroses, decorrentes de suas experiências traumáticas e de tentativas inadequadas de lidar com necessidades emocionais emergentes, que geram interrupções em seu contato com o meio.

As neuroses surgem como resultado da cristalização de bloqueios de contato, como introjeção, retroflexão, confluência, proflexão, egotismo e projeção, que se manifestam em sua necessidade de controle e poder. No conceito gestáltico, todo comportamento é influenciado pelo campo fenomenológico no qual o organismo está imerso. Esse campo representa a totalidade das experiências de que a pessoa está consciente no momento da ação. Para Ribeiro (1997), a intensidade dessa consciência pode variar, indo de um nível mais baixo a um mais elevado, mas nunca é completamente inconsciente.

A neurose é uma realidade presente tanto nos indivíduos quanto na sociedade, influenciando relações e ações. O processo de recuperação do poder de escolha e da autonomia começa com a compreensão das forças externas e internas que afetam o sujeito, suas crenças e comportamentos. Entender como essas forças operam é necessário para promover a *awareness*, permitindo ao indivíduo identificar e questionar padrões automáticos de reação, possibilitando intervenções mais efetivas em nível social e contribuindo para a construção de relações mais saudáveis e conscientes.

Além disso, a repressão de sentimentos incentivada nos meninos, como resposta à pressão social que reforça estereótipos de masculinidade ligados ao machismo, pode ter efeitos prejudiciais no desenvolvimento do autossuporte emocional desses indivíduos. Quando os homens não são ensinados a expressar suas emoções de forma saudável, podem ter dificuldades no enfrentamento de conflitos, o que pode levar a comportamentos violentos e autoritários como uma forma inadequada de lidar com frustrações e dificuldades interpessoais. A incapacidade de muitos homens de lidar com as emoções afeta a qualidade dos relacionamentos e evidencia a necessidade de apoio emocional e crescimento pessoal por parte desses abusadores.

Pode-se supor que a falta de autossuporte de Christian impede a resolução saudável de suas necessidades, mantendo as gestaltens de seus traumas em aberto e prejudicando o contato

verdadeiro com o meio, o que cristaliza padrões neuróticos e dificulta seu desenvolvimento emocional. A *awareness* surge como um recurso essencial para superar esses bloqueios, pois, ao promover uma percepção plena do presente, permitiria a Christian reconhecer suas necessidades, reorganizar suas respostas emocionais e realizar o fechamento dessas gestalts.

Quando um indivíduo toma total consciência de suas disfunções neuróticas, isso marca o início de um processo de autoconhecimento e autodescoberta. Ao reconhecer esses padrões disfuncionais que se manifestam em suas interações com o meio, ele tem a oportunidade de ressignificar seus comportamentos, envolvendo-se em um processo de profunda reflexão sobre as origens desses padrões, que frequentemente foram introjetados de maneira impositiva pelo ambiente. A análise sugere que, ao desenvolver essa consciência, é possível dissolver as neuroses e promover uma reorganização interna que favorece o crescimento e extingue comportamentos abusivos.

Contudo, não é suficiente que o indivíduo apenas tome consciência de seus atos abusivos; é fundamental que ele compreenda o impacto prejudicial de suas ações sobre os outros e reconheça a necessidade de mudança para construir relações mais saudáveis. Essa transformação só se torna possível se ele se perceber como alguém que precisa de ajuda e estiver disposto a buscar suporte psicoterapêutico para auxiliá-lo nesse processo de autoconhecimento e desenvolvimento. Vale ressaltar que a *awareness* não implica, por si só, um desejo genuíno de transformação. Muitas vezes, a pessoa pode reconhecer seus atos, mas não manifestar uma intenção real de mudança.

Frequentemente, a romantização desses comportamentos, reforçada pela cinematografia, alimenta a normalização desses atos, fazendo com que os próprios abusadores não identifiquem suas atitudes como algo prejudicial, tanto para eles quanto para seus

parceiros afetivos. Por isso, o papel da psicoterapia é essencial, pois proporciona um espaço seguro e acolhedor para que o indivíduo possa refletir, confrontar resistências e construir um novo caminho de relacionamento consigo mesmo e com os outros.

Outra contribuição deste estudo reside na demonstração de como o conceito de neurose pode ser aplicado à análise de narrativas cinematográficas. Por meio das cenas, foi possível ilustrar os bloqueios de contato que as pessoas enfrentam, revelando como a falta de resolução de gestalts pode manter padrões neuróticos que impactam o comportamento e as relações afetivas. Além disso, destaca-se a importância da *awareness* no processo de ressignificação dessas vivências, reforçando a aplicação psicoterapêutica desses conceitos e a necessidade de uma análise crítica da forma como a mídia representa e reforça comportamentos abusivos de maneira romantizada, passando a mensagem de que tais atos fazem parte de relações amorosas.

Nesse sentido, a psicoterapia torna-se fundamental para o processo de ressignificação, envolvendo uma jornada de autoaceitação e empoderamento, na qual o sujeito se liberta das amarras da masculinidade tóxica e, a partir da *awareness*, busca viver de acordo com valores e princípios pessoais, adotando novas formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros, baseadas no respeito mútuo, na igualdade de gênero e na valorização da diversidade.

A partir do momento em que o indivíduo alcança o reconhecimento pleno de suas necessidades e dinâmicas internas, influências distorcidas, como expectativas sociais impostas ou padrões culturais limitantes, perdem seu poder sobre ele. Isso ocorre porque o sujeito, agora consciente de si e de suas experiências, é capaz de distinguir o que é saudável do que é disfuncional, tanto em suas relações pessoais quanto em suas próprias escolhas de vida.

É importante ressaltar que esse processo não é fácil e pode exigir um trabalho contínuo de desconstrução de crenças e comportamentos introjetados. Todavia, ao reconhecer e confrontar essas disfunções neuróticas, o sujeito abre espaço para uma vida mais autêntica, livre e plena de significado. No entanto, a romantização de tais comportamentos, amplamente reforçada não somente nesta trilogia, mas também em outras obras cinematográficas, acaba por obscurecer a compreensão do amor genuíno, que deve ser baseado em respeito e liberdade, desviando a atenção da necessidade de apoio emocional e crescimento pessoal para superar bloqueios de contato e padrões neuróticos perigosos.

Devido à limitação de espaço no artigo, não foi possível realizar a análise de todas as cenas categorizadas no Quadro 1. Embora todas sejam de grande relevância para o estudo, a extensão do texto impôs a necessidade de priorizar algumas delas para garantir a clareza e concisão da exposição. Contudo, reconhecemos a importância das demais, que continuam disponíveis para futuras análises e aprofundamentos, permitindo uma exploração mais ampla das dinâmicas discutidas.

Destaca-se a aplicabilidade dos conceitos da GT na análise de cenas de filmes, permitindo uma compreensão mais profunda dos conflitos internos do protagonista. Todavia, uma limitação do estudo foi a ausência de uma análise mais detalhada sobre a origem e o desenvolvimento histórico das neuroses de Christian. Estudos futuros poderiam explorar esse aspecto com maior profundidade, assim como investigar as repercussões sociais e psicológicas da romantização de comportamentos abusivos em outras produções cinematográficas.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. Awareness: experiência e saber da experiência. *In*: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina Okajima (orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 1, p. 12-26.

ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 8, p. 128-141.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522478392/pageid/4>. Acesso em: 06 mai. 2024.

ANTÔNIO, Rafaela; RUCINSK, Guidie Elleine Nechoetko; IWANCZUK, Francieli Dayane. Do amor ao medo: a permanência da mulher em um relacionamento abusivo uma perspectiva da Gestalt-terapia. **Renovare: Centro Universitário do Vale do Iguaçu**, Vale do Iguaçu, v. 1, n. 9, p. 162-177, mar. 2022. Disponível em: <https://book.ugv.edu.br/index.php/renovare/issue/view/98/111>. Acesso em: 21 mar. 2024.

CARDELLA, Beatriz Helena P. **Amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo: Summus, 1994.

CARDELLA, Beatriz Helena. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades: o ajustamento criativo. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 6. p. 90-113.

CARVALHO, Kayra Werkhausen; MEURER, Luzia de Miranda. Interlocução entre dependência afetiva e relacionamento abusivo na perspectiva da Gestalt-terapia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. /], v. 9, n. 10, p. 2671-2698, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i10.11262. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11262>. Acesso em: 1 abr. 2024.

CINQUENTA Tons de Cinza. Direção: Sam Taylor-Johnson. Universal Pictures, 2015. Disponível em: <https://www.primevideo.com>. Acesso em: 21 set. 2024.

CINQUENTA Tons Mais Escuros. Direção: James Foley. Universal Pictures, 2017. Disponível em: <https://www.primevideo.com>. Acesso em: 21 set. 2024.

CINQUENTA Tons de Liberdade. Direção: James Foley. Universal Pictures, 2018. Disponível em: <https://www.primevideo.com>. Acesso em: 21 set. 2024

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Porto Alegre: ArtMed, 2008. E-book. p.Capa. ISBN 9788536318523. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536318523/>. Acesso em: 21 mai. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Grupo GEN. 2022. E-book. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 06 mai.2024.

GINGER, Anne; GINGER, Serge. **Gestalt: uma terapia do contato**. [recurso eletrônico]. 5. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GRACHER, Bianca; MEURER, Luzia de Miranda. O agressor e as circunstâncias diante das relações abusivas sob a perspectiva da Gestalt-terapia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. /], v. 7, n. 12, p. 1570–1592, 2022. DOI: 10.51891/rease.v7i12.3616. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3616>. Acesso em: 1 abr. 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788597026559. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026559/>. Acesso em: 22 out. 2024.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. ISBN-10 : 6559770656.

MORAES, Gladys Costa; D'ACRI, Rêgo Macedo. Contato: funções, fases e ciclo de contato. //: FRAZÃO, Lillian M.; FUKUMITSU, Karina O. (orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 2, p. 27-40.

NEAL, Avery. **Relações destrutivas: se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal?** [recurso eletrônico]. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Gente, 2018.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. Tradução Cristiane Perez Ribeiro. 23. ed. São Paulo: Arx, 2003.

OLIVEIRA, Francisca Moana A. de *et al.* Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a ineficácia da lei Maria da Penha. *In: Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão*, 9, 2016, Sobral. Disponível em: https://flucianofejao.com.br/flf/wpcontent/uploads/2019/03/romantizacao_do_relacionamento_abusivo_uma_violencia_silenciosa_a_ineficacia_da_lei_maria_da_penha.pdf. Acesso em: 01 abr. 2024.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). *In: VI Congresso SOPCOM*, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos. Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2024.

PERLS, Frederick S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. [recurso eletrônico]. 2. ed. Rio de Janeiro, 1988.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. [recurso eletrônico]. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: o processo grupal**: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística. São Paulo: Summus, 1994.

REIS, Daniela Castro dos; BARROS, Arthur Aliverti Saltori de; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. Agressor sexual de crianças e adolescentes: uma discussão sobre o gênero dos participantes na literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 252-272, ago. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jun. 2024.

SCHILLINGS, Ângela. Concepção de neurose em Gestalt-terapia. *In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (orgs.). Gestalt-terapia: conceitos fundamentais* [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014. Cap. 11, p. 167-185.

VERAS, Roberto P. A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia. *In: FRAZÃO, Lilian M.; FUKUMITSU, Karina O. (orgs.). Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* [recurso eletrônico]. São Paulo: Summus, 2013. Cap. 9, p. 95-106.



7

*Maria Clara Pereira de Brito
Simoni Urnau Bonfiglio*

ENTRE ESTRELAS E ENCONTROS:

**A PARADOXA JORNADA DO *SELF*
EM "O PEQUENO PRÍNCIPE"
NO TECER DA GESTALT-TERAPIA**

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar o clássico literário *O Pequeno Príncipe* (1943) sob a perspectiva do conceito da Teoria Paradoxal da Mudança (TPM) na Gestalt-terapia. Adotando uma abordagem metodológica qualitativa-fenomenológica, de natureza básica e procedimento documental, a pesquisa percorre a história, frisando os momentos em que a TPM ocorre ao longo do conto, sendo utilizado, como recurso, apenas o enredo do livro (sem conectar demais tramas). A pesquisa explora, para além do *setting* clínico, o preceito da mudança paradoxal. Devido a suas metáforas, a obra traz momentos que representam a busca do encontro e a integração do *self* como ponto essencial para o processo de mudança, nos convidando a viver cada momento, reconhecendo quem somos como um todo, composto por nossas experiências, pensamentos e sentimentos, conforme preconizado pela TPM. A análise oferece uma nova leitura de uma narrativa atemporal, conectando-a com questões existenciais. Para criar uma conexão entre a obra e a investigação, os tópicos que estruturam a pesquisa receberam títulos que se entrelaçam com a história, deste modo, a introdução se nomeia como “Entre planetas e paradoxos”; já a fundamentação teórica é denominada como “Entre palavras e jornadas”; a metodologia é titulada como “Entre caminhos e conceitos”; a análise dos resultados como “Entre o essencial e o invisível”; e por fim, as considerações finais como “Entre estrelas, descobertas e encontros”.

Palavras-chave: Teoria paradoxal da mudança; O pequeno príncipe; Gestalt-terapia; Self; Encontro.

ABSTRACT:

*This article aims to analyze the literary classic *The Little Prince* from the perspective of the concept of the Paradoxical Theory of Change (PTC) in Gestalt therapy. Adopting a qualitative-phenomenological methodological approach, with a basic nature and documentary procedure, the research explores the story, highlighting the moments when PTC occurs throughout the tale, using only the book's plot as a resource (without connecting other narratives). The research goes beyond the clinical setting to explore the principle of paradoxical change. Due to its metaphors, the work presents moments that represent the search for connection and the integration of the self as essential points for the process of change, inviting us to live each moment while recognizing who we are as a whole, composed of our experiences, thoughts, and feelings, as advocated by PTC. The analysis offers a new reading of a timeless narrative, connecting it to existential issues. To create a connection between the work and the investigation, the topics structuring the research are titled in a way that intertwines with the story. Thus, the introduction is titled "Between Planets and Paradoxes," the theoretical foundation is called "Between Words and Journeys," the methodology is titled "Between Paths and Concepts," the data analysis is named "Between the Essential and the Invisible," and finally, the concluding considerations are titled "Between Stars, Discoveries, and Encounters."*

Keywords: *Paradoxical theory of change; The little prince; Gestalt therapy; Self; Encounter.*

ENTRE PLANETAS E PARADOXOS

“A mudança ocorre quando uma pessoa se torna o que é, não quando tenta converter-se no que não é [...], mas acontece se dedicarmos tempo e esforço a ser o que somos” (Beisser, 2004, p. 170). A Teoria Paradoxal da Mudança (TPM), como explicada pelo autor, estabelece o conceito de que a mudança genuína surge não da tentativa de se transformar em algo diferente, mas da dedicação em se tornar verdadeiramente quem se é. Com base nessa premissa, como seria possível ser autêntico consigo mesmo, sem permitir que interferências externas desviem o sujeito desse processo? Esse questionamento nos leva a refletir sobre como é possível alcançar essa autenticidade, ignorando a busca incessante por algo que já é intrínseco a nossa essência.

A TPM é um recurso utilizado na execução dos preceitos da Gestalt-terapia (GT)² e evidencia o paradoxo que ocorre sem qualquer tentativa coercitiva na relação dialógica para a mudança que ocorre no cliente, sem esforço, reconhecendo o tempo necessário para a catalisação de transformações integrais em posse de suas posições atuais (Fagan, 1984).

A Gestalt-terapia procura olhar o outro a partir dele, de ouvir o outro a partir de como este sujeito se ouve, e, ao mesmo tempo, estar em sintonia com o cliente, numa confluência funcional. Além disso, busca experienciar uma profunda consciência de que saúde é movimento, mudança, encontro com o diferente e estar, o tempo todo, em estado de travessia, à procura de si.

Ribeiro (2007) define o *self* como um núcleo interior essencial, semelhante a uma coluna vertebral. É nele que vivenciamos emoções e sensações profundas e é a base de nossa autoimagem.

2 Gestalt-terapia.

O *self* representa a síntese da nossa experiência ao longo da vida, é como o nosso centro emocional, onde tudo se conecta. É o que nos faz sentir e refletir sobre quem somos. É formado por tudo o que vivemos, criando um retrato de nós mesmos, que nos auxilia a entender nosso lugar no mundo. É a essência que guia nossas emoções e percepções (*Ibidem*, 2007).

Ao encontro das contextualizações feitas até o momento, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a Teoria Paradoxal da Mudança em Gestalt-terapia na obra *O Pequeno Príncipe*, a partir de um estudo qualitativo-fenomenológico, de natureza básica, que inclui, metodologicamente, uma pesquisa documental para examinar como a aceitação paradoxal e a não-resistência são ilustradas nessas interações. Para dar sustentação, os objetivos secundários são: a) explorar como a TPM se manifesta nos encontros e diálogos entre *O Pequeno Príncipe* e os diversos personagens que compõem a obra; b) identificar como a aceitação paradoxal e a não-resistência são ilustradas nessas interações.

Neste horizonte, conforme já mencionado, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o livro *O Pequeno Príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry. Na obra, pode-se encontrar uma rica ligação entre a narrativa e os conceitos da TPM. Ao analisar a literatura sob a perspectiva da GT e da mudança paradoxal, é possível identificar diversos elementos que corroboram os conceitos destas abordagens. O protagonista da história, o Pequeno Príncipe, embarca em uma jornada de autodescoberta e aprendizado, enfrentando paradoxos³ e conflitos internos que o levam a compreender a essência da vida e das relações humanas.

O historiador Le Goff (1996), ao definir alguns conceitos da história das mentalidades, enfatiza a importância da utilização das

3 Paradoxo em Gestalt-terapia: "é o que é contrário à opinião da maioria, ou seja, ao sistema de crenças comuns e a que se faz referência, ou contrário a princípios considerados sólidos ou proposições científicas" (Ribeiro, 2016, p. 145).

fontes literárias. O mesmo afirma que é nas profundezas do cotidiano que se capta o estilo de uma época e, portanto, tais documentos são fontes privilegiadas quando consideradas como história da representação dos fenômenos objetivos.

A literatura gestáltica carece de um tema tão relevante e sensível, que traz autognose em elevadas camadas, podendo provocar e ampliar os questionamentos sobre o tema, aumentando, ainda mais, a eficácia e pesquisas voltadas para a compreensão da TPM dentro de outros contextos.

Levantando pontos como a jornada do encontro do *self*, relações interpessoais, totalidade e completude, o livro possui diversas metáforas que exploram esses temas universais, como o amor, solidão, amizade e, principalmente, a busca central pelo significado da vida. A GT e a TPM podem fornecer incontáveis materiais para entender as complexidades da *psique* humana retratadas na obra.

Bosi (1992) observa, em sua pesquisa, uma tendência comum entre os seres humanos: uma busca incessante pela aprovação de terceiros. Diante disso, a mesma questiona: de que modo podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? (*Ibidem*, 1992).

Yontef (1998) reflete sobre o homem e elucida que este foi perdendo o próprio referencial. Ao questionar-se por qual razão permite-se que as opiniões alheias influenciem tão intensamente as vidas, muitas vezes mais do que a própria compreensão de Si, surge a necessidade de conscientizar-se profundamente sobre o ambiente em que se habita, o que engloba a alma, mente, corpo, ideias, crenças, pensamentos e palavras.

Buscando respostas para estas indagações, podemos pensar no Ser a partir de sua totalidade. D'acri (2007) afirma que a Gestalt-terapia preconiza a indissolubilidade corpo/mente. A busca pela completude, a necessidade de encontrar meios criativos para

fechar a gestalt possibilita o surgimento do sintoma manifestado de maneira somática à psíquica sem, contudo, representar um retrocesso ao pensamento cartesiano.

Neste cenário, passa a ser relevante investigar como os princípios da GT e da TPM se expressam na narrativa do livro e quais suas contribuições para maior compreensão das teorias e para o enriquecimento do campo da psicoterapia. É possível que, a partir desta análise, novos *insights* surjam, agregando sobre os processos de mudança, autodescoberta e crescimento pessoal, que se encontram presentes na narrativa, além de estimular novas reflexões e investigações sobre a TPM em contextos clínicos e literários.

ENTRE PALAVRAS E JORNADAS

Para compreender os princípios da TPM, é preciso adentrar ao cânon da Gestalt-terapia. A Fenomenologia e o Existencialismo potencializam o solo de onde nasce esta abordagem, porém, as partes dos elementos do Humanismo e o Zen-budismo completam este grande todo que é a GT.

Para Porto (1989, p. 21), esta “é uma abordagem que se baseia numa concepção existencial do Humano valorizando o homem em relação ao seu tempo e espaço, na escolha e responsabilidade pela sua existência”.

O precursor desta abordagem, Frederick Perls (1893-1970), nos convida a desafiar a manipulação e o controle: “tornar-se real, aprender a assumir uma posição” (Perls, 1977, s/p). Tal conjuntura pode ser compreendida como um caminho para a autenticidade e a uma boa estrutura de *self*, pois, ao refletir por tal perspectiva, vê-se a importância do contato com a realidade e o ato de se responsabilizar.

Sartre (1987, p. 6) dirá que “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo”. Essa perspectiva indica que a liberdade seria um atributo central da existência humana, sendo necessário estar consciente das consequências relacionadas às decisões tomadas, pois estas moldarão a identidade e a realidade ao redor do ser. Já com Ribeiro (2012), compreende-se que o existencialismo se fundamenta na vivência única de cada indivíduo.

Dessa maneira, cabe destacar que Heidegger (1969) discute que o mundo da existência se caracteriza pela totalidade do ser, que, embora ainda não seja poeta, filósofo ou herói, se constitui de fantasia, razão e sentimento social. A existência e o existir são o configurar-se da essência, uma extensão dinâmica dela, sendo fundamental buscar uma compreensão que una essas experiências.

Quanto a isso, Ribeiro (2016, p. 35) ressalta que:

A fim de resgatar a pessoa humana, como uma totalidade significativa, precisamos passar de uma definição metafísica para uma que operacionalize o agir humano, por meio de conceitos que expressem sua propriedade essencial como ser humano, ser que cuida, ser que encontra, ser de contato, ser de mundo.

A existência seria o todo. Na visão de Buber (1975), o grande erro está em considerar um aspecto da vida psicológica e espiritual humana, como a estrutura completa do ser quando é descoberto ou compreendido, em vez de vê-lo como parte essencial dessa estrutura maior. A experiência da realidade é composta tanto pela essência quanto pela existência. Quando falamos da interação entre esses dois lados, estamos considerando uma única realidade que percebemos como um todo integrado. Não são etapas sequenciais, mas sim uma percepção integral da realidade que se manifesta plenamente na consciência.

Neste sentido, Polster e Polster (2001) descrevem que as sensações desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da *awareness*. Na Gestalt-terapia, essas sensações são a base do processo psicoterapêutico, servindo como ponto de partida para cultivar essa consciência plena.

A *awareness* é, essencialmente, estar verdadeiramente presente em nossas vidas. É como abrir os olhos para todas as partes que nos compõem: nossos sentimentos, pensamentos e sensações corporais. Quando estamos conscientes, conseguimos entender melhor o que está acontecendo dentro e ao nosso redor.

Perls (1997) retrata que o primeiro desafio que enfrentamos é o de que somos seres de relação e vivemos em constante interação. Somos os ajustes criativos que fizemos nessas relações e, por meio de diversos mecanismos de adaptação, acabamos por nos perder como os criadores desses ajustes, passando a ser controlados por eles, sem perceber que concedemos esse poder. Assim, nos tornamos dependentes dessas conexões, no entanto, é crucial desenvolver nossa própria individuação e identidade.

Em Gestalt-terapia, a introjeção (um mecanismo de defesa que impede o sujeito de entrar em contato) é compreendida como o processo em que um indivíduo internaliza ideias, valores, pensamentos e outras referências importantes ao seu redor (Da Rocha Antony, 2009). Quando esta introjeção surge no Ser de forma negativa, pode interferir na formação do sujeito, afetando o seu emocional, impactando em sua subjetividade, e construindo um eu inautêntico e incoerente com seus impulsos originais (*Ibidem*, 2009).

É preciso, então, fazer um movimento para despertar no Ser, as suas qualidades e potencialidades adormecidas, desenvolvendo a capacidade de este indivíduo reconhecer o valor de sua existência, afastando a percepção distorcida, diminuída, fragmentada, confusa da realidade e de *Si-mesmo*.

Diante do que foi exposto, é possível compreender, a partir da visão de Cardella (2014), que a Gestalt-terapia é uma psicoterapia fenomenológica-existencial aplicada, interativa, integrativa e descritiva, que se fundamenta em um dado conceito de mundo e de pessoa e que busca compreender o ser humano como uma totalidade, enquanto imerso no imediato de sua experiência.

Ribeiro (2019) ressalta que a GT considera que o ser humano é inseparável do mundo e a noção de campo, na relação ambiente/organismo, expressa claramente essa concepção que remete à totalidade. O autor traz a relação entre ambiente, animalidade e racionalidade como pontos fundamentais da natureza humana, que emerge como uma parte essencial de um todo maior, o universo. Não há, então, uma separação entre nós e o universo. Somos elementos fundamentais que o compõem e, da mesma forma, não há uma divisão entre corpo e alma.

Frente a isto:

Não existem eu e o mundo, ambos coexistimos como uma unidade consubstancial, estrutural, ontologicamente um ser que se faz visível através de entes e, consequentemente, da percepção visual, ilusória, de que são duas realidades distintas (*Ibidem*, 2019, p. 904).

Entende-se, deste modo, que na Gestalt-terapia, o homem é visto como parte inseparável de um todo maior, onde não há divisão entre indivíduo e ambiente. Essa abordagem enfatiza a importância das relações e interações do cliente com o mundo ao seu redor, considerando o ambiente físico, emocional e social como parte completa da experiência psicoterapêutica. A ausência de separação entre corpo e mente também é central, levando o psicoterapeuta a explorar tanto as expressões corporais quanto verbais do cliente para promover uma integração do *self*.

Cada indivíduo seria como uma totalidade dinâmica que, por meio das relações, se transforma, variando de acordo com o ambiente

social inserido. Frente a isso, tanto o mundo quanto o sujeito estão em um processo constante de transformação (Bandeira, 2018).

Nesse processo contínuo de mudança, a compreensão da transcendência ganha relevância, pois passa a ser percebida como a própria capacidade pela qual a vida busca e garante sua liberdade intrínseca. Partindo dessa premissa, Heidegger (1969) indica que, do contexto finito, a transcendência oferece uma estrutura fundamental para a ordem e o significado do mundo.

Bonfiglio e Trindade (2024) tratam a transcendência, dentro da GT, como um movimento que nos leva para além da situação atual, ou seja, trata-se de um processo que conecta o que estamos vivendo com a capacidade de agir e compreender melhor o nosso lugar no mundo, nos levando a conhecer onde estamos e, por meio dessa consciência, buscar uma mudança ou uma nova direção.

Na mudança paradoxal, ocorre um processo em que um indivíduo segue um caminho que, à primeira vista, não parece levar ao seu destino desejado. No entanto, de maneira surpreendente, o mesmo alcança esse destino. Dentro desse paradoxo, o indivíduo se depara com situações que contrastam com suas habituais estratégias de enfrentamento, embora essas mesmas situações tenham sido inconscientemente desencadeadas por ele.

Ribeiro (2016, p. 145) descreve que:

Mudança paradoxal, portanto, é a possibilidade de produzir uma mudança por meio de um paradoxo, ou pela criação de um paradoxo entre uma verdade velada, ainda não percebida, e a certeza de que alguém que pensa que conhece a verdade. [...] O paradoxo nos cerca e nos acompanha de todos os lados e em todos os níveis.

Tellegen (1984) propõe que a verdadeira mudança ocorre quando se aceita e se torna aquilo que já se é. A autora sugere que, em vez de tentar suprimir a dor, deve-se observá-la atentamente,

pois esse processo permite que a pessoa não seja dominada por ela. Além disso, o mesmo afirma que momentos de vazio e caos podem gerar plenitude e uma nova ordem, desde que não se coloque controle sobre a situação.

De forma semelhante, Ribeiro (2016) destaca que a mudança paradoxal não é provocada, mas acontece naturalmente. Esta envolve todas as partes do corpo, cujas ações convergem para uma mudança inesperada. Nesse processo, partes que antes pareciam estar fora do controle da pessoa podem ser recuperadas e integradas, permitindo uma transformação mais profunda.

ENTRE CAMINHOS E CONCEITOS

Este trabalho baseia-se em um estudo de abordagem qualitativa-fenomenológica, que, segundo Amatuzzi (1996, s/p), "é a pesquisa que lida com o significado da vivência". Bogdan e Biklen (1994) caracterizam este tipo de estudo como aquele que busca compreender um fenômeno em seu ambiente natural.

O estudo propõe uma compreensão da negação da verdadeira identidade e dificuldade em aceitar a realidade, à luz dos princípios da Gestalt-terapia, ou seja, por meio dessa análise, examina-se como a aceitação paradoxal e a não resistência são ilustradas nas interações do livro *O Pequeno Príncipe*, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos temas abordados na obra de Antoine de Saint-Exupéry.

Neste contexto, foram utilizadas técnicas exploratórias e descritivas em função dos momentos vividos pelo personagem principal sobre o Si-mesmo na procura de uma nova mudança em sua vida. Parte-se de uma natureza básica para explorar a Teoria Paradoxal da

Mudança encontrada nos diálogos que ocorrem em determinados momentos em que o Pequeno Príncipe visita novos planetas.

Conforme já indicado, foi utilizado como instrumento para coleta de dados o livro *O Pequeno Príncipe*, que se desdobra em procedimentos baseados em análise de uma pesquisa documental, a qual, na visão de Sá-Silva (2009), produz novos conhecimentos e criam maneiras que auxiliam a entender os fenômenos e os processos pelos quais eles têm ocorrido.

Frente aos aspectos citados, para delinear e delimitar os conceitos explorados, usou-se como componentes de apoio livros e artigos dos quais os resumos e índices dos materiais selecionados foram lidos para certificar-se de que os conteúdos se enquadravam no tema central. Diante disso, as bases de dados consultadas foram LILACS, PePSIC, EBSCO, BDTD, SciELO e acervo pessoal, tendo sido encontrados 17 artigos e 15 livros que deram sustentação para a construção da pesquisa. Os textos encontrados foram utilizados para auxiliar na análise realizada. Mediante tais colocações, não se pôde especificar tempo em relação à brevidade já que quem versa o tema principal (TPM) são os autores pioneiros da abordagem.

Para conduzir a produção da investigação, os seguintes critérios foram desenvolvidos para a análise: a) trechos que elucidem que a mudança ocorre quando se aceita plenamente quem se é, ao invés de tentar mudá-lo diretamente; b) trechos que mostrem como a Gestalt-terapia aborda a importância da consciência e percepção da compreensão da mudança. Nesta dimensão, o exemplar foi lido na íntegra. Sequentemente, foram separadas as passagens da obra que atendiam aos critérios definidos. Os dados, foram organizados em um formulário padronizado, classificados por categoria principal 1, sendo A Teoria Paradoxal da Mudança, com subcategorias de: a) Gestalt-terapia; b) individualização; c) aceitação. Como categoria principal 2, foi selecionada a Transcendência, com subcategorias de: a) autossuporte; b) *self*; c) totalidade.

ENTRE O ESSENCIAL E O INVISÍVEL

Nesta seção, o livro *O Pequeno Príncipe* será examinado à luz da Teoria Paradoxal da Mudança. Para melhor compreensão, aqui se encontra uma breve sinopse sobre a obra, que trata da história fascinante do Pequeno Príncipe e suas aventuras após sair de seu planeta. Em função do protagonista transitar em diversos mundos, trago, então, a publicação num todo, de forma mais breve, para que, ao decorrer da seção, outros caminhos se tornem mais explícitos.

O personagem, que é de um sistema planetário longe da Terra, sai de seu planeta por se sentir insatisfeito com a sua relação com uma rosa que nasceu em seu pequeno jardim, a qual a ama, mas não sabe como lidar com ela, com os seus sentimentos e a responsabilidade que vem com este amor. Devido a isto, vai, então, em busca de um novo espaço em que possa explorar suas emoções e relacionamentos.

A Rosa, sendo extremamente vaidosa, exigente, frágil e delicada, encanta o príncipe, que se apaixona por sua beleza e a admira profundamente. A personagem da Rosa representa o amor verdadeiro, sendo uma figura central na história. No fim, a Rosa passa a ser um lembrete de que o que é mais importante é invisível aos olhos e que devemos valorizar o que amamos.

Contudo, pelo comportamento da Rosa, o Pequeno Príncipe passa a vê-la como alguém complicada, com uma vaidade exagerada e, por conta disso, decide fugir de onde morava, se aproveitando de uma corrente de voo⁴, sem saber ao certo para onde ia, mas com o propósito de localizar novos seres para se engajar e aprender.

O livro é constituído pelos seguintes personagens principais: Pequeno Príncipe, Aviador, Rosa e a Raposa. Os personagens

4

Corrente de voo é como são chamados os pássaros que estão em migração.

secundários são: o Rei, Homem vaidoso, o Bêbado, Homem de negócios, o Geógrafo, o Despachante e a Cobra. A jornada do Pequeno Príncipe passa a ser um convite para se tornar consciente de suas experiências, reconhecendo a solidão e a complexidade que é o amor. Cabe salientar que, a cada novo encontro, este se torna mais presente em sua própria história, buscando integrar essas vivências para entender melhor a si mesmo e ao mundo, construindo e reconstruindo o seu caminho.

Figura 1 – Pequeno Príncipe



Fonte: figura do livro (2024, p. 13).

Ao chegar na Terra e vagar por algum tempo sozinho, encontra um homem que precisou fazer um pouso de emergência no deserto. Assim, o personagem principal, o Pequeno Príncipe, conta a este sobre como era o seu lar, o que o fez sair dele e tudo o que encontrou até chegar naquele momento. A partir do encontro com o Aviador, o Pequeno Príncipe passa a relatar diversos momentos profundos e filosóficos, fazendo com que o piloto pense e reflita sobre o processo de sair da infância e tornar-se adulto.

Após essa breve introdução ao livro, podemos, então, explorar os eventos e as interações da obra. Para iniciar a análise, ressalto que, como explicitado na contracapa da obra, o editor destaca que, para Heidegger, *O Pequeno Príncipe* se trata da maior literatura existencialista do século XX. A narrativa elenca incontáveis conceitos e correntes filosóficas, devido a isso, preconizou-se aquilo que foi delimitado como pesquisa, mantendo o cerne, integridade e objetivo.

Este existencialismo que Heidegger destaca se faz importante neste contexto, pois tal preceito da Gestalt-terapia elenca a perspectiva de que uma pessoa é formada por múltiplas potencialidades, que podem se transformar à medida em que esta vivencia sua própria trajetória de vida. Dito isso, Silva (2020) acentua que, ao considerar medos, prazeres, alegrias, tristezas, limitações e dúvidas, o indivíduo pode realmente vivenciar o que significar ser em relação à sua existência no mundo. Essa experiência seria fundamental, pois, ao entrar em contato com sentimentos e emoções intensas, o sujeito se transforma. Desse modo, a mudança ocorre de maneira implícita no processo de desenvolvimento.

Nas bases de pesquisas, os registros encontrados para manifestar qual seria o processo da TPM no indivíduo constituem que o primeiro passo seria o autoconhecimento, o qual, na pesquisa, será chamado de aceitação. No entanto, podemos afirmar que este é, de certa forma, o único passo necessário para que a mudança paradoxal ocorra. Contudo, existe uma dinâmica complexa que permite ao sujeito alcançar a consciência de si mesmo e, de fato, vivenciar a TPM, envolvendo aspectos como conscientização, individualização, autossuporte, totalidade, *self* e transcendência. Levando em conta a caminhada para chegar a tais pontos (que seria o estado de *awareness*, que guiaria aos conceitos acima), as categorias de análise foram criadas para retratar a história do Pequeno Príncipe, permitindo que, estas reflexões sejam levadas ao olhar clínico, pois há mais a ser visto para o processo do paciente em mudança do que somente a aceitação.

Essa filosofia de aceitação e presença é fundamental, conforme citado por Ribeiro (2012, p. 46) “[...] as coisas recomeçam permanentemente. Cada instante é um começo. Penetrar no instante significa buscar a totalidade”. O Pequeno Príncipe aprende que a mudança não vem da luta, mas da aceitação. Quando este aceita sua saudade pela Rosa e a responsabilidade que tem por ela, o personagem principal não apenas se transforma, mas também permite que essa experiência o conecte com a essência do amor. A paradoxalidade surge na realização de que, ao abraçar sua vulnerabilidade, ele se torna mais forte.

O mesmo autor (2012, p. 176) também pontua que “a essência das coisas é constituída por sua totalidade e a existência, por suas partes”, o que reflete uma perspectiva fundamental da TPM, essencialmente sobre a aceitação da totalidade do *self*, com todas as suas partes, contradições e complexidades. Quando aplicada à relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, essa ideia pode ser compreendida como a aceitação do outro como ele é.

Figura 2 – Pequeno Príncipe cuidando de seu planeta



Fonte: figura do livro (2024, p. 31).

O Quadro 1, a seguir, foi criado identificando um padrão das subcategorias na qual a análise se abarcou, ressaltando momentos em que os fenômenos citados na metodologia se introduziram nos princípios da TPM e GT, facilitando, assim, uma visão mais científica, assertiva e gestáltica para o planejamento do estudo.

Sendo assim, as subcategorias dentro da TPM foram definidas com base em momentos-chave do livro, em que certos conceitos psicológicos se tornam evidentes. A primeira subcategoria, aceitação, refere-se a cenas em que um personagem se permite ser quem realmente é, sem tentar forçar uma transformação ou se adaptar a expectativas externas. A segunda, individualização, engloba o processo de descoberta e afirmação da própria identidade, onde o personagem passa a se reconhecer e a se apropriar de quem ele é. Por fim, a Gestalt-terapia está presente quando observamos os personagens vivenciando o momento presente de forma plena, em contato direto com suas emoções e com o ambiente ao seu redor.

Já na Transcendência, o autossuporte se enquadra nos momentos em que é demonstrada a capacidade de um personagem se sustentar emocionalmente e psicologicamente sozinho. A totalidade se refere aos momentos de integração de todas as partes do ser, unificando polaridades internas. Por fim, a subcategoria do *self*, é identificada se referindo ao núcleo da experiência individual e percepção de *Si-mesmo*.

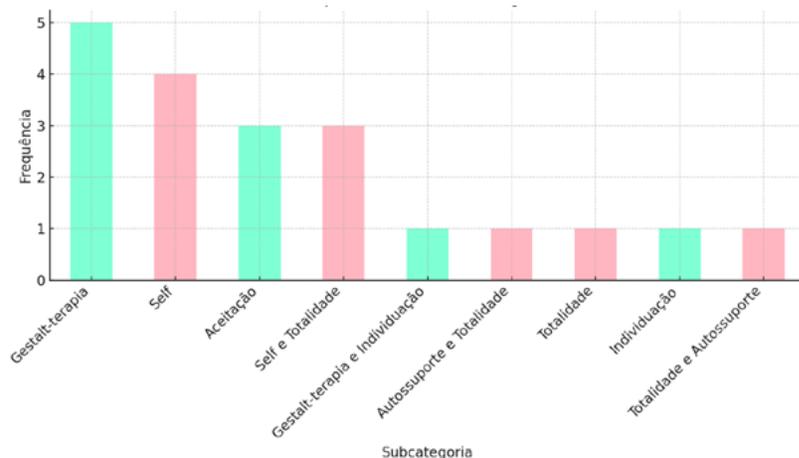
Quadro 1 - Guia dos recortes das passagens analisadas

Categorias principais 1 e 2	Subcategoria	Capítulo
TPM	Aceitação	p. 35
Transcendência	<i>Self</i>	p. 35
TPM	Gestalt-terapia e Individualização	p. 38 e 39

Categorias principais 1 e 2	Subcategoria	Capítulo
Transcendência	Autossuporte e Totalidade	p. 38 e 39
TPM	Aceitação	p. 45
Transcendência	<i>Self</i>	p. 45
TPM	Gestalt-terapia	p. 49
Transcendência	Totalidade	p. 49
TPM	Gestalt-terapia	p. 53
Transcendência	<i>Self</i>	p. 53
TPM	Aceitação	p. 86
Transcendência	<i>Self</i>	p. 86
TPM	Individuação	p. 93
Transcendência	Totalidade e Autossuporte	p. 93
TPM	Gestalt-terapia	p. 96
Transcendência	<i>Self</i> e Totalidade	p. 96
TPM	Gestalt-terapia	p. 99
Transcendência	<i>Self</i> e Totalidade	p. 99
TPM	Individuação	p. 101
Transcendência	Totalidade e Autossuporte	p. 101
TPM	Gestalt-terapia	p. 103
Transcendência	<i>Self</i> e Totalidade	p. 103

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2024).

Gráfico 1 – Frequência das subcategorias



Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2024).

A relevância do quadro, juntamente do gráfico, é a de que demonstram uma nítida formação de fenômenos que são conceituados na Gestalt-terapia e que transcorrem a TPM. É possível perceber que, num todo significativo, a subcategoria que mais percorreu a pesquisa passa, justamente, a ser a Gestalt-terapia, que, como mencionado, percorre tudo, inclusive os demais critérios de análise.

Cada subcategoria representa o conceito que mais identificou e refletiu a passagem do livro. Por exemplo, na página 53, a passagem marcada em análise registra o Pequeno Príncipe no planeta do Rei, que vive sozinho e revela que manda em tudo o que está ao seu redor, como todas as estrelas, seres vivos e outros planetários que constituem o universo.

Nisto, o protagonista relata que gostaria de ver o pôr do sol, e solicita que o Rei ordene que o sol se ponha, mas o monarca informa que é preciso esperar até a hora do entardecer e afirma: “É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar [...]” (Saint-Exupéry, 1943, p. 53). Nesta parte, a cena representa que ao refletir as palavras do Rei,

o pequeno e frágil príncipe percebe que a ideia de mudança e crescimento ocorrem quando as pessoas são vistas e tratadas de acordo com sua capacidade real, isso acaba se alinhando com a aceitação das capacidades e limitações de cada um.

Paralelamente, o conselho do Rei pode ser interpretado como um entendimento do que é possível e apropriado para cada indivíduo, auxiliando a promover uma compreensão mais autêntica do *self* e das expectativas realistas. É necessário explicar que as passagens analisadas se enquadraram tanto nas categorias da TPM quanto da Transcendência, em função de que, na Gestalt-terapia, as partes formam o todo, não sendo possível observá-las por um único ponto de vista ou para algo isolado, mas de forma a ampliar os campos, pois, pela abordagem fenomenológica, não entendemos algo como uma verdade única, e sim como múltiplas verdades.

Em *setting* clínico, o papel do psicoterapeuta passa a ser o de caminhar junto do cliente para um lugar de compreensão, pois é preciso que o paciente conheça o espaço que habita. É necessário levar o paciente a um estado de autossuporte, que como discutido por Cardella (2002, p. 85), “é vital para o contato”, pois o psicoterapeuta ocupa um lugar de facilitador neste meio. A mudança, conforme o que apresenta Yontef (1998), tem relação com o desenvolvimento do autossuporte.

A este respeito, cabe considerar o que Sommers-Flanagan (2006) afirma, salientando que o Gestalt-terapeuta desafia o cliente a fortalecer o conhecimento de si mesmo, por meio de reflexões e questionamentos sobre o momento presente em que vive. Isso faz com que o paciente ressignifique a sua história e compreenda “suas questões sob diferentes ângulos e de forma mais tranquila devido à tendência de atualização da imagem do eu” (*Ibidem*, 2006, p. 2).

O Pequeno Príncipe, no início, vê apenas partes isoladas da Rosa: sua vaidade, seus pedidos e sua beleza superficial. Este reage a essas partes, muitas vezes sem compreender a totalidade da Rosa.

É somente quando o príncipe a deixa e reflete sobre a relação, com a ajuda da Raposa, que passa a entender e aceitá-la em sua totalidade. O protagonista percebe que não é apenas a beleza da flor ou seus defeitos que a definem, mas a soma de todas essas partes que fazem dela algo único e insubstituível.

Figura 3 - Pequeno Príncipe cuidando da Rosa



Fonte: figura do livro (2024, p. 44).

Na página 45, o Pequeno Príncipe percebe que, mesmo amando a Rosa de forma intensa, não tinha um repertório para conviver com seus hábitos e comportamentos, o que resultou na saída de seu planeta.

Em um diálogo com o Aviador, o personagem principal expressa: "Há coisas que não posso compreender! [...] Ela me perfumava e me alegrava... nunca deveria tê-la abandonado... deveria ter captado sua ternura por trás de seu jeito rude [...] Mas eu era ainda muito jovem para saber amá-la" (Saint-Exupéry, 1943, p. 45).

Logo, esta passagem, na qual o príncipe experimenta uma tomada de consciência (relacionando o seu arrependimento em ter ido embora e deixado a Rosa sozinha), quando percebe que deveria ter visto a Rosa com outros olhos e observado suas outras características também, representa de maneira genuína um momento de aceitação ao outro.

A relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, sob a ótica da TPM, exemplifica que a verdadeira mudança e compreensão só podem ocorrer quando aceitamos a completude de algo ou alguém, com todas as suas partes integradas. Estas vivências levam o Pequeno Príncipe a aceitar a sua essência. Assim, a ideia é que essa verdade não percebida pode ser algo que a pessoa nunca teve a oportunidade de reconhecer ou que ainda não experimentou em sua totalidade. É como se o ato de olhar para essas realidades veladas, em vez de fugir delas, abrisse espaço para um novo entendimento e crescimento.

Entende-se, nesse contexto, conforme Pinheiro (2014, p. 182), que

[...] a vida implica transformações e permanência. O ser vivo atravessa o tempo. Para tanto, precisa manter de alguma forma sua identidade (ajustamentos conservativos) e ao mesmo tempo se ajustar criativamente às derivas de seu contexto, modificando-se e modificando o mundo a seu redor.

O autor (2014, p. 183) também pontua que “vida é relação; qualquer ser vivo que seja separado de seus campos relacionais mais básicos deixa de estar vivo”. Observa-se, então, que a necessidade de manter a identidade e, ao mesmo tempo, se ajustar de forma criativa às mudanças do ambiente traz a ideia da vida como uma relação de interdependência entre o ser vivo e o seu meio.

Figura 4 - Pequeno Príncipe e a Raposa

Fonte: figura do livro (2024).

A jornada do príncipe é, essencialmente, uma busca pela transcendência. Este quer ir além do superficial e encontrar o que realmente importa. Cada planeta que visita traz lições sobre a natureza humana. Esse processo se alinha à ideia de que, ao aceitarmos nossa realidade, mesmo as partes mais difíceis, conseguimos transcender e evoluir. O personagem não tenta mudar suas circunstâncias de forma direta, ao invés disso, reflete, sente e, assim, muda sua percepção e entendimento.

A intersecção entre a Gestalt-terapia e o livro *O Pequeno Príncipe* revela, portanto, que a jornada do *self* é uma viagem de aceitação e integração. O pequeno príncipe não busca mudar o mundo, mas entender e aceitar seu lugar nele. Assim como na Gestalt-terapia, a verdadeira mudança surge da totalidade da experiência e da transcendência do eu, onde o ser é plenamente reconhecido em sua essência.

A TPM ocorre não somente com o Pequeno Príncipe, mas também com o Aviador, que está, inicialmente, desconectado de si, vivendo uma rotina monótona, sem muita reflexão. Porém, ao longo

da narrativa, o piloto redescobre valores profundos e vive uma reconexão com a sua própria humanidade.

Ao introjetar na infância o desestímulo de usar suas potencialidades, que seria a sua criatividade, o Aviador acredita nas falas de desencorajamento dos adultos e, ao longo de seu crescimento, reprime as suas potencialidades para poder se adaptar àquilo que o outro quer e espera dele, retendo a sua verdadeira identidade, espontaneidade e autenticidade.

Neste mesmo propósito, ao encontro com o protagonista, o condutor de aviões, igualmente, vai se alinhando com a sua essência, refletindo sobre suas escolhas ao longo de sua vida. Essa interação provoca uma tomada de consciência, na qual o personagem se sensibiliza com as percepções e experiências do Pequeno Príncipe. Esse movimento reforça que, quando estamos conscientes, é possível entender melhor o que está acontecendo dentro e ao nosso redor.

De Paula (2008, p. 36) argumenta que “a mudança só pode ocorrer quando o cliente estiver consciente de si e então poder escolher se deseja ficar daquela forma ou não”. A este respeito, cabe considerar que, no conceito de *awareness*, o estar presente e em contato com a própria existência amplia as possibilidades de o cliente reconhecer e assumir sua identidade, e isso é o que vivencia o Aviador. O personagem passa a se ver, se reconhecer e, principalmente, a ser.

A partir dessa afirmação experienciada pelo piloto, ponderando sobre o Homem, Andrade (2006, p. 87) complementa:

As demandas fundamentais, que legitimam a sua existência, esvaíram-se e ele se questiona: o que justifica a minha vida? Qual o sentido da minha existência? Quem dirige a minha vida? Quem sou eu? Como tenho me relacionado com os outros? Caso deixe de preocupar-se com essas questões, o homem corre o risco de fragmentar-se e seguir a vida sem seu eixo de sustentação, que são suas crenças, seus valores, sua ética. O homem foge

como ser humano singular, sujeito de sua própria história e, com isso, perde a capacidade de relacionar-se e desaparece na multidão.

Nisto, as partes que pareciam estar fora do campo vão se reintegrando ao Ser. É como se o Aviador fosse, ao decorrer da história, respondendo para si as indagações acima. Segundo Ribeiro (1998), quando somos aceitos por pessoas que são consideradas importantes em nossa vida e, principalmente, nos aceitamos, deixamos de nos julgar e dar importância às críticas externas, e isto resulta no desenvolvimento da autoconfiança e da autoestima.

Já dentro do contexto clínico, Amorim (2006) comenta que o psicoterapeuta precisa criar uma presença fenomenológica que favoreça a conscientização do cliente e a sua autorregulação, com o intuito de desenvolver uma forma para que este possa ser mais autêntico e potencializado no mundo, indo ao encontro de sua essência existencial.

Mantendo-se neste segmento, o papel da Raposa é importante, pois a mesma ensina ao Pequeno Príncipe sobre o valor da criação de laços e da paciência. A famosa frase "você se torna eternamente responsável por aquilo que cativa" (Saint-Exupéry, 1943, p. 96) pode ser interpretada, na TPM, como um reconhecimento da importância das relações autênticas e da aceitação mútua, que são fatores essenciais para enfrentarmos novos desafios e viver plenamente.

Além disso, o Aviador, desencorajado em sua infância a manter sua liberdade criativa, mostra como interferências externas podem moldar a percepção de nós mesmos, levando-nos a introjetar normas e padrões que nem sempre são congruentes com nossa essência. A narrativa reforça que a aceitação de quem realmente somos, sem as máscaras impostas pela sociedade, é a chave para uma mudança genuína, sem forçar a mudança de um no outro.

Figura 5 – Pequeno Príncipe e a Raposa

Fonte: Google imagens (2024).

Ainda em relação à Raposa, a vivência que o protagonista experimenta ao saber que a mesma ficará o esperando, ilustra o reconhecimento da incerteza e da imprevisibilidade da vida. Isso contribui para uma sensação de totalidade e aceitação da própria condição humana, pois nos leva ao princípio de aceitar o presente para permitir a mudança.

Ao entender que precisa voltar para a Rosa, o Pequeno Príncipe passa a desejar retornar ao seu lar, pois é quando percebe que tudo o que procurava sempre esteve, desde o primeiro momento, a sua frente. Como mencionado no início da pesquisa, seria aquilo que já é existente, sua vida e sua essência.

Conversando com a Cobra, o Pequeno Príncipe recebe, então, uma proposta: a de que poderia retornar para a sua casa, por meio de uma simples picada da serpente. Para muitos, o final do livro fica em aberto, tendo muitas interpretações e significados, podendo ser visto como a passagem de retorno do Pequeno Príncipe para o seu planeta, ou, até mesmo, a sua morte.

Por fim, conclui-se que a transcendência, no contexto desta pesquisa, é como um chamado para olhar para além das dificuldades

e limitações que enfrentamos. Em vez de nos sentirmos presos ao que é familiar, é um convite para explorar novas possibilidades e crescer. Isso nos permite entender melhor quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. É como dar um passo para fora da nossa zona de conforto, abrindo espaço para novas experiências e compreensões. Assim, ao reconhecermos nossa situação atual, também podemos encontrar caminhos para agir e transformar essa realidade.

A partir dos conceitos e ideias citadas, podemos perceber que o aporte teórico e prático da Gestalt-terapia se conecta com a história do livro. Este trabalho, durante o processo clínico, exige do psicoterapeuta uma presença completa, levando o paciente a um passeio que resgata e ressignifica a sua vida. A partir da aceitação, confirmamos a nossa existência no mundo, seguindo para uma compreensão do momento atual em que estamos indo ao encontro do aqui-agora.

ENTRE ESTRELAS, DESCOBERTAS E ENCONTROS

Ao concluir este artigo, evidencia-se que a aceitação é um dos pilares que sustentam a jornada da transformação. A beleza da obra *O Pequeno Príncipe* reside no fato de nos lembrar que a verdadeira mudança não ocorre ao tentarmos forçar a vida a se adaptar aos nossos desejos imediatos, mas ao nos conectarmos profundamente com quem realmente somos, com o momento presente e com os vínculos que estabelecemos. O Pequeno Príncipe descobre, em sua jornada, que, aceitando suas emoções, dores e responsabilidades, acaba encontrando o seu verdadeiro eu e, assim, o seu lugar no mundo.

A integração de todas as nossas partes forma a nossa alma, nossa essência e nosso *self*. Ser inteiro e autêntico, como o príncipe aprende ao longo de sua jornada, é encontrar a si mesmo em meio às dificuldades e complexidades da vida, se desconectando das amarras da sociedade, reconhecendo o seu interior e todos os seus lugares mais íntimos e sensíveis. Vivendo. Aprendendo. Sendo. Existindo. Transcendendo. Entre o aqui e agora, entre o passado, presente e futuro, entre essência e existência, entre escolhas e responsabilidades, entre Gestalt-terapia e vida, entre amor e solidão... Entre...

A ligação do Pequeno Príncipe e a Rosa representa que as relações devem ser vistas em sua totalidade, com todas as suas nuances e imperfeições. Tudo é formado pelas nossas experiências, pensamentos e sentimentos. Trazendo a discussão para o contexto clínico, o processo psicoterapêutico, da mesma forma, convida o paciente a abraçar sua realidade interna e a viver cada experiência plenamente, sem tentar modificar-se artificialmente. A mudança autêntica e genuína acontece quando há aceitação plena do *self*.

Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem, ainda mais, o diálogo entre a literatura e a TPM, explorando outras obras que possam ilustrar este conceito de forma rica e significativa. Estudos literários focados na TPM podem abrir novas portas para o entendimento desta abordagem, ampliando o campo da Gestalt-terapia e oferecendo novas perspectivas psicoterapêuticas. Assim como, trazendo visões mais atuais, sem ignorar as ideias de base dos primeiros pesquisadores sobre a temática, pois, estes a criam e a trazem para o mundo, porém, é necessário ir além, usando filmes, estudos de casos e outros materiais a serem utilizados como fonte e instrumento.

Cabe declarar que as buscas de pesquisas foram densas, pois, de certa forma, existe uma escassez de estudos que tratam desta temática. Ademais, nesta obra, pelo seu conteúdo expansivo, é possível realizar análises em diversas temáticas e preceitos da Gestalt-terapia, podendo trazer outras versões da psicologia da Gestalt.

No presente estudo, o objetivo foi alcançado, ao observar que o livro retrata, de fato, a mudança paradoxal ao longo da história e que o Pequeno Príncipe vivencia este processo, bem como o Aviador. A ressignificação nos engrandece, não em comparação ao outro, mas no comparativo com o nosso eu anterior, sem cor, voz e vida.

Da mesma forma que o Pequeno Príncipe para de ver a Rosa somente em suas partes, tive o vislumbre de apreciar na minha trajetória acadêmica e de vida, o processo de romper o vínculo de olhares fechados (voltados somente para partes, sem considerar o todo).

Watts (1957, s/p) traz uma boa reflexão sobre a lei do esforço invertido, na qual a ideia central seria que “quanto mais tentamos nos sentir bem o tempo todo, mais insatisfeitos ficamos, pois, a busca por alguma coisa só reforça o fato de que não a temos”.

A medida em que o ser humano vai crescendo e se introduzindo na sociedade, este vai escolhendo o seu caminho, podendo ser este ser real, ou o de se render às amarras do mundo externo, entrando em padrões que não lhe pertencem e desviando seu sagrado para se adequar ao que é exigido e esperado pelo outro. Somos influenciados a apagar a nossa essência, diminuí-la e escondê-la, negando nossa espontaneidade.

Com isto, destaca-se que, quando a tomada de consciência, sem a busca incessante por ela, veio à tona, representando uma *awareness*, passou a ser palpável, real e fluída, gerando a integração ao *self*. Assim, é possível aceitar o convite que Perls nos fez no início dos diálogos da pesquisa, tornando-se real, verdadeira, autêntica e assumindo uma posição.

Para finalizar, exponho, aqui, mais uma passagem do livro, em que o personagem principal dialoga com o Despachante, e este diz: “A gente nunca se contenta com o lugar em que se encontra” (Saint-Exupéry, 1943, p. 103). Esta fala indica a dificuldade em encontrar em si a satisfação e esse desprazer contínuo passa a ser um sinal

de que há uma falta de conexão entre o *self*, afastando aquilo que realmente importa, impedindo a sensação de totalidade e realização, dando a sensação de falta e vazio.

Neste vazio encontra-se a alma, a morada existencial. Devido as reflexões vividas por meio deste artigo, que, após a análise surgiram, compartilho então, um poema autoral.

No sagrado que amanhece, a alma sente o universo
E a Rosa que floresce, com doçura dorme leve
O meu Eu que some breve
Na tempestade reconhece
A brisa forte do começo
Que perco o Eu, que recomeço
E a ferida aberta ao vento
No mais profundo sentimento
Da liberdade que procura
Com assombro e ternura
O que diz Eu ao fim do dia
Em procura de autoria

O encontro, o entendimento
Ao universo, ao eterno
A verdade, a aceitação
A completude, a resignificação
Do abraço a solidão
Dá vida ao coração

Aí de quem está presa, a procura de quem já é
Aí de quem está viva, com a sombra ao seu pé
Um Ser completo
Um Ser liberto
Um Ser total
Um Ser eterno

E na cabana que me adentro
Da minha alma me afugento
E o retorno que buscava
Se fez então a minha morada
Entre o essencial
Entre o Invisível

E no fim, perdida estava
Ao retornar a minha alma
Com o amôgo ao esplendor
Na meiga ternura do amor
Que para além dessa existência
Permanecerá eterna a minha essência.

Dedico este artigo a minha família e, em especial, ao meu querido pai, que, nas estradas, incansavelmente dirigiu, permitindo que eu pudesse alcançar este momento!

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de psicologia**, v. 13, n. 1, 1996.

AMORIM, Teresa Gomes Waismarck. A exploração da fenomenológica da consciência. Revista da Abordagem Gestáltica: **Phenomenological Studies**, v. 12, n. 1, p. 183-188, 2006.

ANDRADE, Celana Cardoso. A solidão na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 12, n. 1, p. 83-91, 2006.

BANDEIRA, Célia Cristina. de Albuquerque *et al.* Relação entre sistema *self* e camadas de neurose em Gestalt-terapia. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 2, p. 91-107, 2018.

BEISSER, Arnold. The paradoxical theory of change. **International Gestalt Journal**, v. 27, n. 2, p. 103-108, 2004.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994, p. 85-88.

BONFIGLIO, Simoni Urnau.; TRINDADE, Matheus Vieira. **Despertar em-Si: Desvelando a essência de Simba em "O Rei Leão"**. Santa Catarina, 2024.

BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. **Novos estudos CEBRAP**, v. 32, p. 111-118, 1992.

BUBER, Martin. **A teoria dialógica do ser**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**, v. 2, p. 104-130, 2014.

D'ACRI, Gladys. A concepção de sintoma à luz da Gestalt-terapia. **IGT na Rede**, v. 4, n. 7, p. 27-35, 2007.

DA ROCHA ANTONY, Sheila Maria. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 356-375, 2009.

DE PAULA, Giordane Andrade. **Teoria Paradoxal da Mudança**. (2008). Monografia (Especialização e Formação em Gestalt-terapia). Comunidade Gestáltica: Clínica e Escola de Psicoterapia, Florianópolis, 2008.

FAGAN, Joen; SHEPHERD, Irma Lee. **Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HEIDEGGER, Martin. Que é Metafísica? *In*: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2005. p. 65-73, 1969.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

PERLS, Friederich Salomon. **Gestalt-Terapia explicada**. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

PINHEIRO, Marcelo. Teoria Paradoxal da Mudança. *In*: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O.. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

PORTO, Rosane Carneiro. **Bases filosóficas e implicações técnicas na Gestalt-terapia**. (1989). Tese de Doutorado, Fundação Getúlio Vargas, 1989. 275 p.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, co-existência e sustentabilidade: Uma gestalt em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 896-914, 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2016.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: Temas básicos na abordagem gestáltica. 5. ed. São Paulo: Summus, 2007.

RIBEIRO, Walter. **Existência essência**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009.

SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo. *In*: SARTRE, Jean. Paul. **A imaginação**: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SILVA, Filipe; CIUFFO, Roberta Signorelli. Atitudes práticas que viabilizam a mudança terapêutica em uma perspectiva da Gestalt-terapia. **Revista Valore**, v. 5, p. 5054, 2020.

SOMMERS-FLANAGAN, John; SOMMERS-FLANAGAN, Rita. **Teorias de Aconselhamento e de Psicoterapia**: Contexto e Prática: Habilidades, Estratégias e Técnicas. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

TELLEGEN, Therese Amelie. **Gestalt e grupos**: uma perspectiva sistêmica. Books Google, 1984.

WATTS, Alan. **A sabedoria da insegurança**: uma mensagem para uma era de ansiedade. Nova York: Vintage Books, 1951.

YONTEF, Gary. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. Summus Editorial, 1998.



8

*Yara Luine Alves
Simoni Urnau Bonfiglio*

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO DE UMA EXISTÊNCIA MUSICAL:

BEETHOVEN À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo compreender o processo de individuação na trajetória de vida de Ludwig van Beethoven e explorar como os conceitos da Gestalt-Terapia se entrelaçam com sua existência musical. Para tanto, utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa e fenomenológica de natureza básica. O estudo é exploratório e documental, centrado na biografia do autor, com análise de trechos relevantes de sua vida conforme narrados na obra em estudo. Esses fragmentos foram avaliados para interpretar os conceitos presentes nas experiências vividas por Beethoven. A pesquisa visa contribuir ao desenvolvimento teórico e prático da abordagem, utilizando a biografia escrita por Bernard Fauconnier, intitulada *Beethoven*, publicada em 2012. A escolha de investigar a vida do músico justifica-se pela relevância de sua obra e pela complexidade de sua trajetória pessoal, marcada por desafios como a surdez e a busca por reconhecimento artístico, aspectos que oferecem um campo fértil para a análise da individuação. Conclui-se que esse processo é dinâmico e em constante evolução, sendo a individuação não um ponto final, mas uma jornada contínua de mudanças e descobertas. A abordagem da Gestalt-Terapia revela-se valiosa ao enfatizar que o ser humano está em um processo constante de formação e resignificação de sua experiência no mundo. O estudo adota títulos alternativos para representar os tópicos abordados.

Palavras-chave: Gestalt; Individuação; Existência; Música, Beethoven.

ABSTRACT:

This article aims to understand the process of individuation in the life journey of Ludwig van Beethoven and explore how the concepts of Gestalt Therapy intertwine with his musical existence. To achieve this, a qualitative and phenomenological methodological approach of a basic nature was employed. The study is exploratory and documentary, focused on the author's biography, with an analysis of relevant excerpts from his life as narrated in the work under study. These fragments were assessed to interpret the concepts present in Beethoven's lived experiences. The research seeks to contribute to the theoretical and practical development of the approach, using the biography written by Bernard Fauconnier, titled Beethoven, published in 2012. The choice to investigate the life of the musician is justified by the relevance of his work and the complexity of his personal journey, marked by challenges such as deafness and the quest for artistic recognition, aspects that offer a fertile ground for the analysis of individuation. It is concluded that this process is dynamic and constantly evolving, with individuation not being a final destination but a continuous journey of changes and discoveries. The Gestalt-Therapy approach proves valuable by emphasizing that the human being is in a constant process of formation and re-signification of their experience in the world. The study adopts alternative titles to represent the topics addressed.

Keywords: Gestalt; Individuation; Existence; Music, Beethoven.

DA CAPO⁵

A individuação é um processo central na Psicologia, enfatizando o desenvolvimento de uma jornada em direção à essência do ser. Esse conceito refere-se ao caminho que o indivíduo percorre para se tornar uma pessoa integrada em sua totalidade. A música pode servir como uma das ferramentas de conhecimento de sua essência.

A proximidade das pessoas com a música é quase inevitável; sentir e vivenciar essa forma de arte é um fenômeno fascinante da vida em sociedade. Nesse sentido, torna-se necessário analisar alguns construtos da Psicologia para compreender como a individuação pode se manifestar e configurar mediante a experiência musical, e como esse fenômeno se entrelaça com esses aspectos.

Por meio da Gestalt-Terapia (GT), exploramos a vivência de Ludwig van Beethoven para entender o caminho percorrido em direção à sua essência. O processo de individuação manifesta-se de várias formas na vida de alguns músicos e foi particularmente relevante para Beethoven. Nosso objetivo é compreender esse processo interno na vida do compositor e como essa estrutura moldou sua existência musical. Assim, podemos entender como a música, mais do que uma expressão artística, pode atuar como veículo para a construção e manifestação da existência.

Sob essa perspectiva, o objetivo geral deste estudo é compreender de que maneira o processo de individuação se manifesta e se configura no contexto da existência musical. Para isso, é essencial definir os objetivos específicos: (i) analisar a vivência de Beethoven para compreender como ocorreu seu processo de individuação e como ele se manifestou em sua existência musical; (ii) explorar de que forma sua trajetória individual moldou e se refletiu em sua

produção musical; e (iii) investigar como as experiências emocionais e os desafios pessoais enfrentados por Beethoven influenciaram sua autorregulação e seu ajustamento criativo.

A escolha de Beethoven como objeto de estudo justifica-se não apenas por sua profunda influência na música clássica, mas também pela complexidade e profundidade de sua vida pessoal e artística. O compositor é amplamente reconhecido como um dos ícones da música, descrito como “uma espécie de sinônimo da música clássica, sendo o autor mais executado e mais amado” (Galindo & Rolland, 2019, p. 9). Ele foi um divisor de águas entre o classicismo e o romantismo, transformando a forma de ver a música e tornando-a mais acessível, saindo dos grandes palácios para as salas de concerto e tornando-a mais próxima da sociedade. Beethoven retira a música do papel de mero entretenimento da alta burguesia e confere-lhe relevância como forma artística de expressão.

A vida e obra de Beethoven servem como base para analisar o processo de individuação, fenômeno observado sob a perspectiva da GT. Assim, neste artigo trabalhamos com alguns conceitos gestálticos presentes na trajetória do compositor. Ao vivenciar a música em sua trajetória, Beethoven estabelece uma relação de significados, inserida em contextos sociais, econômicos e políticos. O compositor é o sujeito principal dessa relação, que também movimenta outras dimensões de sua vida, como suas relações afetivas, desejos e motivações.

Para explorar o tema, utilizou-se da abordagem metodológica qualitativa-fenomenológica, com foco na análise de trechos de uma obra biográfica e na revisão da literatura científica relevante. Assim, foram utilizadas fontes da biblioteca pessoal, incluindo livros em formato eletrônico e físico, para coletar informações pertinentes.

O estudo foi conduzido por meio da coleta de dados baseada na leitura de *Beethoven: Uma Biografia*, escrita por Bernard

Fauconnier e publicada em 2012, selecionada por sua relevância. No que se refere às categorias a priori, destacam-se: individualização, existência e música. Após definir esses conceitos centrais, foi elaborado um quadro para orientar a análise e compreender as categorias a posteriori, que incluem: ajustamento criativo, campo, autorregulação, *self*, transcendência, introjeção, projeção, retroflexão, confluência, polaridades, ajustamento disfuncional e, por fim, heterossuporte.

A investigação seguiu uma ordem cronológica, baseada em anotações realizadas durante a leitura da obra e na revisão bibliográfica dos conceitos da GT. A metodologia abrangeu uma pesquisa bibliográfica e documental para explorar as contribuições científicas sobre o tema, permitindo uma análise aprofundada das interações entre os conceitos teóricos da abordagem e a vida e obra de Beethoven.

O estudo adota títulos alternativos para representar os tópicos principais, conferindo-lhes uma analogia musical. Por exemplo, a introdução é intitulada *Da Capo*, expressão italiana que significa “do começo”, refletindo o início da pesquisa, de forma análoga ao início de uma peça musical. A fundamentação teórica é chamada *Tônica*, representando a ideia central, uma vez que a tônica é a nota fundamental e base de uma escala musical. A seção de metodologia científica é nomeada *Instrumentos*, fazendo referência aos métodos e ferramentas utilizados na investigação, assim como os instrumentos em uma performance musical.

A análise dos resultados é designada *Concerto*, simbolizando a apresentação e discussão detalhada das conclusões, comparável à apresentação final de uma peça musical. As considerações finais são chamadas *Aplausos*, em alusão ao encerramento de uma apresentação. Por fim, são apresentadas as referências, que mantêm o nome original.

Este estudo busca adotar um novo prisma sobre a Psicologia da música, não apenas como produto e resultado, mas como um processo de conhecimento de si mesmo. Atualmente, a Psicologia da música é muitas vezes encontrada no campo das ciências cognitivas, com foco nos processos psicológicos envolvidos em condições comportamentais e nos resultados esperados.

Desse modo, o trabalho de conclusão de curso visa adotar uma nova perspectiva sobre a Psicologia da música e contribuir para a comunidade acadêmica, considerando que as contribuições científicas nesse campo são escassas. Busca-se fomentar novas contribuições e oferecer *insights* relevantes para a abordagem e o tema, compreendendo que a arte, incluindo a música, pode atuar como veículo catártico e como ferramenta essencial na busca de sentido para a vida, conforme sugere Carneiro e Abritta (2008).

TÔNICA⁶

A conexão entre a GT e a música é enriquecedora, pois ambas priorizam a vivência no aqui e agora e a expressão genuína do ser. Incorporar a música no processo de conhecimento de si próprio, permite investigar o desdobramento da individuação, favorecendo a compreensão e a integração das diversas dimensões da jornada pessoal.

Nesse sentido, a abordagem psicoterapêutica da GT oferece uma visão ampla do ser humano no mundo, alinhando-se com outras vertentes da Psicologia e perspectivas epistemológicas e filosóficas. Em especial, essa abordagem explora o conceito de que "*Gestalt* significa uma totalidade fenomênica, uma configuração de partes inter e intra-relacionadas, formando uma unidade de sentido" (Ribeiro, 2016, p. 137).

6 Representa o centro tonal, é o pilar da escala, ponto fundamental de equilíbrio e estabilidade.

Nesta concepção, entende-se que as diferentes partes estão interligadas entre si e dentro de si, compondo uma unidade significativa. A abordagem compreende as partes do sujeito e busca integrá-las para formar uma totalidade, um ser humano em essência. Segundo Ribeiro (2016), a função dessa abordagem é preencher as lacunas da personalidade para tornar o cliente inteiro e completo novamente. Desse modo, trata-se de uma metodologia que visa estudar o ser humano e auxiliar na sua compreensão, fundamentando-se nos postulados da ciência, da técnica, da arte e da linguagem (*Ibidem*).

Essa abordagem busca abranger a totalidade que caracteriza o ser humano, um sujeito inserido no mundo em que vive, considerando sua jornada em busca da compreensão integral de si mesmo.

Assim, a abordagem gestáltica não se limita ao ser humano, mas considera a natureza como uma totalidade, resgatando as relações de corpo, mente e ambiente, três aspectos fundamentais do conceito de totalidade (Ribeiro, 2016). Quanto mais o sujeito se manifesta em suas singularidades, mais entra em contato com a realidade e com sua essência.

Um dos pressupostos filosóficos mais próximos dessa abordagem é o existencialismo, no qual o homem é visto como agente ativo de sua própria existência, sendo suas escolhas essenciais para sua autorresponsabilidade. Nesse sentido, “na perspectiva existencial, o homem é concebido como um ser livre e responsável por construir a própria existência” (Cardoso *In*: Frazão & Fukumitsu, 2013, p. 30). Uma das premissas desse pensamento reitera que “a existência precede a essência” (Sartre, 2012, p. 25), ou seja, o ser humano é livre para escolher até mesmo sua essência. Assim, “o existencialismo procura encontrar o valor e o significado do ser humano” (Ribeiro, 2012, p. 52). Logo, o existencialismo retrata o homem como um ser em constante mudança e transformação.

Nesse sentido:

O existencialismo pode ser entendido como um conjunto de doutrinas filosóficas cujo tema central é a existência humana em sua concepção individual e particular, tendo por objetivo compreender o homem como ser concreto nas suas circunstâncias e no seu viver, conforme se mostra na sua realidade (Cardoso *In*: Frazão; Fukumitsu, 2013, p. 30).

Ribeiro (2016) compreende a existência como a realidade objetiva de algo, enquanto a essência se refere a como essa coisa é percebida subjetivamente por mim, conforme a minha visão e interpretação. Dessa forma, a música, em sua existência, pode ser uma infinidade de sons, ritmos e melodias emitidos; mas, para Beethoven, ela é sua essência, que ele transmite ao mundo. "Isto significa uma inquietação, um não acomodamento na busca da própria e pessoal realidade" (Ribeiro, 2012, p. 49). Assim, a arte pode servir como um meio poderoso de individuação, permitindo ao sujeito se conectar com sua essência e produzir algo para o coletivo.

Uma das formas de existência no mundo, para Beethoven, foi a entrada da música em sua vida. A partir disso, podemos explorar a importância dessa arte como forma de expressão e existência. Nesse sentido, Kandinsky (2015, p. 27) afirma que "toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos." O autor usa essa ideia para destacar a dimensão da expressão e da linguagem que a arte pode reverberar, moldando a experiência emocional e cultural de seu tempo.

Nessa mesma perspectiva, Souza, Dugnani e Reis (2018) ressaltam que a arte é poderosa na promoção de experiências emocionais e no apoio à expansão da consciência dos indivíduos em relação à realidade. Somos afetados pela música e, conseqüentemente, afetamos o ambiente ao nosso redor. De modo semelhante, a psicoterapia e o fazer criativo expressam que "o ser humano já é uma obra de arte dinâmica quando convida outra pessoa, o terapeuta,

a se envolver em sua integridade para afetá-la de maneira significativa" (Zinker, 2007, p. 51). Isso significa "ser um espaço de resgate do senso estético do cliente, onde ele possa 'fazer arte' e exercitar seu potencial criativo" (Lima, 2009, p. 94). Nesse processo, a arte não apenas reflete a realidade, mas a expande e transcende o ser.

Nessa perspectiva:

A verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido (Vygotsky, 1998, p. 307).

Para Ribeiro (2016, p. 51), "o ser humano só pode, de fato, ser compreendido por ele mesmo, a partir de uma experiência direta do seu ser no mundo." A música, como forma de arte e de existência, transcende o comum ao evocar emoções intensas que ultrapassam a simples representação. Essa capacidade transformadora da música é fundamental para compreender não apenas Beethoven e sua obra, mas também o impacto universal da expressão artística na experiência humana. Nesse sentido, "ao valorizar a existência em primeiro plano, o existencialismo focaliza o homem em ação, vivendo, agindo, fazendo escolhas" (Rodrigues, 2011, p. 88).

Ribeiro (2012) sugere que o ser humano está constantemente em busca de sua essência e plenitude, um processo que apenas se concretiza plenamente com a morte. Na abordagem da GT, a existência e a essência são entrelaçadas, sendo a essência a forma plena de agir, pensar e se expressar no mundo, aquilo que se incorpora no dia a dia. Corroborando com Ribeiro (2016), o conceito de essência-existência indica que não há separação entre esses aspectos, pois não se trata de dois momentos distintos, mas de uma totalidade integrada e relacional: "não podemos pensar a essência separada da existência" Ribeiro, 2016, (p. 116). Viver em essência-existência é

expressar quem somos com autenticidade, reconhecendo que essa subjetividade nos leva a compreender nossa totalidade como uma visão integrada do ser humano. Heidegger (1988) também aborda essa narrativa, propondo que a essência, longe de ser um processo estático, é fluida e flexível, sempre em movimento, um processo contínuo de busca existencial.

Nesse contexto, a individuação representa um processo de autoconhecimento e desenvolvimento pelo qual as pessoas se tornam mais conscientes de si mesmas, influenciadas por suas interações com o mundo. Na GT, o *self* é a estrutura que permite essa jornada rumo à essência. O objetivo é “facilitar a cada pessoa a percepção de si mesma, de fazer com que ela sinta quem é e como é” (Ribeiro, 2016, p. 170). O *self*, portanto, funciona como um canal de comunicação e contato, essencial para a convivência com a realidade (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). O contato criativo consigo mesmo é uma relação saudável, onde “o processo criativo conduz à individuação, ao desenvolvimento dos potenciais e da flexibilidade, além de oferecer oportunidades de crescimento e mudança de forma agradável” (Bilbao e Cury, 2006, p. 96). Em contraste, no estado neurótico, o *self* pode apresentar uma expressão limitada.

Assim, o *self* está em constante desenvolvimento e adaptação, moldando-se por meio das interações com o ambiente. Essa capacidade de transformação torna-o uma interface fluida, essencial para o crescimento pessoal. O estudo da totalidade de Beethoven permite explorar diversos aspectos de sua vida e sua relação com o mundo, visando compreender as dimensões do corpo, da natureza e da cultura como elementos interligados. Podemos separar o criador de sua obra? Beethoven de sua música? Nesse sentido, é crucial não apenas perceber, mas compreender os eventos relatados em sua biografia, os fenômenos que emergem e como se relacionam com as múltiplas facetas do compositor. “A percepção da totalidade envolve elementos conscientes e inconscientes. Aqui entram os conceitos de sentido e de significado e, conseqüentemente, de intencionalidade” (Ribeiro, 2016, p. 176).

Para que o sujeito seja integrado em sua totalidade, a GT analisa tanto o “quê” quanto o “como” para observar e descrever os fenômenos no aqui e agora. Quando um contato não é saudável, o sujeito bloqueia a relação consigo mesmo e, por consequência, afeta as relações interpessoais. Dessa forma, torna-se essencial investigar e “descrever o quê e como fazemos para não entrar em contato” (Rodrigues, 2011, p. 180).

Ribeiro (2012) argumenta que uma forma importante de entender a totalidade de um sujeito é pensar que, ao descrever cada nota isoladamente, não alcançamos um sentido real; entretanto, ao considerar uma sinfonia completa, compreendemos as partes como um todo, captando seu verdadeiro significado. A música, portanto, pode atuar como auxílio no processo de individuação, conforme a perspectiva existencial da GT, que busca “ver o homem como um ser particularizado e singularizado em seu modo de ser e agir, concebendo-se como único no universo e individualizando-se a partir do encontro entre subjetividade e singularidade” (Ribeiro, 2012, p. 49).

Com base nessas vivências, pode-se alcançar o que se chama de um sujeito desenvolvido, capaz de transcender. Nesse sentido, a superação e a capacidade de ultrapassar limitações pessoais tornam-se essenciais para um crescimento mais pleno e autêntico, alcançando assim a essência, o que na abordagem, é conhecido como transcendência.

A criação artística desempenha um papel fundamental na existência humana, promovendo uma experiência de evolução. “Os artistas bem o sabem, criando obras que são eternas, e a arte, ao permitir essa vivência de eternidade, de transcendência, modifica a qualidade de vida e oportuniza a conscientização” (May, 1992, *apud* Bilbao e Cury, 2006, p. 95). Nesse processo, surge uma maneira única de ver o mundo, marcada pela profundidade e pela busca de sentido e significado.

Assim, “tomar consciência da própria existência é tomá-la, de novo, pelas mãos e vislumbrar o caminho de volta à própria essência, única realidade que pode ressignificar a vida” (Ribeiro, 2016, p. 117). Esse retorno ao que há de mais autêntico e verdadeiro em nós permite uma ressignificação profunda da experiência humana e das nossas relações com o mundo, ligando-nos a algo maior, incluindo uma dimensão espiritual. Essa conexão pode proporcionar pertencimento e significado, ajudando o sujeito a sentir-se parte de um todo.

Historicamente, o som pode ser visto como uma das primeiras manifestações de pertencimento humano, remetendo aos aspectos mais primitivos da existência na Terra. Medaglia (2008) afirma que, ao nascer, a primeira coisa que fazemos é emitir som. Inicialmente, o som foi usado como forma de comunicação, e com o tempo, muitos instrumentos foram sendo construídos.

Com o passar dos anos, a música passou a fazer parte do cotidiano, usada para entretenimento, trabalho, práticas religiosas e expressões da alma (*Ibidem*, 2008). No entanto, foi apenas com o Renascimento que a música começou a ser considerada uma forma de arte.

Ludwig van Beethoven foi um pianista e, posteriormente, compositor, tornando-se praticamente sinônimo de música clássica. Desde criança, influenciado por seu pai Johann, que também era músico, começou a praticar piano. Seu pai, no entanto, era alcoólatra e, “segundo muitos relatos da época, era violento com os filhos, e o pequeno Beethoven vivia com marcas pelo corpo” (Galindo; Rolland, 2019, p. 37). Desde muito jovem, Beethoven precisou sustentar sua família: após a morte de sua mãe e o vício do pai, assumiu responsabilidades que não eram suas. “Ludwig passou então a cuidar de seus dois irmãos, ambos mais novos” (*Ibidem*, 2019, p. 37) e a sustentar a família.

Sua mudança para Viena foi decisiva para sua evolução musical, pois ali teve acesso aos melhores mestres e pôde desenvolver seu talento. Posteriormente, sua capacidade de compor e escrever música se expandiu. Mesmo começando a perder a audição mais tarde em sua vida, Beethoven conseguiu compor obras-primas. Ele relatou: “quero provar que aquele que age bem e pode, nobremente por isso, suportar o infortúnio” (Beethoven, 1817, *apud* Galindo; Rolland, 2019, p. 153). Sua surdez não apenas testou sua resiliência, mas também evidenciou sua genialidade. A partir desse desafio, Beethoven desenvolveu um estilo ainda mais inovador e expressivo, superando as limitações impostas pela sua condição.

INSTRUMENTOS

Com base no que foi exposto até o momento, este artigo configura-se como uma pesquisa de natureza básica, uma vez que “a pesquisa está ligada ao incremento do conhecimento científico” (Gobbo, 2017, p. 182). Nesse contexto, visa fornecer informações significativas para a população.

Para explorar o tema, é fundamental considerar a seguinte pergunta-problema: como o processo de individuação ocorre mediante a existência musical do sujeito? Dessa forma, busca-se compreender de que maneira o processo de individuação se manifesta e se configura no contexto da existência musical. Assim, a abordagem utilizada é qualitativa, pois “o método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo, na medida em que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema” (Richardson, 2008, p. 79). Em suma, o foco é a interpretação dos dados, buscando entender a complexidade das informações encontradas. A pesquisa é fenomenológica, permitindo compreender como os sujeitos percebem e experienciam o mundo ao seu redor.

Essa indagação emerge da vivência pessoal do pesquisador, que encontrou na música uma ferramenta para autorregulação em seu campo existencial. Em vista disso, sua relação com a GT o impulsionou a explorar como a música pode ser um instrumento de expressão, contribuindo para a construção da identidade e promovendo ajustamentos criativos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa configura-se como exploratória, conforme discorre Gobbo (2017) ao indicar que o conhecimento sobre essa temática é limitado. Por meio deste estudo, busca-se conhecer o assunto em profundidade, construindo conteúdos importantes para o delineamento da investigação. “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41).

Os procedimentos técnicos são de cunho documental, pois “utilizam-se essas fontes para descrever e analisar situações, fatos e acontecimentos anteriores, comparando-os com dados da realidade” (Santos & Nascimento, 2024, p. 18). Para a coleta de dados, foi realizada a leitura do livro *Beethoven*, uma obra biográfica escrita por Bernard Fauconnier e publicada em 2012.

Seguindo os procedimentos cronológicos, foram feitas anotações das partes relevantes, identificando conceitos definidos nas categorias a priori, como individuação, existência e música. Para uma melhor compreensão dos conceitos a posteriori encontrados, elaborou-se o quadro 1, apresentado a seguir, para organizar a análise.

Quadro 1 – Biografia de Beethoven

BEETHOVEN - BIOGRAFIA				
Capítulo do Livro	Página do Livro	Categoria à priori	Categoria à posteriori	Citação do Livro
Uma Infância tenebrosa	9	Individuação	Campo	As condições nas quais aprende música poderiam tê-lo desestimulado para sempre [...].
Uma Infância tenebrosa	13	Individuação	Campo	Dessa educação imperfeita e lacunar, Ludwig conservará sequelas pela vida inteira: ortografia deficiente, aritmética limitada, não indo muito além da capacidade de fazer adições.
Uma Infância tenebrosa	14	Individuação	Campo	Assim é a infância de Ludwig, submetido ao fascínio pela música e à brutalidade paterna.
Uma Infância tenebrosa	9	Individuação	Autorregulação	Esse filho de um cantor alcoólatra e de uma mãe tuberculosa, cercado de irmãos ineptos e às vezes maldosos e, mais tarde, de um sobrinho decepcionante para seus critérios exigentes que beiravam a tirania, esse homem sofrido de caráter indomável só tinha uma solução para escapar aos vícios do seu meio: ser um gênio.
Último Combate	183	Individuação	Autorregulação	O corpo se recusa a cumprir as ordens do espírito. Pois ele fala ainda dos seus projetos, da sua sinfonia, do seu Fausto, do oratório que pretende escrever quando estiver curado [...].
Os anos de crise	52-53	Individuação	Autorregulação	Mas a surdez, longe de deter esse impulso, irá estimulá-lo. 'Coragem!', ele escreve no começo do ano 1797. 'Apesar de todas as fraquezas do corpo, meu gênio deve triunfar. Estou com 25 anos, é preciso que este ano revele o homem completo.'
A Nona Sinfonia	158	Individuação	Autorregulação	[...] Após um momento de prostração, ele reerguia a cabeça e superava a adversidade [...].
Os anos de crise	53	Individuação	Autorregulação	[...] Nessa vontade de viver e de criar, apesar do sofrimento, da angústia e de uma surdez crescente. Um heroísmo à altura do homem.
O tempo da Heroica	78	Individuação	Autorregulação	A crise passou, como se a escrita do testamento, no qual evoca a morte, permitisse-lhe vencer seu espectro, purgando as angústias para partir de novo à frente.
Heligenstadt	74	Individuação	Autorregulação	Tais acontecimentos me levaram ao limiar do desespero e, por pouco, não pus um fim à minha vida. Foi na arte, e somente ela, que me reteve.

BEETHOVEN - BIOGRAFIA				
Capítulo do Livro	Página do Livro	Categoria à priori	Categoria à posteriori	Citação do Livro
Uma missa para a humanidade	147	Individuação	Ajustamento Criativo	[...] É no momento em que a surdez se torna total que nascem suas obras mais profundas.
Uma missa para a humanidade	150	Individuação	Ajustamento Criativo	A partir de 1819, portanto, Beethoven se comunica com o auxílio de seus famosos <i>Cadernos de Conversação</i> . Estranhos documentos. São seus interlocutores que escrevem, já que ele não ouve nada.
Matar o pai	176	Individuação	Ajustamento Criativo	O exercício humorístico tornou-se, assim, alguns tempos depois, uma espécie de debate musical entre as forças da resignação e as da vontade.
Uma missa para a humanidade	146	Individuação	Ajustamento Criativo	A surdez agora é total. A partir de 1818, nenhum dos aparelhos que ele usa, cornetas acústicas de formas e tamanhos variáveis, tratamentos, curas termais, nada é capaz de se opor a essa evidência [...].
Papai Haydin	33	Individuação	Self	Em Boonn se enraizaram seu amor eterno pela música, sua vocação, suas primeiras paixões, seu caráter melancólico e entusiasta, voluntarioso e sonhador.
Bettina e Goethe	115	Individuação	Self	Para que o espírito possa concebê-lo em sua essência, é preciso que ele tenha o sentimento de ritmo; graças à música, temos o pressentimento, a inspiração das coisas divinas. É o que o espírito recebe dela pelos sentidos é uma revelação espiritual encarnada.
Heligenstadt	76	Existência	Ajustamento Disfuncional	Resta a tentação do suicídio [...].
Depressão	130	Existência	Ajustamento Disfuncional	A palavra é ainda desconhecida, mas a coisa não: é o que chamam de melancolia, ou mal do século, no movimento romântico. É motivo de algumas mortes, seja por suicídio ou por definhamento físico.
Uma Infância tenebrosa	14	Existência	Introjeção	Desde três ou quatro anos de idade, Ludwig é obrigado por Johann a sentar-se ao teclado para começar sua aprendizagem. É a moda dos meninos prodígios.

BEETHOVEN - BIOGRAFIA				
Capítulo do Livro	Página do Livro	Categoria à priori	Categoria à posteriori	Citação do Livro
Um jovem na corte	29	Existência	Projeção	Esses amores frustrados, apenas esboçados, não são um acaso: no fundo da alma ardente de Ludwig há um único apelo, um desejo profundo, imperioso: alcançar a grandeza, lavar as dores da infância, elevar o mais alto que puder. E há um único meio para chegar a isso: a música.
A Nona Sinfonia	164	Existência	Projeção	O que essa sinfonia contém é, de fato, a totalidade do gênio orquestral de Beethoven, seu prodigioso senso da dramaturgia musical: um primeiro movimento sombrio, inquietante, que parece surgir das profundezas da terra, como uma lembrança dos tons trágicos da <i>Quinta Sinfonia</i> ; um segundo movimento em forma de <i>scherzo fugado</i> , ritmado pelos tímpanos no começo, depois sucedido por um motivo dançante em que os oboés e as trompas desempenham um papel essencial [...].
A Nona Sinfonia	163	Existência	Projeção	[...] A Nona é a apoteose e a síntese do seu próprio universo musical, da sua ciência da orquestra, uma obra que ele oferece tanto a si mesmo quanto a humanidade inteira.
A "novela" Fidélio	87	Existência	Projeção	[...] Conviver com um Beethoven desordenado e caprichoso não é uma tarefa fácil. Em sua bagunça, ele perde com frequência objetos, os procura, berra, acusa os outros de os terem pegado, pois ele, claro, sempre sabe onde estão.
Depressão	133	Existência	Confluência	Beethoven faz parte desses homens que o trabalho mantém de pé [...].
Os anos de crise	53	Existência	Confluência	Seu remédio: O trabalho.
Os anos de crise	53	Existência	Retroflexão	A verdade sobre seus problemas auditivos será guardada por muito tempo em segredo.
Os anos de crise	55	Existência	Retroflexão	A surdez nasce o envergonha. Ele se fecha em si mesmo.
Um jovem na corte	21	Existência	Polaridades	[...] É alegre, sente um imenso júbilo de existir, gosta de tocar música, dos ditos chistosos, da liberdade; mas também da solidão, dos longos momentos de meditação e de devaneio melancólico, disposições acentuadas pelo peso da atmosfera familiar.

BEETHOVEN - BIOGRAFIA				
Capítulo do Livro	Página do Livro	Categoria à priori	Categoria à posteriori	Citação do Livro
Depressão	130	Existência	Polaridades	Trabalho demais, tensões demais, demasiadas emoções e decepções sentimentais. Sua obra é imensa, magnífica, excepcional - e sua vida um desastre.
Rupturas	103	Música	Heterossuporte	[...] As moradias ocupadas por Beethoven ao longo de sua vida na cidade. Os especialistas calculam que chegam a quarenta, o que permite colocar placas nas construções ainda em pé e às vezes criar pequenos museus.
Uma Infância tenebrosa	18	Música	Heterossuporte	Graças a Wegeler, Ludwig encontrará um segundo lar [...].
Uma nova família	60	Música	Heterossuporte	[...] Os Breuning foram para o jovem Ludwig uma segunda família. Em Viena, os Brunsvik terão esse papel.
Heligenstadt	74	Música	Heterossuporte	Foi a arte, e somente ela, que me reteve.
Heligenstadt	75	Música	Heterossuporte	[...] Foi ela que me amparou na minha aflição; devo a ela, assim como à minha arte, o fato de não ter me suicidado.
Último Combate	186	Individuação	Transcendência	<i>Finita est Comoedia.</i>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Portanto, a análise do conteúdo do livro foi realizada com base nas categorias a priori. Na categoria individuação, os conceitos a posteriori identificados foram: ajustamento criativo, campo, autorregulação, *self* e transcendência. Na categoria existência, foram elencados os conceitos: introjeção, polaridades, projeção, retroflexão, confluência e ajustamento disfuncional. Finalmente, na categoria música, foi identificado o conceito de heterossuporte.

O estudo enfatiza trechos retirados da biografia de Beethoven, buscando entender como esses elementos se relacionam e contribuem para o fenômeno da abordagem estudada, com o objetivo de estabelecer conexões. As fontes consultadas incluem livros em formato eletrônico e físico. A análise incorpora citações literais de

Ludwig identificadas na obra, juntamente com as reflexões do próprio autor do livro, entrelaçadas com a teoria Gestáltica, destacando a interação entre a existência musical e o processo de individuação.

CONCERTO

Para analisarmos os resultados obtidos e possíveis hipóteses, apresentamos em nosso artigo um breve resumo da trajetória de vida do compositor Beethoven, que nos ajuda a contextualizar sua obra e, assim, explorar as complexas interações entre suas experiências pessoais e os desafios enfrentados, permitindo uma compreensão mais profunda do processo de individuação que permeou sua existência artística.

Ludwig van Beethoven (1770-1827) foi um dos maiores compositores e pianistas da história da música. Nascido em Bonn, na Alemanha, demonstrou desde cedo talento para a música. Seu pai, Johann, também músico, incentivava o filho, embora de maneira hostil e amedrontadora. Beethoven desenvolveu rapidamente suas aptidões e iniciou uma carreira promissora. Aos 28 anos, ele começou a perder gradativamente a audição até perder completamente a capacidade auditiva. Foi nesse período, em meio a uma crise interna de melancolia e solidão, hoje comparável a um quadro de depressão, que ele compôs algumas de suas obras mais relevantes. A vida do compositor foi marcada por conflitos: a relação conturbada com o pai, o comportamento extorsivo dos irmãos e as decepções amorosas, mas, apesar de todas essas dificuldades, Beethoven permaneceu firme em sua dedicação à música.

Segundo Rodrigues (2011), *Gestalt* é uma palavra alemã que se traduz para o português como "forma" ou "figura," significando algo que emerge de um todo, onde as partes proporcionam uma

compreensão integrada desse todo. Assim, exploramos como esses conceitos se entrelaçam, uma vez que a abordagem gestáltica busca integrar todos esses constructos para oferecer uma visão holística. Ao interligarmos a trajetória de vida de Beethoven com os conceitos da *Gestalt*, exploramos o critério preestabelecido da individuação como chave de análise.

Para este primeiro conceito central, utilizamos como ferramenta de análise o livro da biografia de Beethoven, que nos permite examinar o campo existencial no qual ele estava inserido, com foco em seu ambiente familiar. Na obra em questão, é evidente que a infância do compositor não foi saudável; ele enfrentou diversas dificuldades familiares, principalmente em relação ao pai, que assumiu sua educação musical. A relação entre os dois era conturbada, pois Johann era alcoólatra, frequentemente agredia Beethoven e o obrigava a passar horas estudando piano.

No capítulo “Uma Infância Tenebrosa,” analisamos alguns trechos em que o autor menciona esse ambiente. “As condições nas quais aprende música poderiam tê-lo desestimulado para sempre [...]” (p. 9)⁷; e “dessa educação imperfeita e lacunar, Ludwig conservará sequelas pela vida inteira: ortografia deficiente, aritmética limitada, não indo muito além da capacidade de fazer adições” (p. 13). “Assim é a infância de Ludwig, submetido ao fascínio pela música e à brutalidade paterna” (p. 14).

Esses trechos revelam que o ambiente de Beethoven era hostil e repleto de dificuldades. Segundo Ribeiro (2016, p. 83), “O campo é concebido como uma totalidade de fatos que afetam diretamente o comportamento”; no ambiente em que o músico estava inserido, ele encontrou uma forma de superar essa adversidade por meio da música, que, embora imposta de maneira rígida, se tornou seu meio de expressão e sobrevivência.

7 Para deixar a análise mais fluida foram abreviadas as citações do livro utilizado para a análise dos resultados (Fauconnier, 2012 p. 09) e deixaremos apenas a página encontrada na obra.

De acordo com Alvim *In*: Frazão; Fukumitsu (2014, p. 12), “é com base nessa situação de interação, na qual uma totalidade organísmica compõe com o ambiente um campo, que a existência se faz e refaz, num movimento temporal de configuração de formas ou configurações que dão sentido e significado a si e ao mundo.”

Dessa maneira, podemos considerar os processos de autorregulação que Beethoven precisou desenvolver durante esse período de sua vida, mesmo na infância. Ele aprendeu a adaptar-se às circunstâncias adversas, encontrando na música seu principal apoio. Ribeiro (2016) explica que a autorregulação está ligada às necessidades internas de cada indivíduo, dando prioridade às próprias necessidades. O corpo sabe do que precisa e molda-se para suprir essa carência. Lima *In*: Frazão; Fukumitsu (2014, p. 77) esclarece que “o processo da autorregulação organísmica é, na realidade, uma grande forma de interação e negociação entre aquele ser que busca o fechamento e a resolução de uma situação de desequilíbrio.” Isso significa que, mesmo que involuntariamente, o corpo busca se ajustar para alcançar uma estabilidade entre o organismo e o meio. “Desse modo, só podemos conceber a homeostase como uma busca de equilíbrio, sempre de modo dinâmico, em que inúmeros fatores do meio e demandas diversas do organismo se evidenciam o tempo todo” (Lima *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 80).

No capítulo “Uma Infância Tenebrosa” o autor relata que:

Esse filho de um cantor alcoólatra e de uma mãe tuberculosa, cercado de irmãos ineptos e as vezes maldosos, mais tarde de um sobrinho decepcionante para seus critérios exigentes que beiravam a tirania, esse homem sofrido de caráter indomável só tinha uma solução para escapar aos vícios do seu meio: ser um gênio (Fauconnier, 2012, p. 9).

Essa busca pela genialidade pode ser interpretada como uma forma de autorregulação, pois, “para que a autorregulação aconteça, é imprescindível que o ser humano conte com seu potencial criativo

para inventar outros modos e ser um agente criador nesse processo interacional de ser alguém que habita e se realiza no mundo” (Lima *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 79).

No trecho “o corpo se recusa a cumprir as ordens do espírito, pois ele fala ainda dos seus projetos, da sua sinfonia, do seu Fausto, do oratório que pretende escrever quando estiver curado [...]” (p. 183), encontrado no capítulo “Último Combate,” percebemos que Beethoven encontrou na música uma maneira de suprir suas necessidades. Outro exemplo, que evidencia o processo de autorregulação, aparece na frase: “Mas a surdez, longe de deter esse impulso, irá estimulá-lo. ‘Coragem!’, ele escreve no começo do ano 1797. ‘Apesar de todas as fraquezas do corpo, meu gênio deve triunfar. Estou com 25 anos, é preciso que este ano revele o homem completo” (p. 52-53). Nesse momento, Beethoven expressa sua relação com a surdez que começa a afetar seu trabalho musical. Em vez de ver a condição como um obstáculo, ele a encara como uma oportunidade para continuar criando, conforme reflete na frase: “[...] Após um momento de prostração, ele reerguia a cabeça e superava a adversidade [...]” (p. 158).

Outro trecho que ilustra seu processo contínuo de autorregulação é: “[...] nessa vontade de viver e de criar, apesar do sofrimento, da angústia e de uma surdez crescente. Um heroísmo à altura do homem” (p. 53). Ao considerar esse excerto, observamos que Beethoven não apenas enfrenta o sofrimento e a angústia, mas os transforma em algo novo, ajustando-se criativamente às adversidades de seu campo. “Quando falamos em música, falamos em arte, e quando falamos em arte, falamos em criação. A criatividade é vulgarmente compreendida como inventar coisas novas” (Heller, 2007, p. 20).

Podemos então estabelecer um novo “sentido de vida,” na medida em que Beethoven expressa um momento de autopreservação, uma tentativa de autorregulação orgânica ou de ajustamento criativo.

É um instinto em prol da vida. Ribeiro (2016, p. 60) menciona que, ao buscar o equilíbrio, Beethoven expressa esse instinto na frase: “a crise passou, como se a escrita do testamento, no qual evoca a morte, permitisse-lhe vencer seu espectro, purgando as angústias para partir de novo à frente” (p. 78).

Beethoven redigiu o que conhecemos como o “Testamento de Heiligenstadt,” uma carta destinada aos irmãos, mas que nunca foi enviada e só foi encontrada após sua morte. Nela, ele expressa o medo da perda da audição e a luta contra pensamentos suicidas, afirmando que a música o impediu de tirar a própria vida. Em um trecho da carta, Beethoven relata: “tais acontecimentos me levaram ao limiar do desespero e por pouco não pus um fim à minha vida. Foi na arte, e somente ela, que me reteve” (p. 74). A partir desse relato, fica evidente que Beethoven se ajustava às adversidades com o auxílio da música, criando, compondo e tocando. “Tal capacidade de lidar com a não resolução de uma satisfação do modo primeiramente desejado, fazendo uso de outras formas de busca de satisfação, é o que a Gestalt-terapia chama de ajustamento criativo” (Lima *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 79). Essa ideia é confirmada na biografia de Beethoven: “[...] é no momento em que a surdez se torna total que nascem suas obras mais profundas” (p. 147).

Assim, Beethoven transforma suas composições em uma expressão de criatividade e de seu eu subjetivo. Suas músicas são, literalmente, uma forma de ajustamento, resultante de um processo criativo. Nesse sentido, o “ajustamento criativo é então a capacidade de pessoalizar, subjetivar e se apropriar das experiências que acontecem no encontro com a alteridade, processo contínuo no campo organismo/meio” (Cardella *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 80).

Além da comunicação musical, Beethoven também encontra outras formas de ajustamento, como o uso dos chamados *cadernos de conversação*, mencionados pelo autor de sua biografia. “A partir de 1819, Beethoven se comunica com o auxílio de seus famosos

Cadernos de Conversação. Estranhos documentos. São seus interlocutores que escrevem, já que ele não ouve nada” (p. 150). Dessa forma, Beethoven desenvolve um novo meio de interagir com o mundo ao seu redor. Segundo Ribeiro (2016, p. 64-65), “ajustar-se significa usar soluções antigas, presentes e disponíveis no organismo, buscar novas ou permitir ao organismo encontrá-las no contato corpo-meio ambiente, para que o viver seja funcional e viável.” Utilizando os recursos disponíveis em seu campo existencial, Beethoven consegue se ajustar às limitações impostas por seu ambiente e por seu corpo.

Outra maneira de lidar com sua surdez foi o uso de humor para manter uma boa convivência com as pessoas ao seu redor, algo incomum ao compositor. Segundo o autor de sua biografia, “o exercício humorístico tornou-se assim, alguns tempos depois, uma espécie de debate musical entre as forças da resignação e as da vontade” (p. 176).

Diante disso, Beethoven utiliza a espontaneidade do ambiente como uma forma instintiva de aliviar o sentimento negativo em relação à surdez, o que representa um funcionamento saudável. Em outro momento de autorregulação orgânica, Beethoven tenta tratar sua condição, e Fouconnier relata: “A surdez agora é total. A partir de 1818, nenhum dos aparelhos que ele usa — cornetas acústicas de formas e tamanhos variados, tratamentos, curas termais — nada é capaz de se opor a esta evidência [...]” (p. 146). Rodrigues (2011) afirma que isso representa uma adaptação do sujeito ao ambiente.

Conforme Beethoven se ajusta e se reconhece como sujeito em seu campo existencial, ele começa a se perceber no mundo, entrando em um processo de autoconhecimento. Nesse sentido, “nessa perspectiva o *self* pode ser bem evidente, como o processo ativo e permanente de perceber, selecionar, interpretar, sentir, valorizar, estimar, prever, agir, integrar e dar sentido a si e ao ambiente, mapeando a si mesmo enquanto em ação no campo” (Távora *In: Frazão; Fukumitsu*, 2014, p. 56). Beethoven constantemente se adapta

às demandas externas enquanto busca satisfazer suas necessidades internas, explorando a fluidez do *self*. Nesse enfoque, Távora *In*: Frazão; Fukumitsu (2014), definem o *self* fenomenológico como algo que se relaciona com as situações, em movimento, transformando-se conforme sua interação com o mundo.

Podemos citar trechos que ilustram o *self* flexível do compositor: “em Bonn se enraizaram seu amor eterno pela música, sua vocação, suas primeiras paixões, seu caráter melancólico e entusiasta, voluntarioso e sonhador” (p. 33). Nesse contexto, “o conceito de *self* é então diferenciado das ideias de entidade fixa, instância intrapsíquica, núcleo, estrutura ou essência encapsulada dentro do organismo ou da personalidade” (Távora *In*: D’Acree; Lima; Orgler, 2012, p. 208). Essa flexibilidade permite que Beethoven vivencie suas emoções e experiências dentro de uma identidade musical dinâmica, que reflete suas dores e aspirações. Assim, seu *self* não é estático, mas um espaço de constante transformação, que se entrelaça com suas experiências e dá origem a uma obra rica e multifacetada.

Diante disso, compreendemos a revelação de seu mundo interior — uma manifestação criativa e transformadora que reflete um diálogo profundo entre suas experiências pessoais e a arte que cria, solidificando a ideia de que a música é, de fato, uma extensão de sua essência.

No capítulo “Bettina e Goethe ” o autor relata:

Ludwig fala da sua visão do mundo pela música: Para que o espírito possa concebê-lo em sua essência, é preciso que ele tenha o sentimento de ritmo; graças a música, temos o pressentimento, a inspiração das coisas divinas. E o que o espírito recebe dela pelos sentidos e uma revelação espiritual encarnada (p. 115).

Nitidamente, seu *self* está interligado à música; em outras palavras, Beethoven se reconhece através dela. Um *self* estruturado permite que ele se perceba como realmente é, facilitando seu autoconhecimento.

Apesar dessa capacidade de realizar os ajustamentos criativos, também ocorrem momentos de ajustamentos disfuncionais na vida de Beethoven, nos quais ele pensa diversas vezes em acabar com sua dor, enfrentando dificuldades em lidar com a surdez.

Esse comportamento pode ser identificado na categoria a priori existência, onde ocorrem ajustamentos não saudáveis. O músico acaba criando mecanismos de defesa que, na abordagem da GT, são chamados de bloqueios de contato. Segundo Ribeiro (2016), esses bloqueios acontecem quando o sujeito usa argumentos emocionais para integrar a experiência, evitando pensamentos ou sensações intoleráveis e bloqueando, de forma deliberada, o contato interno com sua própria essência.

O autor ressalta que:

Sob este aspecto bloqueio existe como uma maneira de a pessoa se auto regular se auto ajustar mesmo que precariamente as vivências de seu universo relacional nesses casos o bloqueio funciona como uma forma de a pessoa manter-se ativa no processo de auto equilíbrio (Ribeiro, 2016, p. 79).

No capítulo "Heiligenstadt", podemos explorar outra frase dita por Beethoven: "resta a tentação do suicídio [...]" (p. 76), indicando que, em sua perspectiva, a morte parecia ser a única alternativa. Já no capítulo "Depressão", encontramos outra frase de desesperança: "A palavra é ainda desconhecida, mas a coisa não: é o que chamam de melancolia, ou mal do século, no movimento romântico. É motivo de algumas mortes, seja por suicídio ou por definhamento físico" (p. 130). Esse estado de depressão ou melancolia que Beethoven suportava pode ser descrito como um ajustamento disfuncional, ou seja, um funcionamento não saudável caracterizado por interrupções na formação de figuras, dificultando novos contatos.

Quando Beethoven lida com a surdez, utilizando a música como forma de expressão, podemos ver isso como uma tentativa

do organismo de se autorregular. No entanto, a própria surdez pode ser considerada um ajustamento disfuncional, uma emergência em seu ambiente para lidar com as situações de sua vida. Isso se torna disfuncional ao ponto em que ele considera o suicídio. Para lidar com essa interação contínua estabelecida no campo, muitas vezes precisamos fazer escolhas para atender às nossas necessidades, assim como às do meio (Schillings *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 175).

Em meio às adversidades de sua vida, Beethoven recorre a mecanismos de defesa que atuam de maneira inconsciente, impedindo-o de entrar em contato profundo consigo mesmo. Ao observar alguns dos bloqueios clássicos, identificamos na análise do livro traços de introjeção, projeção, retroflexão e confluência.

Podemos começar pela introjeção, que ocorre no início de sua construção identitária como músico, quando Beethoven internaliza o que seu pai idealizou para ele. No capítulo “Uma Infância Tenebrosa”, vemos essa situação na frase: “Desde três ou quatro anos, Ludwig é obrigado por Johann a sentar-se ao teclado para começar sua aprendizagem. É a moda dos meninos prodígios” (p. 14). Com isso, seu pai projeta sobre ele o desejo de que se torne um músico famoso, repetindo a trajetória que ele próprio não conseguiu realizar.

A esse respeito, é pertinente a análise de que “a situação neurótica é aquela na qual a convenção é coercitiva, incompatível com uma excitação animada, e onde, para evitar o crime do não pertencimento (para não falar de conflitos adicionais), o próprio desejo é inibido” (Perls; Hefferline; Goodman, 1997, p. 253). Beethoven era uma criança quando começou a estudar cravo e piano, e, ao observar a situação de sua família, um pai alcoólatra e violento e uma mãe doente, que pouco podia fazer, a única alternativa para evitar conflitos era fazer o que Johann queria. A introjeção pode ser entendida como “o identificar-se com o meio, sentir-se incluído e fazer uso do que é do meio como se fosse seu” (Schillings *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 178).

Como a música era o único recurso disponível em seu campo, Beethoven usava suas composições para expressar suas emoções. Ele canalizava seus sentimentos por meio da música, tratando temas heroicos e amorosos em suas obras, inclusive sobre sua relação com a monarquia da época. Beethoven cortejou muitas mulheres ao longo de sua vida, embora não tenha se casado com nenhuma delas, e todas se tornaram inspiração para sua música.

Conforme o capítulo “Um jovem na corte”:

Esses amores frustrados, apenas esboçados, não são um acaso: no fundo da alma ardente de Ludvig há um único apelo, um desejo profundo, imperioso: alcançar a grandeza, lavar as dores da infância, elevar o mais alto que puder. E há um único meio para chegar a isso: a música (p. 29).

Com essa citação, podemos perceber que Ludwig projeta aspectos de sua vida em suas composições. Observa-se também que, segundo Ginger (1995), o mundo exterior invade o sujeito de tal forma que ele se torna incapaz de processar e interpretar o conteúdo dessa invasão.

Ao tratar de sua obra mais famosa, a *Nona Sinfonia*, é possível observar como Beethoven transmite sua essência por meio da música. Um exemplo claro disso está em um trecho que revela a profundidade emocional que ele projeta em suas composições.

Discorre:

O que essa sinfonia contém é, de fato, a totalidade do gênio orquestral de Beethoven, seu prodigioso senso da dramaturgia musical: um primeiro movimento sombrio, inquietante, que parece surgir das profundezas da terra, como uma lembrança dos tons trágicos da Quinta Sinfonia; um segundo movimento em forma de scherzo fugado, ritmado pelos tímpanos no começo, depois sucedido por um motivo dançante em que os oboés e as trompas desempenham um papel essencial [...] (p. 164).

Em função desse estilo de escrita musical, podemos observar a projeção na música composta por Beethoven, a qual reverbera sentimentos sombrios e, ao mesmo tempo, busca heroísmo, com sons mais ritmados e dançantes. “É pela projeção que a pessoa pode criar perspectivas daquilo que faz sentido para si, visando a uma maneira melhor de lidar com o meio” (Schillings *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 172). Dessa forma, Ludwig busca expressar nessa obra, ou projetar vivências em suas composições, sempre em constante fluxo, pois “a expressão se dá no movimento, poderíamos talvez até dizer: ela é o movimento” (Heller, 2007, p. 30).

Outro trecho do livro onde esse conceito pode ser analisado encontra-se no capítulo “A Nona Sinfonia” em que afirma: “[...] a Nona é a apoteose e a síntese do seu próprio universo musical, da sua ciência da orquestra, uma obra que ele oferece tanto a si mesmo quanto à humanidade inteira” (p. 163). Assim, a *Nona Sinfonia* pode ser vista como um espelho de suas emoções, experiências e lutas, com movimentos sombrios alternando com expressões de alegria e esperança, refletindo a dinâmica emocional projetada.

No cotidiano de Beethoven, podemos observar o conceito de projeção no capítulo “A Novela de Fidélio,” que apresenta: “[...] conviver com um Beethoven desordenado e caprichoso não é uma tarefa fácil. Em sua bagunça ele perde com frequência objetos, os procura, berra, acusa os outros de os terem pegado, pois ele, claro, sempre sabe onde estão” (p. 87). A vida de Beethoven é marcada por conflitos familiares e uma relação conturbada com seus irmãos e mestres, o que acaba refletindo em sua maneira de lidar com o ambiente e as pessoas ao seu redor.

A desordem de Beethoven em sua vida pessoal pode ser interpretada como uma manifestação da desordem emocional, projetada em situações cotidianas. Como Ginger (1995) afirma, o sujeito atribui ao meio externo a responsabilidade por algo que tem origem interna.

Ao considerar o mecanismo de defesa da confluência, compreendemos no trecho “Beethoven faz parte desses homens que o trabalho mantém de pé [...]” (p. 133) que “a confluência é a condição de não-contato [...]” (Perls, 1977, p. 252). Assim, o músico parece vincular sua necessidade de aprovação a uma constante busca pela composição perfeita, sem uma distinção clara entre ele e seu trabalho. Como Fauconnier comenta: “[...] seu remédio: O trabalho [...]” (p. 53), o compositor internaliza inconscientemente o trabalho como uma extensão de si, sem separação.

Essas interrupções de contato evitam que Beethoven interaja consigo mesmo e, principalmente, com sua surdez. A partir de frases como “a verdade sobre seus problemas auditivos será guardada por muito tempo em segredo” (p. 53) e “a surdez nascente o envergonha. Ele se fecha em si mesmo” (p. 55), entendemos que ele redireciona a energia que poderia demandar ao mundo externo, isolando-se em sua condição desconhecida para todos.

A retroflexão, o fechamento em si, a falta de contato, o individualismo e a solidão, também está presente como um mecanismo de defesa. “Ao deparar com a iminência do contato, aparece o medo de destruir o meio ou de ser destruído por ele” (Schillings *In: Frazão; Fukumitsu*, 2014, p. 179). Dada sua surdez e trabalho como músico e compositor, Beethoven retém essa informação, possivelmente temendo perder seu trabalho e o que mais valoriza em sua vida.

Diante desses aspectos e vivências, cabe observar que, em muitos momentos, Ludwig vive em polaridades. Segundo Ribeiro (2016, p. 158), isso é o “processo pelo qual duas realidades aparentemente opostas colocam-se uma diante da outra a fim de se excluir mutuamente, como se uma fosse o oposto da outra”.

O artista busca equilíbrio na música, e diante desses extremos, podemos analisá-lo a partir das seguintes frases encontradas no capítulo “Um Jovem na Corte”: “[...] é alegre, sente um imenso

júbilo de existir, gosta de tocar música, dos ditos chistosos, da liberdade; mas também da solidão, dos longos momentos de meditação e de devaneio melancólico, disposições acentuadas pelo peso da atmosfera familiar” (p. 21). Ainda no capítulo “Depressão,” o autor menciona que “trabalho demais, tensões demais, demasiadas emoções e decepções sentimentais. Sua obra é imensa, magnífica, excepcional - e sua vida um desastre” (p. 130). Assim, “é possível pensar em polaridade do ponto de vista objetivo quando duas realidades externas” (Ribeiro, 2016, p. 158). Essas dualidades refletem-se em no trabalho e na sua vida pessoal do compositor.

Nesse sentido, podemos considerar que Beethoven vive em polaridades, pois, em muitos momentos, ele consegue autorregular-se e fazer ajustes criativos às situações do meio. Em outros, porém, ele acaba se ajustando de forma disfuncional, bloqueando o contato consigo mesmo.

A partir dessa perspectiva, o suporte para suas situações de vida foi encontrado no campo externo, onde o autor menciona que Beethoven foi acolhido por várias famílias ao longo dos anos. Como ressaltado na categoria a priori “Música,” Beethoven viveu em cerca de 40 casas. “[...] As moradias ocupadas por Beethoven ao longo de sua vida na cidade. Os especialistas calculam que chegam a quarenta, o que permite colocar placas nas construções ainda em pé e às vezes criar pequenos museus” (p. 103).

De certo modo, essas famílias foram seu heterossuporte diante das adversidades, incluindo as financeiras, pois ele frequentemente era contratado para dar aulas aos membros dessas famílias. No capítulo “Uma Infância Tenebrosa” lê-se que “graças a Wegeler, Ludwig encontrará um segundo lar [...]” (p. 18). Além disso, “[...] os Breuning foram para o jovem Ludwig uma segunda família. Em Viena, os Brunsvik terão seu papel” (p. 60). O heterossuporte refere-se ao apoio ambiental e emocional que contribui para o crescimento do sujeito em contextos desafiadores (Andrade *In*: Frazão; Fukumitsu, 2014).

Essa rede de apoio externa foi essencial para que o artista conseguisse manter o equilíbrio. Assim como essas famílias atuaram como heterossuporte, a música também desempenhou essa função. No capítulo "Heligenstadt," Beethoven afirma: "foi a arte, e somente ela, que me reteve" (p. 74); e "[...] foi ela que me amparou na minha aflição; devo a ela, assim como à minha arte, o fato de não ter me suicidado" (p. 75).

Sua conexão com a música o auxiliou artisticamente, criando um ambiente propício para que sua genialidade musical florescesse. Essa relação íntima com a arte foi crucial para sua sobrevivência emocional, transformando suas dores em criações que ressoam até hoje.

O processo de individuação, conforme abordado, revela-se como uma jornada para existir além do sofrimento. Apesar das adversidades e traumas, Beethoven encontrou na música um meio de expressar sua essência e se conectar com o mundo, em seu campo existencial.

Podemos pensar na perda da audição como uma morte simbólica, um encerramento de sua capacidade de ouvir o mundo, mas, paradoxalmente, uma abertura para escutar a si mesmo, ouvir sua essência. A perda da audição, longe de silenciá-lo, intensificou sua conexão consigo. Foi nesse período que Beethoven escreveu sua obra mais significativa, a *Nona Sinfonia*, em um movimento oposto à morte, expressando um anseio pela vida. Essa "morte" torna-se então o catalisador para a transcendência, um eco contínuo da alma do compositor ressoando em sua totalidade.

Quando sua morte física finalmente ocorre, sua última frase é "*Finita est Comoedia*" (p. 186), que aparece na categoria a priori "Individuação", simbolizando o fim de sua tragédia sublime, não apenas de sua vida, mas de sua tragédia existencial.

Segundo Cardella *In: Frazão; Fukumitsu (2015)*, ao constituir a espiritualidade, o sujeito abraça a morte, transcendendo sua existência. Nesse sentido, Beethoven supera as questões de sobrevivência e ressignifica seu sentido no mundo, sustentando a transcendência, mesmo em uma época anterior à Psicologia e ao fazer psicoterapêutico como conhecemos hoje.

A psicoterapia poderia ter desempenhado um papel significativo na vida de Beethoven, auxiliando-o a lidar com seus desafios e a expressar seus sentimentos, promovendo enfrentamentos saudáveis. Além disso, a psicoterapia poderia ter abordado sua relação com a música e o sentido de vida, possibilitando ressignificações e alívio de sofrimento. Como afirma Cardella *In: Frazão; Fukumitsu (2015)*, a clínica contemporânea é fundamental para acolher os fenômenos e experiências dos pacientes, funcionando como um canal de compreensão do seu modo de ser e problematizando tanto os sofrimentos e adoecimentos quanto os recursos e potencialidades.

O processo de transcendência de Beethoven poderia ter sido enriquecido pela psicoterapia, fortalecendo sua conexão com a própria existência e com suas criações artísticas.

Assim, o processo de individuação de Beethoven manifestou-se em diversas etapas de sua jornada pessoal, com a música presente em cada uma delas. Essa forma de arte representava sua essência mais pura. O processo se configura sob a luz da GT, que nos permite compreender sua trajetória, em que, em diversos momentos, Ludwig sucumbiu às adversidades e, em outros, se reergueu. Assim, a dualidade da vida, marcada por altos e baixos, proporciona crises que se tornam oportunidades de crescimento e ressignificação.

APLAUSOS

Ao concluir este estudo, é importante mencionar algumas considerações que emergiram durante a pesquisa. De maneira sucinta, a trajetória de Ludwig van Beethoven oferece uma visão essencial para a compreensão do processo de individuação, demonstrando que não há um caminho objetivo e equilibrado a ser seguido, mas sim um percurso repleto de desafios e momentos de constante autorregulação.

Podemos afirmar que o objetivo do estudo foi atingido ao evidenciar que a trajetória de Beethoven se manifestou e se configurou concomitantemente com a música, tornando-se o seu suporte existencial diante de todos os desafios enfrentados. Ao longo da pesquisa, destacamos que o desenvolvimento pessoal não segue um caminho previsível ou linear, mas envolve uma série de crises, adaptações e reinvenções.

Para que Beethoven encontrasse sua essência e transcendesse as questões que enfrentava, ele passou por diversos momentos de crise pessoal, física e emocional, recorrendo à música não apenas como forma de expressão, mas como ferramenta para externalizar suas angústias, anseios e conquistas.

Assim como na realidade, diferentes figuras e ferramentas podem exercer um papel facilitador na jornada individual, pois cada processo é único e particular. Para Beethoven, no entanto, a música demonstrou ter um poder único de tocar as emoções mais profundas e facilitar a conexão com o Eu Interior. A composição musical serviu como forma de expressão, autorregulação e como um suporte externo para o reconhecimento de si mesmo no mundo em que habitava.

Em suma, o processo de individuação, tal como demonstrado na jornada musical de Beethoven, revela uma busca pela essência que é marcada por diversos acontecimentos. No entanto, por meio de ajustes criativos e de uma conexão profunda com a música, Beethoven conseguiu transcender as adversidades e alcançar um sentido mais profundo de integração consigo mesmo e com o mundo.

Dessa forma, a GT pode oferecer uma perspectiva valiosa para entender como a arte pode ser uma ferramenta que inspira conexões, transformações e ressignificações, permitindo que o sujeito se reconecte com o *self*.

Esperamos que esta pesquisa contribua para futuras investigações sobre a relação entre música, Psicologia e individualização, aprofundando a compreensão do papel da música no processo de construção de uma essência autêntica. Pesquisas futuras poderiam explorar como a prática musical influencia a autorregulação emocional em contextos de adversidade. Além disso, estudos comparativos entre músicos e não-músicos podem revelar novos *insights* sobre a maneira como a música facilita a integração de experiências de vida.

Almejamos também que esta pesquisa demonstre aos leitores que a psicoterapia é fundamental para que o processo de individualização ocorra de forma mais fluida, possibilitando ao sujeito encontrar propósito e direção e enfrentar as dificuldades da vida com uma perspectiva mais madura e equilibrada. Nossa intenção foi mostrar que a psicoterapia não apenas facilita a jornada rumo ao autoconhecimento, mas também proporciona um espaço seguro para o enfrentamento das adversidades. Ao se engajar nesse processo psicoterapêutico, o indivíduo pode descobrir um propósito e uma direção mais claros, desenvolvendo uma capacidade de lidar com os desafios cotidianos de maneira mais eficaz.

Assim como a trajetória de Beethoven, minha jornada como acadêmica, futura psicóloga e musicista também é marcada por diversas figuras e ferramentas que desempenham papéis facilitadores. Cada experiência e cada pessoa que passou no meu caminho contribuíram para moldar minha identidade. Para mim, a música possui um poder singular de tocar emoções, permitindo-me explorar e expressar sentimentos que muitas vezes são difíceis de verbalizar. Por meio dela, encontro um espaço seguro para refletir sobre minha própria jornada, assim como Beethoven fez ao criar suas obras.

Tal como Beethoven percorreu caminhos difíceis em busca de sua verdadeira essência, que possamos também trilhar nossas próprias composições. Que possamos abraçar cada nota, cada silêncio, cada acorde, reconhecendo que cada experiência, por mais desafiadora que seja, contribui para uma sinfonia única tocada por nós mesmos. Que possamos desfrutar da jornada como uma descoberta do nosso próprio eu, permitindo-nos ressignificar os acontecimentos e evoluir em harmonia com nossa história.

REFERÊNCIAS

BILBAO, Giuliana Gnatos Lima; CURY, Vera Engler. **O artista e sua arte: um estudo fenomenológico**, São Paulo, ano 2006, v. 16, n. 33, p. 91-100, 08 ago. 2024.

CARNEIRO, Claudia; ABRITTA, Stella. **Formas de existir: A busca de sentido para a vida**. Revista da Abordagem Gestaltica, Brasil, ano 2008, p. 190-194.

FAUCONNIER, Bernard. **Beethoven**. Porto Alegre: Gallimard, 2012.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus Editoria, 2015. 1-144.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt-terapia Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus Editorial, 2014. 1-203.

GALINDO, João Maurício; ROLLAND, Romain. **Beethoven**. As muitas faces de um gênio. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2002. *E-book*. Acesso restritivo via Minha Biblioteca. Acesso em: 19 set 2024.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. Gestalt: **Uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

GOBBO, André. **Ciência e Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. Balneário Camboriú 2017. 1-192 ISBN 978-85-66237-76-4. Disponível em: file:///C:/Users/Yara/Downloads/Metodologia%20de%20Pesquisa%20Cient%C3%ADfica.completo2.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

HEELER, Andrés Alberto. **Fenomenologia da expressão musical**. Brasil, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (1988). (M. de S. Cavalcanti, trad.). (2. ed.) Petrópolis: Vozes, 2v. (original publicado em 1927).

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LIMA, Patrícia Albuquerque. **Criatividade na Gestalt-terapia**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2009;9(1):87-97[fecha de Consulta 31 de Agosto de 2024]. ISSN: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844628008>

MEDAGLIA, Julio. **Música Maestro: do canto gregoriano ao sintetizador**. São Paulo: 2008.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. 3. ed. rev. São Paulo: Summus Editorial, 1997.1-268.

PERLS, Frederick. **Gestalt-Terapia explicada**. 10. ed. rev. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-Mécum de Gestalt-Terapia: Conceitos Básicos**. São Paulo: Summus Editorial, 2016.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução à Gestalt-terapia: Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

SANTOS, Angela Sikorski; NASCIMENTO, Zenita do Nascimento. **Manual de orientações metodológicas**. 1. ed. Brusque: Unifebe, 2024.

SARTRE, Jean. Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora, **Estudos de Psicologia**, Capinas, v. 35, n. 4, 2018, p. 375-388.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gesta-Terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

SOBRE A ORGANIZADORA E COAUTORA

Simoni Urnau Bonfiglio

Psicóloga graduada em Psicologia (UNIVALI), Pós-graduada em Psicopedagogia (UNIVALI), Mestre em Educação (UEPB), Doutora em Educação Científica e Tecnológica (UFSC), Psicóloga clínica atuando em Psicologia Fenomenológica Existencial. Docente do ensino superior nos cursos de Psicologia, Pedagogia, Ed. Física (UNIFEBE-SC).

E-mail: simonibon7@gmail.com

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Bianca Busching

Psicóloga Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE), Graduada em Moda (FURB), Pós-Graduada em Gestal-Terapia pelo Instituto em Gestalt Paraná.

E-mail: biancabusching@gmail.com

Gabrieli Von Gilsa

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

E-mail: gabrielivongilsa@gmail.com

Jessica Eccher Rabelo

Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

E-mail: jessicaeccher93@outlook.com

Lis Adriane Dalbosco

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

E-mail: lisadriane_d@hotmail.com

Matheus Vieira Trindade

Psicólogo graduado pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE).

E-mail: matheus.trindade@unifebe.edu.br

Manoela Oliveira Rodrigues

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

E-mail: manoela.rodrigues@unifebe.edu.br

Maria Clara Pereira de Brito

Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

Pós-graduanda em Psicologia Clínica Gestáltica pelo Instituto Granzotto.

E-mail: maria.brito@unifebe.edu.br

Yara Luine Alves

Psicóloga Graduada pelo Centro Universitário de Brusque/SC (UNIFEBE).

E-mail: yara.alves@unifebe.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

ajustamento criativo 8, 11, 15, 20, 36, 47, 53, 54, 56, 62, 63, 64, 65, 67, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 106, 143, 204, 208, 211, 237, 278, 279, 292, 296, 297

amor 24, 54, 62, 69, 70, 72, 77, 80, 81, 93, 109, 111, 112, 119, 134, 148, 149, 161, 193, 199, 204, 210, 211, 212, 213, 229, 236, 237, 238, 245, 253, 254, 256, 268, 271, 290, 299

análise de conteúdo 29, 82, 169, 176, 202, 205, 214

análise gestáltica 8, 9, 12, 14, 168, 201

animal de estimação 8, 11, 125, 128, 129, 135, 137, 138, 139, 140, 148, 149, 151, 153, 155, 157, 159, 160, 163

autobiografia 8, 11, 14, 15, 17, 28, 29, 30, 31

autossuporte 100, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 170, 175, 209, 233, 252, 255, 257, 260

awareness 9, 12, 15, 16, 21, 22, 23, 37, 44, 45, 48, 56, 59, 90, 100, 114, 118, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 177, 179, 182, 196, 200, 202, 203, 206, 208, 211, 232, 233, 234, 235, 248, 255, 264, 269, 273

C

comportamentos abusivos 202, 204, 205, 212, 214, 221, 234, 235, 236

D

defflexão 22, 67, 77, 78, 107, 108, 118, 222, 223

E

essência-existência 11, 15, 17, 18, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 283

existencialismo 15, 18, 19, 20, 34, 49, 56, 58, 59, 94, 129, 131, 189, 204, 247, 255, 273, 281, 282, 283

experiência 10, 12, 13, 17, 20, 23, 26, 28, 29, 34, 43, 44, 46, 58, 59, 61, 63, 71, 73, 77, 82, 83, 84, 91, 92, 94, 96, 97, 103, 104, 106, 115, 117, 118, 131, 132, 147, 149, 167, 168, 169, 171, 175, 176, 180, 186, 188, 192, 194, 198, 204, 207, 210, 215, 237, 244, 247, 249, 255, 256, 257, 263, 268, 275, 277, 282, 283, 285, 286, 300, 309, 310

F

fenomenologia 19, 20, 56, 58, 75, 94, 129, 131, 132, 171, 177, 204

G

Gestalt 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 24, 29, 30, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 66, 67, 70, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 104, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 140, 143, 144, 146, 149, 150, 152, 154, 158, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 182, 183, 185, 188, 190, 191, 194, 196, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 207, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 251, 252, 255, 257, 258, 259, 260, 263, 267, 268, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 280, 293, 294, 297, 310, 311

gestaltens 202, 208, 209, 231, 232, 233, 234, 235

Gestalt-Terapia 8, 50, 51, 53, 54, 56, 67, 83, 84, 121, 122, 123, 199, 200, 272, 275, 277, 310, 311

H

humanismo 19, 20, 56, 58, 94, 129, 131, 273

I

individualização 9, 12, 13, 248, 252, 255, 257, 274, 275, 277, 278, 279, 280, 282, 284, 285, 287, 288, 292, 293, 294, 306, 307, 308, 309

introjeção 22, 35, 107, 108, 118, 182, 183, 222, 233, 248, 279, 292, 301

L

livros 30, 66, 139, 177, 214, 215, 216, 217, 224, 252, 278, 292

M

manipulação 211, 224, 225, 228, 229, 232, 246

Morte 15

música 100, 112, 212, 277, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309

N

neurose 67,78, 79, 81, 173, 198, 200, 204, 205, 215, 221, 223, 233,
235, 239, 271

P

processo de individuação 9, 12, 274, 275, 277, 278, 285, 287, 293,
306, 307, 308, 309

Psicologia da música 280

R

retroflexão 22, 225, 230, 233, 279, 292, 301, 304

S

Self 15, 16, 21, 22, 24, 25, 37, 38, 45, 46, 47, 48, 171, 186, 241, 242,
257, 258, 290

T

Teoria de Campo 21

transcendência 24, 33, 48, 65, 67, 75, 80, 189, 190, 191, 192, 194,
197, 250, 255, 263, 266, 279, 285, 292, 306, 307

Z

zen-budismo 19, 20, 44, 48

www.PIMENTACULTURAL.com

GESTALT-TERAPIA E SUAS INTERFACES

O ser em sua essência e existência

AUTORES:

Bianca Busching · Gabrieli Von Gilsa · Jéssica Eccher Rabelo
Lis Adriane Dalbosco · Matheus Vieira Trindade · Manoela Oliveira Rodrigues
Maria Clara Pereira de Brito · Yara Luine Alves